

AÇÕES E SABERES GUARANI, KAINGANG
E LAKLÃNÕ-XOKLENG EM FOCO:
PESQUISAS DA LICENCIATURA
INTERCULTURAL INDÍGENA
DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ELIENARA

ORGANIZADORAS:
EVELYN SCHULER ZEA
MARIA DOROTHEA POST DARELLA
JULIANA SALLES MACHADO

SOBRE ESTE LIVRO

Interculturalidade, interdisciplinaridade, bilinguismo, especificidade. Conceitos que dão base e corpo às diversas pesquisas apresentadas nesta publicação inaugural da série Ações e Saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em foco, uma coletânea dos trabalhos de conclusão de curso fruto de pesquisas realizadas durante a primeira turma do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (LII) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Pesquisadores GUARANI nos guiam através de suas experiências a uma reflexão crítica sobre estes conceitos, ferramenta preciosa ao permitir abrir um campo de possibilidades para as práticas pedagógicas nas escolas das aldeias e nos cursos específicos de formação técnica e superior, renovando permanentemente as perspectivas a partir das experiências singulares que se espalham e florescem pelo mundo afora.

FICHA TÉCNICA

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor

Ubaldo Cesar Balthazar

Vice-Reitora

Alacoque Lorenzini Erdmann

Coordenação Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Juliana Salles Machado

(coordenadora)

Evelyn Schuler Zea

(subcoordenadora)

Coordenação Pedagógica Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Joziléia Daniza Kaingang

Projeto gráfico e diagramação

Ana Cláudia Colombera

Fernanda Hinnig

Roger R. S. Rodrigues

Apoio

IBP / Coleção Didática Instituto

Brasil Plural

PROLIND/MEC

Revisão e organização

Evelyn Schuler Zea

Maria Dorothea Post Darella

Juliana Salles Machado

Este livro é resultado de Trabalhos de Conclusão de Curso de pesquisadoras/es Guarani, estudantes da primeira turma da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (2011 – 2015).

Autores

Edson Amaurilio

Geraldo Moreira e Wanderley Cardoso Moreira

João Batista Gonçalves

Ronaldo Antônio Barbosa

Samuel de Souza

Sandra Benites Ara Rete

Silvones Karai Martins

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

G914 Guarani [recurso eletrônico] / organizadoras, Evelyn Schuler Zea, Maria Dorothea Post Darella, Juliana Salles Machado. – Florianópolis : Edições do Bosque/UFSC/CFH/NUPPE, 2020.

343 p. : il. color., gráfs., tab., mapas. – (Ações e saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em foco : pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica)

E-book (PDF)

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-65-88969-08-3

1. Antropologia. 2. Índios Guarani. 3. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. 4. Professores indígenas. I. Zea, Evelyn Schuler. II. Darella, Maria Dorothea Post. III. Machado, Juliana Salles.

CDU: 397(=82:81)

SUMÁRIO



- 5** **Apresentação**
por Maria Dorothea Post Darella
- 11** **1 – O uso das águas na Terra Indígena Yvy Katu, Japorã, Mato Grosso do Sul: um diálogo de saberes entre a cultura guarani e a lei federal 9.433/97 sobre a importância do reconhecimento das águas**
por Edson Amaurilio
- 36** **2 – Calendário cosmológico: os símbolos e as principais constelações na visão guarani**
por Geraldo Moreira e Wanderley Cardoso Moreira
- 103** **3 – Enoterritorialidade e a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos**
por João Batista Gonçalves
- 146** **4 – Agricultura tradicional guarani**
por Ronaldo Antônio Barbosa
- 205** **5 – Relações de vida para nós Guarani: três histórias dos mais velhos em palavras e desenhos**
por Samuel de Souza
- 244** **6 – *Nhe', reko porã rã, nhemboea oexakar*: fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro, a educação tradicional e o olhar distorcido da escola**
por Sandra Benites Ara Rete
- 298** **7 – Brinquedos e brincadeiras antigos dos Guarani de Linha Limeira, TI Xapecó/SC**
por Silvones Karai Martins

APRESENTAÇÃO

por Maria Dorothea Post Darella

“ DO RIO QUE TUDO ARRASTA SE DIZ QUE É VIOLENTO. MAS NINGUÉM DIZ VIOLENTAS AS MARGENS QUE O COMPRIMEM.

Bertolt Brecht.

O rio, tomando Bertold Brecht, é aqui sinalizado e compreendido como sinônimo das populações indígenas neste país desde o século XVI, um sem número de vezes talhadas como hereges, não gente ou menos gente, insolentes, violentas, incultas, rebeldes, insubordinadas, preguiçosas, dentre outras adjetivações pejorativas e insanas. Populações entendidas como inúteis à sociedade nacional, pois, desde o princípio, empecilho à exploração da natureza-riqueza e ao crescimento econômico desde o Brasil Colônia (1500 – 1822), passando pelo Brasil Império (1822 – 1889), persistindo no Brasil República (1889 –). As margens opressoras, cruéis, presentes e eficazes desde o mesmo século, traduzem-se na conquista e colonização ininterrupta do leste ao oeste, na avalanche sagaz e impiedosa contra essas mesmas populações indígenas. A destinação mais branda: a evangelização, o aprisionamento, os trabalhos forçados,

as torturas, a proibição do uso das línguas e práticas, a forçada desorganização sociopolítica. O destino agudo: o extermínio – genocídio via infestação premeditada de vírus e bactérias por terra ou ar, via matanças bárbaras, via fome e desnutrição, via abandono de políticas públicas, sobretudo territoriais.

Contatos “pacíficos” e sorrateiros, a partir do início do século XX, também foram planejados pelo Estado brasileiro ou sua conivência, contatos a compelir que comunidades inteiras deixassem de falar as suas línguas, aniquilassem conhecimentos e memórias ancestrais, deixassem de praticar seus rituais, se transformassem em não indígenas ou indígenas assimilados. Todavia, o rio não é violento e sim sábio, além de persistente.

É certo: centenas de povos indígenas foram destroçados e aniquilados no Brasil desde o século XVI. Igualmente é certo que algumas centenas vivem. Dentre essas centenas de povos, três, para citar apenas alguns exemplos no Brasil Meridional, usaram de perspicácia extraordinária, inimaginaavelmente criativa e reveladora de análises vanguardistas e inter-geracionais a amalgamar tempo, espaço e contextos, visando sua sobrevivência não apenas física, mas também sociocultural. Esses três povos denominam-se Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng. Os Guarani e os Kaingang perfazem povos entre os cinco mais numerosos do país, vivendo

hoje em centenas e dezenas de terras indígenas, respectivamente, no Sul do Bioma Mata Atlântica, seu território de ocupação tradicional. Os Laklãnõ-Xokleng, outrora entre o litoral e áreas de Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucárias) da região Sul, vivem atualmente em duas terras indígenas no Estado de Santa Catarina.

Esses povos, plenos de diversas e concomitantemente assemelhadas histórias – que podemos denominar histórias de longa duração, trajetórias, estratégias, experiências inclusive intergrupais, consubstanciadas de dores, perdas, tragédias, depopulação, mas igualmente de vigor e visão, sob a proteção das divindades, sobreviveram, urdiram guerreiros, perpetraram porta-vozes. Alguns dos mais contemporâneos são justamente as acadêmicas e os acadêmicos dos cursos Licenciatura Intercultural Indígena de Instituições de Ensino Superior neste país. Essas mulheres e homens possuem como substrato as mulheres e homens anciões, sábios, especialistas, analisadores do amálgama entre os tempos passado, presente e porvir, a partir dos ancestrais e em diálogo permanente com as gerações descendentes, a integrar hoje coletividades indígenas nos cursos Licenciaturas Interculturais Indígenas presentes em Universidades no Brasil e na América Latina, este nosso continente indígena. A Universidade Federal de Santa Catarina é uma delas. E já não é mais a mesma. É melhor.

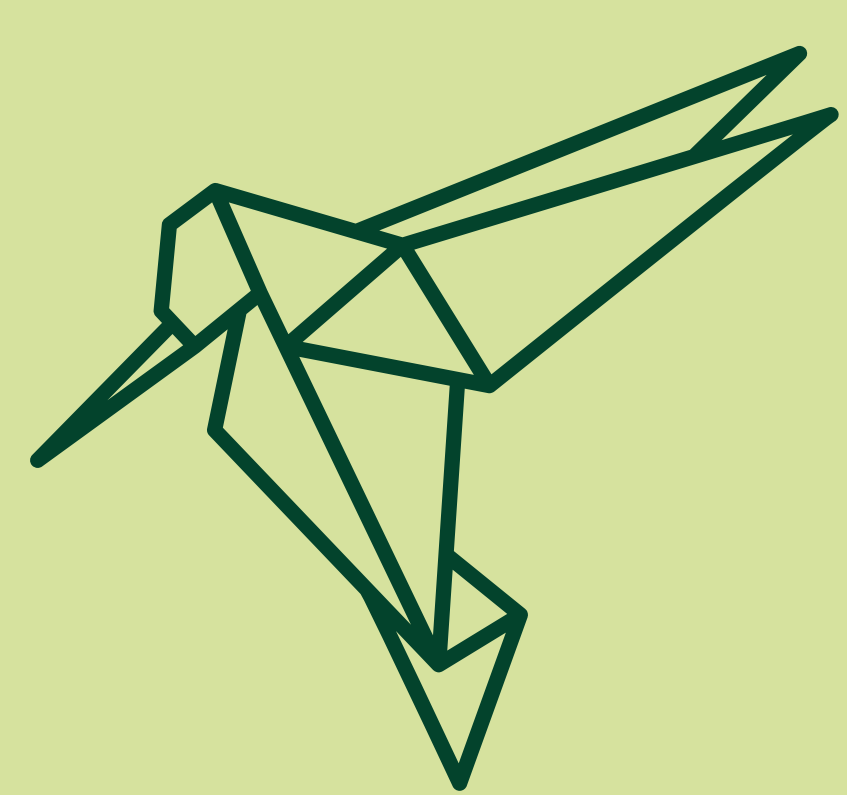
A presente publicação intitulada **Ações e Saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em foco: pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica**, formada por três livros, reverencia e consagra os mais velhos, assim como as crianças, os jovens, os adultos, vivifica conhecimentos, apresenta realidades, sagra direitos, expõe perspicácias, fortalece caminhos. Os textos reúnem temáticas de pesquisa efetivadas em diversas comunidades em terras indígenas situadas nos estados do RS, SC, ES e MS. São resposta à parte do país que ambiciona assimilar e integrar povos indígenas às sociedades regionais e nacional, como, quem sabe, “meio índios” que deixaram de ser aldeãos por não conseguirem mais sê-lo. Essas professoras pesquisadoras e esses professores pesquisadores, essenciais para a qualificação das escolas indígenas, dão acento aos direitos constitucionais, apresentam temas múltiplos e significativos, ancorados em seus saberes, porém, sobretudo, nos dos sábios – mulheres e homens. Egressas e egressos da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, turma 2011-2015, nos falam, nos escrevem, nos auxiliam a compreender parte da pluralidade étnica no sul e sudeste do Brasil, dessas realidades constantemente em movimento, em permanente dinamicidade. Nesses 22 textos tratam as autoras e autores Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng de espraçada gama que contempla o uso de plantas e ervas medicinais, rezadores e guias espirituais, línguas indígenas,

agricultura tradicional, uso e gestão de águas, arqueologia, patrimônios materiais e imateriais, educação tradicional e educação escolar indígena com processos próprios de ensino-aprendizagem, formação e fundamento da pessoa, papel social da mulher, infância – brinquedos e brincadeiras, mitologia, calendário cosmológico, rituais, atuação do órgão Serviço de Proteção aos Índios, enfocando necessariamente direitos territoriais / processo demarcatório de terras indígenas. Entrelaçam temas e somam dados. Formulam resumos bilíngues, se apresentam ao público leitor, efervesecem a imersão já dada, pois são professores pesquisadores em suas comunidades indígenas.

Este conjunto de três volumes está composto pela autoria de seis homens e uma mulher Guarani, de seis mulheres e seis homens Kaingang e de quatro homens e duas mulheres Laklãnõ-Xokleng. Alguns dos trabalhos foram pensados e escritos em duplas de irmãos e de casais. De todos, sentimos demasiadamente o falecimento precoce dos professores Aristides Faustino Ciri Neto (em 2015) e Marcondes Namblá (em 2018), ambos Laklãnõ-Xokleng, a quem prestamos nossa homenagem reiteradas vezes. Os demais alçaram voos tão dignos quanto diversificados: são professores e coordenadores ainda mais qualificados em suas escolas nas terras indígenas, atuam como e com lideranças, estudam em programas de pós-graduação, ofertam reflexões e trabalhos em novas e inusitadas frentes.

Portanto, não escrevem meramente a respeito da temática escolhida para perfazer um final de curso. Escrevem para reconhecer e validar os seus mais velhos, as especificidades, o percurso desafiador. Escrevem para sofisticar *Ideias para adiar o fim do mundo*, título de livro do seu parente Ailton Krenak. Escrevem para ajudar a evitar *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami*, livro do parente Davi Kopenawa e do antropólogo Bruce Albert. Buscam e registram conhecimentos e narrativas dos mais velhos, num exercício de pensar e agregar suas próprias memórias, fazer comparações, ousar. Por qual razão? Pelo fato de terem trilhado uma etapa de vida – a graduação – que se soma ao seu pertencimento existencial-cultural, à sua cosmovisão. Um desígnio é quanto à certeza que conhecimento tão somente existe e perdura a partir de sentimento, do coração, da pulsação ininterrupta. Sempre. O rio segue seu caminho. É destemido e agregador, um misto de nascente e concomitantemente de foz, em circularidade e atualização inabalável.

Maria Dorothea Post Darella,
28/04/2020



1



O USO DAS ÁGUAS NA TERRA INDÍGENA YVY KATU, JAPORÃ, MATO GROSSO DO SUL: UM DIÁLOGO DE SABERES ENTRE A CULTURA GUARANI E A LEI FEDERAL 9.433/97 SOBRE A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DAS ÁGUAS

por Edson Amaurilio



RESUMO

Este trabalho surgiu da preocupação com a preservação da natureza para garantir uma boa qualidade da água para o futuro da comunidade Guarani Ñandeva, da Terra Indígena Yvy Katu, Município de Japorã, Mato Grosso do Sul, Brasil. O objetivo geral foi construir um diálogo de saberes entre a cultura Guarani e a Lei Federal 9.433/97, que estabelece a Política Nacional Brasileira da Água. Os objetivos específicos e respectivos resultados foram: a elaboração de um mapa etnográfico; a comparação entre saberes guarani e saberes acadêmicos da lei 9.433; e a proposição de soluções na melhoria do uso da água da comunidade. A metodologia utilizada foi: a revisão bibliográfica do tema com o estudo das leis e da cultura guarani; entrevistas com anciões da Aldeia; e práticas de campo com os alunos do 9 ano do ensino fundamental. Esta pesquisa apontou uma contribuição da cultura guarani para a gestão sustentável das águas e da natureza através de sua participação nos Comitês de Bacias.

PALAVRAS-CHAVE: Uso da Água, Lei Federal 9.433/97, Cultura Guarani, Terra Indígena Yvy Katu.

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Edson Amaurilio e sou do povo Guarani Ñandeva. Nasci na Terra Indígena (TI) Yvy Katu, aldeia Porto Lindo, Município de Japorã. A Terra Indígena, localizada no Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, está próxima à Bacia do Rio Iguatemi, afluente do Rio Paraná, terra dos meus ancestrais.

Comecei a estudar muito cedo, mas com a necessidade de me sustentar, tive que sair da escola para trabalhar fora da aldeia e assim demorei mais tempo para completar o Ensino Médio. Sempre estudei em escolas públicas.

Dentro da minha comunidade eu frequentei a escola até a 4ª série, depois fui à escola não indígena e fiquei até no meio da 6ª série. No segundo semestre de 2004 fui morar no Estado do Espírito Santo, na aldeia Boa Esperança, Município de Aracruz. Lá eu continuei meus estudos em escola não indígena, e em 2007 terminei o segundo ano, quando voltei para minha aldeia Porto Lindo, onde concluí o Ensino Médio. No ano seguinte, voltei à aldeia Boa Esperança e fui indicado pelas lideranças para fazer um curso de Saneamento Básico em Montes Claros, no Estado de Minas Gerais.

A duração do curso foi de quatro meses. Nesse tempo eu aprendi muitas coisas relacionadas ao Meio Ambiente.

Na volta à aldeia Boa Esperança coloquei alguns conhecimentos em prática, trabalhando junto com a comunidade até 2012. Essa aprendizagem no Curso de Saneamento foi decisiva na minha escolha da terminalidade Gestão Ambiental do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, sediada na UFSC. Quando comecei o curso em 2011 já sabia qual seria a minha escolha.

Atualmente moro na aldeia Porto Lindo, em Mato Grosso do Sul, onde trabalhei desde 2013 como professor de Educação Física, desde o Pré-escolar ao 3º ano das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. No segundo semestre de 2014 passei a trabalhar junto com a Assistência Social no Conselho Tutelar para atender a necessidade da comunidade. Ao ter que decidir o meu tema de Trabalho de Conclusão do Curso, lembrei-me da questão do Meio Ambiente, pois é algo que me preocupa muito. Pensei nos problemas do meu povo sobre o uso da água.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na Terra Indígena (TI) Yvy Katu ([Figura 1C](#)) às margens do Rio Iguatemi (Yguaçu), o último afluente da margem oeste do Rio Paraná em terras brasileiras, localizado ao Sul do Estado do Mato Grosso

Figura 1A: Localização do município de Japorã, Mato Grosso do Sul.



do Sul (Figura 1A), município de Japorã ([Figura 1B](#)), onde está a população Guarani Ñandeva. Esta terra é formada por duas aldeias: a menor delas é Porto Lindo, e a outra, antes chamada aldeia Jakare'y, é maior pelo tamanho e com menor população, conhecida hoje como acampamento Yvy Katu.

Figura 1B: Mapa do município de Japorã.

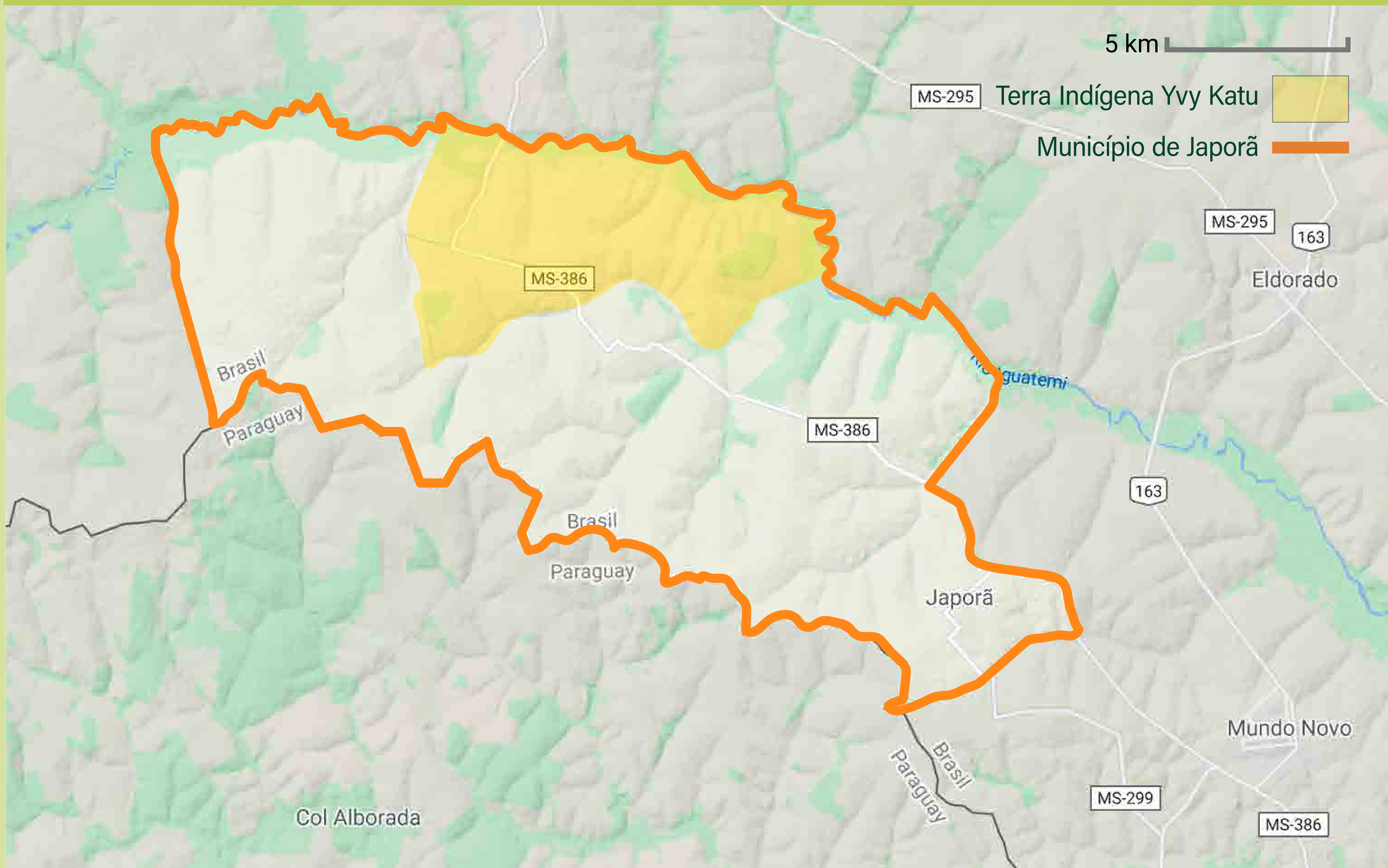


Figura 1C: Imagem de satélite da Terra Indígena Yvy Katu.



As partes menos degradadas da Terra Indígena Yvy Katu hoje são utilizadas na agricultura, nas plantações de mandioca para comercialização. Esta área, até pouco tempo atrás era ocupada por fazendeiros que deixaram a terra bem degradada por utilizá-la na pecuária. Hoje a vegetação principal e predominante é a braquiária e o colonião. Existe ainda algumas matas que sobraram, pelo menos na beira dos rios que fazem as fronteiras da Terra Indígena.

Os ambientes que existem hoje estão muito modificados. Segundo Rosalino Ortiz, ancião e liderança da Terra Indígena Yvy Katu, a invasão do não indígena ocorreu inicialmente com a chegada da Companhia Mate Laranjeira. Antigamente tinha muitas frutas em volta dos rios, em todas as regiões. As matas eram abundantes e haviam muitas variedades de madeira que eram úteis para todas as necessidades da comunidade local. Esse cenário mudou completamente com a exploração da erva mate na região. A maior parte da vegetação que existia praticamente desapareceu, e com o passar do tempo foi substituída pelo pasto plantado pelos fazendeiros para criação de gado. O resultado de tudo isso é que resta hoje desmatamento, frequentes queimadas e poluição dos rios.

Diante deste cenário, o objetivo principal deste trabalho foi reconhecer a relação dos Guarani com a água na Terra Indígena Yvy Katu, e propor sugestões de melhoria da relação

da comunidade e o uso da água. Os objetivos específicos eram: a) criar um quadro comparativo entre os saberes Guarani e o saber acadêmico sobre a Lei Federal 9.433/97 (Lei das Águas); b) construir um mapa etnográfico sobre a água na Terra Indígena Yvy Katu; e c) elaborar sugestões de melhoria da relação do povo Guarani e o uso da água na Terra Indígena Yvy Katu.

1. METODOLOGIA DO TRABALHO

Para alcançar os objetivos foram utilizados os seguintes métodos: diálogo com pessoas mais velhas, tanto mulheres como homens; com os jovens Guarani; e diálogo com a SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), responsável pelo Saneamento e Centro de Saúde.

Também foram realizados levantamentos bibliográficos (mapas, plantas e registros históricos) e estudos da Política Nacional de Recursos Hídricos (lei 9433/97), da Política Nacional de Saneamento (lei 11445/2007), da Política Nacional de Educação Ambiental (lei 9795/99), e da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (lei 7747/2012).

Além disso, foram realizadas idas a campo junto com os alunos de 9º ano do do Ensino Fundamental das séries finais;

registro de fotografias, identificando a situação dos rios na atualidade; pesquisou-se como eram antes preservadas as águas dos rios na T.I. para entender porque hoje algumas nascentes secaram, como diminuiu a largura dos rios e porque está acontecendo a poluição dessas águas. Com isso, buscou-se compreender a relação da comunidade e o uso das águas na T.I.

Foi feito o levantamento de dados sobre o monitoramento das águas dos poços artesianos – que servem de consumo à maioria da população local – junto à Prefeitura Municipal de Japorã.

Assim, elaborou-se sugestões para melhoria da relação entre o povo Guarani e a água na T.I. Yvy Katu, envolvendo a comunidade e a escola na recuperação das matas ciliares e das águas (nascentes e córregos).

2. TEKOKHA – CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Pólo Municipal de Porto Lindo, Tekoha Guaranimbo`eha, está registrado o relato do indígena Ava Tupã Chirino, no qual consta que o povo Guarani sempre morou nessa região

da Bacia do Rio Iguatemi e afluentes do Rio Paraná. Os avôs dele sempre contavam que não havia nenhum morador além do povo Guarani. Em cada região morava uma grande família guarani e em cada família havia liderança para organizar politicamente, economicamente e socialmente. A aldeia não era apenas onde está atualmente, o local atual fazia parte, mas seu território era maior. As famílias viviam espalhadas na beira do Rio Iguatemi, principalmente por causa da água, pesca, caça, e também por que nós Guarani utilizávamos muito a erva mate. Em cada afluente como Guasory e Jacare'y também moravam grandes famílias, era assim que se configurava uma grande aldeia. Já em meados de 1918 chegou nessa região a Companhia Mate Laranjeira com o empreiteiro chamado Ataliva Vereasto Neto Batista. Ele era um paraguaio que veio para explorar e vender erva mate e madeira de lei que se encontrava em abundância na região. O empreiteiro foi o primeiro não indígena a ter contato com o povo Guarani. Como havia bastante indígena na região, ele procurou uma forma de expulsá-los para explorar melhor a matéria prima. Dessa forma, articulou com o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) para demarcar uma área para a comunidade Guarani, obrigando todos indígenas a abandonar os seus lares. Foi assim que, longe dos rios, da pesca e da caça, foram morar na comunidade Guarani que hoje se chama aldeia Porto Lindo, demarcada com 1648 hectares. E foi assim também que passaram a trabalhar no cultivo da erva

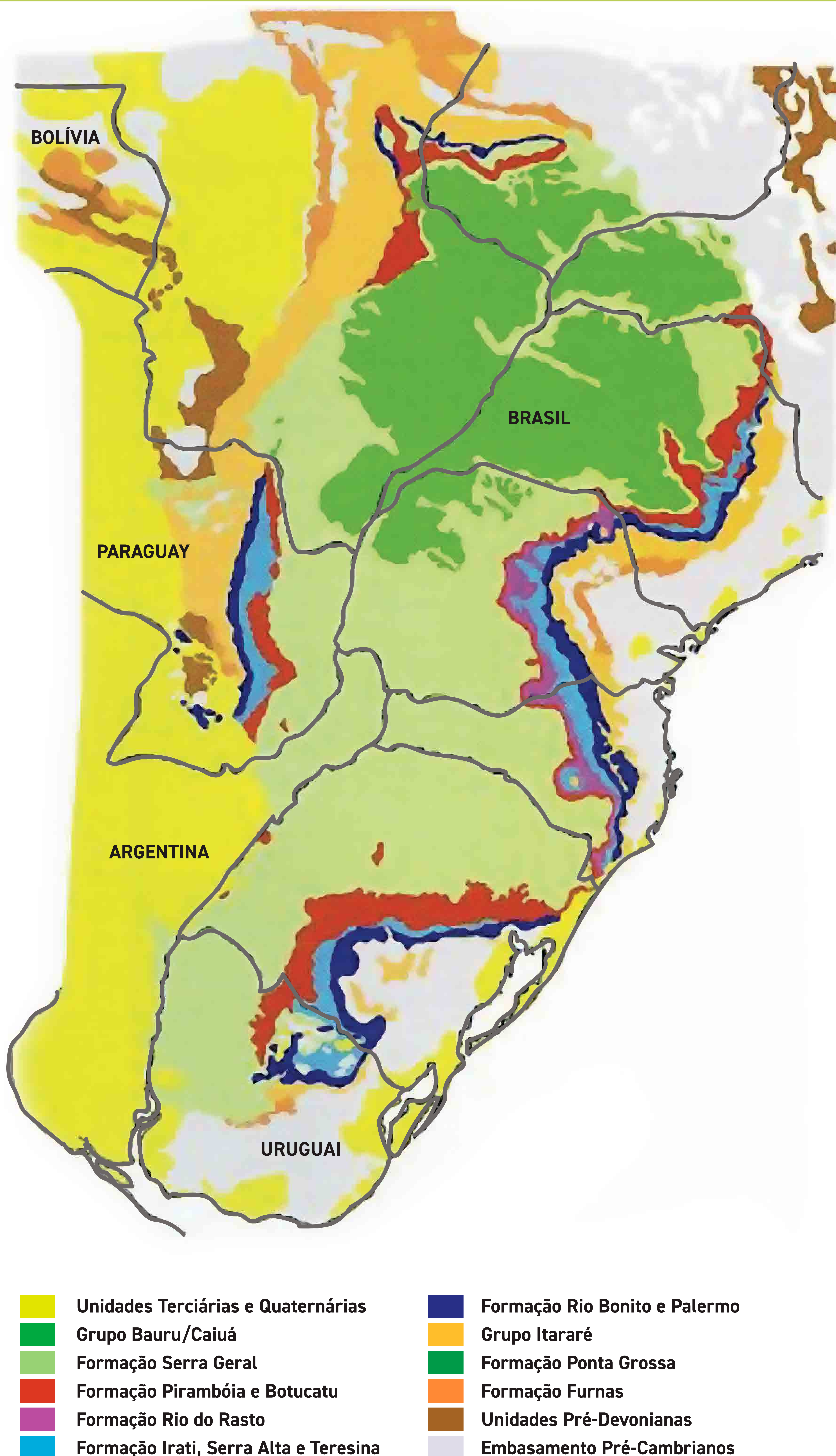
mate. Nessa comunidade as lideranças trabalhavam coletivamente, apesar de ter um líder “maior”, mas o contato não indígena fez mudar também a organização política. Em muitas ocasiões era o empreiteiro que nomeava a liderança da comunidade como “Capitão”, que até hoje é assim chamado pela comunidade.

A principal via de transporte para locomoção da matéria prima para outro Estado ou fora do País eram os rios Iguaçu e Paraná. Após a derrubada da mata e dos ervais, utilizou-se o solo para o desenvolvimento da lavoura e criação de gado, e até hoje no espaço tradicional Guarani é cultivada a plantação da lavoura e criação de gado. Esse é um dos motivos que levou a comunidade à reivindicação da terra tradicional Yvy Katu que está em processo de homologação.

3. GEOLOGIA

Segundo o Plano Estadual de Recursos Hídricos do Mato Grosso do Sul (2010), a região da Terra Indígena Yvy Katu tem a presença da formação geológica Bauru, Cenozoica, Serra Geral ([Figura 2](#)).

Figura 2: Mapa geológico simplificado da Bacia do Rio Paraná. *Fonte: Modificado de Paulipetro, 1981.*



A Formação Geológica Bauru é formada por rochas sedimentares do tipo arenito. A Forma Geológica Cenozoica fica localizada na superfície e é composta por rochas sedimentares. A Formação Serra Geral é caracterizada por rochas de natureza vulcânica. Encontra-se sobreposta aos arenitos eólicos da Formação Botucatu e sotoposta as rochas sedimentares da Bacia Bauru (grupos Bauru e Caiuá) ou depósitos sedimentares inconsolidados do Cenozoico (Machado, 2009).

4. HIDROLOGIA

A Terra Indígena Yvy Katu é delimitada ao norte pelo Rio Yguaçu (Iguatemi), ao sul e leste pelo Rio Jakare'y (Jacareí), e ao oeste, pelo Rio Ygassori (Guassori). Está na Bacia Hidrográfica do Rio Iguatemi, região hidrográfica do Rio Paraná.

Os povos Guarani sempre habitaram a região da bacia do Rio Paraná e não a Amazônica. Todos os rios na região da Terra Indígena têm riqueza natural para o sustento das famílias e tem enorme significado para os povos Guarani desses locais. Cada rio tem sua marca registrada na memória dos mais antigos. Com a retomada das terras, os sonhos do povo Guarani começaram a fazer sentido novamente, mesmo

tendo perdido a maior parte de seus recursos naturais: qualidade das águas, do solo e principalmente das matas.

O Aquífero Guarani ([Figura 3](#)) – um dos maiores Aquíferos da América do Sul – exhibe limites transfronteiriços entre os Estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, e ainda com outros países como Uruguai, Paraguai e Argentina. Encontra-se em Mato Grosso do Sul 18% da área total e 25% da área Brasileira do Aquífero. É formado por rochas arenosas da Bacia do Paraná (Grupo Rosário do Sul e Pirambóia no Brasil, e Buena Vista no Uruguai, Formações Botucatu, no Brasil, Misiones, no Paraguai, e Tacuarembó, no Uruguai e Argentina).

5. ECOLOGIA

Para o estudo sobre a ecologia presente na Terra Indígena Yvy Katu realizei estudos bibliográficos e visitas às matas da Terra Indígena. As espécies locais são típicas do Bioma Mata Atlântica, floresta estacional semidecidual, nos limites da transição para o Bioma Cerrado. O mapa de Biomas do Brasil ([Figura 4](#)) mostra que Mata Atlântica se estende ao longo da mata ciliar do Rio Paraná e seus afluentes, como o Rio Iguatemi.

Figura 3: Aquífero Guarani. Fonte: www.sg.guarani.org.

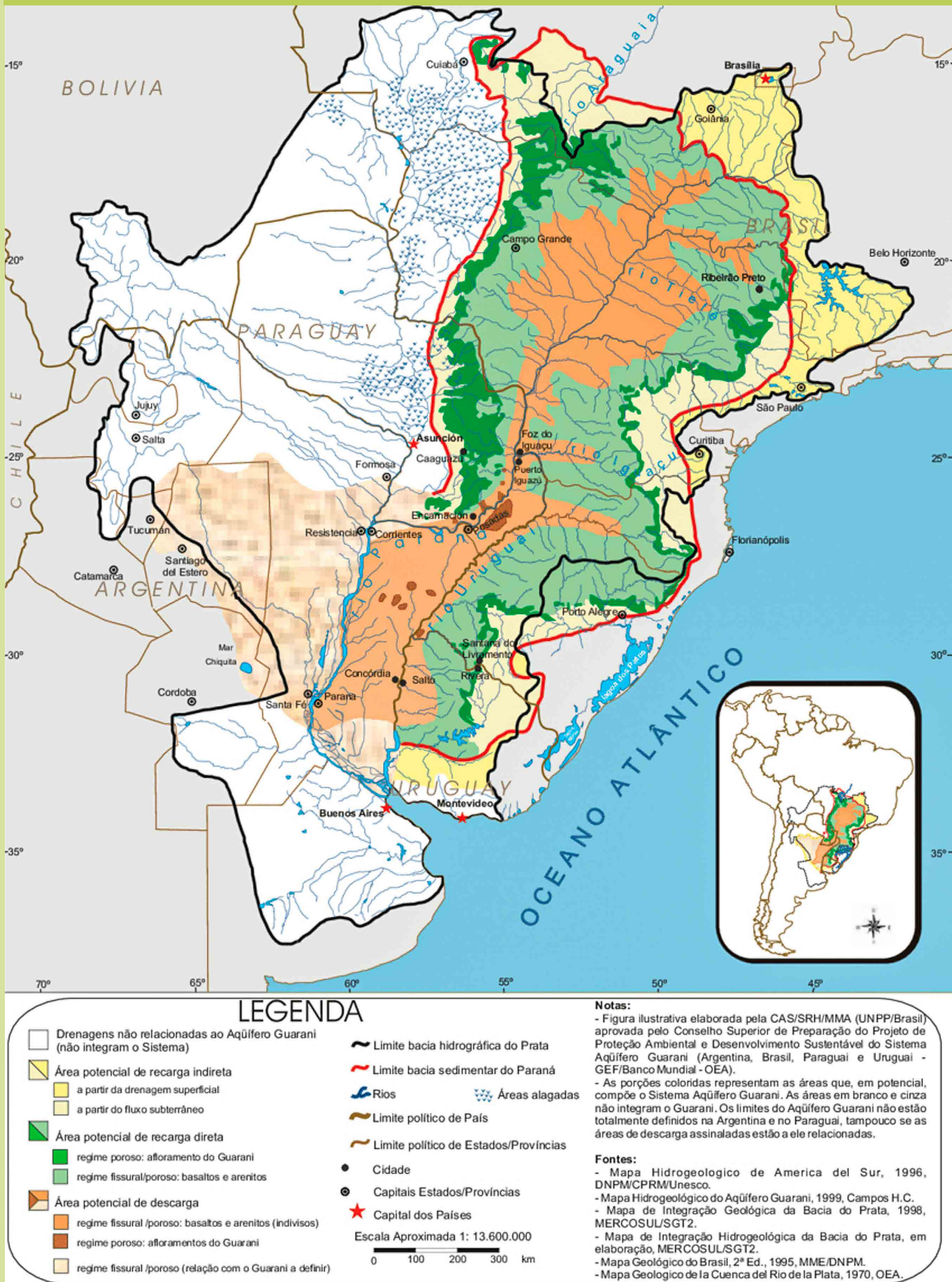


Figura 4: Mapa Biomas do Brasil. *Fonte: IBGE, 2004.*



6. *TEKO* – CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA

O povo Guarani surgiu há mais de dez mil anos. Desde essa época sempre foi muito forte a cultura, a agricultura, a religião e também a organização social, que se diferencia dos outros povos. O povo Guarani vem da região das matas, campos e dos rios.

Temos nossa cultura milenar através da história contada pelos mais velhos e assim conseguimos ainda manter nosso modo de vida que se atualiza a cada dia, ou seja, passando o conhecimento antigo de geração a geração. Isso enriqueceu o conhecimento do povo Guarani.

No território Brasileiro vivem os Mbya, Kaiowa e Guarani Ñandeva. No Estado de Mato Grosso do Sul há Guarani Kaiowa e Ñandeva. Ambos têm algo em comum e também diferenças no modo de viver, nos rituais e nos dialetos falados.

No Mato Grosso do Sul muitas coisas interferiram para Guarani Ñandeva e Kaiowa viver no seu modo de vida. Uma das principais razões foi a invasão do seu território pelos fazendeiros, diminuindo seus espaços, suas matas, e suas águas de qualidade. Foi impossível viver na sua maneira e assim os Guarani e Kaiowa procuraram alternativas para garantir sua sobrevivência, mudando, conseqüentemente, seus hábitos de caça, alimentação, rituais e a prática de esportes tradicionais.

Outro fator que contribuiu para a mudança de hábito de viver dos Guarani Kaiowa e Ñandeva foi a evangelização que tirou maior parte da cultura Guarani na Terra Indígena Yvy Katu com sua missão de transformar a religião Guarani

em religião não indígena. Atualmente existem aproximadamente quatorze Igrejas diferentes na T.I. Yvy Katu. Ainda assim a maior parte da comunidade ainda pratica os jogos tradicionais, ao menos em grandes eventos, como dia 19 de abril.

Os rituais – danças e cerimônias – ainda são praticadas com mais frequência na área do Acampamento Yvy Katu. Tais momentos são frequentados por indígenas de outras etnias também. A comunidade local vive com o que o ambiente oferece e também adaptando hábitos que vem de fora.

7. DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO

A maioria da população da Terra Indígena Yvy Katu é Guarani Ñandeva, mas também tem algumas famílias Guarani Kaiowa. Aproximadamente 50% da população do município é Guarani, ou seja, quase a metade da população do município é do povo Guarani.

Segundo a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) existem 4.863 pessoas cadastradas e supõe-se que ultrapasse cinco mil pessoas (5.000), considerando as pessoas não cadastradas. A população está dividida da seguinte forma:

Período	Aldeias	Quantidade de pessoas	Total
2014	Acampamento Yvy Katu (Feminino)	248	482
	Acampamento Yvy Katu (Masculino)	234	
	Aldeia Porto Lindo (Feminino)	1.934	3.863
	Aldeia Porto Lindo (Masculino)	1.929	

Tabela 1: Distribuição da população da Terra Indígena Yvy Katu.
Fonte: SESAI/Pólo Base Iguatemi.

8. MAPA ETNOGRÁFICO

O estudo possibilitou o reconhecimento das nascentes da T.I. e o resgate dos nomes dos rios e afluentes segundo a tradição Guarani. Pode-se perceber que a nomenclatura é feita segundo a característica das águas e o uso delas. Notou-se também que a cultura não indígena nomeia os rios segundo a nomenclatura Guarani, porém com escrita em português, muitas vezes trocando alguns nomes e sem entender a razão do nome de cada rio.

A Terra está entre dois rios e no meio possui uma elevação, fazendo um divisor de águas. Os afluentes nascidos ao sul

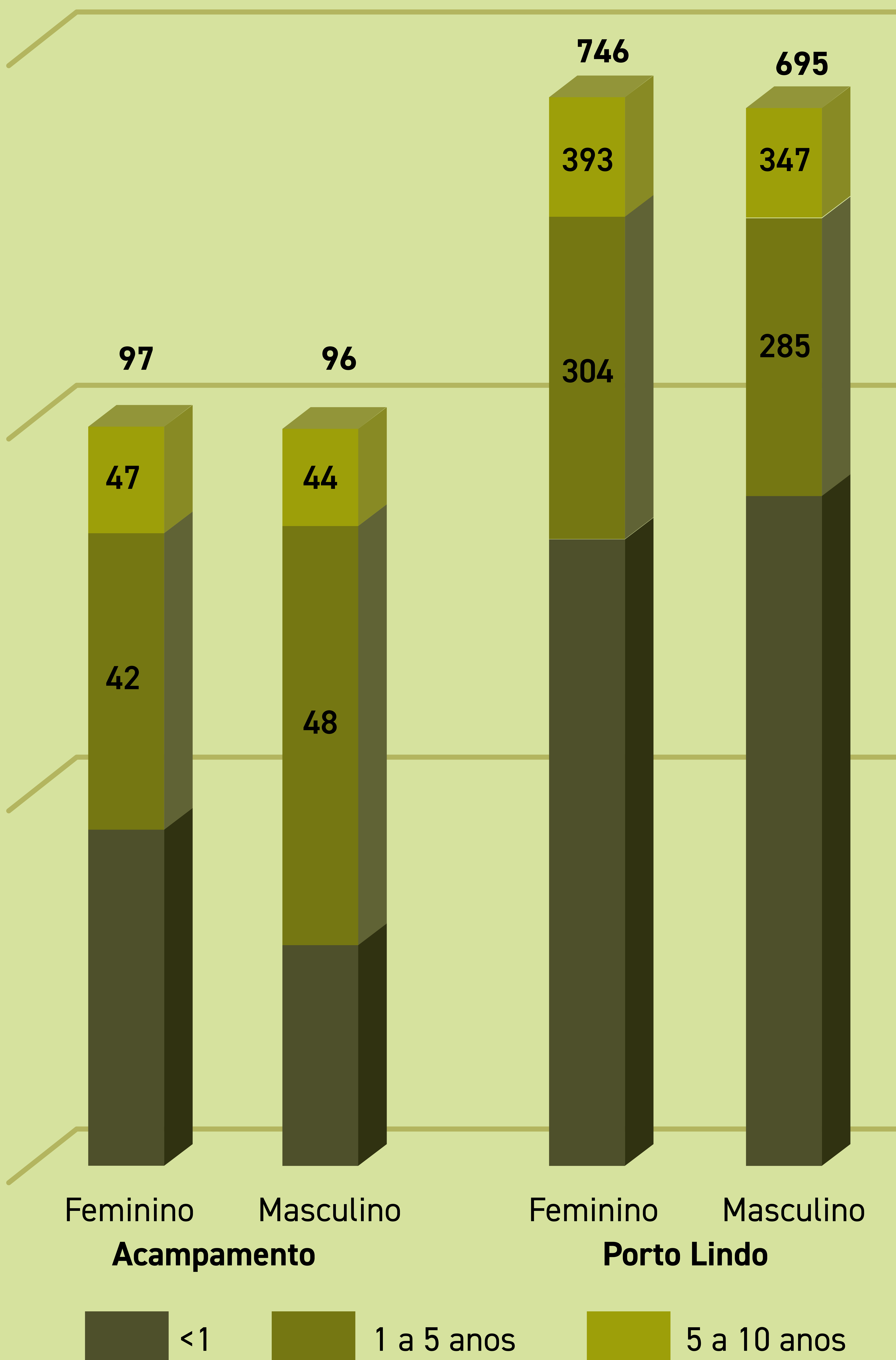


Figura 5: Distribuição das crianças da Terra Indígena Yvy Katu. *Fonte: SESAI/Polo Base Iguatemi.*

Quadro Comparativo			
	Conceito	Lei Federal	Visão Indígena
Fundamentos	Água Bem Comum	Água domínio público – Artigo 1.	Água está em tudo, tem que ter para todos.
	Usos múltiplos	Uso prioritário dos recursos hídricos é o consumo humano e a dessedentação de animais.	Uso prioritário para consumo humano, dos animais, das plantas, peixes, terra, alimentar rios, ar, ventos, chuva.
		A gestão deve sempre proporcionar o uso múltiplo das águas.	A proteção deve manter a água para todas as vidas.
Objetivos	Futuras gerações	Assegurar à atual e às futuras gerações a necessária disponibilidade de água, em padrões de qualidade adequados aos respectivos usos.	Garantir as águas de boa qualidade pensando nos futuros Guarani que virão.
Diretrizes	Articulação	A articulação da gestão de recursos hídricos com a do uso do solo.	Para o Guarani, a água e a terra estão sempre juntas.
Instrumentos	Classificação	O enquadramento dos corpos de água em classes, segundo os usos preponderantes da água.	Classificação por uso: para beber, para pescar, para banho, sagrado.
Gestão		1-Conselho Nacional de Recursos Hídricos; 2- Agência Nacional de Águas.	- Morador local (familiares); - Comunidade inteira; - Lideranças / SESAI; - Cacique.

Tabela 2: Resultado Diálogo de saberes. *Fonte: Esse quadro foi construído através do diálogo com os anciões da T.I. Yvy Katu e do estudo da lei 9.433. Nesses diálogos adquirimos várias informações sobre a importância das águas para o povo Guarani. Depois coletamos informações e organizamos por ordem, de acordo com a estrutura da lei 9.433.*

correm para o Rio Jacareí, e os nascidos no Norte correm para Rio Iguatemi.

9. SUGESTÕES

Com os estudos feitos apontamos alguns caminhos e sugestões para melhoria do uso da água do povo Guarani:

- Levar o conhecimento dentro da escola, passando os problemas e possíveis soluções para os alunos;
- Incluir as saídas de campo nas aulas das escolas da aldeia;
- Levar todos os problemas que surgem relacionados às águas nas reuniões (os alunos acham que isso é um dos caminhos que podem trazer solução);
- Educação familiar, ou seja, sensibilizar a comunidade sobre as importâncias das águas. Com isso pode-se educar a família dentro da própria casa;
- Retomar a tradição das grandes reuniões com toda população para dialogar sobre os bens comuns;
- Preparar as lideranças para representar os povos indígenas no Comitê de Bacia; preparar para representação no Conselho Estadual de Recursos Hídricos.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi o início de um levantamento para diagnosticar alguns problemas que surgiram durante o período da ocupação dos brancos. A comunidade foi muito prejudicada nessa parte do Meio Ambiente que é essencial para sobrevivência do povo Guarani. Esse tema jamais foi trabalhado pelos pesquisadores locais e até mesmo pelos brancos. Percebi que as informações que adquirimos durante essa caminhada foram essenciais para dar a continuidade ao estudo, focando nessa área de preservação e recuperação das nascentes, tendo a comunidade e a escola como parceiras.

Com o estudo observei que para nós do povo Guarani Ñan-deva a água é importante tanto para outros povos e também para os brancos, mas seu significado é completamente diferente dos brancos. Nesse trabalho consegui levantar muitas coisas que já foram deixadas para trás pelos mais novos. Assim, através desse levantamento, poderemos trabalhar os problemas identificados durante esse trabalho.

Tenho a certeza de que os objetivos propostos pelo trabalho – identificar a importância da água na natureza e na vida dos habitantes da Terra Indígena Yvy Katu; reconhecer os tipos de água usadas na escola e nas casas; diferenciar conhecimento Guarani e conhecimento das ciências,

pesquisar, observar, e comparar os dois conhecimentos; mapear as fontes de água em torno da aldeia – foram atingidos. Além disso, esse foi um trabalho sistemático de atividades de aprendizagem desenvolvidas no decorrer do trabalho, visando trabalhar conceitos científicos sem deixar de valorizar a cultura Guarani e a realidade local da T.I. Yvy Katu.

Reconheço que foi um planejamento sistematizado com pesquisa, atividades diversificadas de diferentes tipologias, saída de campo para observar, pesquisar, comparar e registrar o vivido. Discutiram-se informações com o auxílio de mapas, observações e pesquisa constantes juntos com os alunos. O diálogo com os anciãos foi essencial para chegarmos aos objetivos propostos desse trabalho.

Espero que os estudantes com os quais trabalhei tenham um olhar mais crítico a respeito dos assuntos discutidos durante o trabalho. Em todas as avaliações que apliquei, consegui notar que eles realmente têm muitas preocupações sobre o futuro das gerações e da comunidade em relação as águas. Também notei que os mais velhos também têm enorme preocupação para garantir o futuro dos mais novos. Além disso, esperamos que esse trabalho possa contribuir até mesmo para garantir o ambiente mais adequado para nossa comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997. Dispõe sobre os Recursos Hídricos. Política Nacional de Recursos Hídricos. Brasília, 1997.

_____. Lei nº 9795 – 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 1999.

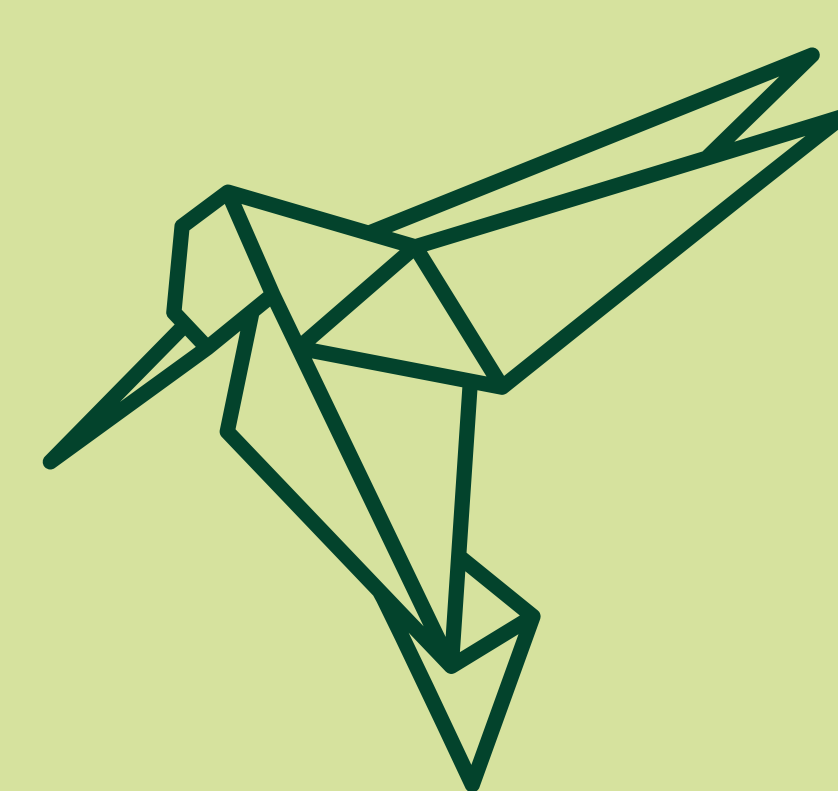
_____. Lei nº 11.445, de 5 de janeiro de 2007. Dispõe sobre Saneamento Básico. Política Nacional de Saneamento Básico. Brasília, 2007.

GAMARRA, Abelina et al. *Tekoha Ra'anga Kuatiañe' neme*. In: _____. *ÁraVerá*. Dourados: Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul, Ministério da Educação, 2011.

PAULIPETRO. Relatório de Atividades 1979/1981, 59 pp.

MACHADO M.M.M. *Construindo a imagem geológica do Quadrilátero Ferrífero: conceitos e representações*. 2009. 238p. Tese (Doutorado em Geologia) – Departamento de Cartografia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

PLANO ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS DE MATO GROSSO DO SUL. Campo Grande, MS: Editora UEMS, 2010. 194p.



2



CALENDÁRIO COSMOLÓGICO: OS SÍMBOLOS E AS PRINCIPAIS CONSTELAÇÕES NA VISÃO GUARANI

por Geraldo Moreira e Wanderley Cardoso Moreira



PORAVO [RESUMO EM GUARANI]

Kova e tembiapo kyringue dju ogueraa ve awa tenonde ore ma roeka ve ymangua arandu roikuaa tcheve tcheru whera tupa ku i mbae kuaa gui rojopy rombopara awa marami pa nhaneramo kuery ombopara raka e, nhande mbya kuery ma nhane arandu ko nhaneramo kuery oiporu va e kue nanhamokanhyi vyri ma nhande jaikaa teri nhande reko, vyri ma tchee tcheryvy reve rombaea po awa rami, kova e mbaeapo ore rekoa py gua kuery reve ore mokoi roma e mobyry kyringue kuery pe ju arandu romboatcha awa ayn ikuai va epe ha e ikuai va e ra pe, kova e arandu omokanhy ya va, kova embaea po kyringue oiporu awa, guko omokanhy ya va, ko nhande reko ha e kuery ju omboatcha ayn kyringue ve pe ju oeja ovy, ore arandu, katcho yma guare, nhamoka nhy ya awa marami pa nhande kuery nha maety raka e oma e jatchy re, onhoty awa oikaa, oky pukutara oikuaa avi, ko kyringue kuery ju ma omobaraete nhande reko.

RESUMO EM PORTUGUÊS

Este TCC é resultado de uma pesquisa de muito tempo, ao longo da qual nós investigamos os conhecimentos milenares do Sr. Alcindo Whera Moreira sobre os símbolos, o tempo e as principais constelações na visão Guarani. A partir deste tema da visão do universo e a reflexão da sabedoria dos nossos ancestrais através da espiritualidade surgiram ideias para trabalhar em conjunto com a comunidade escolar. Com esses estudos, gerações futuras terão a capacidade de entender o seu valor cultural. Abrangendo assim as palavras dos anciões Guarani sobre o entendimento no mundo espiritual e cosmológico. Essa pesquisa tem uma ligação com a história do sol e da lua, a mitologia Guarani antiga, desde o surgimento do mundo e a cosmovisão dos nossos ancestrais, trazendo assim o conhecimento e entendimento para esse mundo atualizado. A constante busca pelo aprendizado, seja na cosmovisão Guarani, aliada ao conhecimento científico, nos remete à constantes indagações de como moldamos o pensamento Guarani, que não é algo estático, nem tampouco imutável. As demandas que surgem ao longo dessa jornada do pensamento Guarani são sempre debatidas no coletivo. Com a astronomia Guarani conhecemos o tempo de colheita, a contagem de dias, meses e anos, a duração das marés, a chegadas das chuvas. Desenhavam no céu histórias de mitos, lendas e seus códigos morais, fazendo do firmamento esteio do seu cotidiano.

Figura 1: *Apyka Mirim*.



APRESENTAÇÃO

Este trabalho nasce de uma proposta conjunta realizada por mim, Wanderley Cardoso Moreira, e meu irmão Geraldo Moreira. É resultado do curso frequentado por nós, a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata

Atlântica, com ênfase na área de Linguagens, sediada na Universidade Federal de Santa Catarina.

Nascemos na Palhoça, Estado de Santa Catarina. A nossa aldeia é Yynn Morotĩ Whera, que significa Reflexo das Águas Cristalinas. Fica às margens da BR 101 km 190, no município de Biguaçu SC. A aldeia tem aproximadamente 32 famílias e em torno de 120 pessoas. A área atual foi demarcada em 2000 com aproximadamente 59 hectares. Nesta comunidade há lideranças políticas e espirituais, e todos os professores fazem pesquisas. A escola foi fundada em 1997, constitui-se de 10 professores, dos quais 7 são indígenas e 3 não indígenas.

Meu nome em português é Wanderley Cardoso Moreira e em Guarani é Karai Yvydju. Nasci no dia vinte e oito de maio de 1980 na cidade de Palhoça SC. Sou filho caçula da família e cheguei a morar na aldeia quando tinha seis anos. Eu comecei meus estudos básicos com 23 anos no curso de mestrado Kua'a Mboé, que em 2003 foi o primeiro curso realizado para povos indígenas Guarani do litoral sul e sudeste do Brasil, e que teve sua conclusão em 2010. Em 2008, concluí o Ensino Fundamental de quinto a oitavo ano. Atualmente trabalho como professor de Ensino Fundamental em nível médio na Escola Indígena de Ensino Básico (EIEB) Whera Tupã Poty Djá, onde leciono há sete anos.

Meu irmão Geraldo é professor e pesquisador, ele atua na aldeia Yynn Morotĩ Whera, localizada no bairro São Miguel, município de Biguaçu, Santa Catarina. Ele leciona há 15 anos. Tem 38 anos e 5 filhos. Ele é Guarani e liderança espiritual há 25 anos. Carrega este conhecimento do nosso pai há muito tempo, e é o segundo portador do conhecimento Guarani de Biguaçu. Também realizou o Curso de Magistério Kua'a Mboé, citado acima. Nós dois somos filhos do Sr. Alcindo Wherá Moreira, líder espiritual, e de dona Rosa Mariani Cavalheiro, xamã desta aldeia.

Esta pesquisa é sobre o conhecimento Guarani acerca das estrelas, constelações e da passagem do tempo e das estações. Podemos chamar isto de "Calendário Cosmológico Guarani".

A observação do céu sempre esteve na base do conhecimento de todas as sociedades do passado, submetidas em conjunto ao desdobramento cíclico de fenômenos como o dia e a noite, as fases da Lua e as estações do ano. Os Guarani antigos perceberam há muito tempo que a atividade de caça, pesca, coleta e lavoura estão sujeitas a flutuações sazonais e procuraram desvendar os fascinantes mecanismos que regem esses processos cósmicos, para utilizá-los em favor da sobrevivência da comunidade. Tiveram assim a necessidade de sistematizar o acesso a um rico e variado ecossistema de que sempre se consideraram parte. Mas

não bastava saber onde e como obter alimentos. Era preciso definir também a época apropriada para cada uma das atividades de subsistência. Esse calendário era obtido pela leitura do céu.

Há registros escritos sobre sua ligação com os astros desde a chegada dos europeus ao Brasil, mas nós Guarani já utilizávamos esse conhecimento desde os tempos remotos. Por isso o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso é sobre o calendário cosmológico Guarani: os símbolos, o tempo e as principais constelações na visão Guarani.

As constelações sazonais oferecem uma enorme diversidade de interpretação. Para acessar essa cosmologia é preciso considerar, entre outros pontos, a localização física e geográfica de cada grupo indígena, como os que habitam o litoral e o interior, ou diferentes latitudes.

Nós Guarani somos profundos conhecedores do ambiente, das plantas e dos animais, nomeamos as várias espécies. Associamos as estações do ano e as fases da Lua com o clima, a fauna e a flora da região em que vivemos. Cada elemento da Natureza tem um espírito protetor. As ervas medicinais são preparadas obedecendo a um calendário anual bem rigoroso.

Queremos que a comunidade ao redor da aldeia Yynn Morotĩ Whera possa ter o conhecimento deste trabalho, usando

esta fonte única para as pesquisas a respeito da cosmovisão Guarani sobre estes saberes. Deixando esta pesquisa registrada para gerações futuras, para que elas tenham autonomia de poder usufruir destas riquezas deixadas pelos nossos ancestrais. E hoje as crianças e os jovens são o futuro dos mais velhos.

Desta maneira afirmamos que nosso objetivo é contribuir para o fortalecimento da educação indígena e da cultura tradicional, o que em boa parte é concretizado através da nossa pesquisa. Ainda mais especificamente conhecer a visão Guarani sobre o universo e assim perceber a visão Guarani sobre o universo e refletir através da sabedoria dos nossos ancestrais na espiritualidade. Ainda, entender a organização solar, lunar e as constelações através do movimento da Terra e do Sol com que os antigos mantinham conexão profunda. Compreender os signos da cosmologia Guarani, e assim manter vivo os ensinamentos repassados pelos mais velhos. Usando assim o conhecimento tradicional, baseando-nos na única fonte de referencia: teko – a oralidade, a cultura, os cantos, a reza e as palavras sagradas.

Serão objetivos igualmente para a pesquisa identificar as principais constelações observadas por nós Guarani; descrever os significados destas constelações e da Lua para as atividades cotidianas, perceber a importância da valorização do registro oral e escrito, valorizar a história da cosmologia

Guarani, registrar o conhecimento oral antigo através da escrita para as gerações futuras e por fim reconhecer a importância dos mais velhos no conhecimento da cultura.

É importante esclarecer que este trabalho começou a se desenvolver a partir das histórias contadas pelo Sr. Alcindo Wherá Moreira, um ancião de 105 anos de idade e conhecedor da cultura ancestral Guarani, que recebeu de seus ancestrais toda a sabedoria a ser repassada para seu povo. Ele conta muitas histórias do início do mundo, a história do Sol e da Lua, ele fala de como vê o mundo dos mais jovens de hoje e também sobre o conhecimento da cosmovisão Guarani. Conta como os Guarani observavam o céu e o tempo, estudando a relação entre as atividades de caça, pesca, coleta e lavoura e as flutuações sazonais do tempo. O estudo desses processos cósmicos sempre foi utilizado na convivência da comunidade, e forma uma rica fonte de sabedoria e conhecimento.

O nosso trabalho começou há mais de sete anos, quando começamos a registrar as experiências e colocar em prática todo o processo de transformar esta pesquisa em um trabalho documentado. Queremos organizar o material de pesquisa que já produzimos, complementando-o com um novo esforço de pesquisa voltado para a escrita deste trabalho de conclusão de curso. Esse processo foi registrado principalmente em fotografias, imagens que serão amplamente

usadas aqui, pois a imagem traz para nós Guarani a importância de ver além da fotografia.

Aprofundaremos assim, a pesquisa nos símbolos numéricos que os Guarani usavam antigamente, desencadeando esse trabalho sobre a cosmologia Guarani, usando todos os trabalhos já produzidos ao longo da nossa pesquisa.

O trabalho será de grande importância para o nosso povo, onde não se tem nem um registro feito pelos indígenas Guarani.

Além das imagens utilizamos como fontes de pesquisa relatos orais, com gravação em áudio e vídeos. Foram usados ainda outros documentos escritos.

Durante essas atividades teremos oportunidade de adentrar na história sobre o calendário cosmológico e mostrar um pouco da cultura Guarani através de longas conversas e entrevistas com o mestre Sr. Alcindo Wherá Moreira, liderança espiritual. Sempre respeitando o tempo e o momento para cada conversa, que foi essencial para esta pesquisa, uma vez que o Senhor Alcindo ainda trabalha muito na roça.

A cada estação do ano, uma nova oportunidade para aprendermos, todos os relatos são ensinamentos em que aprendemos na prática, e isso requer muita dedicação e esforço

para que possamos acompanhar o ritmo e receber a sabedoria de seu Alcindo e dona Rosa.

Dona Rosa é a xamã da nossa aldeia, ela tem 98 anos de idade. Também conhecida como a “mulher medicina”, que traz todo o seu conhecimento para o uso no dia a dia na comunidade. Durante as cerimônias de cura, quando realizadas, recebemos o direcionamento para entender o poder da medicina e sobre a visão do cosmos, sobre o universo. Seja através dos cantos sagrados, ou através das rezas.

A linguagem dos antigos é muito difícil e requer uma interpretação minuciosa para a língua guarani usada nos dias atuais, pois a linguagem dos antigos não é mais usada hoje em dia. Assim, precisamos aprender primeiramente como os antigos se comunicavam para poder interpretar os dizeres dos sábios antigos.

Sempre que possível, realizamos gravações em áudio e também usamos dos recursos disponíveis para conseguir documentar quase tudo o que podemos, mas esta sabedoria continua e sempre será repassada na oralidade, portanto, sempre contamos com gravadores de voz, proveniente, muitas vezes, de celulares.

Alguns registros de outras pesquisas já realizadas e relacionadas a este tema também serão considerados nesta pesquisa.

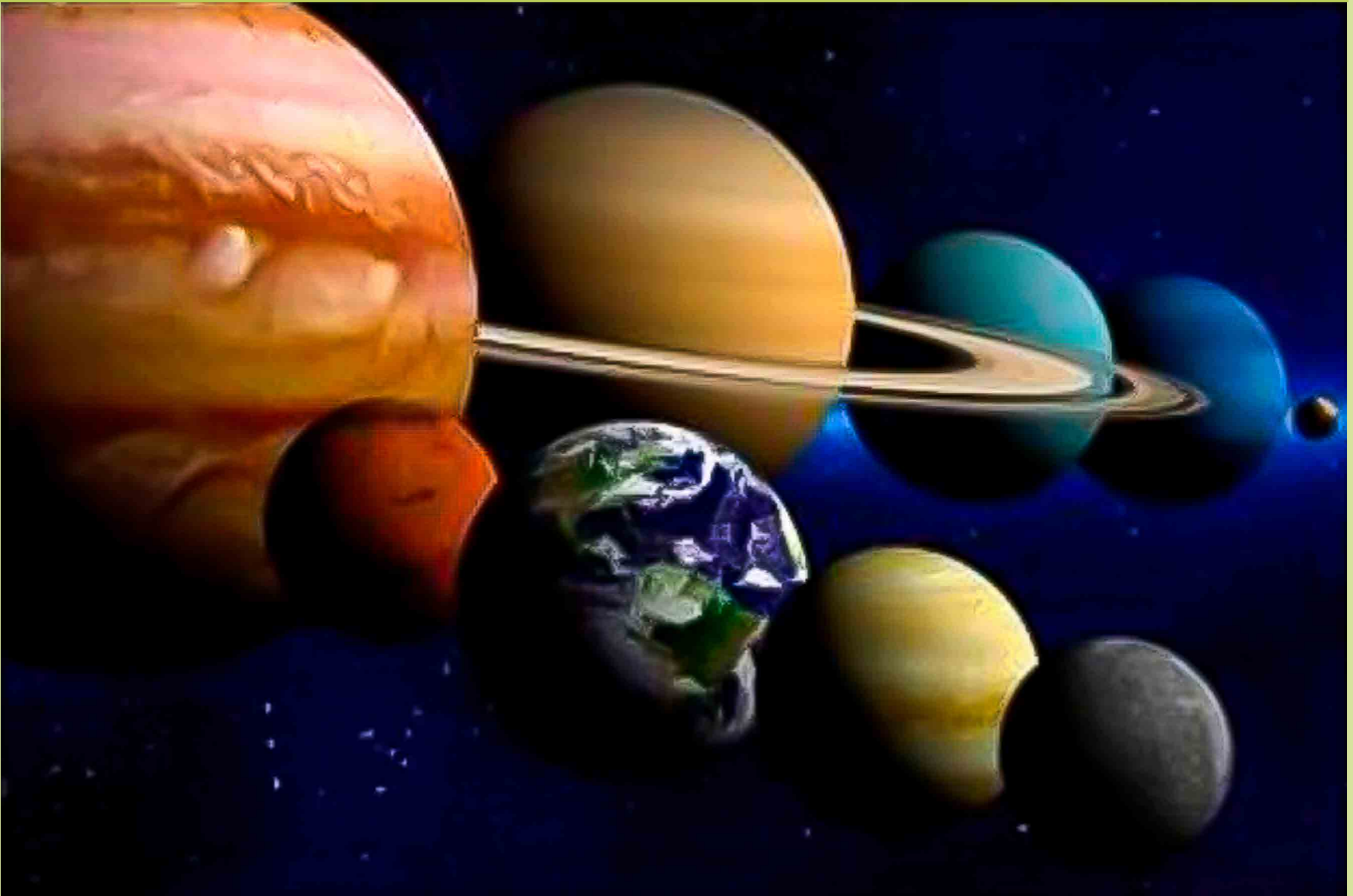
Utilizamos a metodologia da história oral através das entrevistas gravadas, relatos orais gravados e transcritos, com base na aprendizagem das aulas do curso.

Este trabalho está dividido em três capítulos conforme a orientação que segue. No primeiro capítulo, trabalhamos o nosso entendimento sobre a matemática Guarani e o calendário cosmológico Guarani, onde desenvolvemos a metodologia para as crianças nesta comunidade. Também construímos uma réplica do relógio Guarani juntamente com os líderes espirituais desta aldeia.

No segundo capítulo procuramos investigar a sabedoria dos anciões através das histórias contadas pelos grandes líderes espirituais do passado, que foram e sempre serão os mentores destas histórias vividas por eles.

No terceiro capítulo demonstramos algumas palavras que os anciões usavam no dia a dia, palavras sagradas muito usadas ainda pelos mais velhos, principalmente na casa de reza. Ao longo dos anos, a maioria das palavras antigas já foi esquecida pelos mais jovens, por isso, nós resolvemos demonstrar um pouco desta riqueza linguística que os nossos antepassados deixaram de herança para gerações futuras.

Figura 2: Organização do universo.



1. CALENDÁRIO COSMOLÓGICO:

Apyka – Os símbolos e as principais constelações do universo

Tempo e Espaço

- *Ara* – Céu; Organização do universo.
- *Apyka* – Lugar; onde tudo se encontra (onde os Ancestrais se reuniam).

- *Ambá* – Ligação entre o céu e a Terra. Centro de referência dos astros cosmológicos: o céu, a Lua, as estrelas.

Este calendário é o direcionamento da vida, que representa a natureza e a astrologia. É o centro do universo (*Apyka*), onde tudo se encontra. O Sol e a Lua fazem parte do *Apyka* e está conectado com a natureza e todos os seres vivos.

Para o Guarani, o raio do sol representa a fecundação da terra e das plantas, que nos dá calor e vida e ilumina todos os planetas.

Nós Guarani aprendemos com o Sol. Este que nos ensina a sobreviver. Este que nos dá oportunidade para cada dia levantarmos. Se não fosse o sol, o ser humano não sobreviveria neste mundo, por isso devemos sempre nos lembrar dele e agradecer (fala de Sr. Alcindo Whera Tupã).

O ciclo da Lua representa o nascimento e também o amadurecimento. Assim como a Lua nos influencia por estarmos em conexão direta com este ser, respeitamos seu ciclo.

Quando a Lua está em fase nova, ela ainda é considerada uma criança e nesta fase que nós seres humanos, as plantas os animais, enfim, todos os seres vivos estão mais sensíveis. E nesta fase, o tempo muda, chove e acontecem temporais de granizo.

No início da Lua crescente, não cortamos árvores nem plantamos, tomamos cuidados para não nos machucar. Conforme a Lua vai crescendo até chegar à fase cheia, é a fase em que podemos então plantar, fazer artesanatos. Na Lua crescente também é bom para semear, pois evita a vinda de pragas.

Nós Guarani temos conexão com o "Pai Criador", *Nhanderu Tenonde*; com *Tupã*, com *Djakaira*, com *Karai* e com *Nhamandu*, "Pai Sol".

Dentre eles, existem as estrelas e as constelações, que também direcionam o caminho, completando a concepção com a natureza sagrada. Esta constitui uma grande variedade de plantas e animais, originando assim muitos cantos sagrados de rituais conforme o propósito de cada um. Cada ser vivo existente aqui na terra é representado por uma estrela ou constelação no céu. É assim que o mundo se relaciona entre o Sol, a Lua, a Terra, as estrelas, e a natureza. Por isso, o Sol é representado também como "Pai".

O ciclo existente oferece uma imagem para o mundo humano. Na organização do universo, tem a cobra como o símbolo da Terra (*Ambará*) que também é uma estrela. Na apropriação do mundo, *Ambará* passa a ser um signo, o símbolo da Terra. Este pensamento potencializa a natureza que nós Guarani expressamos em ciclo dos gêneros e sentido de

origem com o Meio Ambiente. Assim *Nhamandu*, o “Pai Sol”, guia a “Mãe Terra”, a Lua, as estrelas, os seres vivos, e é guiado por *Nhanderu Tenonde*.

O Calendário Cosmológico também pode ser chamado de *Apyka Mirim*, um protótipo da grande organização cosmológica que nos serve como base de orientação e aprendizado. Exemplo disso, nós, que nos orientamos sobre o tempo certo para extrair mel, plantios, colheita de plantas medicinais, entre tantos outros trabalhos.

Apyka é a transformação do ciclo e do signo, a fonte do saber. Agradecemos este círculo de sabedoria, que se retorna e se renova com a palavra sagrada, de como observar e sentir o *Araguydje*, para que o espírito de nossos filhos possa caminhar neste mundo.

Araguydje – Arapyau

Herança da sabedoria ancestral que nunca se perderá e será repassada através das gerações. O calendário Guarani está ligado à trajetória aparente anual do sol e é dividido em apenas duas estações do ano: *Arapyau* (tempo novo) e o *Ara ymã* (tempo velho). Sendo *Arapyau* o período de primavera e verão e *Ara Ymã*, o período de outono e inverno.

Araguydje é uma palavra antiga e sagrada e tem o mesmo significado que *Arapyau* (tempo novo). *Arapyau* significa o começo da transformação de um novo ciclo da terra, das plantas e dos seres vivos. Nesse período, os Guarani antigos começavam a preparar a terra para o plantio e também extrair a argila para produção de cerâmicas.

Sr. Alcindo Wherá Tupã diz que nesse tempo o nosso corpo físico e espiritual se renova dando abertura para o conhecimento e sabedoria. Assim como as plantas recebem todo o nutriente da terra, da chuva, do sol e do vento.

Aprendemos com os anciões que através da espiritualidade que o universo, tão gigante e de sabedoria imensa, está organizado de tal forma que nós devemos nos basear e seguir estas organizações. Assim é a nossa vida, da mesma maneira em que os planetas se alinham, a nossa vida se direciona seguindo este mesmo ciclo conforme a nossa necessidade.

Cada família tem a sua organização própria. E é assim desde o princípio da criação do universo. Todos os seres vivos se organizam da sua maneira. Entre a sabedoria do universo está o nosso conhecimento, este conhecimento nasce dentro de nós e cresce conforme a caminhada da nossa vida nos possibilita adquirir experiências e ensinamentos que são

repassados para nossos netos, bisnetos e todas as gerações futuras.

Cada tradição está organizada de acordo com a sua realidade e seu espaço. O convívio segue seu próprio tempo e fase de alinhamento, e o tempo em que se encontra “parado”, sem se movimentar. Aprendemos com a natureza a lidar com a nossa própria natureza, a observar e ter humildade.

Yva – Centro da sabedoria

Tupã é o transmissor da sabedoria de *Nhanderu Tenonde* para um *Karai* – líder espiritual –, através de uma estrela que se conecta diretamente com o sagrado. Esta estrela – *Yva* – tem o poder de comunicação pela telepatia. É como um fone de ouvido que consegue transmitir a voz de *Nhanderu Tenonde*. Por isso o Guarani tem o dom de se comunicar telepaticamente, recebendo assim toda a instrução sobre o poder da “Palavra Sagrada”. E até mesmo os que se encontram em dificuldades para seguir o caminho, através da concentração, podem receber orientações.

Espiritualmente falando, *Nhanderu Tenonde* pensou em como poderia transmitir o seu conhecimento para o ser humano, criando então o “Pai Sol” e as estrelas. E dentre as estrelas, criou *Yva*, uma estrela capaz de transmitir os ensinamentos.

Por isso que nós Guarani falamos que através da concentração conseguimos interpretar os significados das estrelas, para que tenhamos toda a força necessária para repassar os conhecimentos de *Nhanderu Tenonde*.

Através da “iluminação” conseguimos manter e ouvir a “Palavra Sagrada”, mesmo tendo dificuldade, e repassar este conhecimento da “Mãe Eterna” para todo o sempre.

Ao pai sol e à mãe terra

Vocês nos deixaram todo o seu ensinamento para podermos sobreviver e para que possamos repassar esta sabedoria para as futuras gerações, ensinando aos nossos filhos a observar as estrelas e o céu. Para aprendermos sobre os símbolos e seus significados, que nos ensinam de onde viemos. Nós Guarani somos filhos do sol, os guardiões do milho sagrado e do tabaco sagrado. Cada aldeia ainda terá as plantas sagradas, enquanto o fogo sagrado estiver aceso. Vocês criaram a floresta para podermos ensinar nossos filhos receber seus ensinamentos. Ensinaram também os cantos sagrados para rezarmos onde estivermos. (Reza do senhor Alcindo Wherá Tupã).

Visão

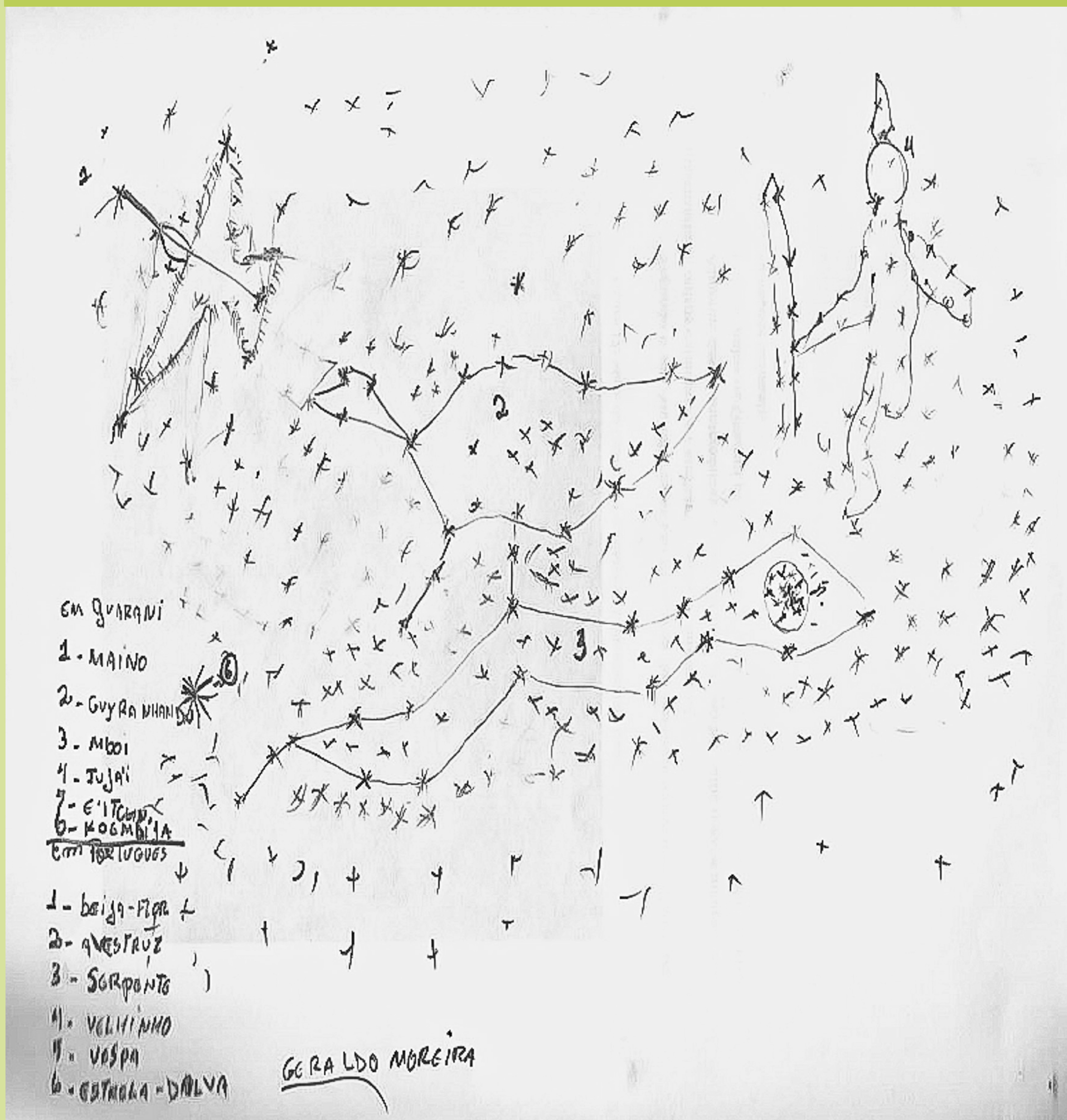
O conhecimento e a sabedoria se dão através da natureza. Através da natureza se dá a oportunidade de ter o conhecimento e receber *Instrução Espiritual*.

Em nossa visão, compreendemos que esse conhecimento espiritual possui uma raiz profunda e o fundamento de toda a verdadeira tradição do ser Guarani. Neste aprendizado também existe assistência por aqueles que podem apoiar neste caminho de unificação da consciência, formando uma linhagem de mestres e autênticos sábios. Conduzidos por líderes espirituais preparados, ajudam a trilhar o caminho pessoal de cada um.

Esta tradição é comparada com uma *escola antiga*, que pode se designar como a verdadeira *universidade do universo*. Na floresta ou na montanha, o povo Guarani aprende o conhecimento da própria natureza, as várias maneiras para a cura de doenças, para o frio e para o seu abrigo. Estes são aprendizados que nossos antepassados adquiriram pela convivência e observação da natureza.

Uma organização muito antiga que vem da raiz do povo Guarani e é repassado pelos anciões que carregam a história e muitos ensinamentos de vida que nunca serão esquecidos.

Figura 3: Representação do Caminho da Anta.
Desenho: Geraldo Moreira.



Constelações

***Mboré Rapé* – Caminho da Anta**

Nhanderu fez o *Caminho da Anta* para que aparecesse no céu todos os animais que existissem na terra. Através do *Caminho da Anta* podemos também perceber as estações do ano no momento em que determinadas constelações se tornam visíveis da Terra.

No momento em que existe um alinhamento entre o sol, a terra, e o *Caminho da Anta*, este se torna mais visível, e esta época é chamada de *Aragudje Pyau*, que acontece entre final de julho e agosto. O *Caminho da Anta* também é conhecido como a Via Láctea.

Tudo o que seria nosso costume o futuro foi deixado registrado no *Caminho da Anta* pelo nosso Pai Criador. Foi deixado como um mapa, um ensinamento, para que tenhamos na mente e no coração como devemos caminhar, a nossa missão pela Terra, como repassar o conhecimento para as futuras gerações, e como receber a sabedoria através das estrelas.

O *Caminho da Anta* também representa o nosso *Caminho da Vida*. Nele aparecem os animais: toró – búfalo, mboré – anta, taytetu – javali, jaixa – paca, guaxu – veado, apykaxu – pomba, guyra nhandu – avestruz, eixu – vespa, mboi – serpente.

Aparece também, a constelação de *Mbya'í* ou *Ywyráidja* – *Espírito Guia*. No céu também podemos ver a *tiwi* – onça, o *taguató* – águia, *jagua* – puma, *aguará* – lobo, a *cruz* – *kuruxu*, entre outros.

A antiga história do *Mbya'í* e do *Caminho da Anta*, relatada no livro “Textos Míticos de los Mbya-Guaraní del Guairá” de León Cadogan (1959), traz uma compreensão sobre a origem das constelações. Foi traduzida e interpretada por Geraldo Moreira da seguinte forma:

Era uma vez um casal e a mulher estava grávida. Ela tinha desejo de comer peixe. O homem então foi pescar. Antes de sair, a mulher falou:

– Não fique muito tempo, pegue um ou dois peixes e volte logo para casa.

O homem perguntou:

– Mas, por quê?

E ela respondeu:

– Você vai ter um filho, eu estou esperando nenê. Se você pescar demais, nosso filho será trocado e eu não quero que você troque o nosso filho por peixe.

O homem quando chegou à beira do Rio, preparou o anzol e jogou na água, esperou certo tempo, mas não conseguia pegar nenhum peixe. E assim fez repetidas vezes.

Já sem paciência, o homem ficou bravo e começou a bater, irritado, a vara de pesca na água. Neste momento muitos peixes começaram a pular na sua frente e de dentro da água, saiu uma mulher. Esta mulher perguntou:

– O que você está fazendo?

E ele respondeu:

– Eu quero levar alguns peixes para minha mulher pois ela esta grávida.

Nesse momento ele já errou, pois ele contou para a sereia que teria um filho. A mulher respondeu:

– Já que você quer peixe, eu lhe darei muito peixe, mas em troca eu vou querer o seu filho.

Ele parou, refletiu, relutou, mas pensou que ele não poderia voltar para casa sem peixe e então aceitou a proposta.

Ela disse:

– Depois que eu sair, jogue o anzol novamente.

E foi o que aconteceu, o homem voltou para casa com o balaio cheio de peixe.

Certo dia, a criança nasceu. E logo depois do parto, a criança, ainda pequena, já falava. Ela olhou para o pai e falou:

– Você me deu, você me trocou com a sereia. Daqui para frente vou pegar o meu caminho, pois eu não quero que ela me leve.

A criança então ficou forte e saiu andando pela estrada e se foi. Ele era um menino, ele era o *Mbya'í*. O caminho que ele pegou chegou em uma área pantanosa, ele sentiu algo estranho e parou, quando ele percebeu onde estava, viu que estava pisando em cima de uma cobra gigante e a boca da cobra estava bem em cima dele. O menino falou para a cobra:

- Você poderia me ajudar a sair deste pântano?

E a cobra falou:

- Olha... eu posso te ajudar.

Mas a cobra na verdade queria comer ele. E o menino falou:

- Me leva nas suas costas?

E então ela estava levando o menino para um caminho mais firme, onde tinha uma trilha aberta.

O menino ouviu o assobio do Guyra Hum, o pássaro preto, e falou para a cobra:

- Você está ouvindo? Meu amigo está vindo me ajudar.

A cobra logo respondeu:

- Eu te trouxe até aqui, agora você pega o seu caminho, vou deixar você ir, só não conte a ninguém que eu existo.

O menino seguiu o seu caminho, mas estava muito assustado, mas logo encontrou o Guyra Hum, o pássaro preto que estava assobiando. O Guyra Hum perguntou:

- O que está acontecendo?

O menino respondeu:

– Ali nesse pântano, tem uma cobra gigante e eu me assustei.

O Guyra Hum foi procurar a cobra e procurou até encontrá-la. Ela estava ali, escondida. O Guyra Hum acabou matando a cobra e disse para o menino:

– Pronto, agora segue pelo seu caminho, meu irmão.

O menino seguiu pelo seu caminho e logo em seguida encontrou Nhumã, uma plantinha em forma de uma moita. Ali, atrás da moita, logo a sua frente, havia um gue'í, um búfalo que tinha acabado de morrer. Ali havia também um homem de pele bem escura que o chamou com um movimento com a mão.

O menino se aproximou e o homem falou:

– Você está com fome? Se você está com fome, pegue um pedaço de carne.

O menino estava comendo a carne, e ali ao lado também estavam o jawuku – puma, o xampire – urubu, tay – a formiga e taguató – águia. O menino viu que todos eles estavam olhando e então repartiu a carne com eles. Depois de repartir a carne, os animais agradeceram ao menino e um deles falou:

– Agora que você nos ajudou, se um dia, você precisar de ajuda, pode contar com a gente. É só nos chamar: Venha meu amigo! E nos chegaremos.

O menino seguiu o seu caminho. Em certo momento, em sua caminhada, ele avistou a sua frente um reflexo de água cristalina brilhando, parou, se virou para trás, mas percebeu que ali também havia o reflexo da água e viu que ele estava cercado pelo reflexo desta água. Ele ficou com muito medo, em toda a sua volta havia água, ele lembrou que o seu pai o havia trocado com a sereia. Ele não sabia mais para onde ir. Então gritou:

- Venha meu amigo águia!

A águia então veio e o pegou pelos cabelos, levando-o ao topo da árvore bem alta, para esperar a enchente secar. Só que depois que a enchente de água secou, ele não sabia descer. Então se lembrou de seu amiguinho formiga e gritou:

- Venha meu amigo formiga!

A formiga chegou e trouxe uma enorme peneira junto com ela, até o topo da árvore. E assim o menino conseguiu descer. Ele entrou na peneira e foi levado até o chão novamente.

Seguindo pelo caminho, encontrou um filhote de koxi – porco do mato amarrado pelo cipó Imbé. Ele desamarrou o filhote e levou o filhote em seu colo. Mais adiante, avistou uma casa. Nessa casa havia uma mulher sozinha. Ele chegou perto e a mulher falou:

- De onde você veio, meu irmãozinho?

- Eu vim de muito longe – respondeu o menino.

- Pegue o seu caminho e volte, meu marido é muito bravo – falou a mulher – Ninguém chega na minha casa, nem mesmo a formiga.

Mas logo ela mudou de ideia e falou:

– Ah, deixa pra lá, entre.

Quando o menino entrou, a mulher fechou a casa toda. O menino, curioso, perguntou:

– Como eu vou ouvir se o seu marido chegar?

Ela respondeu:

– Quando ele chegar, você vai ouvir um vento muito forte e trovoadas.

E logo depois começou a ventania e a trovoadas.

A mulher falou:

– Escute, meu marido está chegando.

Quando o marido chegou, arrebentou a porta com um chute. Ele sentia o cheiro do menino e falou:

– Quem é que está aí?

E começou a procurar. Logo encontrou o menino e o pegou, colocando a lança em seu peito. E falou:

– Você sabe que esta lança fura?

O menino desviou da lança. E o homem falou:

– Eu quero que você me dê um piolho, se você não me der, eu vou cortar o seu cabelo.

O menino rapidamente correu e fugiu, mas o homem cortou um pedaço do seu cabelo. E ele acabou deixando também o seu animalzinho de estimação, o koxi. O homem foi atrás dele, mas não conseguiu encontrá-lo.

Estava chovendo e o filhote de koxi começou a chorar. O homem, que na verdade era o demônio, resolveu sair e procurar o menino novamente. O menino estava escondido, esperando o momento certo para resgatar o koxi, e, no momento em que ele saiu, o menino entrou na casa novamente, mas o demônio percebeu e voltou rapidamente para casa.

Quando ele chegou, o menino se escondeu embaixo da saia da mulher dele e então pegou o porrete e bateu na cabeça do demônio formando vários caroços. O demônio ficou desmaiado.

A mulher dele pegou água fervente e jogou em sua cabeça para tratar das feridas do marido. O menino estranhou e então a mulher contou que todos os dias o marido saía para a batalha, e em seu regresso, chegando junto com a ventania, sua cabeça sempre estava cheia de feridas. E ela sempre derramava água fervente em sua cabeça. O menino falou para ela:

– Na próxima vez, quando seu marido voltar, pergunte para ele, por que ele gosta de brigar.

O menino continuou escondido na casa e logo o demônio acordou e saiu para sua batalha.

Ao regressar a mulher perguntou:

– Por que você gosta tanto de brigar?

E o marido, já bravo, respondeu:

– Por que você quer saber?

Ela respondeu:

– Eu só queria saber, não tem ninguém aqui para ouvir.

E ele falou:

– Mulher, existe aqui na Terra um Toró Jaguá, que está amarrado, e aquele é o meu pajé, o meu feiticeiro. É um touro que tem dentes de fogo e em sua barriga, tem uma anta com dentes de fogo, que em sua barriga, tem um veado com dentes de fogo. E dentro do veado, tem um javali com dentes de fogo, e dentro do javali, tem uma paca com dentes de fogo e dentro da paca tem uma pomba. Em sua barriga tem um ovinho, que é muito frágil.

Após ouvir isso, bem silenciosamente, o menino saiu da casa, sem ser percebido. Ao longe, avistou uma árvore de Ipê e, ao seu lado, o Toró Jaguá. Rapidamente, chamou os seus amigos:

– Venham meus amigos!

Todos os seus amigos chegaram e atacaram rapidamente o Toró Jaguá, e o mataram. Nesse momento o espírito do Toró Jaguá foi para o céu e se tornou uma estrela. Abriram a sua barriga e havia uma anta que fugiu, na direção da casa do seu dono.

Os amigos rapidamente correram atrás da anta e a mataram. Ela se tornou uma estrela. Ao abrir a sua barriga, saiu um veado de chifres, que também fugiu na direção da casa de seu dono. Correram então atrás dele e o mataram. Ele então se tornou uma estrela. De sua barriga saiu um javali, que também fugiu

na direção da casa de seu dono e correram atrás dele e o mataram. E ele se tornou uma estrela. E de sua barriga saiu uma paca, que também fugiu na direção da casa de seu dono. Correram atrás dela e a mataram. E ela se tornou uma estrela. Da barriga da paca saiu uma pomba que saiu voando, e como eles não conseguiram capturá-la, o menino chamou a águia para pegá-la. A pomba estava fugindo na direção da casa do seu dono e a águia rapidamente conseguiu capturá-la e matá-la. E ela se tornou uma estrela. Em sua barriga eles encontraram um ovo dourado.

O demônio estava vendo o que estava acontecendo e falou para sua mulher:

-Viu, mulher, viu como era verdade? Tinha uma pomba na barriga e eles encontraram o ovo.

O menino, ao perceber que estava sendo avistado, chegou perto da mulher e falou:

- Pegue este ovo e jogue na cara do seu marido.

E a mulher assim o fez. O ovo era o poder, e nesse momento o demônio morreu. O menino já estava crescido e assim, casaram-se o menino e a mulher.

O menino estava todo sujo e a mulher falou para eles irem tomar banho na cachoeira. Nesse momento ele se esqueceu de que o pai havia trocado ele. Enquanto ele estava tomando banho, a sereia repentinamente apareceu, e com um golpe de sua cauda, capturou o menino e o levou para o fundo da cachoeira. Sua mulher, desesperada, correu para casa e pegou o mbaraka mirim, o chocalho, voltou para a beira da cachoeira e começou a cantar.

A sereia, encantada pela música, veio à superfície da água, dançando junto com o Mbya'i. Nesse momento, já na superfície da água, o menino gritou:

– Venha meu amigo águia!

E no mesmo momento a águia veio e resgatou Mbya'i dos braços da sereia, colocando-o em terra firme. E assim ele conseguiu voltar para casa.

Após um tempo, tiveram dois filhos, um menino e uma menina. E eles continuaram a sua história (Cadogan, 1959, Tradução de Geraldo Moreira).

Guaxu Virá – Veado

Nhanderu Tupã criou o veado para que viva aqui na terra. O seu poder está em seu chifre, ele vive no campo e é um animal sagrado, por isso que ele existe em diversas partes do mundo.

Nas estórias antigas é ele que carregava *Nhanderu* com os seus chifres. Ele tem tanto amor e humildade que o *Nhanderu* resolveu que ele ficasse na Terra e no céu, como estrelas. Esta constelação fica na região do céu conhecida também por Falsa Cruz e por Cruzeiro do Sul, que representam sua cabeça e sua parte traseira, respectivamente.

***Pypó* – Pegada da Onça**

Nhanderu criou também a onça sagrada para viver nas matas, como sua guardiã. Seu poder está no seu uivo. *Nhanderu* desejou que a marca de sua pata ficasse para sempre nas estrelas, e assim ficaria registrada a história e o poder da onça sagrada. Esta constelação é conhecida como Via Láctea.

***Guyra Nhandu* – Avestruz**

Ele é o maior de todos os pássaros do Brasil, considerado um mestre para os pássaros e muito importante e especial para os Guarani. Nesta constelação estão as constelações conhecidas como Cruzeiro do Sul e Escorpião.

***Tudja'i* – O Ancião**

Esta constelação é o Senhor Guia, ele que vai guiando todas as constelações do *Caminho da Anta*, é o guardião de todos estes animais. É formada pelas constelações denominadas Touro e Orion, e sua cabeça, pelo aglomerado estelar Híades, em cuja direção se encontra Aldebaran, a estrela mais brilhante da constelação de Touro, de cor avermelhada. As Três Marias (Cinturão de Orion) estão no joelho.

Maino'i – Beija-Flor

O beija-flor é um animal muito sagrado e especial para nós Guarani, e simboliza a origem, o princípio do todo. Foi o primeiro pássaro criado pelo *Nhanderu*. Ele representa o nosso espírito. É um pássaro veloz e mensageiro que pode levar as mensagens para o mundo celestial. Esta constelação é representada pelas estrelas conhecidas como *Albírio, Cisne, Deneb, Gianah, Sadr e Cruz do Norte*.

Kuruxu – Cruz

São quatro estrelas que direcionam o *Caminho da Anta*. São as quatro direções sagradas, que trazem informações. É uma bússola da noite, ela indica as direções se estivermos perdidos na mata. Ela é conhecida como *Cruzeiro do Sul*.

Ambará – Serpente

A constelação do *Ambará*, serpente, é também chamada de *mbo'i*, cobra. A serpente é a “Mãe do Sol e do Lua”. Ela foi escolhida para ser a mãe deles, como que poderia gerar e criar o *Sol e o Lua*, o que iria ser feito de seus filhos.

Apenas com um beijo do *Nhanderu*, ela acabou ficando grávida do Sol. Vendo isso, *Tawyterã*, chegou perto de *Nhanderu* e falou para ele que não era desta maneira que se fazia os filhos. Em seguida, teve uma relação sexual com a *Ambará* e engravidou ela com o *Lua*. Quando *Nhanderu* viu o que *Ambará* tinha feito, deixou-a.

Logo ela ficou com saudade e foi atrás dele, mas não sabia por onde e pegou o caminho mais longo. Neste caminho havia muitas bifurcações e ela, buscando-o, não sabia qual seguir, encontrando muitos obstáculos. Ela seguia pelo caminho, pedindo orientação para os filhos que estavam na barriga.

Após sua jornada pela Terra, *Nhanderu* a transformou em uma constelação de estrelas, que são estrelas guias. Esta constelação é conhecida como uma parte da constelação de Escorpião.

***Eichu* – Vespa**

A constelação do *Eichu*, vespa, tem este nome, pois nesta constelação tudo se une, é uma família. Nesta constelação há sete estrelas maiores e muitas estrelas menores. Ela tem muitos significados e representações. Ela é como um “olho do céu”, sendo o *olho da Queixada da Anta*, o *olho do Veado*

e o olho do Avestruz. Ela é um “portal” que leva a outras dimensões.

Esta constelação representa os sete irmãos que um dia caminharam pela Terra, que tiveram sua missão. Conta a história, que eles subiram até o céu com suas flechas, através da sagrada árvore Araucária. Esta constelação é conhecida como “Plêiades”.

Koembidja - Nhamandu Mirim

A estrela da manhã é parceira de caminhada do Sol. Nosso “pai Criador” falou ao Sol: “Agora você que aprendeu toda a sabedoria, o domínio do poder, de toda a iluminação, agora que você me pediu uma parceira. Que a estrela da manhã possa ser sua parceira. Que esta estrela possa ser um guia. Que ela possa levar a noite e trazer o dia. Que todos os seus pequenos filhos (seres humanos) possam vê-la e aprender com ela, e quando observarem o céu, possa receber a sua sabedoria. Que todas as crianças, quando olharem para Koembidja, se lembrem de nós. Ela será o seu Ywyruidja para ensinar a humanidade através de nós”. A *Koembidja* é conhecida como planeta Vênus.

2. A VOZ DE NOSSOS SÁBIOS

Dona Rosa e Senhor Alcindo

Foi com muita honra e alegria que no dia três de junho de 2014, às dez horas da manhã, comecei a me aproximar do Senhor Alcindo Whera Moreira, de 105 anos, e de Dona Rosa Mariani Cavalheiro, de 98 anos – moradores e fundadores desta aldeia Yynn Morotĩ Whera, os mais renomados líderes espirituais já vistos no século XXI, do povo Guarani de M`Biguaçu.

Comecei a me aproximar querendo fazer uma roda de conversa, com medo de receber um “não” dos anciões, pois eles têm muito trabalho na roça. Tive uma grande surpresa quando me receberam com um sorriso no rosto e com alegria que eu nunca tinha visto. O meu coração se encheu de alegria e emoção ao vê-los sentadinhos numa cadeira feita de tábuas bem velhas, com a cuia de chimarrão na mão.

Então, comecei a fazer perguntas que não estavam escritas no meu caderno, pois o roteiro que eu tinha feito de nada serviu. Pedi aos anciões que me contassem uma de nossas histórias antigas de pinturas corporais para eu ouvir e guardar na memória. Então ele começou a entoar um canto muito antigo e depois começou a falar:

Há muito tempo quando nós éramos crianças, nós não tínhamos escola. A nossa escola era fazer a dança, rezar, plantar para ter saúde. Na época, todos usavam pinturas, as crianças usavam pinturas diferentes. O jovem tinha outra pintura, as mulheres também tinham pintura diferente, e tudo se fazia em conjunto. A dança é um conjunto de grafismo muito importante para nós, onde se vê e se faz. Na dança do Xondaro é onde se mostra um símbolo gráfico dos nossos ancestrais. Os antigos líderes espirituais desenhavam vários deles, desenhavam nas cerâmicas, em cestarias, nas pedras e em outros objetos. Lembro-me, parece que foi ontem, fazíamos pintura corporal, e tudo era feito através dos ensinamentos passado pelo *Nhanderu*. Eu ainda lembro algum símbolo que o nosso avô ensinou para mim, todas as crianças recebiam esses ensinamentos para não esquecer esses símbolos. Os conselheiros na época falavam para não se esquecer do símbolo, para que um dia possamos contar a história e mostrar o grafismo para os nossos netos. Na época as crianças eram ensinadas na maneira correta, tudo organizadinho, existia respeito uns com outros, hoje não se vê mais isso, tudo extraviado (bagunçado), ninguém respeita os mais velhos. Só até aí que vou contar. (Fala do senhor Alcindo)

Dona Sonia

No dia 06 de junho de 2014, conversamos com Dona Sonia Moreira, 58 anos – mãe de uma aluna da escola Whera Tupã Poty Djá. Filha de Alcindo Wherá Moreira e Dona Rosa

Mariani Cavalheiro, moradora da aldeia Yynn Morotĩ Whera, ela é artesã.

As perguntas foram feitas aleatoriamente para não chamar muita atenção, pois sabemos que para os Guarani é difícil ter as respostas no que se pretende chegar. Então comecei a perguntar se ela sabia de uma história que tinha ouvido quando criança. A resposta que eu ouvi foi interessante.

Não sei muito bem porque eu era muito pequena quando falavam dessas pinturas, só sei que o símbolo mais usado pelas mulheres era as pegadas de saracura. Tudo que o nosso pai falou é verdade, a história contada pelo nosso pai, eu ouvi há muito tempo, quando eu era pequena escutava o nosso avô contando essas histórias. Hoje, às vezes me dá vontade de fazer essas pinturas corporais nas crianças e jovens, mas muitos não se interessam em pintar o corpo e ficam com vergonha, os pais dessas crianças não mostram mais essas pinturas para os seus filhos. Só isso que tenho para falar. (Sonia Moreira).

Whera

Anderson da Silva, Whera, 17 anos, está no 9º ano do ensino fundamental, é neto do Sr. Alcindo Whera Moreira.

No dia 05 de junho de 2014, na escola Whera Tupã Poty Djá, iniciamos com perguntas sobre as pinturas corporais e sobre alguns grafismos. Fiz um pequeno questionário para facilitar

a entrevista, pois este aluno é muito quieto e tímido. “Você se lembra ou ouviu alguma história sobre grafismo? Conte o que você sabe”, perguntei a ele. Anderson respondeu:

Eu lembro sim, do meu avô, senhor Alcindo, contando desses símbolos, mas para mim é muito difícil de entender e compreender, eu sei que é lindo demais, é importante saber essas coisas. Saber que os nossos ancestrais usavam esses símbolos e grafismo nas pedras, em cerâmicas e isso vem se passando gerações após gerações. Tem vários desenhos e grafismos que eu vejo nos sonhos, nas visões, tudo isso gravei na minha mente. Não sei porque, mas sempre que vem na memória eu as deixo desenhado no caderno. Só sei que é bonito, mas não sei te dizer os significados (Anderson Whera).

Karai Whera

Adelino Gonçalves, Karai Whera, 35 anos, é uma das lideranças da aldeia Yynn Morotĩ Whera M`Biguaçu, Santa Catarina. Ele reside há 27 anos, juntamente com os seus cinco filhos nessa comunidade, onde ele também trabalha como AISAN (agente indígena de saneamento).

No dia 4 de junho de 2014, preparei-me para entrevistar o Senhor Adelino Gonçalves falando sobre o que seria essa pesquisa, dando uma pequena introdução do trabalho:

Wanderley: Adelino, você como liderança, acha importante esta pesquisa dos universitários na aldeia?

Adelino: Sim, essa pesquisa é muito importante na aldeia, porque através disso poderá ficar registrado o conhecimento da cultura Guarani de Biguaçu. Assim também, poderá mostrar esses conhecimentos para os não indígenas que vem aqui na aldeia e que tenham vontade de conhecer alguns conhecimentos que poucos conhecem da cultura.

Wanderley: Que tipo de apoio você daria aos universitários?

Adelino: Apoio que eu daria é correr atrás de mais recursos para auxiliar nos deslocamentos para as pesquisas e também para facilitar mais o acesso entre a universidade e a comunidade.

Wanderley: Que tipo de política você implantaria para ajudar esses alunos para fazer as pesquisas?

Adelino: Implantaria uns projetos para ajudar os alunos a pesquisarem o que precisam. Implantaria os equipamentos como a internet para facilitar nas pesquisas, assim os alunos não teriam dificuldade de fazer suas pesquisas.

Essas são conversas que nós tivemos com alguns moradores da nossa aldeia Yynn Morotĩ Whera, que também compartilham com as decisões políticas internas da comunidade.

3. AYVU ROPYTA

O *Ayvu Ropyta* é um conhecimento sobre o início do Universo, o início de toda a cosmologia. Esta história sempre foi contada pelos anciões e repassada por gerações e compilada por León Cadogan, no livro *Textos Míticos de los Mbya-Guaraní del Guairá*.

Por se tratar de um conhecimento milenar, no qual podemos aprender e compreender melhor a Cosmologia Guarani, fizemos a tradução conforme nossa interpretação dos capítulos iniciais, visando a compreensão da Cosmologia. Seguimos as interpretações dadas por Senhor Alcindo Wherá Tupã e Dona Rosa Poty Djá, por se tratar de uma linguagem antiga, e também por eles muitas vezes contarem esta mesma história.

Reescrevemos a seguir na Língua Guarani e na Língua Portuguesa, para melhor compreensão, um canto/poema que fala da origem do beija-flor, *maino'i*.

O beija-flor para nós Guarani é muito importante, pois representa o tempo e espaço entre *araymã* e *arapyauí*. Um exemplo do que o beija-flor representa para nós Guarani está expresso no livro *Maino'i Rapé – caminho da sabedoria*, organizado pelo Professor José Ribamar Bessa Freire, e escrito por professores que participaram do Magistério Guarani *Kuaa Mboé* – conhecer/ensinar.

Maino'i Reko Ypykue

Ñande Ru Papa Tenonde Gueterã ombojera Pytũ ymágui.

Yvára pypyte, apyka apu'a i, Pytũ yma mbytére Oguerojera.

Yvára jechaka mba'ekuaa, Yvára rendupa, Yvára popyte, yvyra'i, Yvára popyte rakã poty, Oguerojera Ñamandui Pytũ yma mbytére.

Yvára apyte katu Jeguaka poty Ychapy recha. Yvára jeguaka poty mbytéropi Guyra yma, Maino i, Oveve oikóvy.

Ñande Ru Tenonde gua.

Oyvára rete oguerojera i jave oikóvy, Yvytu yma íre oiko oikóvy:

Oyvy rupa rã i oikuaa'eỹ mboyve ojeupe, Oyvarã, oyvyrã

Oiko ypy i va'ekue Oikuaa'eỹmboyve i ojeupe, Maino i ombojejuruei; Ñamandui yvarakaa

Maino i.

Ñande Ru Ñamandu Tenonde gua Oyvarã oguerojera'eỹ mboyve i, Pytũ A'e ndoechá i: Kuaray oiko'eỹramo jepe, Opy'a jechakáre A'e oiko oikóvy; Oyvárapy mba'ekuaápy Oñembokuaray i oiny.

Ñamandu Ru Ete Tenonde gua Yvytu yma íre oiko oikóvy; Opytu'ui oiny ápy Urukure'a i omopytũ i oiny: Omoñendúma pytũ rupa.

Ñamandu Ru Ete Tenonde gua

Oyvarã oguerojera'eỹ mboyve;

Yvy Tenonde oguerojera'eỹ mboyve i; Yvytu yma íre A'e oiko
oikóvy: Ñande Ru oiko i ague yvytu yma, Ojeupity jevýma

Ára yma ojeupity ñavõ

Ára yma ñemokandire ojeupity ñavõ. Ara yma opa ramove,

Tajy potýpy,

Yvytu ova ara pyaúpy: Oikóma yvytu pyau, ara pyau, Ara pyau
ñemokandire.

O primeiro Beija-Flor

Nosso Pai, Criador *Nhande Ru Tenondé**

Criou o primeiro corpo

A partir da escuridão primária

Criou do centro da memória a sua semelhança

Adentro da escuridão primordial

Criou *Apyka**, o bastão receptáculo da sabedoria.

Criado este ser a sua semelhança

Refletiram em como transformar a escuridão em dia

E de uma parte deste *Apyka* transformou em *Nhamandu**,

o Pai Sol

Dessa mesma parte

Criou o orvalho e a chuva

E também o *Maino'í**, o beija-flor

A partir de *Apyka*

Criou *Tupã* e *Jakaira*, seres divinos,

E foi criado o vento

E não havia o manto sobre a Terra

E estes seres divinos juntos refletiram em como transformar a Terra

Pois não havia nada

Maino'í sempre trazia alimento para estes três seres poderosos: *Nhamandu*, *Tupa* e *Jakaira*

Nhamandu não conhecia a escuridão, pois ele mesmo já é luz

Que emana de seu coração

E de sua luz, de sua sabedoria, ilumina o todo

Nhanderu Eté lembrando-se de *Tupã* e da criação do vento lembrando-se da noite

Criou *urukureá**, a coruja, para que através de seu canto fosse guardiã da noite

Nosso Pai Criador

Refletiu em como transformar a Terra. Já haviam criado o vento, o orvalho, a chuva, o beija flor e a coruja

Tupã então criou *Tajy**, uma árvore sagrada

Para assim criar os ciclos, as estações do ano: *Ywytu pyau**, *ara pyau**, *ara yma**, *ara mbyté**

É usado nas cerimônias, onde é cantado e recitado pelo líder espiritual, para lembrar os quatro guardiões quem fazem parte do surgimento do universo, são eles: *karai*, *nhamandu*, *tupã*, *jakaira*. Na sequência estão algumas palavras importantes do vocabulário Guarani e seus significados:

- *Nhande Ru Tenondé* – Nosso Pai Primordial
- *Apyka* – bastão, casa de reza, todo o que guarda as informações do Cosmos, o receptáculo tangível da sabedoria.
- *Nhamandu* – Sol
- *Maino'í* – beija-flor
- *Urukurea* – coruja
- *Tajy* – Ipê
- *Ywytu pyau* – ventos novos (primavera)
- *Ara pyau* – tempo novo (primavera-verão)

- *Ara yma* – tempo velho (outono-inverno)
- *Ara mbyté* – tempo intermediário (inverno)

Ayvu Rapyta

Assim como foi descrito sobre o primeiro beija-flor, abaixo segue como surgiu o som. Para nós Guarani, o som representa o firmamento do planeta Terra, o vento, a chuva, o fogo e a própria terra.

Ñamandu Ru Ete tenondegua Oyvára peteïgui,
Oyvárapy mba'ekuaágui,
Okuaararávyma
tataendy, tatachina ogueromoñemoña
Oãmyvyma Oyvárapy mba'ekuaágui,
Okuaararávyma
ayvu rapytarã I oikuaa ojeupe. Oyvárapy mba'ekuaágui,
Okuaararávyma,
Ayvu rapyta oguerojera, Ogueroyvára Ñande Ru. Yvy oiko'ëyre,
Pytu yma mbytére Mba'e jekuaa'eÿre,
Ayvu rapytarã I oguerojera,
Ogueroyvára Ñamandu Ru Ete tenondegua.
Ayvu rapytarã I oikuaámavy ojeupe, Oyvárapy mba'ekuaágui,
Okuaararávyma

Mborayu rapyтарã oikuaa ojeupe. Yvy oiko'eÿre,
Pytu ymã mbytére, Mba'e jekuaa'eÿre, Okuaararávyma
Mborayu rapyтарã I oikuaa ojeupe
Ayvu rapyтарã I oguerojera I mavy, Mborayu petei I oguerojera
I mavy Oyvarapy mbaekuaágui, Okuaararávyma
Mba'e a'ã rapyta petei I oguerojera. Yvy oiko'eÿre,
Pytü yma mbytére, Mba'e jekuaa'eÿre
Mba'e a'ã petei I oguerojera ojeupe.
Ayvu rapyтарã I oguerojera I mavy ojeupe; Mborayu petei I
oguerojera I mavy ojeupe; Mba'e a'ã petei oguerojera y mavy
ojeupe, Ochareko iñóma
Mavaëpepa ayvu rapyta omboja'o I anguã; Mborayu pete i
omboja'o I anguã; Mborayu pete i omboja'o I anguã;
Mba'e a'ã ñeychyrõgui omboja'o I anguã. O chareko iñómavy,
Oyvárapy mba'ekuaágui, Okuaararávyma
Oyvára irürã I oguerojera.

Ochareko iñómavy, Oyvárapy mba'ekuaágui, Okuaararávyma
Ñamandu Py'a Guachu oguerojera. Jechaka mba'ekuaa reve
oguerojera. Yvy oiko'eÿre,
Pytü yma mbytére,
Ñamandu Py'a Guachu oguerojera. Gua'y reta ru eterã
Gua'y reta ñe'ëy ru eterã, Ñamandu Py'a Guachu oguerojera.

A'e va'e rakyguégui, Oyvárapy mba'ekuaágui, Okuaararávyma,
Karai Ru Eterã, Jakaira Ru Eterã, Tupã Ru Eterã,
Omboyvárajekuaa Gua'y reta ru eterã,
Gua'y reta ñe'ëy ru eterã, Omboyvára jekuaa.

A'e va'e rakykuégui Ñamandu Ru Ete Opy'a rechéiguarã
Omboyvára jekuaa Ñamandu Chy Eterã I; Karai Ru Ete,
Omboyvára jekuaa Opy'a rechéiguarã Karai Chy Eterã i.
Jakaira Ru Ete, a'érami avei, Opy'a rechéi guarã

Omboyvárajekuaa Jakaira Chy Eterã i. Tupã Ru Ete, A'érami avei,
Opy'a rechéi guarã Omboyvárajekuaa Tupã Chy Eterã i.

Guu tenondegua yvárapy Mba'ekuaa omboja'o riréma; Ayvu
rapytarã I omboja'o riréma; Mborayu rapyta omboja'o riréma;
Mba'e a'ã ñeychyrõ omboja'o riréma; Kuaarara rapyta ogueno'ã
rire, A'ekue ípy:

Ñe'ëy Ru Ete pavëngatu, Ñe'ëy Chy Ete pavëngatu, Já'e.

Ñamandu Ru Ete tenondegua!

Nde yvýpy Ñamandu Py'a Guachu Oyvára jechaka mba'ekuaa
Ogueropu'ã.

Reropu'ãukáramoma Ne remimboguyrapa, Ore ropu'ã jevýma.
A'éramoma,

Ayvu marã'eÿ

Kuriéramo jepe oguerokãngy Katui vare'y jevyma

Ore, yvára tyre'y mbovy I, Regueropu'ãma.

A'évare,

Torupi' jevy jevy,

Ñamandu Ru Ete tenondegua.

Mba'e porãvyma:

"Kuaarara tataendy, tatachina", e'i Ñamandu tenondegua
Rangë a'e va'erã Ogueromoñoña.

Yvy rupáre,

Jeguakáva porãngue I jepe Jachukáva porãngue I jepe Oikuaa
va'erã'ey:

A'e va'e iupitypy'ey

Va'e jepe

Oñembo'e porã añetegua va'épe Marãramipa

"Kaarara tataendy tatachina", e'l, Oikuaauka va'erã

A'evyma Ñande Ru Opy'a mbyte mbytépy Ñe'engatu rapytarã'i
Omboupa tenonde va'ekue

Va'épema: "Kuaarara

Tataendy tatachina", e'i A'évyma,

Opy'a jechaka Kuaray reve Omoñoembo'yvyma

Yvy javére, Yva javére

Omokañya jipói anguã ete O'evyma

Oguerojera va'ekuépema: "Kuaarara tataendy tatachina, Yvára
Kuaray i",

E'l

Ñamandu Ru Ete Tenondegua

Origem do som

Nosso Pai Criador

A cada um de seus semelhantes: *Nhamandu*, *Tupã*, *Jakaira* com seu *petyngua*, cachimbo sagrado*

Soprou a fumaça sagrada, o poder e através da sabedoria de cada um

Cada um terá a sua própria essência sagrada*

Entoou o primeiro canto/rezo a *Nhamandu*, alinhando-o com o seu poder

E assim foi criando sua palavra-sagrada

A esses três seres divinos criou suas palavras sagradas.

E assim também deu a eles humildade e amor

Bem antes da origem da Terra

Quando criou as palavras-sagradas, criou também o amor e a humildade

E criou também a semelhança

Bem antes da origem da Terra

Criando as palavras-sagradas, criou o amor e a humildade

E também a semelhança

E refletiu para quem mais

Poderia repassar as palavras-sagradas, o amor e a humildade

E assim criou *Karai*

E empoderando *Karai* através de *Nhamandu*, com a luz de
Nhamandu

Para ser mestre dos futuros seres humanos

Através do poder, do rezo,

Tinha sido criado *Nhamandu Eté*,

Tupã Ru Eté, Jakairá Ru Eté, Karai Ru Eté

E nosso pai criador iria escolher quem iria alcançar a totalidade
de sua sabedoria

E *Nhamandu* foi o escolhido.

Nesse mesmo momento, *Nhamandu* refletiu sobre como criar
seu complemento feminino

E todos já preenchidos de sabedoria

Refletiram em como criar os seus complementos femininos

E foi criado *Nhamandu Chy Eté, Tupã Chy Eté, Jakairá Chy Eté*
e *Karai Chy Eté*

Recebida toda a sabedoria do *Nhanderu Eté*

A partir do centro, da origem, da raiz do poder alinhado a fonte

Foi repassado as palavras sagradas para acessar esta
sabedoria:

Ñe'ey Ru Eté Pavegatu Ñe'ey Chy Eté Pavegatu

Espirito universal, Pai sagrado de todos, espirito universal, mãe
sagrada de todos

Divino Pai criador, de toda a Terra do poder do coração de *Nhamandu*, de sua sabedoria, nós nos erguemos perante o seu poder

E assim *Ayvu Marae** as palavras sagradas entoaremos sempre

E não nos enfraqueceremos

Mesmo sendo apenas uma pequena partícula de ti

Nós nos ergueremos

E assim viveremos sempre Divino Pai Criador

Assim fala *Nhamandu* ao Divino Pai criador de toda a beleza, de toda sua sabedoria

Que criou o rezo, o poder luminoso, a névoa sagrada da fumaça do *petyngua*

Assim proverei o seu poder

A sua sabedoria

No berço da Terra

Mesmo com a beleza de sua sabedoria

E a beleza dos raios do Sol

Jamais saberemos, jamais alcançaremos

E assim

Aprendeu com o verdadeiro o caminho

Aprendeu a rezar o poder e a fumaça, ele disse. Para que fosse repassado no futuro

Assim Nhande Ru

Do centro de seu coração

Preparou para que o centro, a raiz do espírito humano pudesse
se assentar

Para que o rezo, poder e fumaça, assim ele fala para que todo
coração humano brilhe junto ao Sol

E que brilhe todos os corações que estão na Terra para que
não os perca de vista

Aquele por Ele foi criado

Que tenha rezo, poder, fumaça que serão todos filhos do Sol

Criou todos os seres humanos, sendo uma pequena parte do
Sol

Por toda a Terra por todo o universo

Cantos, rezo, poder, fumaça

São todos pequenos filhos do Sol,

Assim fala o Divino Pai criador.

É usado nas cerimônias cantado e recitado pelo líder espiritual para os mais jovens. Na sequência estão algumas palavras importantes Guarani e seus significados:

- *Petyngua* – Cachimbo Sagrado, a palavra, propósito, fonte de sabedoria.
- *Ayvu Rapyta* – centro, origem, raiz, início do som, do canto, do poder.
- *Ayvu Marae* – palavra sagrada.
- *Mbaeaã* – o canto.
- *Ñe'ey Ru Eté Pavegatu* – Espírito universal, Pai sagrado de todos.
- *Ñe'ey Chy Eté Pavegatu* – Espírito universal, Mãe sagrada de todos.

A importância do *petyngua* para o povo Guarani é ter a conexão com o mundo espiritual, tanto físico e mente, onde se trabalha o conhecimento da vida espiritual. Este *petyngua* (cachimbo) é feito geralmente pelos líderes espirituais, ou por anciões da aldeia. Ele é usado somente na casa de reza para consagrar os alimentos nativos, exemplo disso, o milho Guarani, e também no batismo que acontece cada ano.

Alguns autores que são etnólogos, antropólogos, historiadores já escreveram sobre a *Palavra Sagrada* e seu significado, destacando: León Cadogan, Pierre Clastres, Hélène Clastres, Aldo Litaiff, Bartomeu Melià, Helena Alpini Rosa, entre outros.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso optamos em escrever aquilo que é de nosso conhecimento e sabedoria.

Sabemos que os escritos de outros autores são muito importantes, e possibilitam a visibilidade, tornando os Guarani conhecidos. O que possibilita a luta pelos direitos, e um espaço nesta sociedade e no mundo que está aí de forma merecida e justa, assim como qualquer outro cidadão brasileiro. Nós, nativos desta terra tirada de nós, todo esse paraíso que os nossos ancestrais deixaram para usufruirmos desta fonte sagrada. Mesmo assim, lutamos por um dia melhor para os nossos filhos. Que esse trabalho possa ser um caminho para a *terra sem males*, uma *terra sem mal* de pessoas que entendam, e compreendam o sofrimento do nosso povo.

4. IMAGENS

Essas são algumas imagens feitas durante o trabalho de pesquisas cedidas pelo seu Alcindo Whera Tupã. O calendário do universo na visão do povo antigo, que sempre está presente na vida atual do povo Guarani. Assim era visto o universo:

Figura 4: Estações do ano.

Fotografia: Myrian Lucia Candido. Data: 05/02/2010



Essas esferas possuem símbolos ancestrais, segundo Whera Tupã tem significados muito importantes, que são as estações do ano.

A [Figura 7](#) mostra os quatro pontos do universo: leste, oeste, norte e sul. Segundo o seu Alcindo Whera Tupã, é também a expansão do mundo.

A [Figura 8](#) demonstra o *Ara ymã* (tempo velho), onde as esferas estão todas unidas, dando a ideia da transformação dos elementos cosmológicos.

Figura 5: Estações do ano.

Fotografia: Myrian Lucia Candido. Data: 05/02/2010.



Figura 6: Estações do ano.

Fotografia: Myrian Lucia Candido. Data: 05/02/2010.



Figura 7: Quatro pontos do universo.
Fotografia: Myrian Lucia Candido. Data: 05/02/2010.



Figura 8: Solstício de verão.

Fotografia: Myrian Lucia Candido. Data: 05/01/2010.



Kuruxu (Cruzeiro do sul), ponto principal do universo. É a representação espacial e cosmológica mais valorizada entre as culturas diferentes.

Segundo o seu Alcindo, essas são as escritas dos nossos antepassados, algumas são matemáticas, outras são calendários e também o mapa do universo.

Figura 9: Kuruxu (Cruzeiro do sul).
Fotografia: Myrian Lucia Candido. Data: 05/02/2010.



Algumas destas matemáticas e calendários eram usados pelos nossos antepassados e ainda são usados por nós Guarani para nos orientarmos e extrairmos o sustento da natureza, nos períodos de flutuações sazonais.

Figura 10: Centro do Universo.
Fotografia: Myrian L. Candido. Data:08/04/2010.



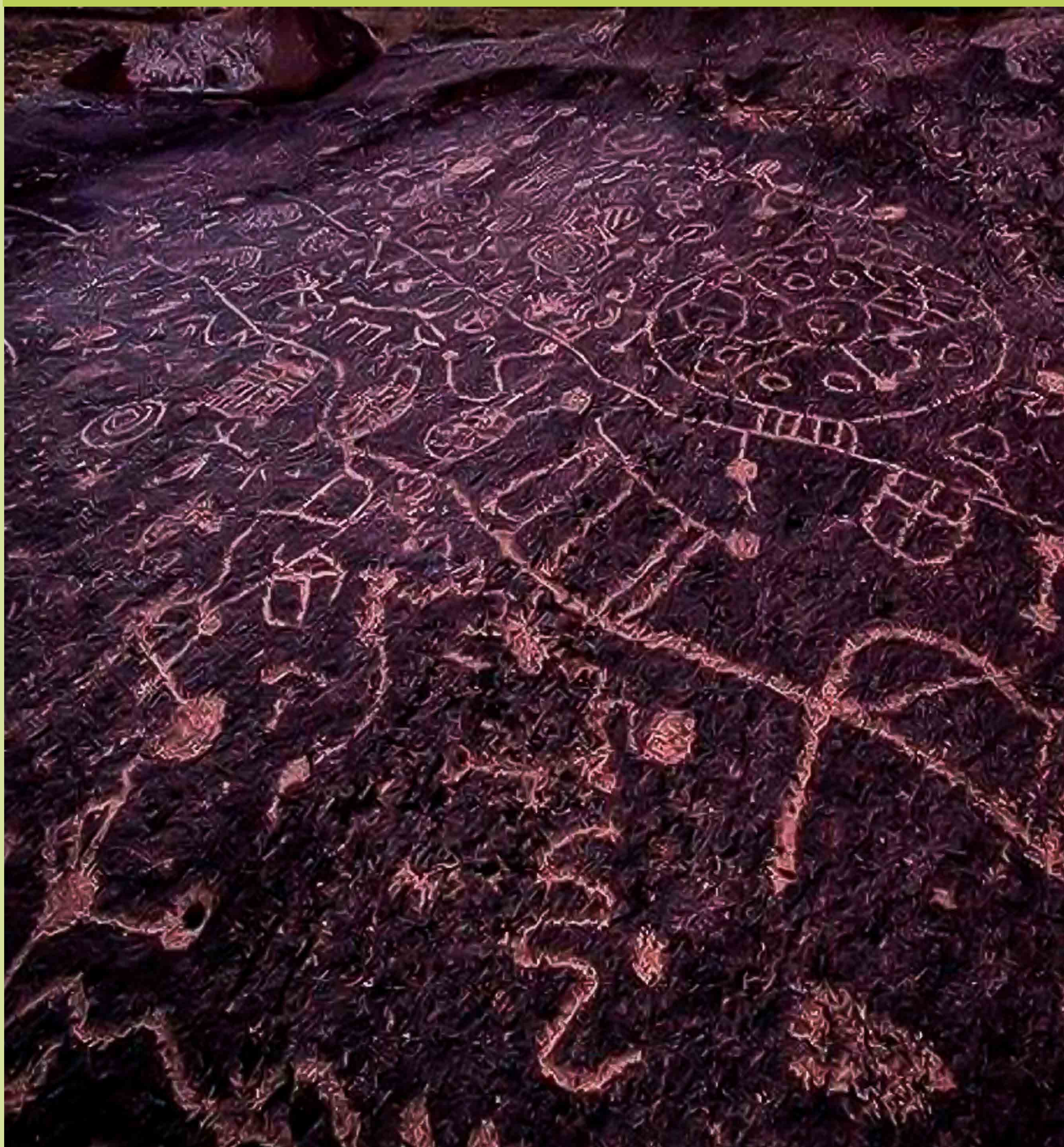
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesar de estudar, pesquisar, frequentar uma Universidade, chegamos a nos perguntar como alcançar a sabedoria dos anciões. A verdade é que, mesmo com tanto tempo de pesquisa, há muita coisa a ser descoberta e explorada. Assim, este trabalho de conclusão de curso servirá de apoio para futuros pesquisadores indígenas, como referência na área de estudo científico.

Figura 11: Apyka – Centro do universo.
Fotografia: Myrian Lucia Candido. Data: 08/04/2010.



Figura 12: Mapa do Universo.
Fotografia: Myrian Lucia Candido. Data: 12/06/2010.



Com a fragmentação das etnias e a destribalização dos descendentes dos povos indígenas que foram massacrados, dominados, escravizados, e a introdução de uma nova Língua, há o risco de mudar o modo de pensar dos povos indígenas. Este é realmente o maior fenômeno dos últimos tempos nesta área do saber: A integração das culturas modernas e arcaicas. E o mais fantástico é que o conhecimento não está “se perdendo” e nem “virando outra coisa”, continua sendo o que sempre foi devido à imensa capacidade de adaptação, procurando sempre o conhecimento de nossos antepassados.

Esperamos que esta pesquisa possa trazer novos horizontes para todos, e transmitir essa riquíssima informação. Que tenhamos inspirações para mostrar aos alunos, professores e a comunidade da minha aldeia.

O resultado do nosso trabalho servirá futuramente como parte de um material didático a ser utilizado pelos professores da nossa escola e demais escolas indígenas.

Gostaríamos de ter o apoio de pesquisadores e antropólogos, para que possamos estar elaborando vários trabalhos de pesquisa com alunos, e produzindo livros didáticos para as escolas indígenas e não indígenas.

Esperamos que a rede pública de Ensino Estadual e Municipal tenha o conhecimento da existência dos povos indígenas, que valorize sua cultura, e que apoie a elaboração de material didático para aldeias indígenas em Língua nativa e para população em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, G.; SILVA, P. *O Céu dos índios de Dourados Mato Grosso do Sul*. 1 ed. Dourados, MS: UEMS, 2012.

CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta Textos míticos de los Mbyá-guaraní del Guairá*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim 227, Antropologia nº 5, São Paulo, 1959.

GAMBA, Carlos Martinez (org.). *Tatachina Tataendy – Nuevos textos míticos de los Mbyá*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 2003.

ROSA, Helena Alpini. *A trajetória histórica da escola na comunidade guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SEQUERA, Guillermo, DIEGUES, Douglas (Org.). *Kosmofonia Mbya Guarani*. São Paulo: Mendonça & Provazi Editores, 2006.

TELLES, Lucila Silva (Org.). *Maino'i rape – O caminho da sabedoria*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFPC: UERJ, 2009.

REFERÊNCIAS ORAIS/ENTREVISTAS

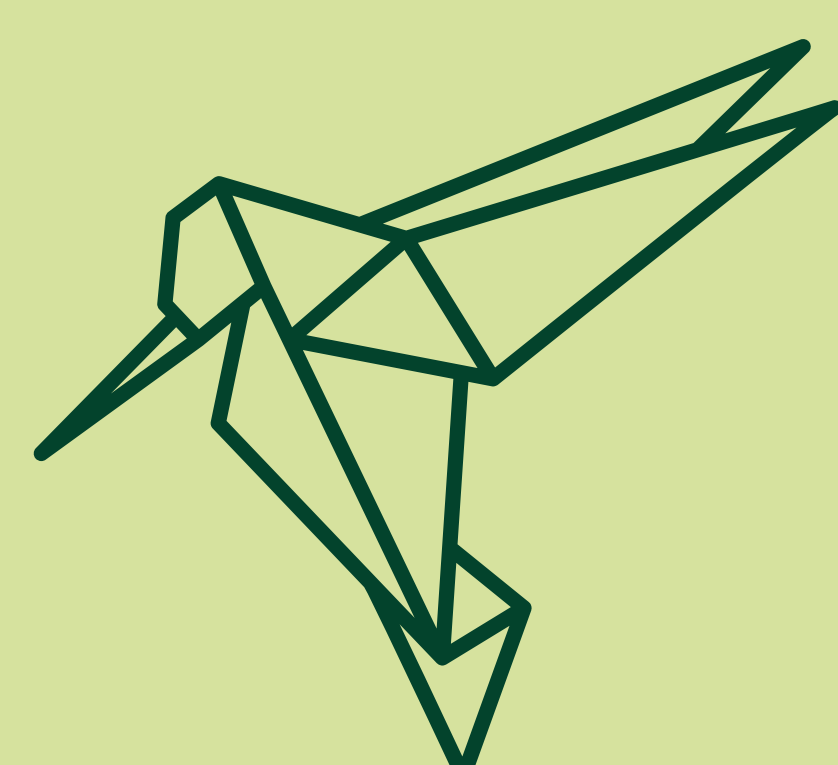
CAVALHEIRO, Rosa Mariani. Entrevista concedida a Wanderley Cardoso Moreira e Geraldo Moreira. Na Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, 03/06/2014. 93 anos.

GONÇALVES, Adelino Karai Whera. Entrevista concedida a Wanderley Cardoso Moreira e Geraldo Moreira. Na Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, 04/06/2014. 35 anos.

MOREIRA, Alcindo Whera. Entrevista concedida a Wanderley Cardoso Moreira e Geraldo Moreira. Na Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, 03/06/2014. 105 anos.

MOREIRA, Sonia. Entrevista concedida a Wanderley Cardoso Moreira e Geraldo Moreira. Na Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, 06/06/2014. 58 anos.

SILVA, Anderson da Silva Wherá. Entrevista concedida a Wanderley Cardoso Moreira e Geraldo Moreira. Na Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, 05/06/2014. 17 anos.



3



ETNOTERRITORIALIDADE E A HOMOLOGAÇÃO DA TERRA INDÍGENA MORRO DOS CAVALOS

por João Batista Gonçalves



RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como meta de reflexão a situação em que se encontra a Terra Indígena Morro dos Cavalos, município de Palhoça – Santa Catarina, com a demora da homologação, mesmo já tendo sido identificada no ano de 2002. A partir disso, se descrevem os valores culturais e a importância da Terra para os Guarani, a partir do ponto de vista da aldeia Itaty – Morro dos Cavalos. Pretende-se apresentar a importância da homologação dessa Terra demarcada para os Guarani, ao mesmo tempo mostrando que a vida Guarani não está apenas nas danças, pinturas, rituais, curas, mas também em conexão com a Terra.

PALAVRAS-CHAVE: Morro dos Cavalos; Terra Indígena Guarani; Homologação.

no decorrer da produção textual, a partir daquilo que se vive no contexto aldeão, das experiências profissionais na escola, bem como no Tempo Universidade.

Essa formação acadêmica possibilitou-me ter duas experiências em que transito, muitas vezes sem mesmo notar: a experiência no espaço acadêmico e a experiência reflexiva sobre a cultura na qual vivo ou sobre a realidade em que me encontro, havendo desafios no dia a dia como Guarani.

Creio que esse trabalho não aborda a temática em sua totalidade, muito menos esgota o assunto em tela, mas o que apresento aqui é uma leitura de uma ótica guarani, ao mesmo tempo em que se procura questionar a razão de tanta demora para a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos.

Vários são os fatores que impedem a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos, até mesmo o próprio modo de compreender a realidade da cultura indígena por parte de quem não é indígena. Isso se torna um obstáculo. Muitas pessoas que não são indígenas e que porventura seus ancestrais chegaram um dia nessas terras – hoje Estado de Santa Catarina, Brasil – interpretam de forma preconceituosa a presença indígena, justamente porque não conhecem os valores culturais indígenas em seus respectivos aspectos.

Diante desse contexto é que no Capítulo 1 procuro apresentar os valores culturais vivenciados e desenvolvidos na Aldeia Itaty, Morro dos Cavalos. Nada melhor do que começar descrevendo a história, pensando minha própria trajetória de vida na aldeia, as atividades na escola, as atividades na casa de reza, a relação das famílias com a escola e vice-versa. Enfim, aquilo que costuma estabelecer a vida na aldeia enquanto guarani.

Esse exercício proporciona o conhecimento do “ser indígena” sendo estabelecido no dia a dia na aldeia: o modo de pensar, compreender, viver, articular e dialogar. Ao mesmo tempo, possibilita que os próprios Guarani entendam melhor sua própria história e costumes culturais que precisam ser repensados no dia a dia, frente a muitos desafios, entre os quais a questão envolvendo a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos. Em outras palavras, o que se entende é que a aldeia tem que estar fortalecida com seus próprios valores culturais, justamente para ter mecanismos que sustentem o porquê da importância de uma demarcação de Terra Indígena.

Esse exercício é justamente para entender que o fortalecimento interno de uma cultura local obviamente vai trazer um bom reflexo para o diálogo com o sistema governamental. Mas só isso não basta para os indígenas, em certo momento é necessário ter formação para entender melhor a regência

da Lei Federal, especificamente a própria Constituição Federal de 1988, entre outras garantias. Por esta razão é que no Capítulo 2, mesmo que parcialmente, procura-se descrever o histórico envolvendo a demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos – as atividades realizadas pelos especialistas, as pessoas envolvidas nesse propósito.

Além disso, apresento também conflitos existentes, como os relacionados à própria mídia catarinense, enfim, as divergências que pairam no cotidiano, seja no contexto das mídias como das pessoas que moram dentro do perímetro da Terra Indígena e que não são indígenas. Procuro apresentar o motivo da demora da homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos.

Este exercício acadêmico que resulta como Trabalho de Conclusão de Curso pode não ter grande relevância, pela própria dificuldade que tive para desenvolvê-lo. Mas, me sinto satisfeito por ter conseguido apresentar o que penso, entendo, vivo e o que os meus parentes também acreditam que seja o caminho para alternativas que condicionem melhores oportunidades em nossa aldeia. Essas oportunidades são justamente o contato com a escola, com as universidades. Entendo que por esse motivo passamos a ser mais cobrados, temos responsabilidade para a continuidade da cultura local, que passa a ser parte do que aprendo na universidade em diálogo com a aldeia.

Dessa forma, nossos líderes na aldeia passam a ter outra visão em relação a nós que estudamos, fazemos cursos, somos professores. Estou confiante de que, de certo modo, meu trabalho vai contribuir para outros parentes meus poderem ter contato com o que produzi e a partir disso fortalecerem cada vez mais os nossos ideais no que envolve a cultura e o ser guarani. É importante para nós a vida da nossa cultura e a vida da nossa cultura se inspira pelos valores da tradição guarani, em conexão com a vida na natureza da Terra.

Vale ressaltar ainda que foi muito difícil produzir esse trabalho, primeiro porque não tenho domínio na escrita técnica, como exigem as normas acadêmicas; segundo porque o nosso sistema de transmissão de conhecimento sempre foi oral, mas agora começa a dar novos passos com a produção escrita – seja em língua guarani ou na língua portuguesa.

A princípio, não sabia por onde começar, como escrever, enfim, buscar dados que proporcionassem o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso. Creio que consegui alcançar meus objetivos acadêmicos a partir do Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Ao mesmo tempo, sinto que agora tenho mais mecanismos para continuar contribuindo na minha aldeia, bem como para fortalecer a discussão sobre a importância

de continuarmos lutando, para que em breve a nossa Terra Indígena Morro dos Cavalos seja finalmente homologada.

1. TERRA INDÍGENA MORRO DOS CAVALOS

Construindo os dados e as unidades pessoais

Sou João Batista Gonçalves, em língua guarani meu nome é Kuaray Mirĩ (filho de sabedoria: kuaa, saber; ra'y, filho). Nasci na Terra Indígena Ibirama/SC¹, em 1972. Meu pai se chama Roberto Gonçalves, tem mais de noventa anos. Minha mãe, Natalina da Silva, faleceu quando eu tinha dois anos de idade.

Somos sete irmãos, sendo cinco irmãos do primeiro casamento (dois homens e três mulheres) e dois irmãos do segundo casamento do meu pai. Hoje meus irmãos moram em diferentes lugares/aldeias. Depois do falecimento da minha mãe, eu e meu pai mudamos para o Rio Grande do Sul, onde ele trabalhou na lavoura de fazendeiros daquele

¹ Nome atual: Terra Indígena Ibirama Laklãnõ. Localização: Alto Vale do Itajaí/SC.

Estado e assim encontrou condições financeiras para nos sustentar.

Fui criado por várias tias e me lembro de um dia quando meu pai me disse que naquele dia eu estava fazendo sete anos de idade. Desde então ajudava meu pai no trabalho da lavoura, assim como aprendi a fazer artesanato com ele, através da observação.

Aos treze anos de idade eu já era independente, fazia artesanato e trabalhava na lavoura dos brancos. Foi assim que cresci e morei no Rio Grande do Sul até meus vinte e sete anos.

Em 2000, retornei para o Estado de Santa Catarina, precisamente para morar na Aldeia Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos. Mas antes de vir morar em definitivo tinha vindo conhecer pessoalmente essa Terra Indígena, fato que me fez gostar do lugar e projetar novos planos de vida, assim como passei também a estudar na escola da aldeia. Meu interesse pelos estudos passou a fazer parte dos meus planos profissionais.

Isso mostra que meu acesso escolar foi tardio, inclusive somente no ano de 2000 comecei a estudar pela primeira vez na Escola Indígena de Ensino Fundamental Itaty da aldeia, me matriculando no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA). O ensino escolar era na língua portuguesa,

envolvendo leitura e escrita, até então nunca tive aula na Língua Guarani, mesmo assim, aprendi a ler e escrever sozinho nessa língua.

Sou falante da língua guarani e o desafio era como escrever tecnicamente, aliás, procurei ilustrar o que falava conforme a nossa verbalização linguística, sem muito me preocupar como se deve escrever com normas técnicas. Essa preocupação é mais da responsabilidade dos linguistas e pesquisadores, visando o sentido especializado e científico. Nós Guarani, pelo contrário, não temos essa preocupação com a observação técnica sobre aquilo que nós falamos. Entendemos que preservando a nossa língua, estamos imortalizando uma língua tradicional, de nosso povo, que traz um caráter específico, enfim, a concretização de uma cultura chamada Guarani.

Esse esforço foi muito importante, pois, ao mesmo tempo em que aprendia a ler e escrever em língua portuguesa, me preocupava também em aprender a escrever em língua guarani. Enquanto aluno escrevendo em língua portuguesa sentia muitos obstáculos, as ideias não vinham, parecia que a produção do meu texto não fluía. Em contrapartida, enquanto Guarani, ou melhor, escrevendo como Guarani e em língua guarani sentia-me mais à vontade. E minha vontade de estudar era maior, fato que me possibilitou prosseguir nos estudos completando o Ensino Fundamental e o ingresso no

Ensino Médio – Magistério². Tratava-se de um curso de Magistério específico para a Formação de Professores Bilíngues Guarani, assim nomeado Kua'á-Mbo'e: Conhecer e Ensinar.

Depois de três anos de estudos no Centro de Educação de Jovens e Adultos comecei a trabalhar em sala de aula. Atuei como intérprete da língua guarani junto ao professor não indígena que lá trabalhava. Minha presença na sala de aula era uma necessidade porque as crianças não entendiam a língua portuguesa. Por este motivo os pais dos alunos se preocuparam com o aprendizado dos filhos na escola. Na verdade, os pais tinham razão porque, ao mesmo tempo em que se preserva uma cultura tradicional, é importante que os alunos guarani tenham acesso ao Ensino Regular, para assim poderem pensar melhor sua própria cultura. E, portanto, como eu já tinha concluído a 8ª série, fui designado pela comunidade para acompanhar o professor não indígena em sala de aula.

2 O curso de Magistério foi criado para formar professores indígenas para lecionar da primeira à quarta séries do ensino fundamental e em 2004 foi firmado o Protocolo Guarani. O início do curso aconteceu em Santa Catarina e foi concluído no Espírito Santo, com alunos Guarani das regiões Sul e Sudeste. O curso foi assegurado pelas Secretarias de Estado da Educação dos estados que integraram o protocolo. O curso aconteceu até 2008 e foi realizado em parceria com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e com o povo Guarani-Mbya. *Fonte: <http://portal.mec.gov.br> (acessado em 27/02/15).*

Essa superação frente a vários desafios e o interesse pelos estudos proporcionou-me justamente conseguir uma vaga para cursar o Magistério, com inscrições abertas no final de 2003. Na ocasião eu estava acompanhando os trabalhos escolares na comunidade, mas tive o aval das lideranças locais para participar do curso e assim fui indicado para fazer a inscrição e conseqüentemente cursar o Magistério Guarani. Com muita dificuldade consegui concluir o curso, assim como pude qualificar a minha formação para melhor atuar na minha aldeia. Mesmo assim sentia que precisava continuar com a formação, aliás, é preciso estarmos sempre em formação contínua, em formação acadêmica, assim como atuando em sala de aula ou em atividades em nossas comunidades de base.

No final de 2010 iniciou-se um novo desafio, quando participei do vestibular para cursar a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, na Universidade Federal de Santa Catarina. Com uma boa classificação, passei então a fazer parte do grupo de Kaingang, Xokleng e Guarani – alunos indígenas que iniciaram o curso no ano de 2011.

Desde então passei a ter nova experiência profissional, a de ser professor bilíngue em minha comunidade e acadêmico da Licenciatura Indígena na Universidade Federal de Santa Catarina. A questão é que cada dia somos envolvidos em novos desafios e precisamos estar a par disso para melhor

atuar em nossas comunidades, como professores e lideranças indígenas.

Aldeia Itaty, Morro dos Cavalos

A aldeia Itaty, em Morro dos Cavalos, está localizada no município de Palhoça, centro Sul do Estado de Santa Catarina, situada na margem esquerda da BR-101, no Km 233. Tem uma população de aproximadamente 100 pessoas, 32 famílias.

A extensão de área da Terra Indígena Morro dos Cavalos soma 1.988 hectares, tendo como limites: norte, Rio do Brito; sul, Rio Massiambu; leste, uma parte chega à praia em Araçatuba; e oeste, o Rio Massiambu Pequeno e encosta no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

No que se refere a impactos ambientais no Morro dos Cavalos existe a ausência de captação da água e a rodovia BR-101, que corta a Terra Indígena. A captação da água fica do outro lado da aldeia e assim, o problema não é a falta de água e sim a presença dos não indígenas – os “brancos” – colocando obstáculos. Exemplo disso está no constante corte de canos de água que abastecem as casas da aldeia.

Figura 2: Aldeia Itaty e Escola Itaty – Morro dos Cavalos.
Fotografia: João Batista Gonçalves.



O abastecimento da água na aldeia se torna problemático, na medida em que a proximidade dos não indígenas é constante nessa área indígena. Os não indígenas, nesse caso, encontram meios para criar implicância com os índios Guarani que vivem no Morro dos Cavalos.

O barulho gerado pelos carros que trafegam na rodovia dia e noite também é um impacto, pois não se têm silêncio necessário na área. Esse incômodo acaba afetando as atividades escolares, pois os professores e alunos dividem as atividades em sala de aula com os barulhos dos carros na rodovia, já que a Escola Itaty fica em sua margem, como mostra a Figura 2.

Por outro lado, as pessoas que trafegam com seus veículos na rodovia – principalmente aqueles ligados a grandes

Figura 3: Fogo sagrado na casa de reza.
Fotografia: João Batista Gonçalves.



empresas – criam uma conspiração contra os indígenas, classificando-os como um “obstáculo para o desenvolvimento econômico na região”.

É em meio a essa situação que nós, índios Guarani, continuamos construindo a nossa vida e nossa cultura local. O lugar não é plano. As casas também não estão em um único lugar. Como a área não é plana, as famílias construíram suas casas em lugares íngremes.

No tempo de verão o lugar é mais agradável, os caminhos que dão acesso de uma casa para outra são limpos, assim como o interior das casas também é bem conservado, mesmo quando as famílias não possuem condições

financeiras suficientes para construir uma casa com estruturas melhores.

O problema é no tempo do inverno. Pelo fato da aldeia não ter boa infraestrutura, acaba sofrendo com as consequências causadas pela chuva, quando os caminhos que dão acesso a outras casas ficam comprometidos. Não é o caso de acontecerem erosões ou desabamentos, mas são dominados pela lama, pelo fato dos caminhos serem de argila. Assim, ao passo que caminhamos na aldeia, as solas dos calçados acumulam barro. Além disso, a casa de reza acaba sendo de difícil acesso.

Ainda no período de inverno as necessidades das pessoas na aldeia são grandes, uma vez que faltam agasalhos para muitas famílias. Mesmo assim, cada família estabelece uma estratégia para viver, principalmente para se aquecer no frio. O fogo passa a ser de suma importância, tanto para o aquecimento durante o período da friagem, assim como no dia a dia da comunidade.

Geralmente, nas aldeias guarani o fogo tem um significado muito importante, simboliza a união, persistência, perseverança, enfim, o sentido da preservação e aquecimento dos valores culturais Guarani, com sua história e tradição.

Figura 4: Vista parcial da Escola Itaty – Morro dos Cavalos.
Fotografia: João Batista Gonçalves.



A Aldeia Itaty, Morro dos Cavalos, continua existindo mesmo com opiniões contrárias (institucionais ou pessoais) a esse povo – de cultura e história milenar, pois seus membros se fortalecem a cada dia. São desafios que não são de agora, pelo contrário, isso vem acontecendo há muitos anos. Uma situação de incompreensão por parte de alguns não indígenas com os valores da cultura Guarani.

Contudo, os valores culturais Guarani envolvem muitas coisas, dentre os quais o próprio lazer dos homens, das mulheres, dos jovens e das crianças. Quando os homens fazem algum planejamento, todos participam nas atividades quando

é possível, nos mutirões da comunidade. Mas tem atividades individuais também, que são artesanatos ou trabalhos fora da aldeia.

As mulheres têm uma associação chamada Kunhangue Rembiapo (trabalho das mulheres). É um trabalho coletivo, quando surge um projeto para elas. Tem reuniões só para mulheres, então elas se unem para executar alguns tipos de trabalhos como cestaria, colares, brincos. As mulheres também saem da aldeia para vender artesanatos e as crianças acompanham as mães às cidades de Florianópolis e Balneário Camboriú.

Enquanto isso, os jovens participam de todas as atividades, além de adquirirem o conhecimento das tecnologias que estão avançando na comunidade. Não deixam de praticar a língua falada, a dança tradicional, participam na casa de reza, além do esporte. As crianças gostam de participar de todas as atividades não por obrigação e sim por vontade própria.

Os espaços onde as crianças brincam são as casas e o pátio da escola. Se comunicam na língua indígena no dia a dia. A escrita é usada somente na sala de aula. Essa é a vida sendo constituída diariamente pelos Guarani.

Ações culturais na Escola Itaty – Morro dos Cavalos

Tendo apresentado a aldeia Itaty anteriormente, passo agora a falar das atividades desenvolvidas na Escola Indígena de Ensino Fundamental Itaty que, numa tradução livre, significa monte de pedras ou lugar onde há bastante pedras.

Essa escola está dentro da aldeia, portanto, situada a 50 metros da rodovia BR-101. Foi inaugurada no dia 2 de outubro de 2002. Possui três salas de aula, dois banheiros, cozinha, sala de informática. A biblioteca fica numa sala de aula. Na verdade não se trata de uma biblioteca de grande porte, mas um lugar onde os professores, juntamente com a direção e a comunidade, guardam alguns materiais didáticos para que os alunos tenham acesso.

As aulas funcionam em três turnos, isto é, matutino, vespertino e noturno. Pela manhã estudam alunos que estão no 4º e 5º anos do ensino fundamental, juntos numa sala; do 6º ao 9º anos na outra sala. No período vespertino entram em atividade os alunos do 1º ano numa sala separada e alunos do 2º e 3º anos juntos. No início do ano de 2014, por exemplo, as atividades escolares começaram com quarenta e cinco alunos e terminaram com aproximadamente trinta alunos, por motivo de desistências e por deslocamentos de aldeia.

Com exceção da diretora que não é indígena, os demais professores todos são Guarani, num total de seis professores. Todos tiveram uma formação para assumir essa função na aldeia e continuam obtendo uma formação qualificada em várias oportunidades que surgem ou são disponibilizadas pelas instituições governamentais. Existem também articulações feitas pelas lideranças locais, convênios com a FUNAI e Secretarias de Educação (Municipal e Estadual).

No período noturno se desenvolvem atividades com duas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com as séries finais do Ensino Fundamental e com as séries iniciais do Ensino Médio. Em geral são atividades escolares desenvolvidas dentro da aldeia ou que procuram dialogar com a vida cultural da aldeia.

O método de ensino que se adota na escola é em consonância com as atividades culturais desenvolvidos na aldeia. Os alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental, 1º ao 3º anos, são alfabetizados em língua guarani, ao passo que a partir do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental as aulas são em língua portuguesa.

As atividades da escola e as atividades culturais do cotidiano da aldeia têm funcionado bem, satisfazendo tanto a parte dos professores e direção, bem como a comunidade em geral. Durante a semana, as atividades da comunidade estão

conectadas às atividades da escola, logo as crianças seguem a programação estabelecida para a sala de aula e também com as famílias.

Nesses termos, as crianças, adolescentes, jovens e adultos participam das atividades escolares em turnos específicos e de acordo com sua idade, tempo e espaço.

Embora a escola estabeleça as atividades em turnos, muitas crianças não seguem especificamente o turno em que estão matriculadas. Assim, por exemplo, os irmãos menores geralmente acompanham os irmãos maiores na escola pela manhã e vice-versa, mesmo que não estejam matriculados. Simplesmente participam das atividades, dentre as quais o lanche. Portanto, aqueles que estudam à tarde seguem com seus irmãos que estudam na parte da manhã, assim como os que estudam pela manhã seguem para a escola na parte da tarde. Trata-se de acesso livre em ambiente escolar, precisamente como extensão de uma atividade educacional da aldeia para a escola.

Em outros momentos, quando não estão em sala de aula – as crianças costumam acompanhar as mães quando estas vão vender artesanatos na cidade, nesse caso, não vão à escola. Outras vezes, os irmãos maiores cuidam dos irmãos menores nas casas dos seus familiares na ausência dos pais.

A produção de artesanato é um meio de comercialização com os não indígenas. Mesmo que não tenha um valor alto, a venda possibilita a aquisição de produtos industrializados para o consumo das famílias na aldeia. Assim, costumam adquirir alimentos e roupas com o recurso que vem da venda do artesanato.

A língua guarani é falada diariamente pelas famílias, assim como na escola. Desta forma, a comunidade encontrou um meio para continuar preservando a língua materna.

Além disso, toda atividade escolar procura trabalhar de acordo com as questões culturais guarani, envolvendo nomes de animais, lugares e histórias. Ao mesmo tempo ensina a escrever, ler em língua portuguesa, pensando justamente no aluno que precisa ter uma formação, tanto do ponto de vista de valores culturais, assim como para sua própria convivência com o contexto não indígena.

Ações culturais na casa de reza – *Opy*

Outro espaço importante é a Casa de Reza (*Opy*) que se destaca na aldeia pela representação cultural e simbologia guarani, em especial o fogo no seu centro. Para os alunos, as atividades desenvolvidas na Casa de Reza fazem parte da vida, na medida em que os mesmos participam em todos

os encontros dessa natureza, com rituais, danças e cerimônias. Além disso, como se nota na [Figura 6](#), os alunos costumam participar do encontro na Casa de Reza junto com os professores de arte. Assim realizam danças, cantos em guarani, além de desenvolverem confecções de artesanatos e armadilhas.

Na prática, na aldeia Itaty não tem um rezador responsável para dirigir as cerimônias. Sendo assim, quando articulado pela comunidade, é chamado ou convidado um rezador de outra aldeia guarani para fazer cerimônia, batismo e cura.

A casa de reza representa a cultura guarani. A maioria das aldeias tem essa casa, mas poucos são rezadores que fazem curas. Sempre que é possível a comunidade organiza um evento maior com convidados de outras aldeias, mas no dia a dia, a própria comunidade organiza para as pessoas que moram naquela localidade. Portanto, é uma atividade realizada de forma restrita para a comunidade e em outros momentos é uma atividade aberta para outras comunidades, inclusive aberta também para as pessoas que não são indígenas. Nesse caso, é estabelecida uma taxa simbólica, só para os que não são indígenas, para ajudar nos custos da organização de cada cerimônia. Quando o valor das taxas é significativo, passa a ser compartilhado na comunidade, através de alimentos e outros benefícios.

Figura 5: Casa de reza (*opy*) da aldeia Itaty.
Fotografia: João Batista Gonçalves.



Figura 6: Professores e alunos na casa de reza.
Fotografia: João Batista Gonçalves.



Geralmente, quando o evento na Casa de Reza é de grande número, envolve o consumo de Ayahuasca (bebida medicinal), especificamente nas aldeias M'Biguaçu e Morro dos Cavalos. Destacamos as duas aldeias porque são as duas comunidades que mais organizam esse tipo de rituais envolvendo o consumo de ayahuasca. Outras aldeias não praticam desta forma ou as atividades na casa de reza se concentram sem o uso da bebida. Por este motivo existem certas críticas por parte das comunidades que não estabeleceram esse costume em relação às comunidades que adotaram esse ritual na casa de reza com o consumo de ayahuasca. Mas, na compreensão do senhor Alcindo, da aldeia M'Biguaçu, "antigamente alguns Guarani já tinham utilizado essa bebida ayahuasca, com o tempo foi esquecido um pouco, agora voltou a ser utilizado".

Ainda do ponto de vista das atividades na casa de reza, geralmente se articula para estender o convite tanto na comunidade, assim como para outras comunidades. Dentro da comunidade a participação é livre, depende de cada pessoa, não é uma obrigação. Costuma-se organizar na casa de reza atividades que envolvem canto, assim como são verbalizadas as palavras religiosas da cultura guarani. No que se refere às palavras religiosas entende-se que são sagradas, portanto, são poucas pessoas que entendem sobre isso, pois essas palavras sagradas não são usadas no dia a dia, muito menos na escola, nem nas famílias. Essas palavras

são utilizadas especificamente na casa de reza e no momento da oração.

Os dirigentes dessa atividade são conhecidos como *karaí* (pajé/*opygua*). A atividade, mesmo não sendo obrigatória, é aberta para toda a comunidade. Envolve a participação dos pais, mães, filhos, crianças, jovens. Ultimamente começou a ser pensada para a participação de pessoas não indígenas nas comunidades, especificamente nas aldeias M'Biguaçu e Morro dos Cavalos.

Os brancos geralmente comparecem quando é organizada uma atividade com a bebida ayahuasca e quando é aberto para pessoas de fora. Mas certos momentos não são abertos, nesse caso, os não indígenas não participam.

A atividade na casa de reza tem uma finalidade muito particular da cultura guarani, ou seja, é o momento que proporciona a busca de proteção para toda a comunidade. É uma busca de fortalecimento espiritual, assim como equilíbrio emocional.

Os mais velhos sempre falam que a casa de reza é um símbolo importante para uma aldeia guarani, portanto, torna-se uma obrigação uma aldeia ter essa casa, pois sem ela não tem fortalecimento da comunidade em geral. Essa é a compreensão dos mais velhos, uma compreensão que para os mais jovens vai ficando como exemplo. Os mais velhos têm

a responsabilidade de repassar essas informações e conhecimentos sobre os valores da casa de reza.

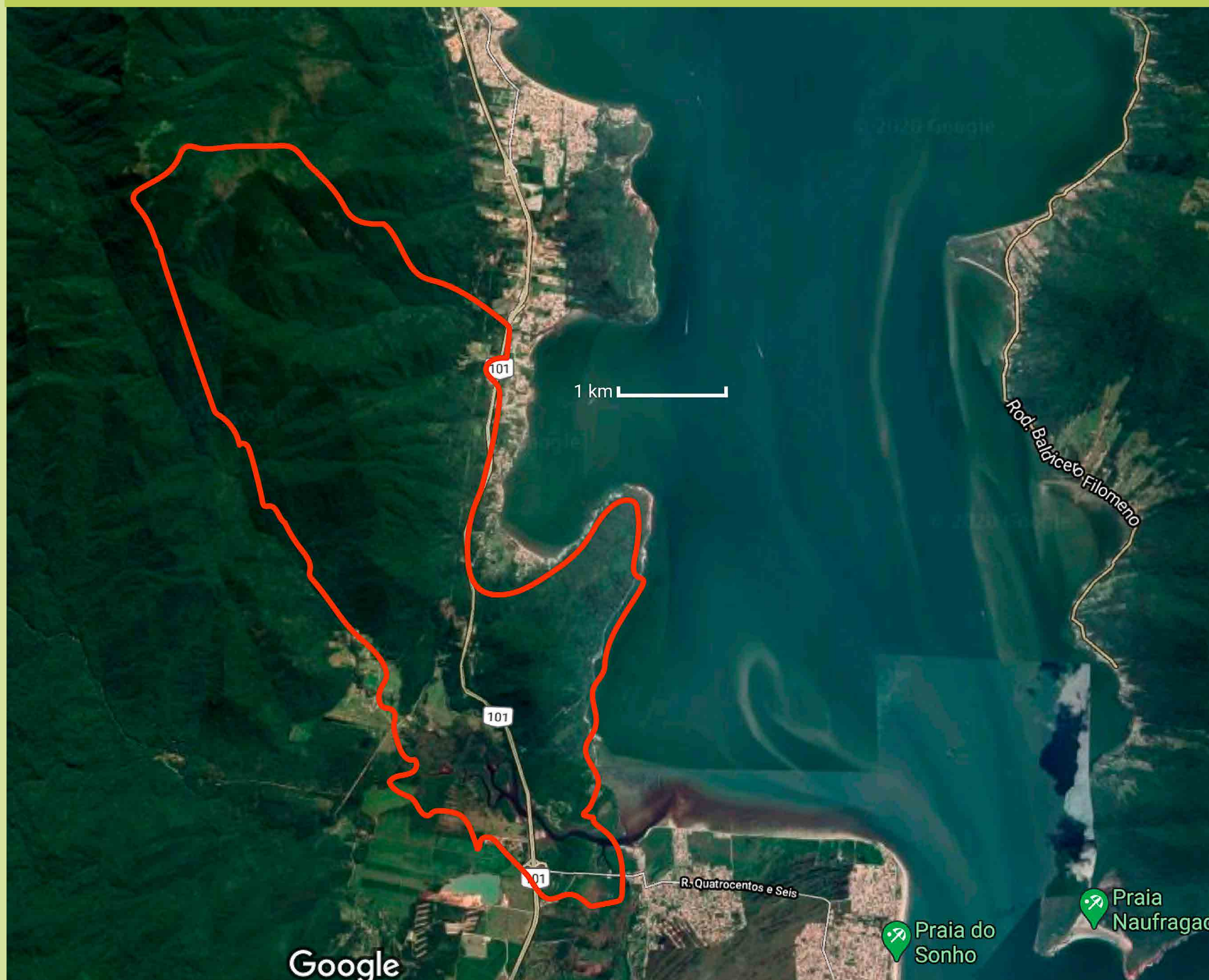
Hoje existem também conflitos e críticas. Uma das questões que levam a essas críticas é justamente a falta de conhecimento e compreensão referente aos valores e sentidos específicos por parte de quem critica. Mas essas críticas não abalam os valores culturais guarani que são mais importantes em tudo que se vive, seja isso na escola, na aldeia, assim como na casa de reza.

2. IMPASSES PARA A HOMOLOGAÇÃO DA TERRA INDÍGENA MORRO DOS CAVALOS

Alguns dados da identificação da Terra Indígena Morro dos Cavalos

Quando verificamos na [Figura 7](#) a linha destacada que corresponde à área demarcada a partir dos laudos antropológicos, percebe-se que não se trata de uma grande Terra Indígena. Aliás, o que mais incomoda é que fomos um dia os donos dessas terras e agora lutamos para viver e ter espaços nela. É como se alguém tivesse invadido a sua casa

Figura 7: Terra Indígena Morro dos Cavalos. *Fonte: Google Earth.*



e você lutar para morar na casa de sua propriedade, que tem sua história, que você construiu com suor e trabalho, e que outro simplesmente se apossa e ainda exige que você justifique para dizer que aquela casa é sua. Enfim, é o sistema do Estado, que muitas vezes não compreende os valores das Terras Indígenas.

Em se tratando de dados que levaram à demarcação de terra, entende-se que não foi uma atividade simples, pois foi

preciso que houvesse uma concentração acerca disso tudo, a ponto de ter se constituído por décadas de lutas. Além disso, entre muitos interesses em jogo, as respostas alcançam aspectos administrativos, legislativos, judiciais, econômicos. No que envolve as questões administrativas, a FUNAI continua fazendo a sua parte, uma vez que o processo demarcatório – além das iniciativas e participação das comunidades indígenas interessadas – é de responsabilidade do órgão indigenista, ligado ao Ministério da Justiça.

Em um primeiro momento houve o trabalho desenvolvido por um grupo técnico, criado no ano de 1993, sob a coordenação de Wagner de Oliveira. Nesse trabalho foi apontada a área de 121,8 hectares, sendo que esse resultado não foi aceito pela comunidade. Devido a não aceitação do relatório pela comunidade, precisamente no ano de 2001 a FUNAI criou novo grupo técnico, coordenado por Maria Inês Ladeira, que apontou em seu trabalho conclusivo a dimensão de 1.988 hectares.

No ano de 2002 esse Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação foi aprovado pela FUNAI, que publicou o resumo no Diário Oficial da União, mas foi somente no ano de 2008 que o então Ministro da Justiça assinou a Portaria Declaratória da Terra Indígena.

Os desafios que se assolam como passos seguintes são: demarcação física (já realizada), a desintrusão de não indígenas (em efetivação), a homologação pela Presidência da República, o registro na Secretaria de Patrimônio da União e no cartório do Município de Palhoça.

A demarcação física já foi feita, mas conforme os relatos da FUNAI, alguns marcos físicos foram removidos dos locais demarcados como, por exemplo, no Massiambu Pequeno, próximo à comunidade. A retirada e a desintrusão das pessoas que não são indígenas também está em processo, com indenizações das benfeitorias para algumas pessoas. Mesmo assim, as pessoas ou maioria delas não quer ser indenizada, porque não aceita a demarcação.

De fato, precisamente essas negações por parte das pessoas que recebem as propostas de indenizações para saírem da Terra Indígena é que são alguns dos obstáculos iniciais. Outro fator é a duplicação da rodovia BR 101 – trecho sul. Nesse caso entram ou surgem muitas contradições sobre os Guarani, que são acusados como os que estivessem impedindo a duplicação ou que não queriam colaborar com a estrada e a economia.

Diante desses desafios surgiram outras propostas, entre elas, os túneis, e ultimamente, a quarta pista, que agora ficou pronta para uso.

Elementos que dificultam a homologação

No ano 2000, Maria Dorothea Post Darella, Ivori Garlet e Valéria de Assis realizaram um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) da duplicação da BR 101, trecho sul, e apontaram muitas informações importantes sobre a história de ocupação do Morro dos Cavalos.

Ainda assim, dentre os obstáculos que dificultam o processo, estão as acusações de moradores de Enseada do Brito, localizada nas proximidades, de que os Guarani limitarão ou cortarão o uso da água para aquela comunidade. Também foram erroneamente veiculadas informações de que viriam para Morro dos Cavalos de 5.000 a 15.000 indígenas do Paraguai e da Argentina – o que alegavam ser motivo de grande preocupação para a redondeza. Com a produção significativa de mariscos na região, os produtores locais acabam se preocupando com a possibilidade da demarcação da Terra Indígena prejudicar essa economia regional.

Além desses elementos, existem processos judiciais que tramitam, inclusive um na Justiça Federal de Florianópolis, e que pedem a anulação do processo demarcatório. Esses processos são de pessoas contrárias à demarcação e que vivem ou são ligadas à Enseada do Brito, um bairro de

Palhoça que fica próximo à aldeia Morro dos Cavalos. Entendem que o processo demarcatório é ilegítimo, sem qualquer validade e se dizem prejudicadas com a demarcação.

No que se tem conhecimento, existem, portanto, duas ações que estão no Supremo Tribunal Federal (STF), a saber: uma da Procuradoria Geral do Estado de Santa Catarina e outra de pessoas contrárias à demarcação. Também é necessário lembrar da própria existência do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e os interesses envolvidos, bem como a posição contrária da Fundação do Meio Ambiente (Fatma) à criação da Terra Indígena.

Por outro lado, em dezembro de 2013 e março de 2014, o Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, veio a Florianópolis na tentativa de avançar no entendimento e nas negociações da duplicação e da demarcação. Segundo as informações da cacique de Morro dos Cavalos, Eunice Kexu, o principal impasse que impede a homologação da Terra Indígena é a Ação Civil Originária (ACO) nº 2323, de janeiro/ 2014, que tramita no STF³. Diante disso, desde o início ou, mais precisamente, a partir do momento em que foi reconhecida como Terra Indígena sem ainda ser homologada, os moradores próximos se manifestaram contra a

3 <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/documentos/133265527/acao-civel-originaria-n-2323-do-stf> (acessado em 29/01/2015).

homologação e fizeram documento para impedir a finalização do processo de demarcação.

Os próprios Guarani que vivem na aldeia Morro dos Cavalos, assim como de outras áreas passaram a ter conhecimento, através das lideranças locais, sobre a existência de vários processos que dificultam a homologação e passaram a entender que envolvem processos políticos, judiciais, além de preconceito e racismo.

Do ponto de vista de aspectos judiciais existem dois no Supremo Tribunal Federal, um deles a ACO 2323, já sinalizada acima, distribuída para o ministro Teori Zavascki, de autoria do procurador do Estado de SC, que entrou com o pedido de anulação da Portaria Declaratória 771, do dia 18 de abril de 2008⁴. Nesse processo, o Estado questiona a originalidade dos Guarani da Terra Indígena Morro dos Cavalos, também usando como argumento o marco temporal, dizendo que não existia Guarani aqui.

A questão é que a tese do marco temporal tem como base a necessidade de comprovação de ocupação indígena em 05 de outubro de 1988, quando aprovada a Constituição

⁴ <http://campanhaguarani.org/morrodoscavalos/wp-content/uploads/2014/03/Cronologia-TI-Morro-dos-Cavalos-27-03-14.pdf> (acessado em 29/01/2015).

Federal. O Estado de Santa Catarina nega a presença de indígenas Guarani em Morro dos Cavalos naquela época, querendo invalidar o processo de demarcação. Esta ideia traz preocupações aos indígenas, pois estão sendo questionadas todas as demarcações de Terra no Brasil.

Outro processo é um mandado de segurança feito por moradores da Enseada de Brito, com pedido para negar a homologação da terra, encaminhado para o Supremo Tribunal Federal, sendo o relator o Ministro Dias Toffoli. Buscaram inspiração nos mesmos argumentos do governo do Estado de Santa Catarina.

Diante disso, as lideranças locais estão confiantes nos processos que tramitam junto ao STF, como afirma a cacique Eunice Kerexu⁵:

Lei é lei e eu sou uma pessoa confiante, penso que quem está lá em cima tem que cumpri-la e nós devemos estar atentos para mostrar para eles que conhecemos a lei e exigir nossos direitos. Eu conversei com o ministro Toffoli e conheci o Zavascki, eles já me conhecem.

5 Eunice Antunes Kerexu. Cacique da Terra Indígena Morro dos Cavalos, aluna do Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina. A entrevista foi concedida no dia 26 de dezembro de 2014, na aldeia Itaty, Morro dos Cavalos.

A questão é que tudo isso envolve processos políticos, os prefeitos, governador, deputados, bem como os empreendedores que, em geral, estão por trás dessas ações que conflitam ou que impedem a homologação em efetivo.

Falam da Terra Indígena, criticam ou apresentam argumentos em vista de interesses particulares, “o prefeito de Palhoça nunca apareceu aqui na aldeia, mas fala dos índios a mesma história de sempre e ao mesmo tempo culpa os indígenas pelos seus próprios interesses” (Cacique Eunice Kerexu).

A resistência por parte dos não indígenas para a homologação da terra indígena é tanta que causa perplexidade. Como é o caso do prefeito da Palhoça, Nirdo Artur Luz (Pitanta), que ocupou o cargo interinamente em 2013 e se posicionou da seguinte forma:

(...) teve a maior cara de pau pra falar ao Ministro da Justiça dizendo que nós iríamos cortar a água deles. Esse tipo de justificativa não tem cabimento, afinal, eles que cortaram nossa água e, além disso, ele nunca fez um trabalho de saneamento básico em Enseada do Brito, a não ser campanha. Os esgotos de lá estão a céu aberto, correndo tudo para o mar onde existe a criação de marisco, é a maior nojeira, só estou falando isso para você ter uma noção do absurdo desses políticos (Cacique Eunice Kerexu, 26 de dezembro de 2014, aldeia Morro dos Cavalos).

Como se nota, existe uma série de situações que impedem ou dificultam a homologação da Terra Indígena. Existem muitos interesses particulares por trás de algumas autoridades, dos políticos, enfim, envolvendo ainda questões financeiras, que acabam embargando muitas coisas. Assim, as pessoas que são contra a homologação da Terra Indígena são proprietários de diversos tipos de empreendimentos, empresários de outros ramos de negócios.

Mídia e Terra Indígena Morro dos Cavalos

Afirmamos anteriormente que existe uma série de situações que impedem a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos. Uma delas é a mídia. Não é de hoje que os indígenas são “bombardeados” com séries de acusações sem fundamentos e que trazem informações sem no mínimo terem ouvido os indígenas.

Algumas vezes já estiveram na aldeia alguns jornalistas para fazer entrevistas com os moradores e lideranças locais, mas que na maioria das vezes publicam informações distorcidas, ou seja, não publicam realmente o que as pessoas falaram durante as entrevistas. Assim, com as informações inconsistentes que saem da mídia (como o Diário Catarinense, por

exemplo), indígenas acabam sendo “culpados” pelos empresários, políticos e os outros envolvidos em seus próprios interesses.

Surgem, então, processos que, na verdade, se fundamentam em questões preconceituosas e racistas. Em outras palavras, temos uma sociedade que finge acreditar nessas histórias, porque existem mídias que veiculam informações distorcidas sobre a realidade indígena em seu contexto interno.

Na verdade, a mídia em si é um veículo de comunicação que leva informações para a população. Mas quando existem interesses por parte de alguns políticos que estão por trás das câmeras (e que pagam ou compram os jornalistas de televisão e jornais) já se perde o valor e significado da mídia. Ou seja, já perdem a ética de profissão e são manipulados e manipulam verdades.

A sociedade que desconhece a nossa realidade acaba acreditando em tudo o que a mídia veicula, o resultado disso são os preconceitos contra os indígenas. E se existem essas questões preconceituosas, obviamente acabam criando obstáculos para a homologação da Terra Indígena.

É importante salientar que as lideranças locais da Terra Indígena, além de instituições parceiras como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e CIMI (Conselho Indigenista Missionário), lutam pela homologação amparados pela lei, portanto, não

existe uma invenção da história acerca disso tudo. Existem documentos que comprovam essa garantia e isso é do conhecimento dos Ministros. Falta boa vontade da Presidente da República, Dilma Rousseff, para assinar a homologação, uma vez que a mesma tem esse conhecimento.

As Terras para os Guarani não são uma questão de ambição para fins lucrativos como pensam os ruralistas, mas sim a vida da natureza, que proporciona espaço, tempo e vida diária na aldeia. Em geral, a demora pela homologação da Terra Indígena cria uma incerteza da vida cultural nas aldeias guarani, que se tornam vítimas. Essa incerteza afeta desde os mais velhos, que resistem em manter a cultura, língua e crença; os jovens e adultos, que são novos articuladores da tradição cultural Guarani; as nossas crianças, que estão nas aldeias hoje, e outras que vão nascendo.

É difícil hoje na Terra Indígena, dá um “aperto no coração” ver que existem pessoas com mais de 100 anos, que tiveram seus filhos aqui no Morro dos Cavalos, que sempre tiveram a esperança de que tudo iria melhorar, que um dia teriam condições para plantar sem mais serem incomodados pelos brancos, na certeza de que estas Terras sempre foram dos Guarani (ou de outros povos indígenas da região).

De todo modo, é muito triste ver também que os mais velhos da aldeia veem hoje seus filhos e netos, nascidos na aldeia,

hoje lideranças, e que continuam lutando. Na luta pelos mesmos objetivos que os pais tiveram há muito tempo, a fim de condicionar uma vida melhor na aldeia. Diante desses fatores, a cacique Eunice Kerexu tem a seguinte ideia:

Eu às vezes choro por que nossos velhos já estão indo embora sem ter este sossego, as lideranças não vivem suas vidas porque estão sempre lutando. Mas ao mesmo tempo tenho um grande orgulho porque quando vejo hoje alguém falando sobre a população indígena no Brasil, dizendo que o maior povo é o Guarani e que somos considerados o povo mais tradicional pela língua e pela crença. O fato é que só quem é indígena para saber destes sentimentos de tristeza e orgulho, pois não conseguimos viver de maneira livre, somos torturados psicologicamente todo tempo, com ameaças, calúnias; e temos que estar também todo tempo contando quem somos e de onde somos. Sendo que esta pergunta é nossa, devemos começar a questionar tudo isso e também perguntar, quem são vocês, de onde vieram, em que ano chegaram aqui? Agradeço por ter vindo me entrevistar, espero que tenha ajudado no seu trabalho e que o mesmo sirva de material de luta, pois é assim que o branco luta, com papel e com a escrita. *Ha'évete!* (Eunice Antunes, Morro dos Cavalos, 26 de dezembro de 2014).

Os fatos descritos acima não podem ser vistos com pessimismo, de certo modo já temos encaminhamentos que vão se concluindo, dentre as quais o reconhecimento, a declaração e a desintrusão da Terra (Resolução nº 229, de 07 de dezembro de 2012, DOU 12/12/12, seção 1, pg, 28). Além disso,

a presidência da FUNAI pediu a constituição de comissão para pagamento de benfeitorias aos moradores de boa-fé. Em julho de 2014 alguns moradores que não são indígenas, mas que moram dentro da Terra Indígena, receberam as indenizações, possibilitando a reocupação Guarani de parte das terras.

Desta forma, segue-se confiante para que a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos se efetive neste ano de 2015. Mas, para que isso se concretize é necessário continuar pressionando os governantes, os empreendedores, os políticos, enfim, “soltar nosso grito de guerra”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da vida e da cultura local em desenvolvimento, entende-se que é de suma importância realizar um trabalho que possa nortear a compreensão mais adequada sobre manutenção e preservação de uma Terra Indígena. Os desafios, geralmente, surgem de vários níveis sociais, exemplo disso, a presença não indígena na Terra Indígena. Contudo, se torna um desafio não só para a manutenção das Terras em si, mas para a própria cultura local.

Um contexto como o da Aldeia Itaty, Morro dos Cavalos, tem sua importância devido à necessidade da valorização das

Terras que ainda temos e que precisam ser demarcadas para a preservação da cultura Guarani.

A Terra indígena Morro dos Cavalos tem 1988 hectares, sendo que a BR-101 atravessa a área indígena. Além disso, moradores não indígenas passaram a construir moradias, mesmo sabendo do aval do Ministério da Justiça – que declarou a Terra Indígena, de acordo com a Portaria N° 771/2008. Eles insistem com manifestações contra a demarcação.

Há várias razões para a demarcação de Terras Indígenas – que são da União, áreas de uso dos indígenas – principalmente porque Terra é fonte da vida dos índios Guarani, assim como parte da história cultural. Esse “lado cultural” é que não é compreendido pelos não indígenas, quando muitos afirmam que “tem muita terra para pouco índio”. Dessa forma, para um não indígena, a floresta ou a Terra Indígena é pensada como local de produção agrícola, por isso a necessidade do desmatamento.

Quando se fala que nossas Terras representam a “vida cultural” para nós, não estamos afirmando por acaso, mas pela simples razão de que precisamos de um ciclo de atividade como meio de sustentabilidade local. É o caso do lado oeste da BR-101, onde há espaço adequado para plantações e coleta de matérias primas para produção de artesanato.

Em geral, essa Terra Indígena se compõe por lugares diferentes, entre rios e oceano. Ao norte com o Rio do Brito; ao sul, o Rio Massiambu Pequeno e ao leste, uma parte chega ao Oceano Atlântico. Já a oeste, há o Rio Massiambu Pequeno e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, como mencionado anteriormente.

A aldeia Itaty Morro dos Cavalos, em sua parte leste, tem pouca caça, assim como nascentes de água. Por outro lado, no oeste há mais caça e nascentes de água, assim como ervas medicinais e frutas silvestres. Nessas localidades que o povo Guarani vive e mantém a dinamicidade da aldeia, a relação com a natureza. Em nossas concepções tradicionais, a natureza representa um meio de conhecimento, através dela que buscamos a nossa sustentabilidade e cura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

DARELLA, Maria Dorothea Post; GARLET, Ivori; ASSIS, Valéria Soares de. *Estudo de Impacto: as populações indignas e a duplicação da BR 101, trecho Palhoça/Santa Catarina – Osório/RS: Florianópolis – São Leopoldo, 2000.*

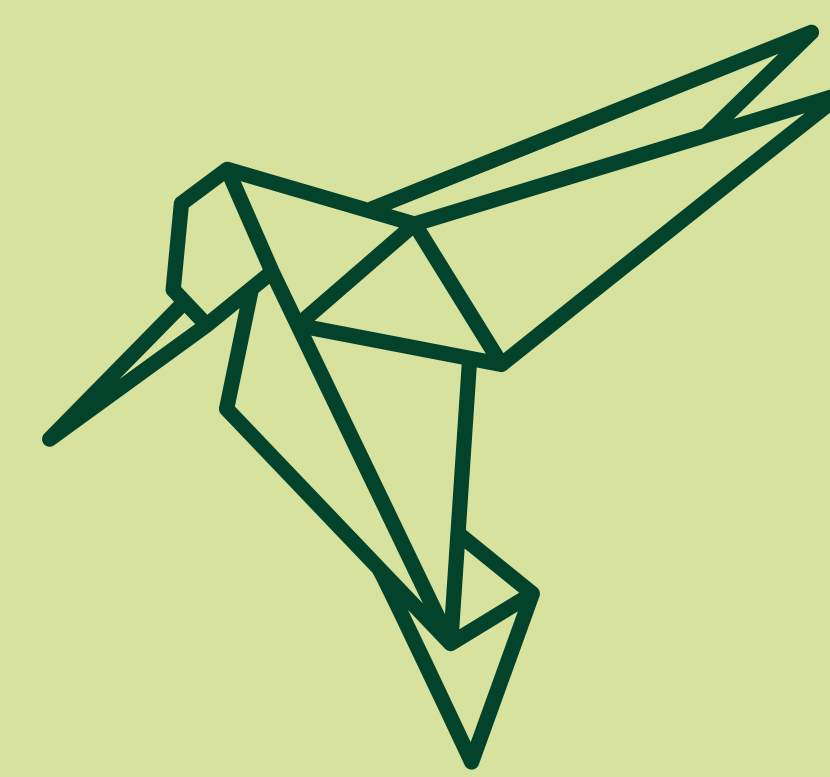
LADEIRA, Maria Inês. *Terra Morro dos Cavalos – Relatório de Identificação e Delimitação*, Portaria 838/PRES/FUNAI/Outubro de 2001. FUNAI: Brasília-DF, 2002.

SITES ACESSADOS

<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/documentos/133265527/acao-civel-originaria-n-2323-do-stf> (acessado em 29/01/2015).

<http://campanhaguarani.org/morrodoscavalos/wp-content/uploads/2014/03/Cronologia-TI-Morro-dos-Cavalos-27-03-14.pdf> (acessado em 29/01/2015).

<http:potal.mec.gov.br> (acessado em 27/02/15).



4



AGRICULTURA TRADICIONAL GUARANI

por Ronaldo Antônio Barbosa



PORAVO [RESUMO EM GUARANI]

Kova'e mba'eapo ma, anhemboe, mbaetchapa maenty reko mboapy tekoare py gua, M'Biguaçu, Mymba Roka, Ygua Porã, aikuaa pota mbaetchapa maenty reko, omaentyateri pa ay tekoarupi terapa any, hae mbaetchagua maetyi pa oguerekoteri, mbaerepa nomaetyaveima, aregua aikuaa tche vy, ay guiguapa mbaereretu nomaetyaveima areko aikuaa pota. Aevyma amombeu mbeuita marami pa maenty reko mboapy tekoapy gua. Aikuaa potaramo ma maentyreko pavê rekoarupi guaema momaentyaveiramo ma etavae kuery rekopy hae, etavae kuery onhoty vaekue re rivema nhamaena, haeramo ma aetcharamo ndaevei, aevyma ko maenty etei reko pavê aema ndoikuavei. Maety reko djaikuaa pota ramo ma, pave nhee maentyi, hae, aevyma nhande mbyakuery nhanhotyi rae rakae nhamongaraii aguã pavei nheeli re, djarotchapy tchaka aguã kyinguei nhee hae terá rai re, aevyma yma guive aema tudjaikuery hae karai kueiry oikuaa teri yma ve mbaetchapa omaenty rakae hae vyma ay peve hae kuery oikuaa etavae kuery mbyteipy tei nomokanhyi mbaemo rayii, ay peve oguereko kyinguevepe, kunumingueipe, Hae pavepe oetchauka aguã nhanderekoaei okanhyey aguã.

RESUMO EM PORTUGUÊS

No presente Trabalho de Conclusão de Curso, a pesquisa em questão é sobre agricultura tradicional Guarani em três aldeias: M'Biguaçu, Mymba Roka e Ygua Porã, todas localizadas no município de Biguaçu/SC. Tem-se por objetivo mostrar que ainda é praticada a agricultura tradicional nessas aldeias e em outras aldeias também. A agricultura está presente e faz parte de nossas vidas e está ligada ao mundo espiritual, sendo assim, as histórias orais serão o ponto de partida sobre ontem e hoje. E dessa maneira, iremos abordar como essa agricultura tradicional vem se mantendo ao longo dos tempos. Há certas precauções ou cuidados para que a cultura dos não indígenas não se sobreponha nesse ciclo e aconteça a ruptura com as verdadeiras raízes tradicionais. As formas de cultivo tradicional Guarani passam pelo mundo espiritual, no sentido de consagrar o milho como uma forma de manter viva a essência da cultura, através do batismo das crianças com o nome em Guarani. A agricultura tradicional deve então continuar em sua rota traçada pelos anciões, no sentido de reforçar esse aprendizado e contrapor a agricultura atual presente em certas aldeias – já contaminada com práticas de agricultura não indígenas. O esforço dessas comunidades indígenas na atualidade busca mostrar o espírito de verdadeiras guardiãs da cultura na prática da agricultura tradicional, deixando-a como herança às futuras gerações dos Guarani.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura, Tradição, Guarani.

INTRODUÇÃO

Sou Ronaldo Antônio Barbosa, do povo Guarani, conhecido também por Karai Dju (nome de batismo Guarani). Moro na aldeia Yynn Moroti Wherá (Reflexo das Águas Cristalinas), Terra Indígena (TI) M'Biguaçu, Santa Catarina, localizada próxima à Polícia Rodoviária Federal, no município de Biguaçu. Nossa aldeia é cortada pela BR 101, tem 59 hectares, onde vivem aproximadamente 120 pessoas.

Nasci no município de São José/SC, mas morei desde pequeno no município de Biguaçu. Uma parte da minha infância vivi fora de aldeia, depois fui morar na aldeia M'Biguaçu. Após o falecimento de meu pai, quando eu tinha sete anos, me mudei para a aldeia Morro dos Cavalos, pois minha mãe vivia lá antes mesmo de eu nascer, foi lá que ela criou meus outros irmãos.

Fiquei morando no Morro dos Cavalos durante dez anos, depois retornei para a aldeia M'Biguaçu, onde estou até os dias de hoje. Foi quando aprendi a maior parte dos conhecimentos de nossos antepassados, repassados pelo senhor Alcindo Wherá Moreira – nosso líder espiritual (*Karai*). Ele nos ensina e eu ainda continuo aprendendo no meu dia a dia.

Terminei meus estudos do Ensino Fundamental em escola não indígena e depois dei continuidade na Educação de Jovens e Adultos, na escola *Whera Tupã Poty Djá* de M'Bi-guaçu, onde consegui concluir o Ensino Médio. Depois fui estudar no curso técnico do Colégio Agrícola de Araquari-SC, conveniado à Universidade Federal de Santa Catarina. O curso tinha duração de um ano e meio para o Ensino Técnico e três anos com Ensino Médio. Éramos dois indígenas Guarani, mas apenas eu consegui concluir e me formar Técnico em Agropecuária, apesar das dificuldades encontradas. Agora sou acadêmico da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, com ênfase em Gestão Ambiental.

Vivo numa Terra Indígena pequena, onde não podemos fazer uma “rotação de cultura” ou seja, praticar a contento a “agricultura tradicional”. E com algumas influências dos não índios, algumas sementes estão se perdendo. Isso fez com que eu continuasse no curso superior, em uma área que abrangesse o que estudei no curso de Técnico Agrícola, pois me permitirá trabalhar em sala de aula (e fora dela) com os mais jovens. Tem-se o objetivo de fazer com que eles vejam a importância que a agricultura Guarani tem em nossas vidas.

O tema que escolhi para desenvolver a pesquisa é sobre o cultivo tradicional ao cultivo atual, e sua influência na vida social Guarani, visando problematizar especialmente quais

eram as formas de cultivo tradicional de plantas do Guarani e quais dessas formas são mantidas ainda hoje na comunidade.

Tem-se ainda como objetivos pesquisar quais eram as sementes mais cultivadas, as épocas de cultivo e qual sua importância para o povo Guarani. Pretende-se perceber as dificuldades de prática da agricultura ontem e hoje, e o uso que se faz do produto cultivado, considerando especialmente a hipótese de que o cultivo tradicional Guarani é ainda hoje o meio mais eficiente para a comunidade – mesmo que nem todas as famílias o pratiquem.

O presente trabalho compreende outro olhar das práticas agricultáveis, segundo a tradição dos mais velhos e daquilo que o *Karai* Alcindo fala. É uma forma própria do Guarani realizar a agricultura nas suas aldeias. Essa forma vem sendo passada de geração em geração, desde que se tem lembrança, dos mais antigos, dos nossos pais e avós. Não queremos que isso se perca por fazer parte da cultura, como se fosse nossa alma-gêmea. Daí a preocupação em fortalecer essa prática na aldeia. Entendendo o que diz o *Documento em defesa da agrobiodiversidade Guarani*:

O agroecossistema Guarani privilegia o uso, conservação, cultivo e troca de biodiversidade enquanto componentes fundamentais da própria cultura do grupo. O intercâmbio de sementes é uma atividade integrada ao modo de ser Guarani que fortalece laços de parentesco, promovendo a circulação das variedades no território de ocupação tradicional¹.

Esta forma de agricultura consiste em manter vivas as sementes tradicionais que hoje em dia estão se perdendo devido à falta de terras apropriadas para o cultivo dessas sementes e de mais variedades de plantas. Também pela influência de fora, que faz com que os jovens sejam abduzidos² pelas tecnologias, deixando as práticas de lado. Muitas vezes, essas práticas não são feitas por falta de conhecimento e sim por não ter alguma pessoa mais velha na aldeia, por isso a importância dessa pesquisa.

A capacidade de transmissão dos saberes e as características do sistema agrícola dos Guarani, permitem perceber que os produtos e as técnicas de plantio incorporados nas aldeias procedentes do universo não indígena se apresentam enquanto campos de interculturalidade, não como princípios opostos, visto que não se pode pensar em dois modelos completamente diferentes (Associação Rondon Brasil, 2007).

1 MDA/ Ministério de Desenvolvimento Agrário. Documento em defesa da agrobiodiversidade Guarani. *Associação Rondon Brasil, 2007.*

2 Abduzido é aquele que se desviou de um ponto, que se afastou ou arredou para outro lugar.

A pesquisa foi realizada em três aldeias: M'Biguaçu – Yynn Moroti Wherá (Reflexo das Águas Cristalinas); Amaral – Mymba Roka (Pátio dos Animais) e Amâncio – Yguá Porã (Fonte Bonita), escolhidas entre outras várias aldeias, que também praticam a agricultura tradicional, por uma delas ser minha aldeia e pelas outras duas se localizarem mais próximas da minha aldeia e por conhecer as pessoas entrevistadas.

Seguindo nesta perspectiva, esta pesquisa será desenvolvida a partir dos relatos dos mais velhos, através de entrevistas orais, rodas de conversa ao redor do fogo, na casa de reza, seguindo os pressupostos da História Oral. Além disso, utilizo pesquisa bibliográfica, material audiovisual, figuras. Realizou-se também o mapeamento das áreas cultiváveis das aldeias da seguinte forma: saída de campo para ver as áreas cultiváveis e as variedades de plantas encontradas para fazer o croqui da roça; mapeamento via internet por satélite para marcar as áreas de cultivo das TIs; montagem com fotografias das roças, aldeia e as pessoas entrevistadas em forma de vídeo.

A escolha das pessoas mais velhas das comunidades foi feita por conhecê-las pessoalmente em outros projetos, assim como por saber que elas praticam agricultura e conhecem a história da agricultura tradicional Guarani. Outro fator importante foi a proximidade das aldeias do Amaral e Amâncio, facilitando a locomoção.

Outro ponto é que o senhor Alcindo, da comunidade de M'Biguaçu, tem uma roça e cria animais na aldeia Mymba Roka – Amaral. Sendo assim, decidi pesquisar lá também. Existem outras aldeias que também praticam agricultura tradicional e ainda outras que já usam mais um sistema dos *djurua kuery* (não indígenas). Nessas eles também devem conhecer a agricultura de nossos antepassados, no entanto não a praticam.

A senhora Rosa Rodrigues, da aldeia Yguá Porã do Amâncio, ocupa um cargo importante na aldeia, por ser uma *tchedjary'i* (avó e parteira), cargo de grande respeito na cultura Guarani, transmitindo seus conhecimentos para a comunidade. Além disso, no seu dia-dia trabalha na roça junto com seu marido, apesar de ele já não enxergar mais.

Quando tem alguma pessoa que chama para fazer trabalho de parto em outra aldeia, ela vai e fica cuidando da gestante e fica dando todas as instruções que ela precisa até o nascimento da criança. Dona Rosa frequenta a aldeia de M'Biguaçu quando acontecem cerimônias ou reuniões na aldeia. Uma pessoa que é “espelho” para os jovens.

Dona Alicia Ortega, também *tchedjary*, avozinha da aldeia Mymba Roka – Amaral, já não enxerga mais, mas tem uma função muito importante que é de aconselhar as pessoas mais novas da aldeia, por trazer em suas vivências as

experiências de vida de nossos antepassados. Hoje em dia ela fica em casa com seus familiares e às vezes ela pede para sair e ir visitar outras pessoas da comunidade para conversar sobre a vida de adolescência e contar histórias de antigamente e também coisas atuais. É alguém que tem o conhecimento profundo dos costumes do Guarani e que praticou muita agricultura durante sua vida. Um exemplo para os jovens e pessoas que conversam com ela.

Senhor Alcindo Wherá Tupã, *karai* – líder espiritual e conselheiro da aldeia M'Biguaçu – é uma pessoa muito respeitada pelas pessoas da comunidade e também por não indígenas que frequentam a comunidade. O senhor Alcindo vive no sistema de agricultura tradicional, um sistema diferente dos demais membros da comunidade.

A maioria quer sair para trabalhar fora e ganhar dinheiro e quase ninguém quer trabalhar nessa área da agricultura. O Senhor Alcindo tem uma grande responsabilidade de nos transmitir conhecimento e nos guiar por um bom caminho, para que não nos percamos totalmente no mundo dos *djuruá kuery*. Sem dúvida ele é um sábio da cultura Guarani, uma liderança a ser ouvida e seguida e nos mostra o quanto é possível viver a cultura Guarani dentro da diversidade do mundo, mesmo com a proximidade da cidade.

Nesta perspectiva, a partir da experiência dessas lideranças guardiãs da cultura Guarani – que são nossas “bibliotecas vivas” –, com dados da experiência própria como técnico agrícola e no estágio do curso da UFSC, trago a público os conhecimentos a respeito da agricultura tradicional Guarani e sua importância nos dias atuais nas comunidades aqui elencadas.

Nesse sentido, a pesquisa se desenvolve basicamente a partir das entrevistas realizadas com as pessoas mais velhas da comunidade, pois os *Karai Kuery* “são os livros vivos”, os que são responsáveis pela tradição oral, os que transmitem o conhecimento para as novas gerações. Por isso a utilização da metodologia da História Oral, sendo o registro de experiências de pessoas vivas (Rosa, 2009).

Este Trabalho de Conclusão de Curso será apresentado aqui em três capítulos, sobre os quais realizo um breve resumo para orientar a leitura.

No primeiro capítulo sobre agricultura tradicional, situo as aldeias pesquisadas, com amostras de imagens de satélite, fotografias, e faço um breve histórico de cada uma delas. Em seguida, descrevo como era e como está sendo praticada a agricultura tradicional nessas aldeias nos dias atuais, como ela se apresenta em nossas vidas e as adaptações

que estamos fazendo para mantê-la viva. Em seguida acrescento imagens das roças.

No segundo capítulo será abordado o tema da agricultura e o mundo espiritual Guarani; o ritual do *Nhemongarai* – como se dá esse ritual e para que é realizado. Escrevo sobre o tipo de sementes e alimentos que são levados para a *Opy* (casa de reza), com relatos dos entrevistados de como era feito antigamente e como é nos dias atuais; trago citações de outros pesquisadores e sua importância para o povo Guarani. Trato do Ritual na *Opy* – casa de reza, a relação com a cosmologia Guarani, quando se dá o ritual do benzimento das sementes, dos alimentos e também o batismo das crianças.

No terceiro e último capítulo vou abranger mais a questão da agricultura e manutenção da cultura Guarani e também da agricultura como um “bem sagrado” para o Guarani. Escrevo sobre os desafios para a manutenção da cultura, levanto dados referentes à pesquisa, o que devemos fazer para que a agricultura se mantenha viva, as interferências de fora, novas soluções para os dias atuais e, ainda, relatos dos entrevistados.

Apresento fotografias, imagens de satélite e desenhos, no intuito de enriquecer e completar o trabalho. Espero assim que sintam a curiosidade de ler e tomar conhecimento de

como a Agricultura Tradicional Guarani ainda se faz presente no cotidiano de nossas aldeias.

É importante mencionar também que os depoimentos orais contidos neste trabalho aparecem de forma bilíngue: primeiro na Língua Guarani e depois na Língua Portuguesa. Isso porque as entrevistas me foram concedidas na Língua Guarani e realizamos o trabalho de tradução das mesmas na hora da transcrição. Acredito também que assim o trabalho fica mais rico, pois traz a expressão que o entrevistado me concedeu.

1. A AGRICULTURA TRADICIONAL GUARANI

Situando as comunidades privilegiadas na pesquisa

Yynn Moroti Wherá

Nossa terra indígena Yynn Moroti Wherá (Reflexo das Águas Cristalinas), M'Biguaçu, está demarcada e homologada. Possui 59 hectares e é cortada pela BR 101. Está situada próximo

Figura 1: Opy – casa de reza da Comunidade Yynn Moroti Whera. Fotografia de Ronaldo Barbosa. Biguaçu, 24/11/14.



ao bairro São Miguel, no município de Biguaçu, na rodovia BR 101, km 190.

Temos um cacique chamado Hyral Moreira e demais lideranças que são Adelino Gonçalves e Santiago Oliveira. Nossa aldeia tem 32 famílias, aproximadamente 120 pessoas. Possuímos uma casa de reza e um líder espiritual chamado Alcindo Whera Moreira – mais conhecido por Wherá Tupã – com 105 anos, e sua esposa, Rosa Mariani Cavalheiro – Poty Dja, dois anciões que nos guiam para um bom caminho.

Figura 2: Aldeia M'Biguaçu – desenho da comunidade Yynn Moroti Whera. Autor: Ronaldo A.Barbosa. Biguaçu, 16/01/15.



Possuímos 27 casas familiares, uma escola com o nome dos dois anciões, as pessoas mais velhas da aldeia, na língua Guarani, uma casa de artesanato, uma casa de plantas medicinais e uma estufa.

Na aldeia convivemos em harmonia com as pessoas e a natureza, respeitando os mais velhos, ouvindo seus conselhos – porque eles é que rezam por nós. Temos “medicina” plantada na aldeia, que é defendida por nós mesmos.

A maioria possui casa de alvenaria. Muitas vezes saímos para pescar fora da aldeia e vivemos do modo tradicional,

mas adaptando muitas coisas que são do mundo do *djurua kuery* (não indígena). Mesmo com essas adaptações, não deixamos nossos costumes e crenças, sempre vivendo no dia a dia.

Nossa escola foi criada em 1997. Primeiro era de madeira e depois, em 2003, foi inaugurado o novo prédio que recebeu o nome dos dois anciões da aldeia, sendo assim chamada: Escola Indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty Dja. Possui três banheiros, três salas de aula, uma biblioteca (que também funciona como sala de informática), uma secretaria, uma cozinha e um pátio. Contamos com a presença do diretor não indígena chamado Richard Sarmiento e um coordenador pedagógico. São sete professores indígenas e três não indígenas, totalizando doze profissionais, e 33 alunos.

Em 2013, tínhamos 60 alunos, em 2014 tivemos um grande número de alunos que concluíram o Ensino Médio e outros que desistiram (alguns se transferiram para outra escola devido à saída de seus pais para outra aldeia).

A escola possui uma trilha ecológica para visitas de alunos não indígenas, com cobrança de uma taxa. Nessa trilha alguns artesãos também vendem seus artesanatos e o dinheiro arrecadado fica para a manutenção da escola e para outras necessidades da comunidade.

Poucas famílias da aldeia ainda cultivam sementes tradicionais nas roças – feitas em volta de suas casas – em

pequenas quantidades, para consumo próprio e para armazenar sementes para o ano seguinte, passando esses conhecimentos para seus filhos e netos.

A agricultura Guarani está ligada ao *mundo espiritual* e de alguma maneira se manifesta no *Nhemongarai* (consagração dos alimentos) ou na troca de sementes com outras aldeias. Essas famílias que cultivam nas comunidades são nossos espelhos no “modo de vida”, por terem disposição no seu dia a dia.

Algumas famílias têm conhecimentos e por não terem uma terra fértil não plantam. Outras não têm conhecimento e não procuram saber, deixando a agricultura de lado para ir trabalhar fora da aldeia e comprar os alimentos do mercado, achando que aquilo é mais saudável do que nosso próprio cultivo.

Mymba Roka

A Aldeia Mymba Roka, que também é espaço desta pesquisa, está localizada no município de Biguaçu, a 30 km da cidade, no Bairro de Sorocaba de Dentro, na estrada do Amâncio. Foi adquirida em 2007, como medida mitigadora³, quando

3 Medida Mitigadora decorrente do projeto da Duplicação da BR 101 – trecho sul. Trata-se de uma medida compensatória de danos ao ambiente e/ou pessoas relacionadas em uma ação do poder público.

Figura 3: Amaral – Desenho da Comunidade indígena Mymba Roka. Autor: Ronaldo A. Barbosa. Biguaçu, 16/01/15.



Figura 4: Opy (casa de reza) da Aldeia Mymba Roka. Fotografia de Ronaldo A. Barbosa. Biguaçu, 25/01/2013.



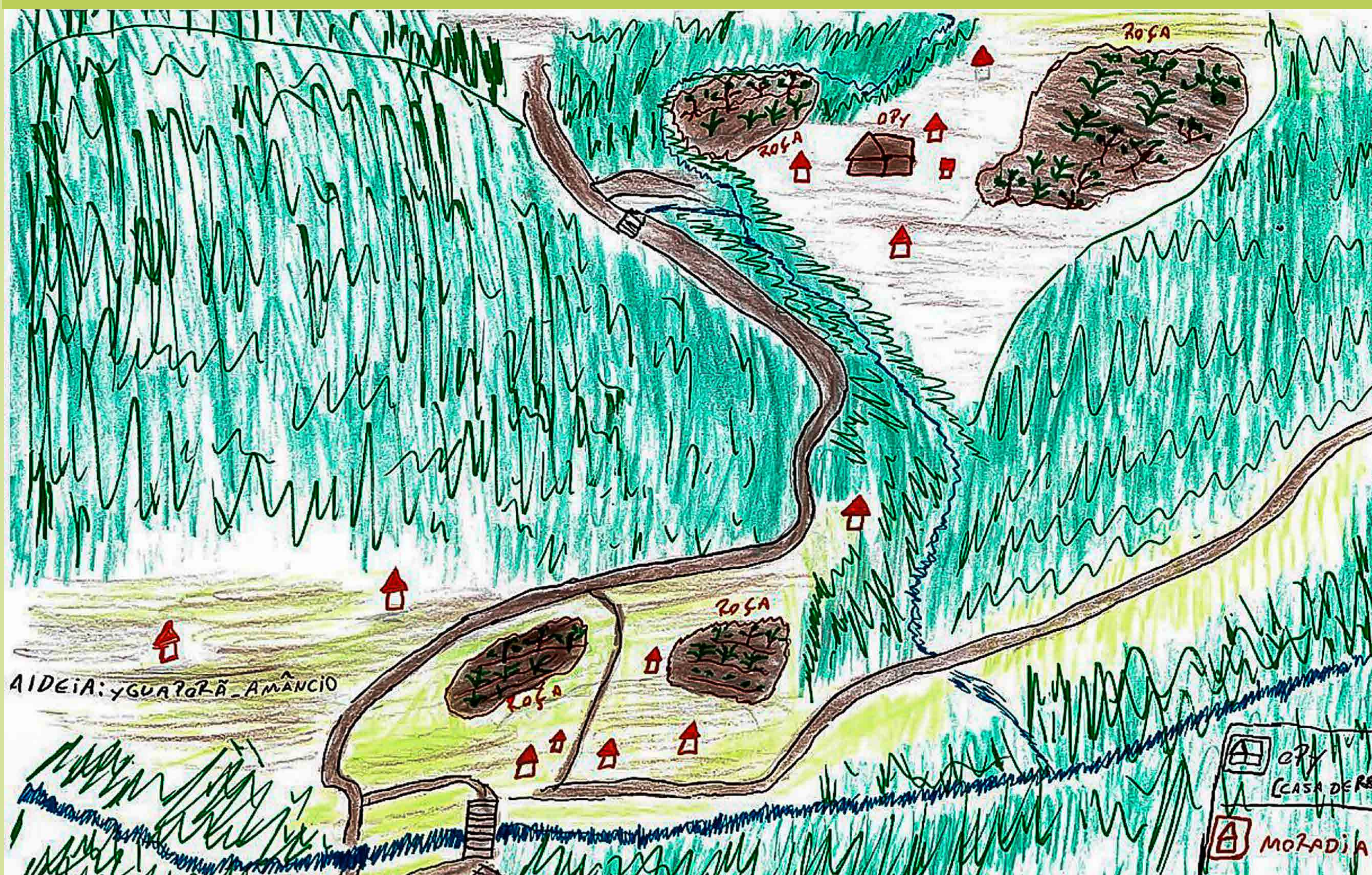
Figura 5: Moradia tradicional da Sra. Rosa Rodrigues e a opy (Casa de reza). Fotografia de Ronaldo A. Barbosa. Biguaçu, 01/11/2014.



algumas famílias da aldeia Maciambu se mudaram para a aldeia de Imaruí e outras famílias “escolheram” essa nova aldeia. Mymba Roka possui uma rica biodiversidade de fauna e flora, com 509 hectares de terra, tem mata e várias nascentes, com espaço para roças, caça, coleta de frutas, coleta de matéria prima, criação de animais e espaço para lazer – longe da correria das cidades.

O antigo morador era criador de gado e tinha uma área com eucaliptos plantados e um pouco de palmeira real, o que

Figura 6: Amâncio – Desenho da comunidade Yguá Porã.
Autor: *Ronaldo A.Barbosa. Biguaçu, 16/01/15.*



danificou alguns pontos da aldeia, mas agora estas áreas já estão se recuperando.

O cacique se chama José Benites, também é professor da aldeia e acadêmico da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Atualmente ali vivem em torno de 20 famílias, possuem uma escola numa casa de alvenaria da comunidade. Há também uma Casa de Reza, a *Opy*, que foi construída em um lugar especial na aldeia, conforme demonstram as [Figuras 03 e 04](#).

Yguá Porã

A aldeia Yguá Porã – Amâncio completa as aldeias que compõem este estudo. Está situada na estrada Sorocaba de Dentro, próxima à aldeia do Amaral, a 32 km de cidade de Biguaçu. Foi fundada em 2002 e agora está em fase de estudos para a demarcação, com uma área de aproximadamente 1.040 hectares e que pertence aos Guarani do litoral brasileiro.

Tendo em vista a grande diversidade da fauna e flora, com várias nascentes de águas dentro da aldeia e uma grande cachoeira, no verão os Guarani e não índios se refrescam nesse local.

Atualmente a referida comunidade possui nove famílias, vivendo do plantio, caça, pesca, artesanato, entre outros afazeres. Na aldeia não tem escola e os alunos vão a pé estudar na aldeia do Amaral. Não possui casa de alvenaria, somente um banheiro de alvenaria. As casas são de tábua e outras são tradicionais, de barro e chão batido, como a Casa de Reza, *Opy*.

A Agricultura Tradicional Guarani

A agricultura tradicional Guarani está ligada ao *mundo espiritual* porque quando pratica a agricultura, o Guarani está em harmonia com a natureza.

Em muitas aldeias a agricultura atual é um pouco diferente da agricultura de antigamente por influências de fora e, muitas vezes, por não conhecer ou não ter uma terra adequada para o cultivo.

Nos dias atuais a agricultura tradicional Guarani é como se fosse uma agricultura orgânica ou biológica dos não indígenas, porque não se usa nenhum tipo de adubo químico ou qualquer insumo nas roças. A agricultura orgânica mostrada em alguns livros ou falada por algumas pessoas é um sistema já utilizado pelos nativos, adaptado pelo não indígena. Muitas vezes aperfeiçoado, de um modo geral.

As práticas de cultivo do solo eram todas feitas manualmente, tendo por base o sistema de “coivaras” ou rotação de terras, herança deixada pelos nossos antepassados indígenas, antes da chegada dos europeus. O sistema de “coivara” consistia na derrubada da floresta, espera para secar, queima e posterior plantio das culturas. “Lembro como era, aquilo era tudo abaixo de foice, enxada e machado (...) se fazia umas roças grandes onde era plantado o milho. Era queimado e depois

plantado de enxada (...) pé por pé!” (MÜLLER et al., 2001). Posteriormente a floresta se recompunha.

Há comunidades indígenas com pessoas de fora (não índios) interessadas em manter o ambiente livre de qualquer composição química que possa ser prejudicial às pessoas. Essas pessoas levam conhecimentos bons que não afetarão futuramente aquelas aldeias e que ajudam nos dias atuais. Hoje em dia nas aldeias também é fácil observar que só os mais velhos ou algum membro de sua família faz uma roça, porque os demais estão estudando ou trabalhando fora da aldeia para ganhar dinheiro e comprar outras coisas.

Muitas vezes projetos de não índios são feitos sem o consentimento da comunidade indígena e vem prontos para serem implantados, sabendo que o nosso sistema é diferenciado.

Atualmente as pessoas das comunidades adaptaram muitas ferramentas dos não índios que auxiliam na preparação do solo e no manejo, coisas que antigamente não existiam e não eram necessárias, pois vivíamos bem com o que a natureza nos oferecia.

Para os Guarani, praticar seus rituais com os alimentos tradicionais produzidos na aldeia é de grande valor. Afeta diretamente a espiritualidade, pois nosso povo não planta apenas por plantar, mas existe uma crença a respeito dessa relação.

Sendo assim, se mantém sua tradição de geração em geração.

Temos várias aldeias que mantêm as sementes tradicionais, mas não são todas, pois com o passar do tempo elas foram se perdendo. Mas esse pouco é o que costumamos cuidar com muito amor para passar para as futuras gerações.

Podemos dizer que a agricultura hoje está mais “evoluída”, ou seja, não ficou “parada no tempo”. Observamos mudanças que vem ocorrendo com o passar do tempo, mas a agricultura tradicional não deixou de existir e nunca deixará. Exemplo disso é a não utilização de maquinários pesados, de cultivos convencionais e de irrigação na plantação. Além disso, não fazemos uso de produtos químicos – seja para controlar pragas e doenças ou auxiliar no crescimento das plantas. Usamos apenas o necessário: enxada, foice, facão, machado, *saraqwa* (ferramenta para plantar as sementes) e praticamos a queimada, tendo em vista que o plantio hoje é em pequena escala em volta de casa. Em alguns casos onde tem áreas maiores que permitem plantio comunitário a roça se torna maior, mas em todo caso é uma roça familiar.

Nosso calendário é diferente dos calendários dos *djurua kuery* (não índio). Atualmente praticamos o *Nhemongarai*

com as sementes tradicionais que temos na aldeia, é um ritual passado de geração em geração há milhares de anos. Para os Mbya, segundo Ladeira:

A agricultura exprime possibilidades de realização tais como: organização interna, reciprocidade e trocas de sementes e espécies, entre outros. A agricultura, também, abrange a organização social, princípios éticos e simbólicos baseados mais na renovação dos ciclos do que na quantidade e disponibilidade de alimento para consumo. Assim, os Mbya não vivem da agricultura, mas não vivem sem ela (LADEIRA, 2003 apud GEORGE, 2011: 49).

As [Figuras 7 a 10](#) demonstram um pouco das plantações, agricultura realizada hoje pelos Guarani em suas lavouras.

2. A AGRICULTURA E O MUNDO ESPIRITUAL GUARANI

Nhemongarai – Ritual sagrado das sementes

A cerimônia acontece na colheita do milho e coleta de outros alimentos, como mel (*ei*) e erva mate (*ka'a*). Esses alimentos

Figura 7: Plantio de amendoim, batata-doce e aipim. Lavoura de Aldo Gonçalves – Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu. *Fotografia de Ronaldo A. Barbosa, 29/11/14.*



Figura 8: Plantio de amendoim, batata-doce e aipim. Lavoura de Alcindo Wherá Tupã Moreira – Aldeia Yynn – Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu. *Fotografia de Ronaldo A. Barbosa, 01/11/14.*



Figura 9: Plantio de milho, abóbora, batata-doce. Lavoura de Lurdes Moreira – Aldeia Mymba Roka, Sorocaba de Dentro. *Fotografia de Ronaldo Barbosa. Biguaçu, 01/11/14.*



Figura 10: Plantação de milho, feijão de corda, batata-doce. Lavoura de Nadir M. Amorim – Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu. *Fotografia de Ronaldo Barbosa, 29/11/14.*



são todos levados para a *opy* (casa de reza) para serem consagrados.

Sem o milho tradicional e os demais alimentos não haveria as cerimônias para o *Nhemongarai* (consagração e batismo), que envolve as pessoas da comunidade e também de outras aldeias, que trazem seus alimentos para consagrar com os demais.

O *Nhemongarai* consiste em fazer uma consagração dos alimentos e das sementes antes de plantar e, após, na colheita. Em muitos casos, também são batizadas as crianças que ainda não tem o seu nome Guarani. Sendo assim, é realizado um grande cerimonial, para o qual cada pessoa leva seu alimento ou sementes.

Segundo Darella (2004):

Milho e ritual de nominação (*ñhemongarai*) estão imbricados. A festa do milho ocorre costumeiramente entre janeiro-fevereiro, *ara pyau* (tempo novo), ritual no qual as crianças recebem seus nomes-alma através dos xamãs, são reafirmados os nomes-alma dos jovens e adultos e ocorre a renovação da pessoa. Essa conexão cosmológico-social, relação divina de pessoa faz Francisco Timóteo Kirimaco expressar que todo ano “vira gurizinho de novo”, denotando surpreendente vigor, apesar da idade (DARELLA, 2004: 100).

Esta afirmação é confirmada pelas pessoas mais velhas da comunidade e que praticam o cultivo do milho e o *nhemongarai*. Segundo a *tchedjary'i* Alicia Ortega, com 88 anos, da aldeia Mymba Roka:

Idjapedjupa'i ramo nha motchãĩ aguã nhamogaraiuka aguã revema nhamboi dja'e, opy dju nhamogaraiuka aguãreve idjapedju'ive nhamboi dja'e, va'ekue ymavitavy, ymã nhande ypy kuery ha'erami nhande ypyrai'i va'ekue, aỹtu ndadjaikuavei, mbya djipoveiavi djurua memeia'etu ikuai paveĩ.

Quando a espiga estava madura e pronta para amarrar era tirado para consagrar e levado direto para a opy (casa de reza) para ser batizado por isso era tirado o milho duro, nós tirávamos, mas antigamente nossos antepassados também eram assim, hoje já não sabemos mais, já não tem mais Guarani, somos todos brancos. (Alicia Ortega)⁴.

Igualmente a *tchedjary'i* Rosa Rodrigues, 75 anos, da aldeia Yguá Porã, também fala a respeito do processo de plantio, colheita e rituais do milho:

Ronhoty oiko porã aguã ma petcha, avatchi ete'i mbya avatchiko nhambodjeroviava'e Nhaderu kuery nharomaedua oiko porã aguã, aerami ronhoty tavy koera ronhoty tavy romoatatchiuka upe mbudjapei rami opy, a'e rami ae mba'eve ndojavykyi vitcho

4 ORTEGA, Alícia. Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa. Aldeia Mymba Roka, Biguaçu, SC, em 07/09/2014.

vitchoi ndodjavykyi oiko porã aguã, haegui haĩ ramo há'erami vae haĩ mbairamo mbytaidju rodjapo opy redju romoatatchin ukadju, há'erami vireidju yma orekuai karambo'e, tchandjau há'erami tchandjau omoatatchiaviae dja'u aguã, há'eramo oiko porã riae, tchandjau oikovi aetu mbya tchandjau tchandjau etei, aỹkatu ndoikovei.

Quando nós plantávamos para nascer bem era assim, milho verdadeiro ou milho Guarani. Se nós acreditarmos em Nhanderu “nosso pai” rezamos para que ele faça vir e crescer bem. Era bem assim. Se amanhã nós fossemos plantar, fumassiávamos igual o mbudjapé (bolo feito na cinza) na opy, era assim que nem um bichinho extraviava, e crescia bem, e quando tinha semente fazia o mesmo, quando estava maduro fazia pamonha e levava na opy para fumassear. Éramos assim naquela época. Melancia também. Melancia fumasseava-se para comer e assim nascia bem, tinha melancia Guarani, melancia verdadeira, agora não já não tem mais⁵. (Rosa Rodrigues)

É como escreveu Egon Schaden (1962: 50): “é a religião do milho, pois para os Guarani o plantio do milho vai além da produção para a subsistência do grupo, é sagrado. Está associado às cerimônias religiosas e ao sobrenatural”.

⁵ RODRIGUES, Rosa. Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa. Aldeia Mymba Roka, Biguaçu, SC, em 30/08/2014.

O Ritual na *Opy* – Casa de reza e a relação com a cosmologia Guarani

Hoje em dia o *nhemongarai* é um pouco diferente, porque vem sofrendo algumas mudanças no decorrer do tempo. Muitas vezes não temos uma boa colheita, pelas mudanças do clima e por falta de uma terra boa para plantio. Da nossa mata tirávamos outros alimentos para consagrar no batismo. Além disso, perdemos algumas sementes tradicionais que já não se encontram mais como antigamente. Mas, fora as dificuldades encontradas, temos o mesmo propósito de nossos ancestrais.

O *nhemongarai* é feito para agradecer o plantio das sementes que foram colhidas. Não apenas pela alimentação, mas também agradecer pela sua existência e para que nunca nos falte. Que seja mostrado às futuras gerações e sirva para o fortalecimento de nosso corpo e espírito, assim como para a renovação da vida.

Hoje em dia o *nhemongarai* também é uma forma de troca de sementes com outras aldeias nas quais algumas das sementes verdadeiras já se perderam no mês de janeiro, quando é feita a colheita. Iniciam-se os preparativos para levar os alimentos para a *opy* (casa de reza). Cada família

leva seu *mbyotá*⁶, a espiga de milho, entre outros alimentos tradicionais feitos em casa.

O *nhemongarai* é realizado em muitas comunidades Guarani de acordo como foram instruídas para fazer esse ritual que pode ser de diferentes formas, porém com o mesmo propósito.

O milho Guarani, dependendo da sua variedade, pode levar três, quatro ou cinco meses para ser colhido. Na grande maioria das variedades a que mais plantamos é a de quatro meses.

Convém explicar um pouco as diferentes variedades/espécies de milho cultivado pelos Guarani. O *avatchi mirim* (milho rasteiro), chamado também de milho pipoca, pelo tamanho da planta, mede aproximadamente 50 cm do solo. Esse milho é mais rápido de produzir, em três meses já é possível colher. Outra espécie é o *avatchi mintã* (milho anão), planta pequena, com espiga pequena, que leva quatro meses para ser colhido, e tem as espigas de cor amarela.

Há também o *avatchi pará* (milho colorido com grãos), um pouco maior que os demais, tamanho médio, comparado ao milho produzido pelos *djuruá kuery*. Leva cinco meses

⁶ *Mbyta* é um bolo de milho, cozido na cinza, conhecido também como pamonha.

para ser colhido e é desse milho que se separa a semente conforme a cor para plantar e produzir espigas de grão vermelho/roxo, de grão preto (azulado), de grão branco, de grão amarelo e por fim o grão pintado – que é o da espiga com todas as cores misturadas.

O *karai* (líder espiritual) é o grande responsável pela condução do *nhemongarai*, porque é ele quem vai passar o nome para as crianças que já estão prontas para recebê-los. O nome serve para fortalecimento de seus espíritos aqui na terra, por isso a importância de um *karai* e o privilégio de tê-lo na comunidade. Sem o *Karai* não receberíamos os conhecimentos que nossos ancestrais nos deixaram, sabendo retribuir ao *Nhanderu* com a reza e usando o *Petyngua* (Cachimbo Sagrado) – um dos instrumentos utilizados para se comunicar com *Nhanderu*.

O uso do *petyngua* é essencial nos rituais Guarani e o fumo de corda é outro item que faz parte da cultura. O Guarani não costuma plantar fumo porque o próprio *Nhanderu* nos fornece e esse fumo não vem com veneno, é um fumo natural, sem agrotóxicos.

Os mais velhos têm o costume de mascar o fumo em seu cotidiano, além de fumá-lo no *petyngua*. Nos dias atuais, muitas pessoas já preferem o fumo industrializado que vem picado e outros ainda usam o fumo de corda, muitas vezes produzido em sua casa.

Figura 11: Calendário Guarani. Fonte: Raquel Marschner.



As fases de plantio – *Djatchy onhepytu*, no calendário dos *djurua kuery* (não índios) ocorre na lua nova. As estações do ano, na cosmologia Guarani são: *Ara ymã* (Ano velho); *Yro'ya* (inverno); *Ara pyau* (Ano novo) e *Kuaray aku* (verão). Na Figura 11 vemos a representação do calendário a partir da visão Guarani.

Antigamente, segundo seu Alcindo, os alimentos plantados eram consumidos juntos com a caça. Não se passava fome, tinha mata para caçar e terra para plantar, não tinha limite como nos dias atuais. Ele fala que tinha dificuldades porque usava uma pedra afiada ou madeira para roçar e outros afazeres. Procuravam local onde tivesse menos madeiras grandes e sim capoeiras ou taquarais que ele derrubava e depois queimava. Plantava semente por semente, com uma madeira com ponta – que ele usava para fazer as covas. Depois, na colheita, usava pedra afiada para arrancar a batata-doce. Não tinha enxada, arrancavam os matinhos com as mãos, mas a terra não era dura como hoje, era bem fofa.

Na colheita, muitas vezes, nem se esperava o milho ficar “duro” (quando dá semente) para ser colhido. Era amarrado em cima do fogo para não estragar e posteriormente plantado em fevereiro para a “safrinha”, ou seja, só para semente. Depois seria plantado em alguns desses meses: agosto, setembro, outubro ou novembro.

Levantavam cedo para trabalhar na roça antes do sol nascer e quando o sol estava muito quente, quase meio dia, retornavam para sua casa. Mais tarde, com o clima mais ameno, retornavam para a roça. Hoje o clima mudou, quando é nove ou dez horas da manhã já é necessário voltar porque é quente demais, devido à mudança do clima no decorrer dos anos.

Segundo dona Rosa Rodrigues, antigamente as sementes eram guardadas em cabaças ou porongos e não eram vendidas ou trocadas, mas quando iam visitar outra família levavam-nas, pois eram muito bem recebidas. Ela também conta que não era usado nenhum tipo de adubo químico na plantação. Explica que pelo uso desses adubos químicos as sementes tradicionais também se perderam.

Segundo o senhor Alcindo e a dona Alicia já não existem *mbya etei* (Guarani verdadeiro), pois hoje grande parte dos Guarani vive como branco. Isso quer dizer que já não podemos viver como antigamente, como antes do contato, então vamos adaptando algumas coisas de fora. Por isso eles dizem que somos todos brancos, porque eles viveram numa época diferente da nossa, sem influência dos não índios. Depois do contato perdemos muitas coisas, mas estamos lutando para manter viva a essência desses guardiões dos conhecimentos ancestrais.

Pelo relato dos entrevistados, o que mais se plantava era o milho verdadeiro Guarani, batata doce, amendoim verdadeiro Guarani, melancia verdadeira Guarani, feijão de corda, cana, caninha conhecida como sorgo, aipim e abóbora. Atualmente são plantados nessas aldeias: milho, aipim, amendoim, abóbora, batata doce, feijão, cana e sorgo, melancia e melão tradicionais. Grande parte das sementes é tradicional, mas

também plantam sementes crioulas, milho híbrido para alimentar os animais, além disso, plantam feijão preto.

3. AGRICULTURA E MANUTENÇÃO DA CULTURA GUARANI

Os desafios para a manutenção da cultura

De alguma maneira devemos controlar o que vem de fora, para não afetar diretamente a nossa produção, a nossa cultura. Começando com um diálogo entre a comunidade e as pessoas que trabalham com os indígenas na área da agricultura. Por exemplo, a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural/EPAGRI, que proporciona um olhar diferente e não compara com agricultores não indígenas.

Os Guarani preservam seu *modo de ser* e sua forma de cultivo tradicional, apesar de se adequarem e se apropriarem de algumas ferramentas com o passar do tempo. Buscam novas possibilidades de cultivos que possam ser parecidos ou semelhantes aos seus, podendo se adequar a outros modos. Para que isso aconteça é preciso buscar conhecimentos de fora, que sejam favoráveis aos indígenas, atendendo sua perspectiva.

O maior desafio é encontrar pessoas dessa nova geração, capacitadas e com disposição para isso, tendo em vista que poucos se interessam por agricultura, por ser um trabalho pesado e que muitas das vezes não traz o sustento familiar.

Devemos, assim, trabalhar nas escolas indígenas sobre agricultura tradicional, mostrando seus benefícios para a cultura, com a presença de nossos anciões, para continuarmos firmes e fortes.

O “mundo Guarani” está ligado sem divisões ou “gavetas” criadas pelo *djurua kuery*. Também devemos preservar nossas sementes tradicionais, sem misturá-las com sementes dos *djurua kuery*, pois devido à mistura, muitas estão se perdendo.

Sabemos que existem várias sementes que são transgênicas – sementes geneticamente modificadas em laboratórios para resistir às pragas e doenças – e que podem causar sérios danos a nossas sementes tradicionais e à saúde da comunidade, caso sejam trazidas para as nossas roças.

Agricultura – um bem sagrado para o Guarani

Hoje nosso grande desafio para manter a cultura começa na *opy* (casa de reza) – nossa primeira escola, ali começa nosso ensinamento das atividades que devemos desenvolver no decorrer de nossas vidas. Depois é fazer com que o conhecimento de fora não afete diretamente os conhecimentos Guarani, para não trocar nossas práticas tradicionais pelas do não índio, mas sim saber usá-las em nosso benefício.

Devemos ter entendimento da nossa cultura, pois muitos adolescentes tem a dificuldade de entender os mais velhos. Por outro lado, a sabedoria dos anciões também se desenvolve no decorrer do tempo para permitir a comunicação com os mais novos, em uma linguagem que possam entender.

As mudanças do nosso dia a dia, com as tecnologias sendo cada vez mais utilizadas dentro da aldeia, entre outras coisas, o desafio maior é manter a cultura. Hoje temos que cuidar com a integração com os *djurua kuery*, não indígenas. Temos que nos adaptar com a sociedade de fora, mas de um modo sábio. Nossa língua e crenças se mantêm, pois o Guarani é um estrategista. Ele consegue se livrar de qualquer coisa que possa afetar sua cultura. Por fim, resolvi colocar alguns depoimentos das pessoas que entrevistei a respeito das expectativas futuras em relação à comunidade e ao tema proposto aqui.

Yvy itui ymaeteverei, yvy itui ymã maramimã ndovyaporave'i ramo, oreyvy ymã ndoikotchevei merami, anhi'ete nhandoty tcheĩ komba'e hayĩ'i nhamopoã tcheĩ djadjerue etevidjevyramo opuã porã'idjumava'erãrima.

A nossa terra existe há bastante tempo, não está mais feliz como antigamente. A nossa terra antiga já não quer mais viver parece, agora se a gente quer plantar de verdade as sementes pedimos ao nosso criador e ele vai fazer vim bem novamente⁷. (Alicia Rodrigues).

A preocupação do *Karai Wherá Tupã* está relacionada inicialmente aos vícios que acometem os indígenas nas aldeias.

Ndadjaikuapotavei haỹ, aiporamigua'i voi ma mava'einda'u pedu va'erã idjayvu vamoĩ ragua'i ikatcho ague oapytchare oguereko va'ekue pedevy aguã rame aguepy, etavy oy'u apy.

Nem queremos mais saber agora, isso aqui quem vai poder falar para vocês escutarem a conversa dos avós que tenham guardado em seus ouvidos, podem passar para vocês, mas só querem saber de festar e beber como os não índios⁸. (Karai Wherá Tupã).

Na sequência o *Karai* nos ensina como realizavam as plantações:

⁷ ORTEGA, Alícia. Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa. Aldeia Mymba Roka, Biguaçu, SC, em 30/08/2014.

⁸ WHERÁ TUPÃ, Alcindo Moreira. Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa. Aldeia Yyynn Morti Wherá, Biguaçu, SC, em 27/10/2014.

Onhoty'i aguakatu ay omogarai py, onhoty'i aguãvi omboy yary py pavei ete'i, avatchi a'erami, nonhoty rivei omongarai opyipy va'ekuema oeno'emavy ogueratavy yvypyma vy ogueroporai omonhedui aekuerype odjerure otche poraĩ aguã pave tchandjau, tcho yary rykueipe ma tavy.

Para plantar era feito o benzimento ou consagração. Todas as sementes eram molhadas no chá de cedro, não eram simplesmente plantadas, eram consagradas na opy e quando eram tiradas desse chá e levadas para o plantio eram realizados cantos pedindo para o grande ser criador olhar todas as sementes para vingarem bem, só que molhavam no chá de cedro⁹. (Karai Wherá Tupã).

Constam nos anexos fotografias tiradas durante o processo da pesquisa, assim como as entrevistas realizadas com as pessoas citadas neste trabalho, em Língua Guarani.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de dados da agricultura Guarani servirá de material didático ou como fonte de pesquisa escrita para as futuras gerações de nossa aldeia e das demais aldeias. Também para que outras pessoas

⁹ WHERÁ TUPÃ, Alcindo Moreira. Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa. Aldeia Yyynn Moroti Wherá, Biguaçu, SC, em 27/10/2014.

não indígenas possam acessar um pouco desses conhecimentos, contribuindo para que esses nunca se apaguem e estejam registrados no papel e na oralidade. Dessa forma está sendo plantada uma semente e futuramente vamos poder colher bons frutos. Que nossos jovens possam se espelhar em nossas pesquisas para fazer outras ainda melhores.

De alguma maneira esse trabalho vai fazer com que as pessoas possam nos olhar de maneira diferente, sem aquele preconceito de “muita terra pra pouco índio” e ver que nós indígenas temos a nossa cultura, nosso modo de ser e de viver dentro das aldeias, mesmo com a proximidade das cidades e muitas vezes em áreas que não são apropriadas para o plantio e a subsistência.

Que dessa forma este trabalho proporcione outros estudos, que de alguma maneira possa contribuir para as comunidades que não tenham seu território demarcado e apropriado para poder praticar sua cultura. Da mesma maneira, que possamos fortalecer nossos costumes e mostrar que permanecem vivos dentro de cada um de nós Guarani.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARELLA, Maria Dorothea Post. 2004. *Ore Roipotã Yvy Porã “Nós Queremos Terra Boa”* Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina Brasil. 2004. Tese (Doutorado em

Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC, São Paulo, 2004.

GEORGE, Iozodara Telma Branca de. 2011. *Conhecimentos (Etno) matemáticos de professores Guarani do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Educação e Matemática) – Programa de Pós-graduação em Educação e Matemática Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

IEPE. *Alguns conhecimentos sobre agricultura*. Programa WAJÃPI. Amapá: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena – IEPE, 2007.

LADEIRA, Maria Inês; FELIPIM, Adriana. (Org.). *Teko Mbaraeterã, fortalecendo nosso verdadeiro modo de ser*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2005.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Documento em defesa da agrobiodiversidade Guarani. Associação Rondon Brasil, 2007.

MEDEIROS, Jean Carlos de Andrade; DARELLA, Maria Dorothea Post. 2007. Manejo e Conservação da Agrobiodiversidade pelos índios Guarani Mbyá. In: BOEF, W. S. et al. Tradução de Juliana Vitória Bittencourt e Gustavo Rinaldi Althoff; Maria José Guazzelli e Andréa Lúcia Paiva Padrão (org). *Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário*. Porto Alegre: RS: L&PM, 2007.

MÜLLER, J. M. et al. *Do tradicional ao Agroecológico: As Veredas das Transições (o Caso dos Agricultores Familiares de Santa Rosa de Lima/SC)*. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) – Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

ROSA, Helena Alpini. *A trajetória histórica da escola na comunidade guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

ANEXOS

ANEXO 01

Entrevista com Rosa Rodrigues (em Guarani)

Colaboração de Nadir Moreira Amorim
Dia 30 de Agosto de 2014, às 9:00 horas

Nome: Rosa Rodrigues

Nome Guarani: Pará Yvá

Idade: 75 anos

Nome: Nadir Moreira Amorim

Idade: 58 anos

Local da entrevista: Casa da Adriana Moreira em
M'Biguaçu

Ronaldo: Aporandu aguã a'etu adju, maety regua mba'e tchatu nhaneramoï kuery ymã omaety okuapy, aỹguáma aboa'e irami omaety?

Rosa: Hayma amobeuta reikua tcheramo ymã nhade kuery oiko ypy ypyve, nhande ypy kuery, ymã roiko djave djave ma petcha julho, agosto, setembro e outubro dja'earami onhoty ma okuapy, ronhoty oiko porã aguã ma petcha, avatchi ete'i

mbya avatchiko nhambodjeroviava'e nhaderu kuery nharomaedua oiko porã aguã, aerami ronhoty tavy koera ronhoty tavy romoatatchiuka upe mbudjapei rami opy, a'e rami ae mba'eve ndojavykyi vitcho vitchoi ndodjavykyi oiko porã aguã, haegui haĩ ramo há'erami vae haĩ mbairamo mbytaidju rodjapo opy redju romoatatchin ukadju, há'erami vireidju yma orekuai karambo'e, tchandjau há'erami tchandjau omoatatchiaviae dja'u aguã, há'eramo oiko porã riae, tchandjau oikovi aetu mbya tchandjau tchandjau etei, aykату ndoikovei, avatchi há'erami irundy regua, mboapy regua oiko, avatchi ponhyĩ (Nadir: avatchi mirim pe avatchi ponhyi pe he'ia) yvygui guive guive'i ary porã, ha'e renguatu três mês py nha nhoty aguepy ma dja'u, ha'egui oiko va'e avatchi mintã he'i va'e, há'e vyma yvate veima há'ema quatro mês, oikovi cinco mês há'emavy yvate va'e mboapy regua py oiko. Aỹtu ndaipovei okanhymbatu avatchĩ voi tchandjau avi. (Nadir: komanda yma ramo nha nekomandai mavaetu rakae?) ha'eko komanda embo'i va'e, embo puku'i va'ema komanda tcha'ĩ, komanda rope puku ha'e nha nemba'e'i (Nadir: ha'e va'e peteĩ regua'i terã mokoĩ regua) peteĩ, mokoĩ reguatu ae oiko (Nadir: ha'evyma ndadjaetchavei) ndadjaetchavei va'e, Djety há'erami vae (Nadir: djety mbya djety'i djareko va'ekue teĩ ayma ndadjarekovei) tche'e ndaetchavei mbya djety aỹ, (Nadir: ndadjaetchavei ete. ha'e ramo yma ramo mbaetchatu onhenhoty, foice ramingua odjeporu, mbaetchakatu odjererotcha?) ymako macete odjounhokuapy, Paraguai kuerygui, aramiguai py okopi'i, pero

yma ndadjai ete'í vaetu, nhanhoty, djapypairamo há'eramo ndadjai nhanhoty.(Nadir: há'eramo kovae muã ramigua migua nomoiai raka'e?) anyĩ muã ramigua nomoĩaetu, (Nadir: ayma oikotcheramo nhamoiramó djurua muã kuery adubo ramingua) há'erami kautcha guive okanhymba nhande avatchi mbya ete avatchi.

Ronaldo: Avakue anhoinha onhoty terã kunhague guive onhoty?

Rosa: Kunhague guive avakue onhoty okopi macete oguereko ae, macete rivetavy, facão djaea, há'e vaepy okopi, oity yvyra atcha oguereko vae yma guive, aerami onhoty avakue kunhague ndjoapypa petcha omaety há'erami (Nadir: ayma ndjipoveima anheteramo onhotyi rive ramo ikuai) aerami.

Ronaldo: Petcha onhenhoty ve ramo avatchi, djety, tchandjau há'egui komanda avi terã manduvi ramiguavi? Manduvi mbya mba'e ete'í ramo oikovi va'e. há'egui petcha onhoty ava nha djatchy pyau? Djatchy onhepytu djave.

Opamba'e nha nhoty aguã? Opamba'e, djatchy onhepytu djave tchandjau...

Petcha pekambia va'e avatchi rayĩ, komanda ramigua (Nadir: nhamoekovia djurua kueryma nhavende ia djareko djaearamo terã nhadedjeupe ra'ĩ?).

Rosa: Ymako novendei ae, oredjeupe ra'ĩ aguã, nhande djeupe ra'ĩ aepy yma.

Aỹ nhaneretarã ovaeramopetcha odjerure ramo, terã okambia aguã ha'erami pedjapova'e avi yma terã anyĩ, Rosa: anyĩ aetu.

Aỹ reinhia petcha amongue omongarai oĩ ramo, amboa'e tekoa gui ouramo avatchi ogueru avi, komanda ogueru petcha okambia aguã. (Nadir: nhanekyri'i djave nhamé'e rive'i aepy, nanhakabiai aetu nhamé'e rive'i.)

Rosa: Ymako novendei nokambiai ave pero odjopou tekoa mboaepy oetchakua'avu ome'e há'erami tenko, yma ovende va'e'ỹ (Nadir: ha'erami ramo oiko pora'ĩ.) ee ha'erami.

Ronaldo: Dificuldade regua ay reinhia nhande yvy djurua kuery odemarcas gua'u, ay nhamaety aguã petcha hatchy rei amoguepy, ymatu ha'erami eỹdju, omaety tche apy aeverei'i.

Rosa: Ymako ha'erami eỹ ae, mbya kuery voipy omaety aguã py imaendu'a (Nadir: ha'eteve) ha'eramipy omaety aguã ovaeta ramo vé, okopi pota há'epy okuapy ymã (Nadir: ha'erami aetu anhete, nĩdatchykuei ha'erami yma guare guare'i), ayntu nĩaerami guãrama nopensa vei avakue'i voi (Nadir: etcharai pama eama) etcharai pama eteavi. (Nadir: nuga onhenhoty intcharapy eỹdju py karamboae, Yvyra rakuapy ha'erami aepy) Yvyra rakuapy aepy onhoty.

Ronaldo: Mba'etchaguatu ay pevei nha oikovy, nhaneramoĩ kuery oedja va'ekuenhia maenty ndjaiporu, ay py amboa'eirami, djurua kuerygui reko djaiporu ha'egui há'e kuery avatchi guive nha nhoty, ha'evyma oivae petcha família'i nhaneramoĩ kuery ombo'earami petcha odjapo omaenty avatchi ete'i, djety, mandio guive, maduvi aỹ peve nha oikoteri, terã anỹ amboaeirami.

Rosa: Djurua kuery pa ha'erami, mbya kuery ma amogueiko aỹ, amogue'i aetu dja ndaipovei aetu aygui. (Nadir: ymã guare guare'i teri dja kopiteri nhandengua'u), ndaipo eteveima aetavy.

Ronaldo: Ay peve nhambodjerovia pe avatchi rayĩ, ha'e okanhy mbaetchakatu?

Rosa: Ay peve dja'e, okanhy ramo, ndjadjetchavai ndja opama ha'erami (Nadir: anhete povae, h'ekuery oikuapy), nhanderu kuery ogueru va'ekue aepy avatchi'i ha'erengua, nhanhoty va'erã era'ĩ mbya kuery, oedja vaekue'i apy djareko vaekue ymã (Nadir: nhaderetcharai pama dja ogueraa pa'idju dja'e) oguera'a padjuma ndjadjetchavaita ha'erami.

Ronaldo: Ha'eramo aetu petcha amogue onhoty kyrigue'i pe otchauka aguãinhia? Rosa: ee ha'e aguã kyrigueipe otchauka aguã (Nadir: nhe'e pyau'i kuerype otchauka aguã rima), kyrigue'i nha nhanhoty va'ekue'i reipe ovy'a ea ymãve tudja kueve (Nadir: anhete aeko), gua'ỹ kuery ovy'a aguã omaety kuapy mbororu kuery he'i ymã (Nadir: ayma mbororu kuery dja etcharaipa mborotchy dja etcharaipa, ovy'a tche'i

teima okuapy, ha'ekuery omaety va'ekueiramo oetcha'i ramo kuapy ovy'a ha'eramo tenko, aiporami ha'e paiteĩ, tche arandu pere-pere).

Mbya kueryma amboae'irami onhoty, petcha omaety aguã odjerure pai guau onhoty ey mbove, ha'egui onhotyarupi odjerure (Nadir: ogueroporai, oguerodjerodjy dja'e).

Rosa: Ha'erami vyaetu onhoty aguã oo opyre omoatanchĩ, nhanderupe omobe'u iporã aguã oiko pora'ĩ aguã avatchi, tchandjau, djety aerengua onhotyarupi omobe'u dja'e nhaderupe.

Ronaldo: Mbaetchaguapytu omoĩ porã karamboae petcha onhoty va'ekue kue?

Rosa: Hyakua'ipy aetu onhonha (Nadir: nhane ankãtu hyakua'i ramiaetu), hyakua'iapy avatchi ray'ĩ onhonha, ha'erami eyntu oupi tata'ary ha'erami naitchĩvaa'ĩ'py, avatchirã oupitama voiva'e djatchy onhepytu djave va'e omboi.

Ronaldo: Aỹ ndja amboae pairamõ py! Rosa: amboaepa aetu ay (Nadir: aỹ ndaevei ete veima anhete aetu).

Petcha a nhe interessa petcha djurua kuerype amobe'u aguã mbaetchakatu ymã mbya kuery onhoty kuapy, ay pepe oikoiteri petcha oma'ety gua'u. (Nadir: tudjakuevitavy ikuai'i).

Comparação djadjapo avarami, ay yvy kyri'ive tenko, petcha yma guare kuery oguata, onhoty um ano dois anos três anos opyta, ha'erire oetchadjuma aetu.

Rosa: Ha'erami aetu ymã raka'e, pero nhaderu kuery nhe'erupi tenko ha'erimi, nhaderu kuery, ha'epydju tereo emaety h'eramo tenko oo, oo virive va'eỹapy (Nadir: ha'eramo oatcha odje'oi, ndopytai dja'e). (Ronaldo: tchetu oo rivepy. Rosa: oo rive va'eỹ aetu ha'erami aetu, nhaderuko, kuerypy tereo ha'epydju ema'ety epyta ha'erami oo, ha'ekuepydju oo ha'erami tenko ndopytai). (Nadir: ha'eramipe ae ndopyta kuai), aykatu ndadjaikuaveimapy, nhanderu ayvu nanhaeduvei, (Nadir: nĩra'ykuei anheteramo), tcho djaikotema, (Nadir: festa rupirivema djaiko dja opama, djipoima), ha'erami mammo dja'avvy djavyata ha'eramia rivema (Nadir: nĩ ko nhanembouarere nanha pensavei nanhanemaeduaveima dja opama ha'eramiguapy ma ate maety'i voi ma opaima vy oguera'a pama ndopaiteringa'u), ndopai ae oguera'a.

ANEXO 02

Entrevista com Alicia Ortega (em Guarani)

Com a colaboração de Nadir Moreira Amorim

Data: 07 de setembro de 2014, às 13:00.

Nome: Alicia Ortega

Nome Guarani: Keretchu

Idade: 88 anos

Local da entrevista: Aldeia Mymba Roka, casa da senhora Alicia

Alicia: Tche ndatcheayvukuai mbyaipyaema. Ronaldo: mbya ipy tei ha'eve.

Ronaldo: Ay aporanduta mbaetchagua-tchaguatu petcha ymave onhenhoty raka'e, petcha mbya kuery onhotyve raka'e?

Alicia: Mbyakueiryko onhoty djetymatavy onhotyveva'e raka'e, djetyavi onhotyve'i mbya kueiry, ymave tcheramoĩ, nhaneramoĩ djypy ndaikuaveimapa ydjayvuague tchee, koo mbyte pydju, nhaneramoĩ djevy raykueiry ma araykueidjevyma anhõimapy tcheaikuai'ioioĩ rimadja'e, avatchima mbya avatchima, paraguai ayvupy nhanaenoĩ avati eima Paraguai, ha'eramo nhande kuery avatchi dja'evi, mbae haĩ'i ymavegua'i, mbae hai'ĩ, avatchi nhaeno'i'a pe mbae ha'ĩ, tche kokuei amopoaĩtama tche

kokueipy, tche kokueima nhande djurua kuerymamorive rotcharo dja'e, tchekokue'i dja'eramo, tche kokue (Nadir: porañia nhande ayvu etei), nhande ayvu ete'i mbya ayvu ete'i, kokuei dja'e nhane mbaety, mbaetyĩ dja'eavidja'e nhanhotyaipy, avatchi pekatu mba'e hai'ĩ haviaevyteĩvy, nhaenoĩ amboa'eirupi oenoĩaikatu, avatchi yvyi'ĩavikatu, avatchi yvyi'ĩma yvyĩve'ipe, ha'egui yvateve'i oikoivi, ha'epema avatchi para'i he'i, avatchi para'i he'idju mbya ete'i avatchi para'i, iparapaidjudja'eva'e, avatchi yvyi'ĩ yvateve'ima iparaidjuvy, ha'ema mokoĩ ma amobe'u, ha'egui avatchi tchĩ mboapyã, eryma tche ndaikuavei avatchi tchipe.nhande kuery avatchi djaetemara'e, Djuruapairagaria'e avatchi tchĩ ma ha'evyma yvatemala yvateve reguadjuma ha'e. há'e opaima amobeu, ha'egui nhade kokue'ipy djaraa'i mbae ha'ĩi nhanhotyiaguã he'i, nhande kokueipy mba'e ray'ĩi djara'i, nhanhoty heiaguã ogueraa'idjuma, Yvyra rakuapydjuma onhoty'ĩ, odjapoidju Yvyra omboakuapy'i ha'evypy onhoty'i avatchi, onhoty yvyĩ'i regua, avatchi para'i, Yvyra rakuapypyma ymãveguai omaety raka'e, tchee anhotyĩnhokaramboa'e tche kunhataĩ djave Yvyra rakuapy avatchi anhotyĩ karamboa'e, aỹtu nanhotykuavei ha'vi, ha'evyma amobeuviavi.

Ronaldo: Petcha ymãguania kunhague guivenĩa onhoty avakue'avi?

Alicia: E kunhagueikatu roma'etyvydja'e, kunhague'i oma'etyavi dja'e ha'egui avakue'i oma'ety'i havi Yvyra rakuapy, yryra raguapy tcheanhotyĩ karamboae tchekunhataĩdjave.

Ronaldo: Aỹ reĩnhia oĩ petcha onhenhoty aguã petcha djatchy onhepytu djavea'e nĩa ymagua enhenhotỹ raka'e?

Alicia: Ee ymaguakatu onhepytu'i oãro avy, onhepytu'i djave nhanhotỹ nhamo'e mbypy'i mbae haĩ'i katu karamboa'e yma vegua, yma vegua mbytekue, ndadjaetchaveimapy ymavegua mbytekue houva'e Paraguai gui houvaekuei omanõ mbaidju va'erã porami idjayvu karãaendurã, tche kunhataĩ ndaikuapotaragai haikotamarive.

Ronaldo: Petcha oma'ety mba rire petcha idjapedjupamavy (Nadir: amanĩa omaetymba ha'egui edjaedjuparamo djatchy onhepytuĩdjuavi?).

Alicia: Ee onhepytui dja omotchamba'i, avatchiraĩ omotchaĩ omoapytaĩ, omoapytaĩ dja'edjuma ha'e avatchi onhemotchaĩape onhepytuipeavia'e omotchamba'i, ha'egui onhepytuĩ onhenhotyĩ aguãdjuma ha'e.

Ronaldo: Ha'egui petcha kokuerã odjapo aguã mbaetchatu ha'e ekuery oikuavy odjou aguã?

Alicia: Mba'e ndjurua yma'i marandau oikoia'evi rakae há'epema, djurua ymãveiva'e, yvy oiko'i ypy djave, oiko'iva'e raka'e djurua ymã ha'eguimatavy odjou raka'e tembiporu'i, tembiporuraĩ, tembiporu'i dja'edjuma aỹrevetú tche tembiporu macete vaikueipe, tembiporuia'etu ha'e, poitche vaikue'i oikovi, djurua ymã ha'etu odjou'i raka'e dja'e, nhande ypyiavia'etu raka'e, nhande ypy'i ramo djurua yma'i brasileiro'ete'i oiko'i

nhanderamigua'i yporiaukuere'i, aguimatavy odjou'i raka'e, ha'egui ka'aguyrei ikuaidje, itagui marae atcharãi oguereko raka'e itagui guama he'a raka'e ha'e anhieteteverãdau, ha'e aedu pere-perevaitcha karamboa'e há'e vaekue'i nhoma tchee aikua'i. Opai ha'ema, mboapyi amobeu irundyi amobeu, idjapedjupa'i ramo nha motchãi aguã nhamogaraiuka aguãrevema nhamboi dja'e, opy dju nhamogaraiuka aguãreve idjapedju'ive nhamboi dja'e, va'ekue ymavitavy, ymã nhande ypy kuery ha'erami nhande ypyrai'i va'ekue, aÿtu ndadjaikuavei, mbya djipoveiavi djurua memeia'etu ikuai paveĩ.

Ronaldo: Ymã nã petcha avatchi rayĩ okambia'avi amboa'e kuery reve terã petcha oma'ety mba rire omoĩ porã, ha'egui ho'u aguã rive nã terã okambia aguã ha'ekuery oguerekoavi petcha amboa'ekueryreve?

Alicia: Okambia va'erampa'ere anyĩ, nhogatupa'i moinỹ nhanemba'eirea'e nhahogatupa'idju imoinỹi.

Ronaldo: Mbaeretu ay okanhymbareivavy petcha mbya ete'i avatchi petcha okanỹ mba aetu?

Alicia: Okanỹmba'ete, djurua avatchi pema oenoĩ tupi (Nadir: mba'ere okanỹ itenko, mbaeretu okanỹmba'i) mba'e, avatchi (Nadir: nhande avatchi ete'i) aa yvy itui ymaeteverei, yvy itui ymã maramimã ndovyaporavei ramo, oreyyvy ymã ndoikotchevei merami, anhiete nhanhoty tcheĩ kombã'e hayĩ'i nhamopoã tcheĩ djadjerue eteveidjevyramo opuã porãidjumava'erãrima, nhaderu tupã raype aetu djadjerure ha'ema yvy'ire oiko

va'ekue'i vypyae, tupã ray'iko yvyre odjau'i pytã va'ekue'idje djadjerure'i ha'epe iporã aguã nhanembae'i nhandoty va'ekue'i, yvy naiporave'i yvy ymã etereivyma ndovyaporaveima dja'e, nhanderu kueryma yvy potyrã nhaderu ayvuma yvypotyrã, tchera'y apyre'i ambodjekuainhodjura'e yvypotyrã he'imadje nhaderu, idjyvytenode va'ekue'i aetu edjayva'evi, opaima tcheayvu tcheremiarirõ tcherekoteveiramoma amobeui ovaremavya'e (Nadir: takuaty odjou kokuerã ruparaĩ rama mba'etcharãvoi oguerotchai aguã terã foitche terã maceteapy ymã ramo oporu raka'e) mba'eradau ndaikuaveimavy há'e tchee ainỹ macete'eima marada'u oiporu raka'e, marã mbytekue'i ko nhaneramoĩ djevy opava'erã kuery macetepya'i okopi karamboa'e okopi poitche ndoguerekoiae macetepyrive'i okopikuapya'e vaekuerikatu nhaneramoĩ djevy'i, nhaneramoĩ djypy ndaikuavei. Eu: ha'evete remobeu'ima djaa'eva. Alicia: ha'e'ima amobeu'i aikua'ivyma amobeu'i tcheremiarirõ.

Ronaldo: Ha'evete tchedjary'i petcha avyavaipavy petcha ayvu'i tchevype remboatchavi ha'egui petcha kyriguepe ambo'e djave aikua'i aguãavi.

Alicia: Ha'evekatu rembo'e rekuadjuma aguã, mboapy irundy'idjuma nhandeayvu ayvu avalema, avalemavya'e ndevypema porami tcheayvu ovalepama.

Ronaldo: Ha'evete!

Alicia: Ha'evete.

ANEXO 03

Entrevista com Alcindo Moreira Whera Tupã (em Guarani)

Data: 27 de outubro de 2014, às 09:45.

Colaboração de Wanderley Cardoso Moreira

Idade: 106 Anos

Local: Casa do Senhor Alcindo Moreira Wherá Tupã,
Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, SC.

Wanderley: Ymã vague onhoty ve raka'e mba'etchagua minty onhoty ve raka'e?

Wherá Tupã: Ha'e va'e ore kuery nhaneramoĩ onhotyve raka'e ro'uiva'erã raka'e, onhotyve aỹ peve nomokanhyĩ, aykatu romokanhy mbama ndjipoveima, ore kuery ma ronhoty vema manduvi, manduvi onhoty ha'e avatchi ku'ĩ reve oityru, ha'e manduvi rykueipy djevy koo ka'aguyrupe otchiguaĩ rykueipe omona kuapy, he'e ymatavy ndjuky ndjipoi, avatchi, koo manduvi onhotyve, oguereko ve hay kova'e o'orami oguereko pave'ĩ pave'ĩ pavetekatu tata pytuare omoĩ ipiru aguã, aetu ko'ema ovyramo, yvyraidja otchapukaidjuma, manduvi reve ho'ui, ndjipoi ayvu vai.

Wanderley: ha'e kueryma petcha onhoty aguã.

Wherá Tupã: Onhoty'i aguakatu ay omogarai py, onhoty'i aguãvi omboy yary py pavei ete'i, avatchi a'erami, nonhoty rivei omongarai opyipy va'ekuema oeno'emavy ogueratavy yvypyma vy ogueroporai omonhedui aekuerype odjerure otche poraĩ aguã pave tchandjau, tcho yary rykueipe ma tavy, nhande ryrupe koirupiguai omonye'i vaekue djoegua ey ey'i, ha'egui djevykatu ay nhande kue'iry ay avatchi'i ha'e kuery mba'eratu djurua mba'era raga'ey nhande ma nhabo'ete vei aguarami ey, aykatu opama ndjipoveima mamó tataypy'i, amogue oguereko guau'i tavy, ndoguera riveima yvy, ytavy petei reve ey pave tchiu, ko ndedjatchipe raminguai omóĩ akykuemavy tcharyi kuei odjaty djeoi, djatchyre oi oi ey imavy, ae kuri arymavy haĩ mbaramo ndoui reve'iramo rotchapukai guerovya, ha'e roguerotchapuka'i imbovare otchapukai, ay eta va'ekuery djurua kuery opitaiva'ema avatchi omogarai he'ia nda'etchai a'edjepe poramiguapy tchevy oetchauka a'erakatu opita'i djurua kuery ha'evey arami avatchi haĩ omobo yvaterami ae nda'etchai a'etu tcheretchapy etei nda'etchai a'edjepe, nhande kue'iry amboa'eirami nhande kue'iry.

Wanderley: Avatchi ogueruvy mbaetchatu onhogatu anhia avatchi petcha ko nhatchi mbiru pamarire mbaetchakatu odjapo raka'e.

Wherá Tupã: Ha'e vama inhati mbiru ramama kyrigue'i anhete avi idjayvuavi ndopokorivei koo inhati'iovyramo claro que kyriquerami avipy, kuri inhati mbiruovyma rako a'ekueryma

idja imbovare oguera'a pama, inhati mbiruma pedjeramo aygui rei aiporami inhati mbiru petcharamo mba'etcha katu anyĩ imbovare oguera padjuma, oemogoviadju ko yvyre tekoatchi djaikoiramo dja pyta avarami, ha'e idjypy oguera'a ko ipoty oguerava'e ha'evama perfumerã aekuery oguera'a, yva'epy avatchi ipotyma heakua porã idja oguera'a eỹ mbove, nhande kueiramo ay nhandambo'etevei

Wanderley: Mbaetchatu tcheramoĩ rangu'e'i aetcha karambo'ae avatchi omboivy omotchaĩ mba'erãtu ha'e omotcha'ĩ.

Wherá Tupã: Ha'e vyma idjypy'i idjapedjupa'i ramo dja omoapytama omotchã redai ipiru'i aguã, ha'e va'ekuedjuma yvy re onhoty'i aỹ djurua kueryrami haĩ rã irudju idjypy idjapedjukatu antigo veio dja omotcha reda'i, noaroĩ idjapedjupa'i, ha'e omotcha ypy idjaedjupa, ay reinhi'a fevereiro heia yroy idjypy onhoty,haĩ ra'i ekovia dja'e. Ay dje avatchi pe avatchi djareko djurua kuery mba'erã eỹ, ha'e kuery nhandevy obodjerá va'ekue, aykatu nhande djurua pamavy, anheteavi etarami meme nhande kuai.

Wanderley: Nhande kuery ndadjaikuapotai avi mberapa.

Wherá Tupã: Ndadjaikuapotavei haỹ, aiporamigua'i voi ma mava'einda'u pedu va'erã idjayvu vamoĩ rague'i ikatcho ague oapytchare oguereko va'ekue pedevy aguã rame aguepy, etavy oy'u apy.

Ronaldo: Mba'etchaguapy okopi aguã ha'e kuey oporu djepi?

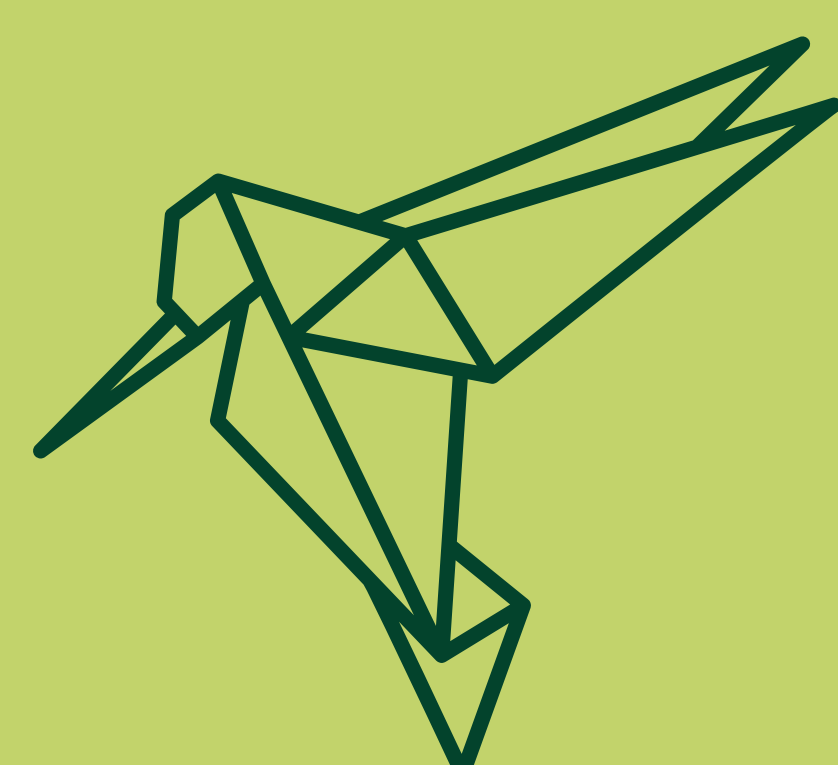
Wanderley: O ymagua petcha, ymaramo macete reigua ndaipoi mbaetchaguapy.

Wherá Tupã: Yvyra raĩbeipy, ita raĩbe'i, ita ikytche poraipy, itavy yvyrá ty hya'ĩ, takua ty'iapu oinupã omonhetchuitchui, kova'e arã guydje onhoty rire omoegovia, oguerova rovai, djadjetchavai ore rodjetchavai va'ekue rima, djety rodjo'oi aguãtu ita rakua ipy.

Wanderley: Mba'etchatu oka'api avy?

Wherã Tupã: Anỹko rotcharo ipyauí katu ndjai va'ey, Rosa Poty Dja yvy ratã heỹ iramo va'e rotcharo pyauí, ava'etu omodoro dorõĩ nhande kua porã ha'eregua nhamodoró.

Wherá Tupã: ayma etarami meme tenko.



5



O RELACIONES DE VIDA PARA NÓS GUARANI: TRÊS HISTÓRIAS DOS MAIS VELHOS EM PALAVRAS E DESENHOS

por Samuel de Souza



PORAVO [RESUMO EM GUARANI]

Kova´ é a trabalho kaxo tuja va´ é kue omombeu va´ é. A´ endu omombeu va´ é há´ egui ambopara re kuatia re, ajapo desenhos ra´ anga re omombeu va´ é kue, apy kova´ é Timoteo de Oliveira omobeu va´ é kue, opitatai va´ é kova´ é tekoha apy, agui xe xy omobe´ u va´ é, Marli Antunes, oiko tataypy re M´ biguaçu. Ijavi re ijayu va´ é agui oikua re, omboaxa xejaryi guaxu, avi omebyre, agui rirere, aoxa ixyre omobeu re agua omembyre reguare. Ayin re omoaxa kuatiare, mbaemo noin poraré´ ima, oata´ ima mba´ emo re. Há´ eramó ajou ambopara rã kuaxia desenhos ra´ anga re.

RESUMO EM PORTUGUÊS

Meu trabalho trata de histórias dos mais velhos. Ouvi as histórias e depois coloquei no papel e em desenhos, a partir de cada história contada por nosso cacique chamado Timóteo de Oliveira que também é nosso líder espiritual. Também ouvi pela minha mãe, Marli Antunes, que mora na aldeia M'biguaçu. Muitas palavras e conhecimentos não podem ser passadas para o papel ou gravados. Quando gravadas ou escritas perdem os encantos, por isso eu escolhi em também desenhar as três histórias que aqui apresento.

APRESENTAÇÃO

Eu, Samuel de Souza, tenho 25 anos, sou pai de três filhos (todos meninos) e atualmente trabalho na aldeia Amaral, na escola *Ká'akupe*, que fica perto da minha aldeia. Moro na aldeia do Morro da Palha, localizada no município de Biguaçu, perto da cidade de Tijucas, Santa Catarina. Essa aldeia possui 216 hectares, onde moram 21 famílias, com aproximadamente 70 moradores.

Eu nasci na aldeia em Laranjeiras do Sul, no Paraná. Logo depois minha família mudou-se para Linha Limeira, no oeste de Santa Catarina. Lá tive minha infância e participava da casa de reza, local onde os mais velhos contavam histórias de animais e plantas.

Eu e todas as crianças que estavam lá ouvíamos e imaginávamos aquelas histórias que para nós eram totalmente reais. Ouvíamos e viajávamos para vários lugares e tempos sem sair do lugar. Quando fui crescendo, não aconteciam mais esses encontros de crianças e contadores de histórias.

Depois que vim para o sul, comecei a trabalhar em uma chácara perto da aldeia e lá permaneci por cinco anos. Não gostava muito de trabalhar com algumas coisas da chácara. Saí e fui trabalhar na escola da pequena Terra Indígena do Massiambu.

Junto com os alunos fomos atrás de algumas histórias. No ano seguinte, passei a trabalhar na escola *Ka'akupe*, na aldeia do Amaral, e com muita perspectiva e vontade, resolvi fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre esse tema. Além disso, sinto saudade dos tempos em que todos iam atrás dos mais velhos para saber.

Hoje, muitos anciões então morrendo e não repassaram tudo o que sabem para os mais jovens, que deviam desde pequeno aprender. Assim como minha avó já falecida dizia: “Tudo que os mais velhos contam sobre as histórias são todas verdade, para quem nasceu Guarani”.

O Trabalho de Conclusão de Curso que eu escolhi trata do que é chamado de mitologia Guarani, mas para nós não significa mito ou lenda, mas sim uma verdade que nossos antepassados presenciaram há muito tempo.

Minha primeira conversa com um sábio foi logo que escolhi meu tema para o trabalho. Foi com seu Timóteo de Oliveira, nosso cacique e *karaí* da aldeia Morro da Palha (*Itanha'é*). Conversei com ele e perguntei o que ele achava que eu poderia fazer no meu trabalho e com qual pessoa poderia estar falando sobre o tema. Ele foi bem sincero comigo:

Teu tema está muito comprido, você poderia escolher só duas, porque cada história tem muita coisa para pesquisar, muita

história para ouvir e sempre tem uma continuação, nunca acaba para quem conta com as verdadeiras palavras. Mas todas as histórias são verdadeiras, não importa como são contadas (Timóteo de Oliveira).

Eu fiquei muito entusiasmado com minha pesquisa para o trabalho. Ele me falou de que não gosta muito de ser filmado ou gravado quando conta os ensinamentos do povo Guarani. Falou que, quando ele começar, eu só escute e preste muita atenção no que ele vai falar.

Todos os mais velhos não gostam que gravem ou escrevam quando eles estão contando as histórias do conhecimento guarani. Perguntei o porquê, e me responderam que não se sentem bem, que as histórias não são sentidas quando estão gravando ou escrevendo. Além disso, não contam bem as versões conhecidas pelos antigos contadores. Assim deixa alguma coisa importante para ouvir.

Todas as histórias, quando são contadas, começam com outro tema, outro seguimento para chegar às histórias em que a gente pesquisa. Todas são interligadas, mas com um só significado, falam de verdades sobre o conhecimento Guarani. Por isso os mais velhos quando contam as histórias, contam dando voltas para ver se a gente está atento ao que eles estão dizendo. Por isso não se pode chegar direto no sábio e querer saber só de um assunto, mas sim de tudo que eles querem transmitir.

Muitas palavras e conhecimentos não podem ser passados para o papel ou gravados – explica Timóteo. Quando gravadas ou escritas perdem os encantos, por isso eu escolhi em também desenhar as três histórias que aqui apresento.

1. TRÊS HISTÓRIAS DOS MAIS VELHOS

História da cutia, da garça e do jacaré

Em uma aldeia muito distante havia um homem que tinha sua mulher, e um dia ela ficou grávida. Todos da aldeia falaram com o pai a criança:

- Quando seu filho nascer você tem que se resguardar, ficar com seu filho certo período e não pode sair para a mata para caçar e fazer armadilha. Tem que seguir os conselhos dos mais velhos.

Assim a mulher do homem teve a criança, mas o rapaz jovem não seguiu a orientação dos mais velhos e saiu a caçar. Quando ele estava na mata, avistou um bando de cutias. Quando as cutias o ouviram, saíram correndo e ele foi atrás com seu arco e flecha.

Mais adiante ele encontra uma linda mulher e pergunta para essa mulher se ela não tinha visto o bando de cutias passarem. Ela disse que não e perguntou se ele queria ir com ela e suas irmãs, na aldeia dela. Ela mostrou as irmãs dela e na verdade eram as cutias, porque como ele não seguiu os conselhos do sábio ele estava *ojepotá*¹ com as cutias.

Ele disse que ia com a mulher e as irmãs para a aldeia dela. Na beira do rio, ele disse que não sabia nadar, então as cutias o atravessaram. Ele passou o rio agarrado nas orelhas das cutias.

Chegando lá ele viu um monte de mulheres lindas e, logo em seguida, viu um homem sentado em uma pedra, que era *Nhanderu*. Ele disse para o homem:

– Por que você está aqui com essas cutias?

Ele olhou de novo e não viu mais as mulheres, só uma manada de cutias. *Nhanderu* disse:

– Volte para sua família, para sua mulher e filho.

¹ Ojepotá é uma expressão guarani que significa que vai se transformando, virando bicho, perdendo a humanidade.

Ele chegou perto do rio e começou a chorar, porque ele não sabia nadar. Um jacaré olhou, chegou perto dele e perguntou o que ele queria. O homem falou que queria atravessar o rio para ir até a sua família.

O jacaré disse:

– Eu te atravesso o rio.

Mas o jacaré na verdade queria comê-lo.

O homem subiu em cima do jacaré e no meio do rio o jacaré começou a falar para o homem:

– Me fale mal, fale palavrão para mim.

Pois o jacaré atacava só se estivesse bravo.

Mas o homem disse:

– Não, não posso te falar nada de mau, você está me atravessando, eu tenho é que agradecer você.

Aí, chegando perto da margem do rio, tinha um galho que vinha da beira do rio até certo ponto em cima do rio.

O homem pulou no galho e saiu correndo do jacaré e viu uma garça com um cesto pegando peixe. Falou para a garça:

– Me ajude, tem uns jacarés querendo me comer.

Aí a garça disse:

– Entre aqui dentro da minha cesta.

Tiraram os peixes da cesta, o homem entrou dentro e ela o cobriu com os peixes.

Os jacarés chamaram bastante e perguntaram se a garça tinha visto o homem. Ela disse que não, mas um dos jacarés desconfiou e disse:

– Posso ver o que tem na cesta?

Assim, a garça pegou o cesto bem rápido e colocou o cesto em cima de um galho, para que o jacaré não o pegasse.

Perguntou para o homem:

– Quer que te leve em algum lugar?

Ele disse:

– Me leve à minha aldeia.

E a garça o levou.

Naquele período, já tinham se passado dez anos que ele tinha saído de casa. A garça o deixou na entrada da aldeia. Quando ele chegou perto da aldeia ele viu umas crianças brincando e perguntou da sua mãe.

As crianças falaram:

– Está lá na casa dela.

Ele foi à casa da mãe dele e disse:

– Mãe, estou de volta.

Sua mãe olhou para ele com muita felicidade e abraçou-o e caiu morta no chão. Por isso todo o mais velho diz que sempre escutem, não façam as coisas erradas e não deixem a sua mãe, se não elas se vão sem poder voltar.

(História contada por Timóteo de Oliveira, aldeia Morro da Palha, SC, em 25 de abril de 2014, na casa de reza, fim de tarde).

História do *urutau*

Em um lugar muito bonito havia uma pequena aldeia que era muito produtiva, mas tinha uma família que não tinha muitas riquezas, era um casal com duas filhas e um menino.



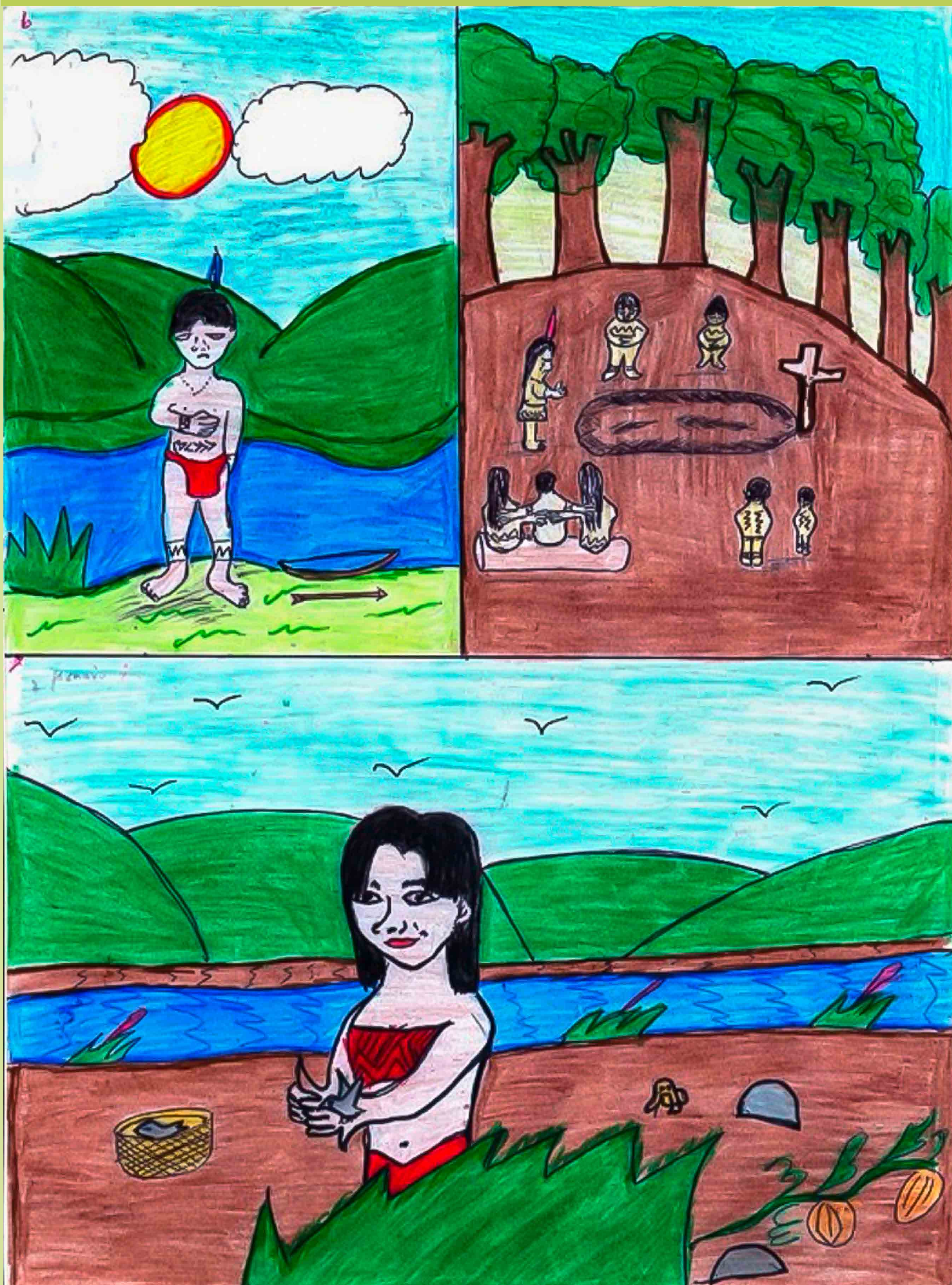
Uma das moças era bem bonita, Para'í, e outra, Kerexu, não era muito, mas ela ajudava mais sua família. Toda vez que Kerexu achava um namorado, Para'í tomava-o e ninguém casava com ela. Para'í dizia que ia casar com o homem mais bonito e forte de todos.



As famílias eram muito ricas em plantações de mandioca, milho, feijão e batata doce, além de muita caça e pesca. A família tinha um menino e as duas meninas moças estavam “bem de vida”, com muita pesca e bastante colheitas. O pai era quem mantinha a família: caçava, pescava e fazia roças.



Mas um dia ele ficou muito doente e morreu. Sua família ficou sem saber o que fazer para se manter.



Para'í, que era a mais bonita, ficou bem pensativa e foi dar uma caminhada perto do rio.



Começou a rezar e olhando para o céu, pediu para que uma estrela que era chamada tainaka ajudasse a sua família. E de tanto rezar, ela adormeceunhada perto do rio.



Tainaka, olhando lá de cima, gostou dela e desceu para ajudar, mas ele veio em forma de um velhinho.



Foi direto falar com Para'í, mas ela ficou espantada com o velho. Ele disse:

- Você me chamou, estou aqui

E ela ficou olhando para o velho. Ele pediu para ir à casa dela, e ela foi para aldeia com o velhinho.



Todos disseram:

- É esse aí o homem com quem você vai casar?
Ele é feio, velho e fraco.

Todos deram risada dela e com olhar de nojo para o velho, Para'í disse:

- Esse velho não, nunca.



E o velhinho, com vergonha, saiu de cabeça baixa dali.

A *Kerexu*, a que não era muito bonita, disse:

- Eu caso com ele.

E casou com o velhinho e foram morar em uma casinha pequena. Dias depois o senhor já tinha feito uma casa grande para eles morarem, e todos viram que ele era bem ágil para um senhor de idade. Ele saía para caçar e voltava com muitas caças e alimentos. Todos ficaram curiosos de onde ele estava trazendo tudo aquilo, pois na aldeia não tinha mais alimentos para consumo e ninguém conseguia fazer roças boas, caçar ou buscar frutas.



O velhinho já tinha feito roças e estavam muito bonitas. Perguntaram para ele porque as roças cresciam rápido, e porque ele conseguia muitos alimentos tão facilmente. Ele disse:

- Eu sou o Deus estrela *Tainaka*.

E claro, ninguém acreditou.

Eles já tinham três filhos, e um dia ele disse:

- *Mulher, nós devemos ir pra minha casa agora.*

E *Kerexu* disse:

- Sim, vamos.

Pensando que ele era de outra aldeia, ela nem ligou muito.

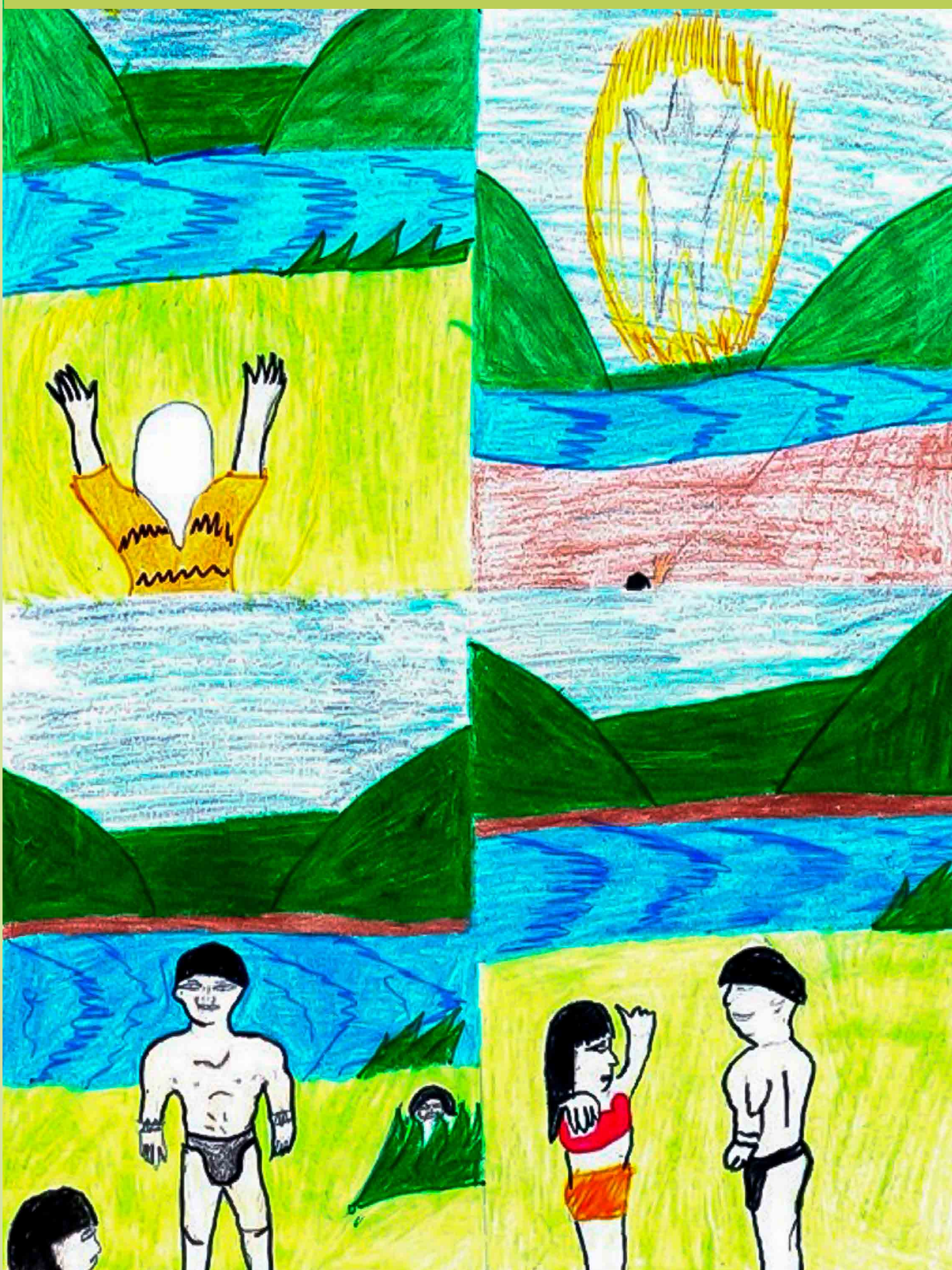


Para'i sempre ficava olhando e invejando a irmã dela que estava feliz

Um dia *Tainaka* convida *Kerexu* para ir à beira do rio. *Para'i* os segue sem que eles percebam. *Tainaka* diz para *Kerexu*:

– Preciso te contar um segredo.

E *Tainaka* ergue a mão e vai para o céu e começa a brilhar bem forte e volta para a terra novamente mais jovem e bonito.



Para'í, que estava escondida, saiu dizendo:

– Eu que tenho que ir pra sua casa e casar com você, e eu que te chamei.

E *Tainaka* disse:

– Você não gostou quando eu era velhinho, e agora eu já estou casado com quem gosta realmente de mim.

E saíram voando para casa do Deus *Tainaka*. A irmã saiu correndo atrás deles se transformando em um pássaro feio.



Hoje chamam esse pássaro de urutau, e por isso a maioria das vezes ele fica em um tronco de árvore olhando para o céu e gritando, pedindo para ir junto com *Tainaka* para o céu.



Como surgiu o milho *kateto* Guarani

Na Língua Guarani, contada para uma criança pequena:

yma manje oi peteî tekoa, peteî ara py oiko ava´i va`eri ipire ju
mive, avati´în oiko tuja, há´e tyke tuja.

Há´e Mavy ija´é peteî kunha, onhembo´e ruvixa ivale nhangareko
rã.

Xee va´e ritu nda´eja´ei pireju re ramo, há´e rirema ava.

Va´e ndovy´ai pya raxy ha evyma omanô,

hetarâ kuery ojaty´i mavy ama´e kuaray ou nhavô há´e rirema
ojatyágüe pyenhoî petei jairogue´i re.

Ava ju oin apy enhoî ramo ma omborea raka´e Ava´í.

Como surgiu o milho kateto na Língua portuguesa e dese-
nhada em quadrinhos:

Em um lugar bem distante de tudo havia uma aldeia onde não se tinha muitos recursos.



Lá também morava uma família que todos consideravam diferente porque eram mais pobres, e porque tinham um filho da pele branca e cabelos amarelados, com o nome de *Avaxin*.



O tempo foi passando, aquele menino foi crescendo e logo se tornou um adolescente. Todos da aldeia não gostavam dele porque ele era diferente.



No momento em que ele entrou na fase de querer casar, ele se apaixonou pela filha do chefe da aldeia.



Mas o chefe não o deixou ficar com sua filha, porque sua aparência era diferente dos outros.



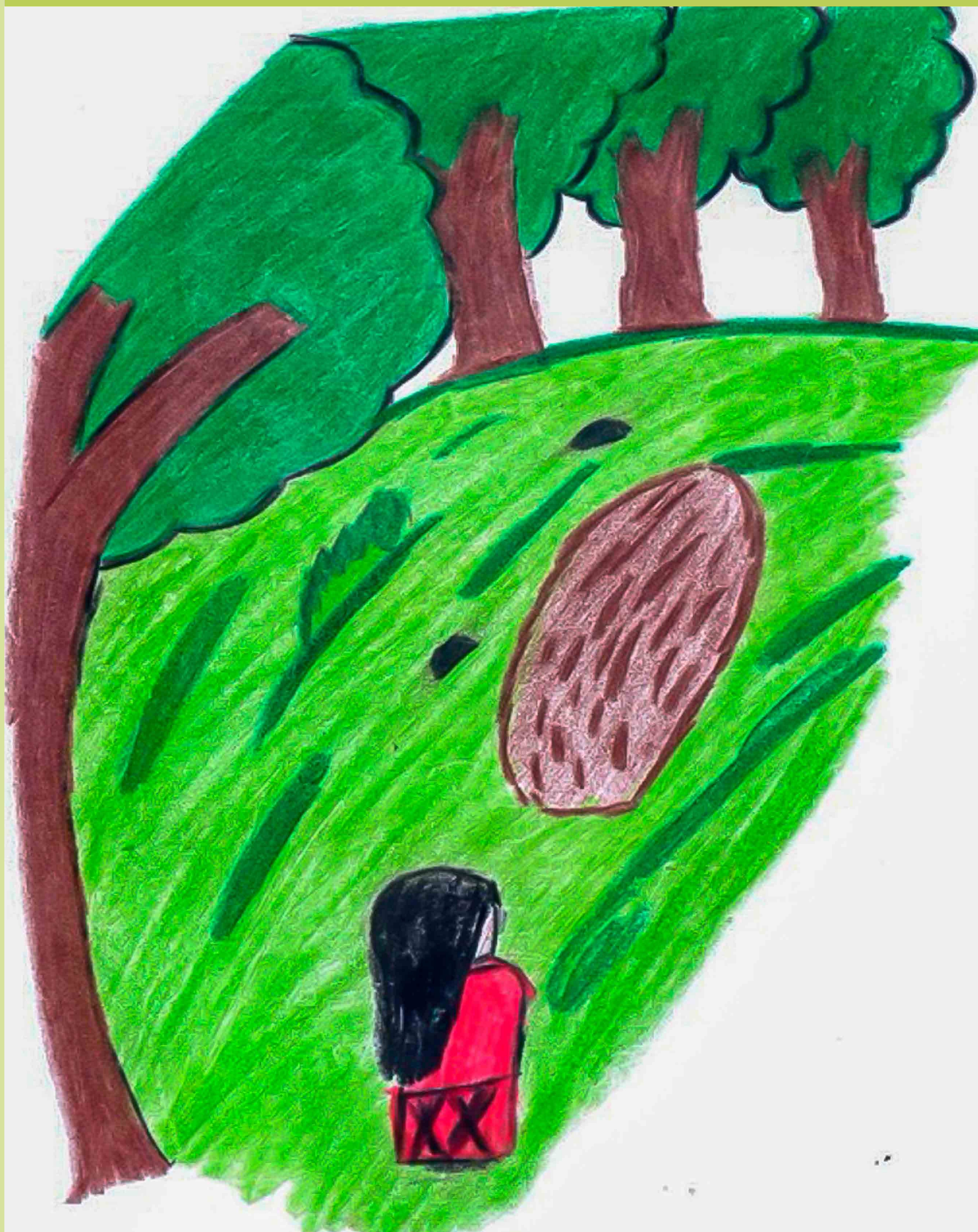
O tempo foi passando e o jovem estava gostando cada vez mais da moça. Ficou muito triste por não o deixarem casar com ela. Cada dia ele ficava mais triste, todo tempo ele rezava para que *Nhanderu* fizesse que todos gostassem dele.



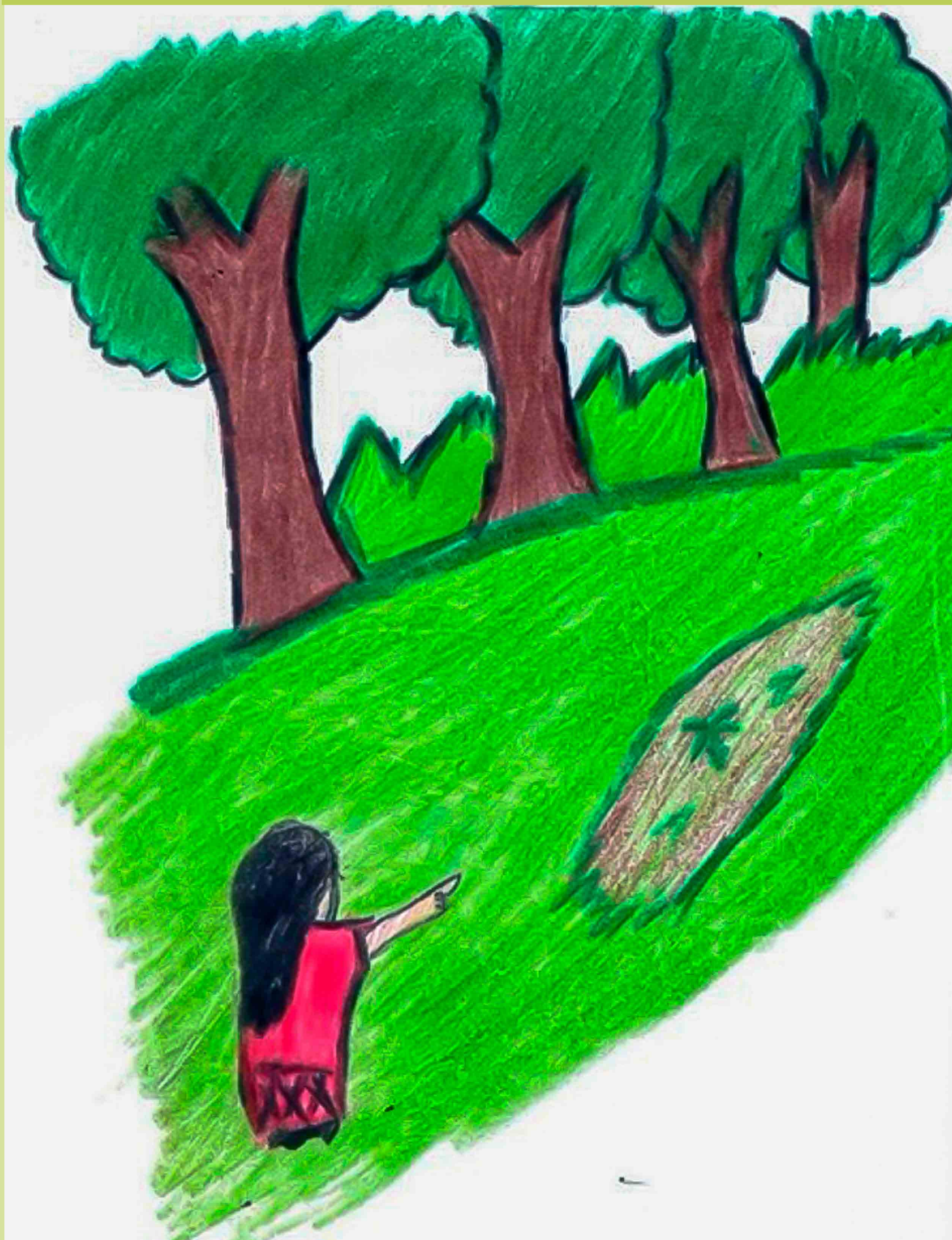
De tanta tristeza, ele morreu. Como ele era diferente, enterraram-no em um lugar sozinho.



A aldeia estava com muita falta de alimento na época em que o *Avaxin* morreu. Sua irmãzinha ia todos os dias, durante uma semana, rezar onde seu irmão foi enterrado.



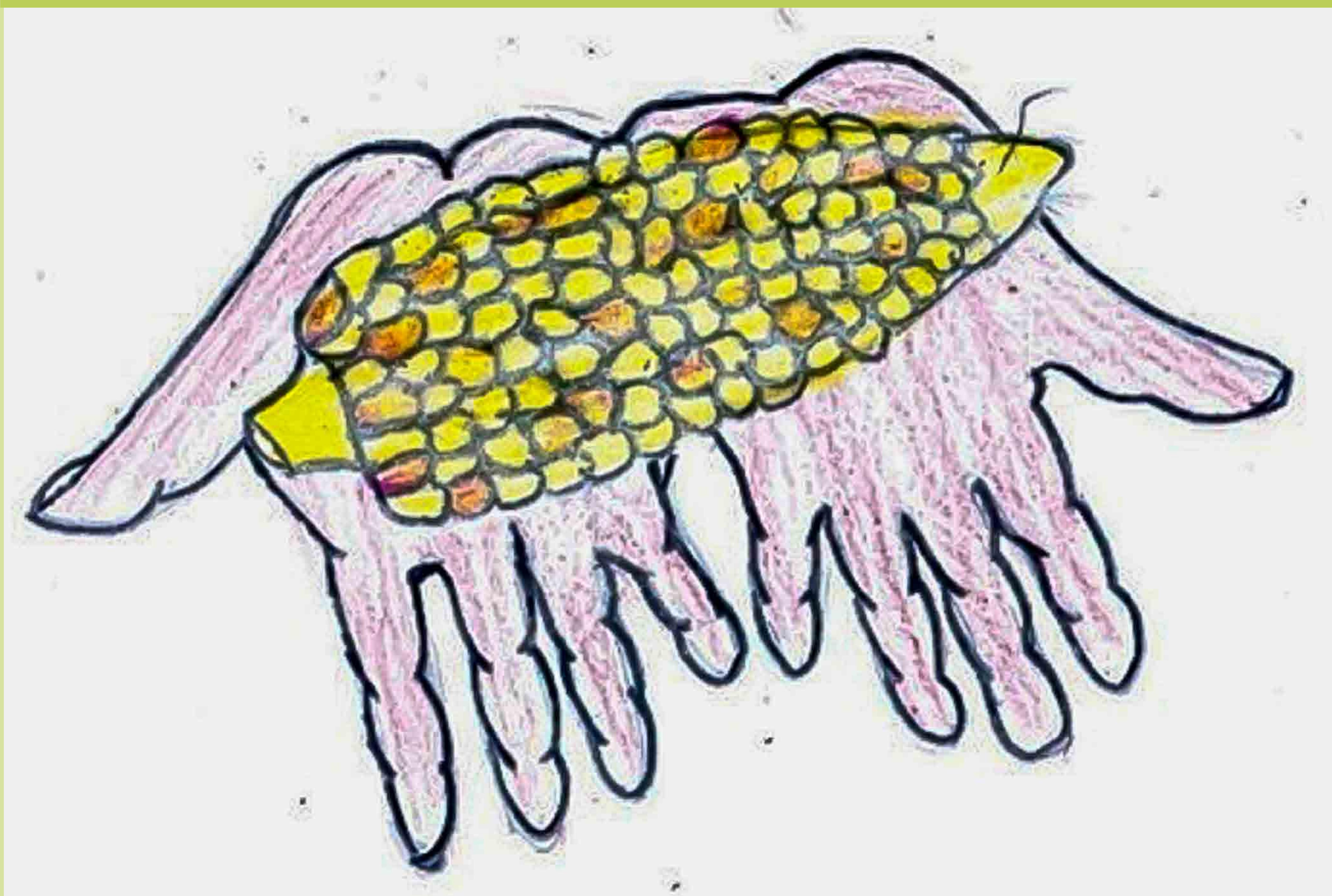
Depois não foi mais. Passaram-se três semanas e a irmã foi vê-lo e rezar para ele. Chegando ao local onde ele estava enterrado, viu que nasceram plantas que ninguém tinha visto, assim, chamou todos da família para ver.



Depois de uns três meses aquelas plantas estavam com umas espigas de um tipo de sementes que ninguém tinha visto em lugar nenhum. Toda a aldeia foi ver as novas plantas que serviram para matar a fome de toda comunidade.



Com as sementes fizeram plantação, e assim, a aldeia não teve mais fome. Como *Avaxin* tinha pedido para *Nhanderu*, todos gostaram dele.



Em todo território guarani conhecem o milho do Guarani.



CONCLUSÃO

Em tudo que pesquisei para meu Trabalho de Conclusão de Curso, o que percebi é que todas as histórias contadas pelos mais velhos, sempre têm algum significado para o Guarani.

As histórias são contadas quando eles querem dar conselhos a um neto, filho ou parente que está precisando. Algumas vezes, de uma bronca também – quando alguém está fazendo algo errado – ou às vezes, conselhos quando uma mulher ganha bebê; ou quando os jovens entram na fase adulta.

Repensei cada história que ouvi, percebi que cada uma delas poderia ser diferente em suas versões, mas tinham sentidos semelhantes.

Ouvi a história do milho, duas pessoas me contaram a mesma história, mas cada um contou de um jeito diferente. Eu juntei as duas em uma, passei para os dois que eu entrevistei e falaram que estava certo, aí percebi que o que valia era o sentido de ouvir a história. O sentido serve para cada um que ouve, por isso os mais velhos não gostam que quando vamos entrevistá-los fiquemos escrevendo. Eles querem que imaginemos, que possamos sentir a história.

Um modo que achei para recontar as histórias foi por meio de desenhos, assim, cada um que vê, pode sentir um pouco, não só ouvir, mas viajar um pouco na imaginação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

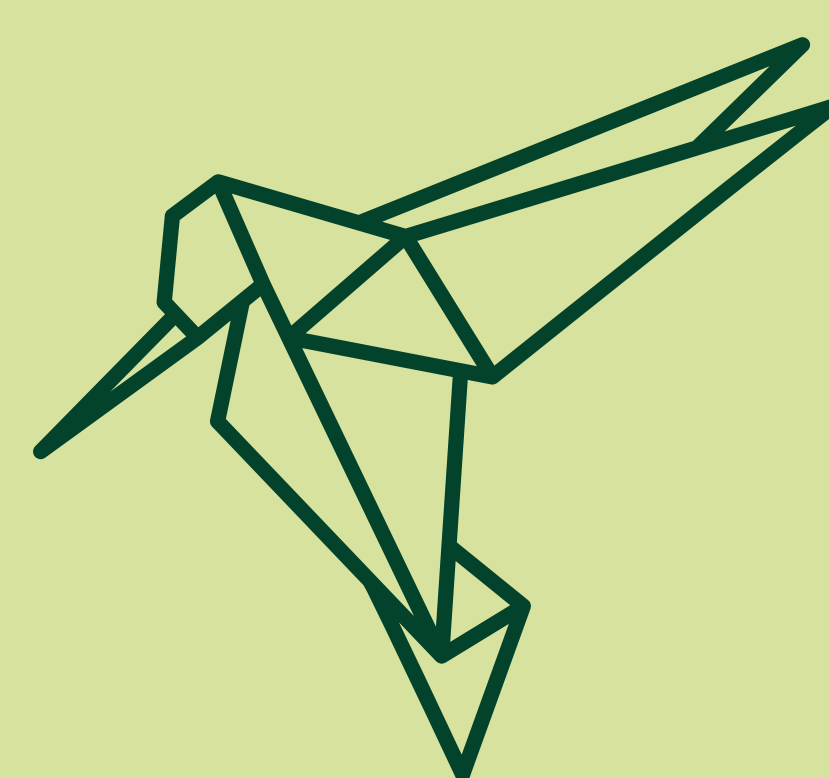
ANTUNES, Adão Karai Tataendy. *Palavras dos Xeramõi*. Florianópolis: Editora CUCA FRESCA, 2008.

REFERÊNCIAS ORAIS/ENTREVISTAS

OLIVEIRA, Timóteo. Entrevista concedida a Samuel de Souza. Aldeia Morro da Palha, Biguaçu, SC. Outubro de 2014.

OLIVEIRA, Timóteo. Entrevista concedida a Samuel de Souza. Aldeia Morro da Palha, Biguaçu, SC. Dezembro de 2014.

ANTUNES, Marli. Entrevista concedida a Samuel de Souza. Aldeia Mbiguaçu, Biguaçu, SC. Dezembro de 2014.



6



**NHE'Ē, REKO PORĀ RĀ,
NHEMBOEA DEXAKARĒ:
FUNDAMENTO DA PESSOA
GUARANI, NOSSO BEM-ESTAR
FUTURO, A EDUCAÇÃO
TRADICIONAL E O OLHAR
DISTORCIDO DA ESCOLA**

por Sandra Benites Ara Rete



PORAVO [RESUMO EM GUARANI]

Ko xerembiapo amabe'u ta mbya reko regua, nhemboae'a reko ha'egui mbya reko ete regua. Kyringue nhemboe'a regua ha'egui, kyringue rekoa regua. Mbya arandu py.

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a educação tradicional guarani e a educação escolar “indígena”. Para isso, abordarei a importância do *nhe'ẽ* no nosso processo educacional, pois a nossa educação começa com *xara'u* (sonho), *omoexakã* (revelação do *nhe'ẽ*, ou seja, quando a mulher sabe que ficará grávida). O *nhe'ẽ* é o fundamento da pessoa guarani, é o início da vida. Meu principal objetivo é apontar os conflitos entre a educação tradicional das crianças Guarani do Espírito Santo e o sistema de educação escolar implementado na aldeia Três Palmeiras, localizada nesse Estado, destacando, ainda, a importância dos nossos processos de ensino e aprendizagem para a transmissão e a conservação dos nossos *mbya arandu* (saberes tradicionais), para a manutenção do *nhandereko*.

APRESENTAÇÃO

Sou a estudante Guarani Sandra Benites, nascida no dia 07 de fevereiro de 1975, na aldeia Porto Lindo, em Mato Grosso do Sul, onde vivi até maio de 2000.

No final desse ano fui visitar meus parentes na aldeia Boa Esperança, localizada no município de Aracruz, no Espírito Santo. Após três meses da minha chegada, comecei a trabalhar como agente comunitária de saúde, até novembro de 2003. Tive que parar porque fui fazer o curso de mestrado *Kuaa-Mbo'e* (mais conhecido como Protocolo Guarani) do Sul e Sudeste que iniciou a primeira etapa em 2003. Depois que eu comecei a fazer esse curso, em março de 2004 comecei a dar aula para alunos de 1º e 2º ano das séries iniciais na aldeia Três Palmeiras, que fica no mesmo município de Aracruz. Lecionei na escola de Três Palmeiras durante sete anos, até 2012.

Em 2010, fui convidada pelo professor José Ribamar Bessa Freire para participar do Observatório de Educação Escolar Indígena (OEEI) que me possibilitou conhecer várias discussões, professores, colegas indígenas de outros povos, participar de reuniões e seminários.

Em 2012, passei a dar aulas para alunos do 4º e 5º ano. Isso foi uma nova experiência para mim porque nessa faixa

etária, nos costumes Guarani, é a fase de passagem para nova etapa da vida que os *jurua kuery* (os não indígenas) chamam de adolescência.

Meu curso de mestrado *Kuaa-Mbo'e* terminou em maio de 2010. Após a conclusão do curso e mestrado, comecei a fazer o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina em 2011. No período de conclusão deste curso decidi pesquisar a *infância Guarani*.

Minha experiência como educadora me levou a refletir sobre o porquê das políticas públicas não conseguirem atuar de forma diferenciada com as crianças guarani nas escolas. Este trabalho, portanto, é resultado não só do curso superior que estou concluindo, mas de uma trajetória de vida junto à educação indígena, e junto às crianças Guarani.

INTRODUÇÃO

As crianças Guarani na escola e fora dela despertaram minha preocupação, a partir da minha experiência como educadora, como mãe de quatro filhos, e como mulher guarani.

Comecei a identificar que atualmente a escola faz parte da vida cotidiana das crianças guarani. Não podia deixar de destacar e levar em conta os costumes das crianças na escola, porque vejo que a escola deixa isso de lado, não se preocupa muito com o *jeito de ser* Guarani. Ou seja, o modelo escolar implementado dentro da maioria dos *tekoa*, não são específicos, nem tampouco indígenas. Por isso, coloco aspas quando me refiro às escolas “indígenas” Guarani. Elas são escolas “indígenas” com aspas, são “embaixadas”.

A escola, como pude identificar, é uma instituição que não dá autonomia para as crianças construírem suas identidades de acordo com os costumes, crenças, a tradição Guarani. Os professores indígenas são enquadrados no sistema educacional *jurua* (não indígena). Desse modo, é difícil termos uma escola diferenciada e específica.

Foi essa minha observação que me levou ao tema da minha pesquisa, pois o meu principal objetivo era apontar os conflitos entre educação tradicional das crianças guarani do Espírito Santo versus o sistema de educação escolar implementado na aldeia Três Palmeiras, que é a única escola guarani do Espírito Santo.

A minha primeira observação foi com relação ao *tekoa* e a importância de ter na nossa terra os elementos importantes

– nossas referências – para a nossa educação, para a transmissão dos *mbya arandu*.

Para identificar as diferenças entre um *tekoa* onde as crianças têm mais elementos, mais possibilidades de construir suas identidades (rios, matas, água nascente, animais), e que fazem parte dos rituais guaranis e são importantes nos nossos processos educacionais e um *tekoa* que não possui todos esses elementos, fui acompanhar o dia a dia das crianças guarani da aldeia de *Sapukai*. Essa aldeia está localizada no município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, onde fiz uma comparação com o *tekoa* Três Palmeiras.

Percebi que no *tekoa Sapukai*, realmente o lugar faz uma enorme diferença nos processos de aprendizado das crianças Guarani. Assim, para explicar o processo de educação Guarani, escolhi falar sobre *nhe'ẽ* que é o fundamento do ser/pessoa guarani, pois a nossa educação começa com o *xara'u*, com *omoexakã* do *nhe'ẽ*.

Então, para falar da nossa educação temos que discutir o que significa para nós Guarani o *nhe'ẽ*, e como as nossas tradições, nossa forma de ser e agir estão ligados ao *nhe'ẽ*. Abordarei a questão do *nhe'ẽ* destacando também a problemática das traduções dos *Juruá*, dos não indígenas. Para isso, discutirei a *palavra alma* (em guarani *ã*) e também *angué*, que para nós Guarani tem significados e funções diferentes.

Esse é o objetivo do meu primeiro capítulo: discutir sobre o fundamento da pessoa guarani, pois a educação tradicional guarani está extremamente ligada ao *nhe'ẽ*, ao nosso *nhandereko*.

No segundo capítulo, reflito sobre a importância do *tekoa* – que *Nhanderu* nos revela através dos *xara'u*, sonhos, para mantermos nosso *teko*, nosso *nhandereko*, nosso *jeito de ser e viver*. Para isso, discuto como é importante para a nossa educação, para a transmissão e conservação de *mbya arandu*, da *sabedoria guarani*, termos no nosso *tekoa* mata, animais, cachoeiras e fontes de água, mel e terra para fazermos nossas roças. Esses elementos são fundamentais inclusive para a nossa qualidade de vida. Aqui faço uma comparação entre o *tekoa* Sapukai e o *tekoa* Três Palmeiras.

No terceiro capítulo discuto as escolas guarani existentes nos *tekoa* atualmente. Reflito sobre a importância do diálogo entre a educação guarani e a educação escolar indígena, além da necessidade de ambas caminharem juntas, para futuramente as escolas nas aldeias serem parte de nós e não “embaixadas”.

Por último, concluo minha pesquisa com minhas considerações sobre o modelo de escola indígena existente nas aldeias guarani (as “embaixadas”) e a escola que sonhamos um dia ter. Sonhamos com uma escola que seja parte de

nós Guarani, que nos fortaleça, que mantenha as nossas tradições, ou seja, uma escola pensada, organizada, construída e mantida por nós Guarani e não essa moldada, gerida, dirigida pelos *jurua*, pelos não-indígenas.

As crianças que fizeram parte da minha pesquisa de campo, no Espírito Santo, foram das aldeias de Três Palmeiras, Boa Esperança, Piraque-Açu e Olho D'Água, que estudam na escola de Três Palmeiras. Além disso, observei as crianças da aldeia de Sapukai. Utilizarei algumas fotografias das crianças e das aldeias ao longo do meu texto.

Meu método de pesquisa foi apenas de observação, participação e entrevista com os mais velhos – João da Silva (Verá Mirim, cacique da aldeia de Sapukai), seu Felix e dona Catarina (esposa do seu Felix) ambos da aldeia Céu Azul (Rio de Janeiro), pois atualmente moro e trabalho no Rio de Janeiro. O Senhor Félix e a Dona Catarina me ajudaram a esclarecer diversas dúvidas sobre nossas tradições. Eles foram não apenas interlocutores, mas sábios e companheiros que me ajudaram na conclusão da minha pesquisa, de mais essa etapa da minha vida.

1. Ñ, ANGUE, NHE': O FUNDAMENTO DA PESSOA GUARANI

Para manter *nhandereko*, precisa de *teko*, para produzir *teko* é preciso que no *tekoa* as pessoas nasçam e permaneçam vivas. (Verá Mirim, Sapukai/RJ)

Antes de iniciar minhas reflexões, gostaria de explicar que para nós Guarani existem alguns tipos de *Nhe'ẽ*, que sentimos no *py'a* (coração). Mas isso depende da situação vivida por cada pessoa, depende também do contexto, ou seja, do momento. Depende muito do outro, do lugar onde a pessoa está construindo o seu *reko/teko*, seu *jeito de ser e viver*.

Existe *nhe'ẽmirĩ*, *nhe'ẽkangy*, *nhe'ẽmbareate*, *nhe'ẽpotĩ*, *nhe'ẽpoxy*, *nhe'ẽ mby'a guaxu*, *nhe'ẽvy'a*. Todos estão relacionados com os nomes Guarani, com o *espírito-nome*, mas também com o modo de ser de cada *kyrin*, criança, futuramente adulto. Esses *nhe'ẽ kuery* nos ajudam a lidar com as *mitã* (crianças pequenas), *kunumi* (menino) e *kunhantãigue* (menina). Desse modo, seguimos nos costumes, o que nos ajuda a construir o ser Guarani *ete'i*, verdadeiro, ou seja, preservar e *modo de ser* Guarani e dar continuidade ao sistema guarani.

Muitos pesquisadores *juruá*, entre eles León Cadogan no clássico *Ayvu Rapyta* (1945), traduziram (e continuam atribuindo

o mesmo significado) o termo *nhe'ẽ* como “palavra alma”. No contexto em que estou discutindo esse conceito guarani, vejo um equívoco nessa tradução, conseqüentemente em seu significado.

Na Língua Guarani, *ã* é alma, que significa o que está junto o tempo todo com você, como se fosse uma sombra. Para o meu povo, isso não é visto como sagrado. Por exemplo, ao nascer uma criança, ela fica oito dias sem ser vista por ninguém diferente dos seus pais, avós, as pessoas mais próximas. Isso porque alguém com a alma ruim, “pesada”, com “energia negativa”, pode afetar o ambiente e inclusive o *mitã pyta'ĩ* (recém-nascido). Falamos que os *mitã pyta'ĩ* são os *nhe'ẽ Poti*. Para evitar a interferência dessas energias ruins, colocamos, quando temos *mitã pyta'ĩ* em casa – não na nossa casa, mas numa casa preparada para o trabalho de parto, onde ficamos esse período, oito dias mais ou menos, de resguardo –, uma garrafa transparente com água, em cada canto da porta.

As crianças são muito importantes para nós Guarani e estamos sempre cuidando delas. Estou dizendo isso porque além de *ã* – que sempre está conosco – nós temos *angue* – que dependendo da personalidade da pessoa, pode ser bom ou ruim. Diferente de *ã*, *angue* pode nos deixar (mesmo quando estamos vivos) e ficar no ar, um tempo; os mais velhos dizem

que onde nós passamos o *angue* sempre fica um pouquinho, depois ele volta a nos acompanhar novamente.

É esse *angue*, dizem os mais velhos, que pode causar coisas ruins. Por isso, os mais velhos sempre nos aconselham a falar baixo, ficar em silêncio, não falar palavrões, não ficar irritado, ter paciência, principalmente com as pessoas que são agressivas com a gente. Com esse tipo de pessoa, você tem que ouvir, ser paciente, e não responder da mesma forma. Observar nossas regras impede que o nosso *angue* fique pesado, negativo. Dessa forma, nosso *angue* não atinge outras pessoas. Nós temos que ficar bem, para que o nosso *angue* não atinja o outro, de forma negativa.

Quando morremos, nosso *angue* fica de vez aqui, na terra, e se a pessoa em vida foi muito ruim, seu *angue* pode prejudicar o ambiente em que a pessoa viveu. Por exemplo, quando uma pessoa ruim morre, não podemos levar uma criança até o morto. Seu *angue* pode afetar a criança.

O *nhe'ẽ* é diferente, é um *ser-nome* que vem de *Nhanderu kuery*. *Nhe'ẽ* vem dos quatro *amba*: *Karai Kuery*, *Jakaira*, *Nhamandu* e *Tupã Kuery*. *Nhe'ẽ*, portanto, é o fundamento da pessoa Guarani e não “palavra-alma”, como traduziram León Cadogan (1945), Bartomeu Melià (1979), Elizabeth Pissolato (2007), entre outros.

Talvez uma tradução possível na língua portuguesa, por exemplo, e mais próxima do significado na Língua Guarani, seja *espírito-nome*. Entendo que *alma* e *espírito* (ambas de origem latina, a primeira vem de *anima* e a segunda de *spiritus*) em português são sinônimos, conforme o dicionário *Aurélio* (2010). Mas, na Língua Guarani, como vimos, são termos completamente diferentes e de significados distintos.

Para nós Guarani, só depois que a criança começa a andar é que ela tem *ã*, ou seja, *ã* é algo da terra, deste mundo. Quando lemos a tradução de *nhe'ẽ* como “palavra-alma” isso nos causa estranhamento.

Estranhamos não apenas algumas traduções feitas pelos *jurua kuery*, mas também a frieza do registro escrito. Quando os *xamõi kuery* nos falam sobre o *nhe'ẽ*, eles se emocionam. Porque *nhe'ẽ* está ligado ao sentimento, ao nosso *py'a*. *Xamõi kuery oendu opy'are* – eles sentem com o coração. Não há palavras que exprimem e que traduzem esse sentimento, essa emoção. Não se trata apenas de traduzir, para o português, o espanhol ou qualquer outra língua, *nhe'ẽ* como “palavra-alma”. Isso seria, além de um equívoco, simplificar demasiado o conhecimento, o fundamento da vida, da pessoa Guarani.

Quando escrevemos, colocamos no papel *nhe'ẽ*, parece que é uma simples palavra, mas não é. Quando pronunciamos *nhe'ẽ*, estamos nos referindo a todo o nosso pensamento, conhecimento, nos conectamos com o nosso *mundo espiritual*. É como o padre Lemos Barbosa (1956) disse:

Os dicionários podem dizer que *anga* significa *alma*. Mas o conceito de *alma* é diferente do de *anga*, tanto em compreensão como em extensão. Nós atribuímos à *alma* características (por exemplo, a imaterialidade) que não cabem no conceito indígena de *anga* (Barbosa, 1956).

É por isso que os *xeramõi* não gostam de pronunciar em qualquer ambiente as palavras sagradas, e eles também não gostam que a gente escreva ou fale sobre essas palavras. As pessoas *juruá* não entendem o que falamos e acabam criando ideias equivocadas. Elas escrevem outras coisas, não entendem o que dizemos. "Só o Guarani entende outro Guarani".

Isso vale não apenas para os *juruá*, mas também para as novas gerações de Guarani. Se os jovens não aprenderem *ojapyxaka* (a se concentrar), *mbojerovia* (acreditar, fazer valer) no *reko arandu*, praticar e ir sempre a *Opy*, colocará em risco o *nhandereko*, nosso *jeito de ser e viver*, e, conseqüentemente, o *teko porã rã* (o bom viver). Por isso é importante para o Guarani *nhe'ẽ*, porque com *ojapyxaka*, *mbojerovia* teremos

teko porã, teremos *kyringue yvua* (crianças felizes). Voltarei a essa questão no capítulo 2.

O *nhe'ẽ* também pode escolher onde e com quem deseja morar novamente em *yvy rupa*. Isso depende muito como ele *oiko porã* (se comportou bem), se *ovy'a* no ambiente, na família. Acontece também do *nhe'ẽ* voltar. Exemplo disso, eu, que era muito apegada à minha avó, antes de *orereja* (dela nos deixar).

Sempre a acompanhava em todos os lugares, pois vivi a maior parte da minha infância com ela. Depois de *orereja*, sofri muito e senti demais a sua perda. Mas, eu já tinha uma filha, inclusive minha avó fez o meu parto e cuidou de mim, da minha primeira filha. Depois que ela morreu, sonhava com ela sempre quando me sentia triste.

Certo dia, sonhei que nós duas estávamos morando juntas, em um lugar muito lindo. No sonho, ela me pedia para ficar em minha casa, onde eu vivia. A partir daí eu já sabia que eu engravidaria de novo e sabia que seria uma menina. Minha mãe também sonhou com minha avó, que ela falava para minha mãe cuidar bem de mim.

Quando fiquei grávida, sabíamos que o *nhe'ẽ* seria o *nhe'ẽgue* da minha avó que voltou para mim. É nesse sentido que falamos em *nhe'ẽgue* e é nesse sentido que os caciques Mbya de Guairá (Paraguai) falaram para Cadogan.

Xará'u omoexakã: Sonho, prevendo o futuro

Certo dia, durante uma madrugada, meu marido me presenteou com um *paraka'u* (um papagaio). A princípio não queria aquele presente, pois me lembrei das palavras de minha avó *Takua*. Ela sempre me dizia que um casal não pode ter *paraka'u* em casa quando tem filho pequeno. Mas, resolvi aceitá-lo porque eu não tinha filho ainda.

No dia seguinte, acordei com esse *xara'u* (sonho) em minha cabeça, sabia que em breve ficaria grávida. *Nomoexaka'ĩ poraĩ* (não tinha certeza) se seria uma menina ou um menino, pois sonhar com *paraka'u*, sem ver no sonho que é macho ou fêmea, indica apenas gravidez futuramente.

Quando uma mulher vai ter um filho ou uma filha, antes mesmo de engravidar, os pais, ou apenas um deles, sonham com o *nhe'ẽ* que virá. Como disse Verá Mirim, são *nhe'ẽ porã*, “porque não é qualquer espírito” (Silva, 2013: 24).

A *omoexakã do dhe'ẽ* (a certeza do espírito) se dá através do *xara'u* (sonho) com nossos parentes, *orereja va'e kue* (que já se foram), mas também quando *roexara'u* (sonhamos) com animais, principalmente pássaros, lugares, plantas – exemplo: *avaty ty* (milho), *comanda'i* (feijão), entre outros. Depois, *omoexakã* (a certeza do espírito) já começa

o processo de *omongueta* (aconselhamentos), e a família escolhe a *mitãmbojaua* (parteira). A mulher, *ipuru'a va'e rã* (futura grávida) tem que se preparar para receber esse *nhe'ẽ*, pois isso implicará, realmente, no futuro do ser-criança, do *nhe'ẽ*.

Diferente de outros povos, se o nosso objetivo nesse capítulo é discutir educação Guarani, então é aqui que tudo *jypy* (começa), após o *xara'u, omoexakã* (o sonho com o espírito). Os pais estão no centro das atenções da família, do *xeramõikuery* (avôs), *jaryi kuery* (avós), *mitãmbojaua* (parteira). Quando se confirma *puru'a* (gravidez), todos aconselham os pais a irem para a *opy* (casa de rezas), para rezar, fazer o ritual de *py'a guapy* – fundamental para as mulheres se fortalecerem sentimentalmente, pois a *ipuru'a va'e* (grávida) fica mais sensível, vulnerável. O marido a acompanha para ouvir *omongueta* (aconselhamentos) que lhes são dados.

A *ipuru'a va'e* (grávida) é a mais cuidada, pois ela tem que seguir *omongueta*, os conselhos dos mais velhos. Isso é para *onhangarekó* do *nhe'ẽ* e de si mesmo – para o bem do espírito e de sua futura mãe. Ela não pode comer muito, nem comida quente (porque a criança quando nasce fica inquieta) e nem certos tipos de alimentos, tais como: frutas grandes (ela tem que dividir porque a criança pode engordar muito, ficar muito grande. Assim, ela teria um parto complicado), a maioria dos animais de caça, comida muito gordurosa,

salgada e doce demais, não pode fumar, não pode pegar nada pesado, não pode se aborrecer. Ela tem que equilibrar as emoções, evitar a raiva, não falar *ayvu reko rei*, qualquer palavra.

Quando o pai está *ta'yriru* – se preparando para ser pai, ele tem que acordar cedo, não pode dormir tarde, não pode ficar nervoso, irritado – ele precisa controlar seus sentimentos, suas emoções, não pode matar certos animais, como a cobra; não pode ser preguiçoso, não pode falar palavrão, não pode falar alto, tem que ser paciente, não pode comer muito.

Antigamente, eles tinham que fazer uma casa para a mulher e a *mitã*, nenê, ficarem reservadas. *Ogueroma'ẽ opy'are mbojerovia* – rezar na casa de rezas, garantirá *teko porã rã*, bem viver, *kyre'ỹmba* do *nhe'ẽ* e da família. Isso deve ser praticado pelos pais e os irmãos.

A *mitãmbojaua* (parteira) acompanha toda a gestação da *ipurú'a* (grávida), aconselhando, ensinando a *ipurú'a* o modo como ela deve tomar banho, orientando sua alimentação, fazendo *opoko oẽdu avuã mitã* – os cuidados necessários para garantir sua saúde e do futuro bebê. As *mitãmbojaua* acompanham até o resguardo. No momento em que a mulher começa a sentir as dores, sabe-se que está próximo o

mitãojau (nascimento) e a *ipurú'a* vai para a casa onde se realizará o parto.

Durante o *mitãojau* (parto), a *ipurú'a* (grávida) é acompanhada pela *mitãmbojaua* (parteira) e o pai – e às vezes pela sogra ou um parente mais próximo. No máximo três pessoas acompanham o *mitãojau* (parto) e o pai auxilia a *mitãmbojau* – ajuda a segurar a criança, busca algo que faltou, segura a mulher e dá apoio. Geralmente, a *mitãmbojau* corta o *ipurú'ã* (cordão umbilical) e o pai enterra a *membyryrukue* (umbigo do seu filho) nessa casa.

Após o *mitãojau* (parto), nos primeiros oito dias, as *mitapytã'i* (recém-nascidos) não podem ser expostos. O resguardo das mulheres dura três meses e elas continuam com a dieta alimentar. Mas, nesse período os homens possuem mais responsabilidades e devem seguir rigorosamente nossas regras. Eles não podem usar ferramentas cortantes até o *purú'ã* (umbigo) secar, não podem beber, não podem comer muito, nem falar demais, não pode comer carne vermelha, não jogam bola, até o término do resguardo.

É importante dizer que os irmãos também devem seguir rigorosamente as regras. Essas regras são para *reko porã rã* – bem viver da família, das *mitapytã'i* (bebês).

Durante um ano, *onhãgareko porã* das *mitapytã'i*, pois o *nhe'ẽ* é *nhe'ẽ poty* – a criança tem sabedoria, *oẽdu kua*, ele ainda

não está no *py'a* (coração), não está fixo no *rete* (corpo), por isso ele sabe muito mais, sente muito mais, percebe muito mais que o adulto. O *nhe'ẽ* é frágil, vulnerável.

Nós Guarani temos um ditado, como dizem os *juruá* (não índios), que diz assim: “Uma pessoa do bem, uma pessoa boa é mais fácil de ser atingida por angue, por mba'emõ vai kue, por coisas ou espíritos ruins”. Quando as *mitapytã'i* começam a dar os primeiros passos, realiza-se o *nhemongarai* (batismo).

Nesse período, os pais fazem o *amba'i* (andador) das crianças, para elas aprenderem os primeiros passos, a se levantarem sozinhas, a se fortalecerem, para as crianças aprenderem a gostar de onde vivem, a serem felizes na casa dos pais. A criança não fica sozinha, os pais ficam observando seus filhos, ajudando-os a se segurarem quando caem ou escorregam. Os pais não devem se assustar quando as crianças levam um tombo, eles devem ajudar as crianças, levantando-as com calma, com tranquilidade. O papel dos pais é de mostrar *toripa, vy'a*. Dessa forma ensinamos os nossos filhos a serem calmos, a falarem baixo, é assim que aprendemos a ser Guarani.

Os *orejarikuery* (mais velhos) sempre ensinam a agirmos assim com nossos filhos. Eles nos explicam que se falar alto, gritando com as crianças, elas não entendem nada e quando

elas crescerem serão adultos agressivos, perturbados. Quando você ouve gritos, você fica confuso, angustiado. Esse *amba'i* que construímos na nossa casa está ligado ao *amba* do *nhe'e* do nosso filho – de que lugar da morada de *Nhanderu* –, que será revelado no *nhemongarai* (batismo).

Os pais devem tratar bem seus filhos, não podem demonstrar nada de ruim para as crianças, não podem gritar, falar alto. *Xami kuery* falam que é nesse momento que as crianças buscam esse gostar de viver naquele lugar, na casa dos pais. Desse modo, o *nhe'e* se fortalece na criança.

Nesse período, é importante ter sempre outras crianças por perto, brincando juntas. Assim, as *mitã kuery* aprendem, através das *nhevãnga* a gostar da vida aqui nesse mundo. As *nhevãnga* não são simples brincadeiras. *Nhevãnga* também tem função de ensinar, de ser feliz. São momentos de alegria para as crianças, de compartilhar, de brincar, de conhecer/escutar, de respeitar o outro. Por isso, *xejaryi kuery* (nossas avós), *xeramõi kuery* (nossos avôs), sempre nos falam: *Tupã kuery onhevãnga!*

Então, para nós Guarani *nhevãnga* é sagrado. Quando os mais velhos falam: *Tupã kuery onhevãnga*, no momento das brincadeiras deles, sabemos que eles estão “brincando quando está trovejando”, relampeando no céu, sem amã, *oky* (chuva) ou quando cai pouquinha chuva, é nesse momento que

devemos respeitar muito. Geralmente, ficamos em silêncio, dentro de casa, quando eles estão assim. Não podemos fazer nada, nenhuma atividade. Nós ficamos em silêncio. Se desrespeitarmos, podemos ser atingidos por um *overa* (raio). A interação das *mitã* (bebês) com outras *kuyringue* (crianças) é importante para o *vuy'a porá* (ficar feliz, bem).

Partes desses ensinamentos são explicados durante o *Nhemongarai* (batismo), pois através da *omoexakã* do *amba* da *mitã* (certeza da morada do bebê) os pais saberão como lidar com seus filhos. Sabendo o *amba* do filho, os pais sabem o nome da criança e a partir daí sabe-se como será a personalidade da *mitã*.

Nhemongarai: revelando o amba

Nhe'ẽ kuery (os espíritos) estão no *amba*, em quatro *amba* na realidade, partes, que são lugares sagrados de onde vem o *nhe'ẽ*. O *amba* é divino, limpo, de onde vem o *nhe'ẽ porã* (bons espíritos). Ele está acima de *yvy rupa* (nosso leito), suspenso, que está no plano espiritual. Localizamos os quatro *amba* em *yvy rupa* da seguinte forma:

Figura 1: Aprendendo, praticando – jovens na aldeia de Sapukai.
Fotografia: Prefeitura de Angra dos Reis, 2014.



Jaikara – nhanderu ete tenonde gua – localizado no centro;

Tupã – mais próximo de *Jakaira* – na direção onde o sol se oculta no horizonte, no pôr do sol;

Nhamandu – na direção em que o sol nasce;

Karai Kuery – mais próximo de *Nhamandu*, na direção Leste, para simplificar.

O *nhe'ẽ* (espírito) está no *py'a* (coração). É no *py'a* que está a base do nosso *rete* (corpo). Por isso, os mais velhos sempre dizem para não batermos nas costas das crianças, pois

pode assustar o *nhe'ẽ do kiryngue*, afastando-o. Para sabermos a origem do *nhe'ẽ* realizamos o *nhemongarai* (batismo).

O ritual do *nhemongarai* é fundamental para sabermos a personalidade e a habilidade de cada Guarani. Pois, conforme já dissemos, ao revelar o *amba*, sabemos o nome da *mitã* (nenê), e sabemos qual será o seu *reko* (jeito). Cada *amba* (morada divina), e cada *tery* (nome), implica num jeito de ser, um agir específico para cada pessoa. Quero dizer que o *reko* de cada Guarani depende do *amba*, mas principalmente do nome.

O próprio nome exige certos tipos de cuidados, pois existem regras específicas para cada um deles. Essas regras devem ser seguidas rigorosamente no período *nhe'egu* e *oguapy* (para as meninas) e *nh'e guxu re* (para os meninos). A partir daí, os pais passam apenas a observarem seus filhos, cabendo a responsabilidade maior de seguir as regras aos jovens.

Saber o *amba* e o *tery* da criança implica uma série de observações e cuidados por parte dos adultos nas fases, chamamos assim, das *mitã* (crianças até os dois anos) e das *kyryngue* (crianças de dois até os doze/treze anos). Durante esses períodos, a responsabilidade de observar e praticar as regras é dos pais e avós, dos adultos que estão em volta da criança. Não podemos esquecer que esses adultos começam suas responsabilidades já com o sonho da gravidez.

Explicarei melhor através de alguns *orerery* (nomes Guarani). O primeiro ponto que eu gostaria de dizer é que, para nós Guarani, existem nomes femininos e masculinos. Por exemplo, *Jekupe*, nome masculino. Os homens que têm esse nome são mais vulneráveis. Ou seja, são mais fáceis de serem influenciados pelas pessoas ou coisas (boas e também ruins). Tudo dependerá do contexto onde eles vivem, do movimento das pessoas (como as pessoas vivem) e da observação e prática das regras.

Ser *Jekupe*, nome masculino, implica que ele pode ser o que ele deseja, mas isso depende muito dele, de respeitar as nossas regras. *Nhanderu* sempre nos tenta e é preciso saber resistir.

Jekupe circula muito, caminha muito. Eles têm uma visão muito ampla, conseguem interagir com todos os tipos de pessoas. *Karai*, igualmente nome masculino, já é diferente. Eles têm a tendência de liderar, são mais sábios, orgulhosos também. Eles adoram isso e quando eu dava aula na escola de Três Palmeiras percebia claramente o papel de liderança dos *karai*. Nas atividades em grupo, os *Karai kuery* se destacavam, organizavam os grupos. Eles não têm medo, se arriscam mesmo.

Jekupe kuery são muito medrosos, apesar de aparentemente mostrarem valentia. *Karai kuery* têm mais autoridade, poder

de cuidar, de liderar, mas eles também devem seguir nossas regras, tomar cuidado para não impôr muito, não ser autoritário. Eles devem saber qual é o limite deles. O perigo está no poder.

Assim como *karai kuery*, ser *Ara* significa que a mulher tem esse conhecimento de liderar, ser mais paciente, tranqüila, compreensiva. Ela tem mais facilidade e sempre se destaca nas aldeias como *mitãmbojaua* (parteira), por exemplo.

Por outro lado, assim como *Jekupe*, quem é *Kerexu*, nome feminino, é mais sensível, muda facilmente de opinião e de humor. São pessoas que aparentemente são mais caladas, quietas, discretas, tolerantes em alguns momentos. Diferente de *jurua kuery* os nossos nomes têm função, implicam responsabilidades e cuidados.

Através da *omoexakã* do nome dos nossos filhos sabemos como agir com eles, como lidar com eles. Assim, nos preparamos para lidar com os filhos, pois cada um tem um jeito de ser, requer cuidados específicos. *Jekupe* e *Kerexu* são os que mais inspiram cuidados. Fazemos isso até a fase de *kunumim* (meninos) e *kunhatãi* peve (meninas). Nessa fase de puberdade – como dizem os *jurua* – que começa a responsabilidade maior da pessoa, do ser guarani. Caberá ao/à jovem seguir as normas do nosso *reko*.

Nesse momento, os pais, as lideranças e todos da comunidade observam, prestam mais atenção nesses jovens. Sempre aconselham eles nas reuniões – agora já participam das reuniões, das atividades no *tekoa*.

Na verdade, eles são convidados a participarem das atividades no *tekoa*, de acordo com a capacidade deles. Os meninos trabalham nos mutirões, na roça plantando, cortando lenha. Eles sempre trabalham com os mais velhos, responsáveis pela transmissão dos conhecimentos. Os mais velhos ensinam a eles como fazer as coisas e os jovens começam a praticar esses saberes. É trabalhando que eles vão escutando as histórias de vidas dos mais velhos, ouvem conselhos sobre vários assuntos, casamento, família, como tratar as mulheres; falam sobre bebidas e o que fazer quando tem filhos. Nessas horas é que os mais velhos contam as histórias da origem do *nhandereko* (nosso jeito de ser e viver), narram os mitos sagrados, as narrativas tradicionais.

Os conselhos, os conhecimentos são transmitidos na *Opy*, mas é trabalhando, praticando que eles aprendem. Por isso é que os *xeramõi* (avôs) sempre convidam os rapazes para as atividades, e é ouvindo e praticando que eles aprendem.

Se os meninos devem se movimentar, as meninas devem permanecer no resguardo, num lugar específico. As pessoas devem tomar bastante cuidado com as jovens porque elas

estão num momento de fragilidade. Diferente dos meninos, as meninas cuidam mais do corpo – por isso não devem fazer atividades pesadas. Elas ficam num ambiente mais adequado, tranqüilas, em silêncio, sem perturbação para que não fiquem com dor de cabeça. Por isso, não devem ter muitas pessoas ao seu redor.

As *xejaryi* (avós) sempre nos aconselham, pois esse é o momento de cuidar da nossa cabeça, do nosso corpo para evitar as doenças. As meninas são mais frágeis – o corpo fica frágil – não podem comer comidas salgadas e gordurosas, não podem comer doces nesse período, nem ficar expostas ao sol, rio e vento.

A menina deve ter cuidado desde a *oguapyare* (menstruação) e nós mulheres Guarani sempre temos que cuidar do nosso corpo por toda a vida. As *xejaryi* dizem que a dor de cabeça vem com o vento. Por isso, não podemos pegar friagem nesse período. Você não pode sentir dor de cabeça no resguardo, porque sentirá sempre dor e com o tempo a dor fica mais forte.

As meninas também não podem mexer com fogo, com calor, sair no sol quente. O excesso de calor dá tonturas, dor de cabeça. Quando estamos menstruadas não cozinhamos. Durante a menstruação, ficamos muito expostas, frágeis, sensíveis. Temos que ficar sossegadas, sem estresse,

tranquilas. Desrespeitar essas regras implica ter problema no *py'a* (coração).

Com relação à alimentação, os meninos e as meninas não podem comer carne – principalmente bovina e suína –, apenas algumas caças. Mas, quando eles vão comer carne de caça, eles primeiro mastigam um pedaço e jogam no fogo. Isso é um ritual que todos devem fazer. As meninas comem sopas, frutas, comida com pouco sal e sem gordura. Elas seguem o ritual de pintura – existem várias pinturas corporais, que evitam *jepota* (sofrer transformação). As pinturas são proteções para o corpo.

Geralmente, nessa fase as meninas cortam o cabelo. Todas as atividades que os meninos fazem, é para não *jepota* também. Para evitar *ateĩja* – para aprender a acordar cedo, evitar o mau humor e manter o corpo sempre saudável.

2. KYRINGUE REKO PORÃ RÃ: BEM-ESTAR FUTURO DAS NOSSAS CRIANÇAS

No primeiro capítulo, discuti como nós Guarani educamos os nossos filhos, enfatizando a nossa concepção de ser, nossos costumes, nossa forma coletiva de

educar. Diferente de outros povos, a nossa educação começa com o sonho, com a gravidez. O nosso jeito de educar garante que tenhamos *kiryngue kyrymba*, *kiryngue vy'a* – crianças fortes e felizes, mas depende também do *tekoa* onde as crianças vivem. Isso permite que elas sejam alegres, saudáveis e garante o bem estar de todos nós Guarani. O *tekoa* é fundamental para nosso *teko* – modo de viver. Mas, não é qualquer *tekoa*.

Para nós Guarani é importante ter no nosso *tekoa yxyry, yakã porã* – ter mata com variedades de árvores, plantas medicinais e diversos bichos, lugar para fazer nossa roça, plantar milho (*avaty ete* principalmente), melancia, amendoim, comandai, banana, mandioca. Não pode faltar a *opy* – referência do *mbya arandu* (conhecimento guarani) –, lugar onde discutimos saúde, educação, nossa vida.

Aqui é o princípio da nossa forma de ser, é o lugar onde praticamos *nhandereko* – o jeito de ser e viver guarani. É na *opy* que as crianças tristes e doentes recuperam *vy'a* (alegria). Também se a criança for muito agitada, chorona, fazemos um ritual na *opy* para que ela se acalme, deixe de chorar muito.

Vivemos em um lugar *omoexakã* por *Nhanderu ete*. Este *tekoa* é para nós Guarani *yvy porã* (terra boa), que nos possibilita ter *teko porã rã* (boa vida, bom viver). Se nós Guarani não

tivermos acesso a *yvy porã* (terra boa), a gente perde *mbya arandu rã* (a sabedoria guarani). É aqui que eu gostaria de tecer uma comparação entre a vida das crianças em Três Palmeiras (ES) e Sapukai (RJ).

***Onhevãgaa rupi onhembo'e* – brincando, praticando e aprendendo: transmitindo saberes**

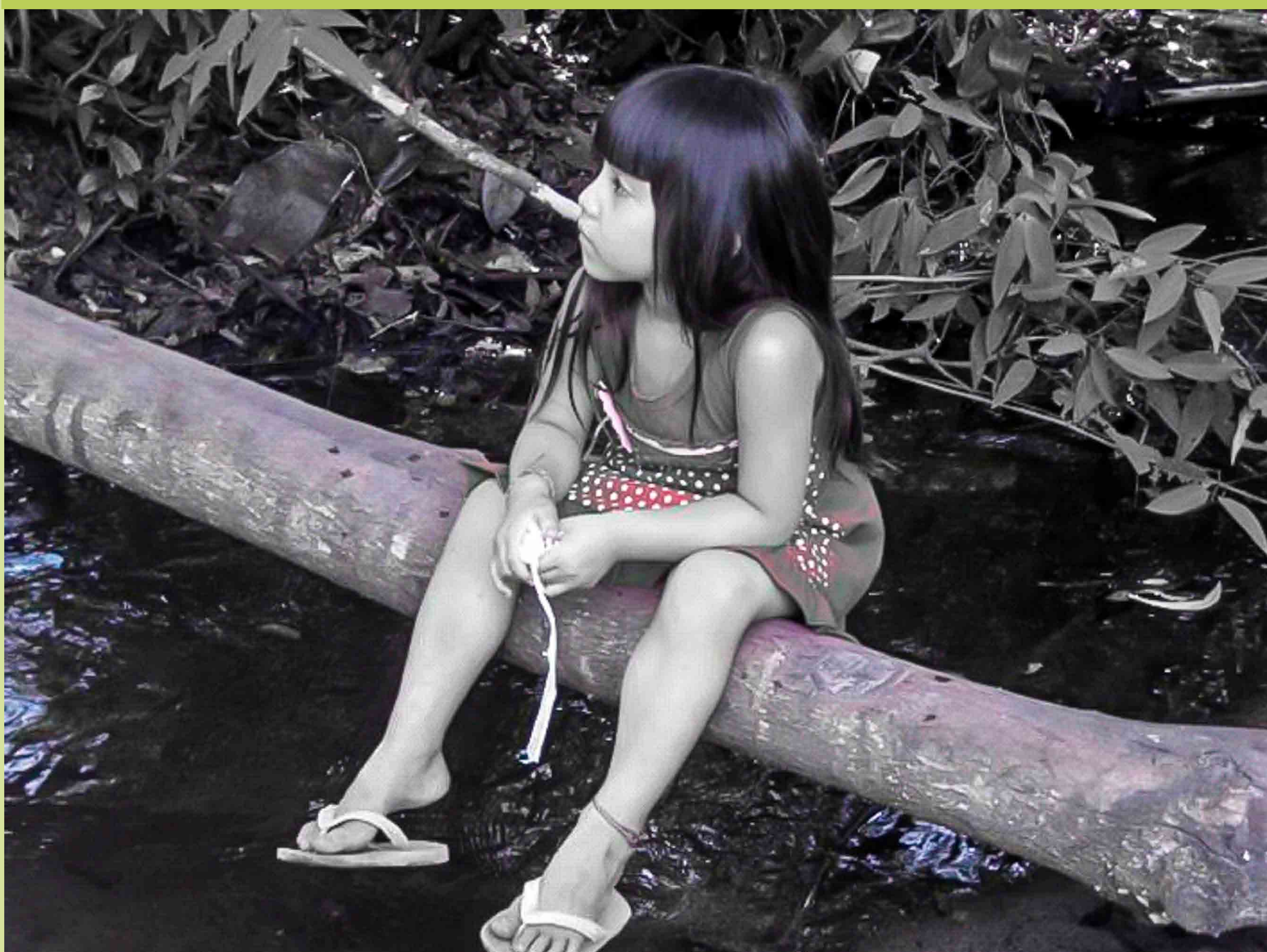
Para *oenduopy'are orerekoa* (aprender e sentir nossos conhecimentos) precisamos que o *tekoa*, onde vivemos, tenha todos os elementos fundamentais para transmitir *mbya arandu reko* (sabedoria guarani). É através, entre outros, do *yakã*, *yxyry*, *ka'aguy porã*, *yvy porã* para fazer *kokue*, *vixoi kuery* que ensinamos as *kyringue kuerymbya arandu* (é através das matas, dos bichos, das nascentes, locais para fazer roça que ensinamos as crianças nossa sabedoria). Tudo, nesse mundo, para nós guarani, tem seu *ijá* (dono). Os *ija kuery* são aqueles que cuidam, os responsáveis por cada ser existente no *yvy rupa re* (leito da terra).

Yxyry, por exemplo, tem *ija*, por isso ensinamos como as crianças devem respeitar seu *ija* e como devem se comportar. Esse é um processo longo, pois as crianças aprendem

com os mais velhos – que sempre repetem esses conhecimentos. Se não respeitar *ija kuery*, eles podem *ojai* (fazer coisa ruim).

Por isso, as *kyringue* não podem ir ao rio sem a presença de uma pessoa adulta. É importante ouvir, observar como os mais velhos se comportam, agem. Isso vale para a pesca, a caça, a plantação, para tudo. Em cada lugar é preciso observar como os adultos se comportam, ou seja, o que fazem para respeitar o *ija* de cada coisa.

Figura 2: Menina guarani na aldeia Três Palmeiras.
Fotografia: Beatriz Goulart.



No *tekoa Mboapy Pindó* (Três Palmeiras), localizada no município de Aracruz, estado do Espírito Santo, percebi – a partir da minha atuação como professora (durante sete anos) – nossa dificuldade para transmitir alguns conhecimentos. Em *Mboapy Pindó* não tem rio, o espaço é bastante pequeno, a água não tem qualidade – ela é avermelhada e da torneira –, não existe mata, há somente eucalipto por toda parte e uma lagoa que seca no verão.

Figura 3: Kyringue no caminho entre Três Palmeiras e Boa Esperança.
Fotografia: Beatriz Goulart.



Diante desse quadro, como transmitir nossos saberes sobre os *yxyry*, *jopói havã* e *pira, yakã, para, ka'aguy* (sobre as matas, rios, nascentes, peixes)? As crianças no *tekoa* Três Palmeiras não têm acesso à parte de *mbya arandu* (conhecimento guarani), aos nossos rituais, nossa cosmologia, pois tudo está em conexão. É por isso que os jovens ficam *dovy'ai* (tristes), origem de muitos conflitos. É esse *vy'ae'ỹ* (tristeza) que leva o jovem *jepota o tekova'i re* (se transformar em algo ruim). Nós Guarani somos *ovy'ava'e* (somos alegres) e *vy'ae'ỹ* prejudica o *orevy'a marãe'ỹ* (ser alegre eternamente).

Figura 4: Festa de aniversário do centenário de João da Silva, em 25 de janeiro de 2013, *Tekoa Sapukai*. *Fotografia: Ana Silva, 2013.*



Já no *tekoa Sapukai* – localizado na região Sul Fluminense, no município de Angra dos Reis (RJ) – a realidade é muito diferente. As *kyringue kuery* têm melhor qualidade de vida, são *kyringue ovy'a* (felizes). Diversas vezes presenciei as crianças irem pescar, caçar, irem à cachoeira com os *kyringue* mais velhos, faziam armadilhas. Elas estavam sempre juntas, brincando felizes. Isso fortalece os nossos costumes, hábitos alimentares. Por exemplo, em Sapukai tem *jejy* (palmite), tem *opy* (casa de rezas) com *xamõi* (o mais velho). Em Três Palmeiras tem *opy*, mas não têm *xamõi* e quando se precisa de seus conhecimentos, convidam os de São Paulo.

Figura 5: *Ka'aguy mirim* (mata sagrada). Fotografia: Ana Silva, 2013.



Quando o *tekoa* não tem esses elementos, nossos conhecimentos se perdem. Por isso, volto a repetir as palavras do *xamõi Verá de Sapukai* "Sem *tekoa* não tem *teko*, sem *teko*, não tem *nhandereko*" (Silva, 2013). A transmissão e prática dos *mbya arandu* (nossos saberes) depende do nosso *tekoa* (aldeia, território). Muitos Guarani, hoje em dia, comem peixe do mar porque não tem Rio em seus territórios. Não comíamos nada do mar, mas diante dessas dificuldades nos adaptamos à nova realidade. Come-se peixe do mar, porém não é qualquer peixe. Comemos os peixes pequenos e nunca os maiores.

Nós Guarani aprendemos ouvindo, observando, praticando, acompanhando os mais velhos, sejam eles *kyringue* mais adultos, ou nossos pais, avós, tios. As crianças têm que escutar, sentir e observar. Isso é feito na prática, através das experimentações desde pequenas. Elas praticam aos poucos, de acordo com a idade. É assim que aprendemos, que conhecemos.

Mbya arandu, portanto, é transmitido em diversos lugares e momentos específicos. Para conhecer nosso jeito de fazer *kokue* (roça), aprendemos no momento da roça, quando fazemos nossas roças. É assim que aprendemos a caçar, pescar, fazer artesanato. Também aprendemos com pessoas diferentes, como vimos.

O nosso jeito de transmitir nossos saberes e ensiná-los é algo especial para nós. Está ligado ao nosso *modo de ser* Guarani, o nosso modo de educar nossas crianças, ou seja, *a pedagogia guarani e da oralidade*. Temos nossos processos próprios de ensino e aprendizagem. Estes são pouco valorizados nas escolas que funcionam nos *orerekoa* (nossas aldeias), como veremos no próximo capítulo.

3. OEXAKAR: UMA “EMBAIXADA” NO TEKOA

As escolas nas aldeias Guarani são como o professor Bessa Freire (2013) bem definiu: “embaixadas” – retomando a ideia do professor indígena Leonardo Werá Tupã¹ – numa entrevista citada na dissertação de mestrado de Helena Alpini Rosa (2009). Segundo Leonardo Werá Tupã, “A escola dentro da aldeia é como se fosse uma embaixada de outro país”.

Por quê? As escolas indígenas deveriam ser mais um lugar de fortalecimento dos *mbya arandu*. São, no entanto, um lugar de opressão, silenciamento da nossa língua, dos nossos

¹ Professor da Escola Indígena de Ensino Fundamental Kaa Kupe (aldeia Massiambu/Palhoça, Santa Catarina), à época da entrevista.

saberes, do nosso jeito de ser. Desde 1988, com a Constituição Federal, é garantido por lei, o direito a uma escola diferenciada, que respeite o nosso jeito particular de organização escolar, o uso de nossa Língua materna e nossos processos próprios de aprendizagem nas escolas – conforme o *Artigo 210* desta Constituição. Direito este garantido também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI).

Na teoria – como o Artigo 210, o Artigo 215 diz *ser dever* do Estado Brasileiro, *proteger* nossas manifestações culturais – as escolas deveriam funcionar como instrumentos de “valorização dos saberes e processos próprios de produção e recreação” das culturas, conforme o RCNEI (2005, p.32). Mas, na prática isso não funciona.

Daí a metáfora do professor Leonardo Werá Tupã ser bastante pertinente e importante para compreendermos a diferença entre educação indígena, no caso dos Guarani aqui estudado, e a educação escolar indígena, completamente diferente do que entendemos por *educação indígena Guarani*. Existe uma diferença muito grande entre *educação indígena e educação escolar indígena*.

Para que as escolas existentes nos *tekoa* guarani sejam de fato nossas – Guarani – é preciso que elas incorporem a nossa educação tradicional e sejam mais um espaço/lugar

– entre os nossos – de fortalecimento do *nhandereko*. A escola é uma “embaixada”, rigorosamente forte, podemos entendê-la como uma “invasão cultural” também, no sentido atribuído por Paulo Freire (1987). Para ele, quando acontece uma “invasão cultural”, os invasores dominam e os invadidos obedecem. Os opressores criam uma série de recursos para dominar e a escola, o sistema único de educação escolar no Brasil também cria mecanismos que nos silenciam, que distorcem nossos costumes. Na verdade, nos oprime, pressiona.

É simples de perceber essa opressão e as contradições das escolas indígenas nas aldeias. Na escola de Três Palmeiras, a Secretaria de Educação colocou uma máquina de *ponto digital* com o objetivo de controlar a entrada e a saída dos funcionários. Nesse caso, se um professor ou alguém que trabalha na escola ficar doente não há como substituir a pessoa. Isso porque ela teria que passar o cartão em horários determinados.

O professor, por exemplo, não pode realizar uma atividade fora da sala de aula, em outro espaço da aldeia. Não podíamos atender ao convite do cacique para participarmos de um mutirão, reunião ou realizar uma caminhada com os alunos. Se saíssemos, teríamos um dia descontado no nosso salário.

Figura 6: Escola indígena de Três Palmeiras. *Fotografia: Beatriz Goulart.*



Assim, ficava difícil romper as barreiras das salas de aula e transmitir o aprendizado dos *mbya arandu*. Como falar da importância dos *ijá* dentro escola, sem caminharmos pela aldeia? Como escutar, sentir (*oendu*)? Como nós, professores, podemos ter autonomia para ensinarmos nossos conhecimentos e fugirmos das imposições curriculares das Secretarias de Educação estaduais?

Nós não temos horário para aprendermos, tampouco um lugar específico e apenas uma pessoa para nos ensinar.

Levantamos, nós adultos e jovens, bem cedo – somente as crianças podem acordar mais tarde. Iniciamos o nosso dia tomando chimarrão, fazendo a nossa primeira refeição, sentados em volta da fogueira e ali conversamos sobre nossos sonhos. Os mais velhos sempre nos aconselham, dão as nossas tarefas, nos ensinam constantemente.

Durante o dia, realizamos nossas tarefas e ao entardecer nos preparamos para irmos à *Opy*. Afinal, é preciso agradecer a *Nhanderu* por mais um dia de vida, saúde. É preciso pedir aconselhamentos, rezar, cantar, ouvir nossas *ayvu porã* (nossas palavras boas). A noite é o momento em que as crianças estão com seus pais, ao redor de uma fogueira ensinamos, contamos histórias até elas adormecerem. Por que não podemos ensinar às crianças durante a noite? Por que nossas crianças têm que acordar bem cedo para estarem nas escolas às 7 horas da manhã?

As crianças acordam mais tarde, não devem acordar cedo. Durante a noite, as crianças, ao lado dos pais, têm mais atenção, ouvem, ficam em silêncio. Mas, esse nosso costume não é levado em consideração. Por que as nossas escolas Guarani – pelo menos as do Espírito Santo e a de Sapukai – seguem o modelo das escolas *jurua*?

Também percebo uma série de contradições nos Projetos Políticos Pedagógicos – não muda nada, é a mesma coisa

dos *jurua kuery*. Os nossos currículos não priorizam os nossos saberes. Como praticar a interculturalidade se não existe diálogo entre a nossa forma de educar e a forma que está sendo imposta aos professores Guarani? Para que haja interculturalidade é necessário, primeiro, que os professores indígenas dominem os conceitos dos *jurua*. Afinal, o que é interculturalidade? Eu demorei muito tempo para entender o que isso significa.

Depois de ler, conversar com os professores, principalmente o professor Melià, aprendi que interculturalidade é *comparar*, é fazer uma comparação entre o que eu – Guarani – penso e o que os outros povos pensam.

Geografia, por exemplo, o que é? Nós Guarani vemos o espaço como nosso mundo, *oretava*, que seria o *amba* – nosso mundo, de onde surgimos, a nossa origem, o nosso *nhe'ẽ*. Tudo está ligado ao nosso mundo – a terra, o nosso jeito de ser, os animais, as plantas, água, rio, o ar (*yytu*), as árvores, as frutas etc. Por isso, que todas as coisas nós preservamos, respeitamos, tratamos como parte de nós. Não derrubamos uma árvore para lucrarmos com isso.

Já para o *jurua*, a geografia é fronteira, é divisão. Por isso, *jurua kuery* têm necessidade de medir, dividir, de obter lucro em tudo. Não todos os *jurua*, mas a maioria deles.

Através de minha experiência, percebo que a educação na escola de Três Palmeiras é como definiu o professor Melià (2010, p. 216-217) uma “educación para el indígena” e não uma “educación indígena”. O professor Melià faz uma distinção importante entre os dois tipos de educação que nos ajuda a entender o porquê das escolas indígenas Guarani serem “embaixadas”. Reproduzirei aqui o esquema proposto por ele em formato de tabela.

Por isso, concluo que existem muitos problemas que precisam ser superados quando o assunto são as escolas indígenas guarani. Mas, nós professores indígenas também precisamos fazer a nossa parte. Hoje eu sei o que é interculturalidade e sei transmitir isso aos alunos. Aprendi através dos meus esforços, porque percebi que não posso transmitir as ideias dos *juruá*, sem antes refletir sobre o que elas significam e o que elas implicam para nós Guarani.

Nesse sentido, nós professores temos que lutar, nos organizar melhor e reivindicar nossos direitos para conquistarmos nossa autonomia. Só assim nossas escolas serão parte de nós e não “embaixadas”.

	Educação Indígena	Educação para o indígena
Processos e meios de transmissão	<ul style="list-style-type: none"> - Educação informal e assistemática - Transmissão oral - Rotina de vida diária - Inserção na família - Sem escola - Comunidade educativa - Valor de ação - “Aprender fazendo” - Valor de exemplo - Sacralização do saber - Persuasão - Formação de “pessoa” 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrução formal e sistemática - Alfabetização e uso de livros - Provocação de situações de inserção artificiais - Translado para a sala de classe - Com escola - Especialistas da educação - Valor de memorização - Aprender memorizando - Valor da coisa aprendida - Secularização do conhecimento - Imposição - Adestramento para “fazer coisas”
Condições de transmissão	<ul style="list-style-type: none"> - Processos permanentes durante toda a vida - Harmonia com o ciclo de vida - Graduação da educação conforme o amadurecimento psicossocial do indivíduo 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrução intensiva durante alguns anos - Sucessão de matérias que têm que ser estudadas, dando salto de uma para a outra - Estudo obrigatório de um currículo determinado de antemão para todos
Natureza dos conhecimentos transmitidos	<ul style="list-style-type: none"> - Habilidade para a produção total dos próprios artefatos - Integração dos conhecimentos dentro de uma totalidade cultural - Integração correta na organização tribal nacional 	<ul style="list-style-type: none"> - Manipulação de tecnologia importada e instrumentos de um trabalho - Segmentação dos conhecimentos adquiridos - Adaptação dentro de um estrato ou classe da sociedade
Funções sociais da educação	<ul style="list-style-type: none"> - Integração das gerações com respeito à vida dos velhos - Preservação e valorização do saber tradicional em vista de uma inovação coerente - Seleção e formação de personalidades livres 	<ul style="list-style-type: none"> - Exclusão e troca - Adaptação contínua às novidades, inclusive quando não são compreendidas - Massificação no genérico

CONCLUSÃO – NHOMONGUETA, OGUATA PORÃ RÃ: DIALOGAR, CAMINHAR JUNTOS

As escolas que funcionam, atualmente, nas aldeias são contradições, distorções do nosso modo de educar, do nosso jeito de ser. Da forma como funcionam, realmente elas são de fato “embaixadas”. As escolas Guarani nos *tekoa* precisam ser “guaranizadas”, para serem mais um espaço político de fortalecimento do *nhandereko* (nossa cultura) e transmissão dos *mbya arandu* (conhecimento Guarani).

É possível a educação escolar e a educação tradicional Guarani construir diálogos, *oguata* – caminhar juntas, sem conflitos. Mas, para isso é preciso ser pensada, organizada, implementada pelos representantes das instituições educacionais brasileiras e por professores e comunidades indígenas.

O sistema educacional precisa *oendu* (escutar) os povos indígenas, suas comunidades e entender e respeitar os contextos locais nas quais estão inseridas. Isso implica criar outro sistema educacional, voltado para atender as especificidades dos indígenas. Só assim teremos uma educação diferenciada, própria de cada povo. O sistema educacional

do Brasil precisa deixar de ser único, como o sistema de saúde. Desse modo, é difícil nós Guarani termos autonomia dentro das escolas, é difícil caminhar juntos.

Caminhar juntos exige reciprocidade, caminhar juntos significa somar os dois conhecimentos e não *oguerova joeko* – modificar o mundo do outro. *Nhomongueta, oguata porã rã* – dialogar, caminhar juntos futuramente. É dessa forma que vejo as escolas indígenas! *Opa, ha'evete!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CADOGAN, León. Ayvu Rapyta. *Textos míticos de los Mbyá-guaraní del Guairá*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim 227, *Antropologia nº 5*, São Paulo, 1959.

BESSA FREIRE, José Ribamar. Escola Bilíngue: Uma embaixada em território indígena? In: *I Congresso Internacional América Latina e Interculturalidade*, 2013, Foz do Iguaçu: UNILA, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

LEMOS BARBOSA, Antônio. *Curso de Tupi antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

MELIÀ, Bartomeu. *Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní*. Asunción/Paraguay: Ediciones Montoya, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. MEC/SECAD, 2005.

PISSOLATO, Elizabeth. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. São Paulo: UNESP: Pronex: Nuti/ ISA, 2007.

ROSA, Helena Alpini. *A trajetória histórica da escola na comunidade guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, Algemiro. *Mboapy nhanderuvixa tenondé guá'i oexara'ú va'é kuery Tekoa Sapukai py guá: kaxo yma guare, nhe'ẽ ngatu, nhembojera [Três sonhadores do Tekoa Sapukai: história, oralidade, saberes]*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo Pronera) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013.

ANEXOS

GLOSSÁRIO:

A

Amba – origem do espírito/origem espírito nome

Amã oky – chuva prolongada (oky na Língua Guarani significa chuva, amã chuva com mais alguma coisa)

Ate'ỹja – preguiçosa, preguiçoso

Avaty ty – milharal

Ayvu – palavra

Ayvu reko rei – palavra atoa

E

Endu – escutar

Ete'i – verdadeiro (forma carinhosa de dizer verdadeiro)

I

Ija – os guardiões de cada coisa da natureza

Ipuru'a – grávida

ANEXOS

Ipuru'a va'e – a mulher grávida

Ipuru'ã – umbigo/cordão umbilical

J

Japyxaka – ouvir/sentir

Jakaira, Tupã, Karai, Nhamandu – não fui autorizada a explicar e nem traduzir porque não é possível simplesmente traduzir essas palavras. Trata-se de nossos deuses e da origem do nosso **Nhe'ẽ**, do nosso ser.

Jejy – palmito

Jepota – se encantar pelas coisas ruins ou boas

Jopói – pescar

Jurua kuery – os não indígenas

K

Ka'aguy – matas nativas, fechadas

kangy – fraco

Kãre – torto/destorcido

Komanda'i – feijão de corda

ANEXOS

Kunhatãim – moça

Kunumi – rapaz

Kure'yimba – habilidades

Kyryn – criança pequena

Kyringue – várias crianças pequenas

M

Mbaraete – força, usado também para chamar uma pessoa de forte.

Mbojerovia – fazer valer

Mba'emo vaikue – coisa ruim

Mbya arandu – conhecimento guarani

Membyryru kue – placenta

Mitã'i – criancinha

Mitã kuery – os bebês

Mitã pytä'i – criança recém-nascida

Mitãmbojaua – parteira

ANEXOS

N

Ndovy'ai – não está feliz

Nhanderu – nosso Deus

Nhanderu kuery – nossos deuses

Nhandereko – nosso modo, jeito de ser

Nhandexy – mulher sábia, também chamada de kunhã karai.

Nhe'ẽ – fundamento da pessoa Guarani

Nhe'ẽ by'a guaxu – espírito corajoso/espírito forte

Nhe'ẽ kuery – vários **nhe'ẽ**

Nhe'ẽ guxu – diz-se quando o menino está no momento de engrossar a voz

Nhe'ẽ porã – **nhe'ẽ** bom

Nhe'ẽ poxy – **nhe'ẽ** pertubardo

Nheengue/oguapy – o momento da primeira menstruação da menina

Nhemongarai – batismo

Nhevãga – brincar

Nhomongueta – diálogo, conversar entre grupos

Nomoexakãi porãi – diz-se quando uma coisa/algo não ficou claro, entendido

ANEXOS

O

Oayvu – amar, gostar/respeitar

Oendu – ouvir, sentir

Oguapyare – no momento de resguardo

Oguata – caminhar

Ogueromã'e – levar se para olhar

Ojai – fazer acontecer coisa ruim com uma pessoa que não respeita o ambiente onde vivem os animais e as plantas.

Ojapyxaka – escutar/ficar em silêncio

Omoexakã – Esclarecer/prever

Omongueta – aconselhar, ensinar

Onhanguereko – cuidar-se

Opy – casa de reza

Orejaryi kuery – nossas anciãs

Orereja– nos deixou

Orereja va'ekue – aqueles que se foram

Orerery – nosso nome

Overa – relâmpago

ANEXOS

P

Parakau – papagaio

Pira – peixe

Porã – bonito, lindo, belo

Py'a guapy – tranquilizar/acalmar

R

Rã – partícula designadora de futuro

Reko porã rã – para ser boa pessoa

Roexara'u – sonhamos

T

Ta'yryru – aquele que tem mulher grávida, o pai da criança

Tekoa – aldeia, entre as possíveis traduções

Teko – onde se constrói modo de ser guarani

Teko porã rã – modo de ser dos Guarani futuramente
(bem-estar futuro Guarani)

Teko vai – ser mal

ANEXOS

Tenonde – para frente

Toripa vy'a – nas alegrias/onde não tem maldade

Tupã kuery onhevãga – os Tupã brincam

V

Va'ekue – era (passado)

Vixo'i – bichinhos

Vy'a – felicidade/alegria

Vy'are'ỹ – tristeza

X

Xamõi – o homem mais velho, sábio

Xará'u – sonho

Xejaryi – nossas avós, também assim chamamos
as mulheres mais velhas

Xeramõi – nossos avôs

ANEXOS

Y

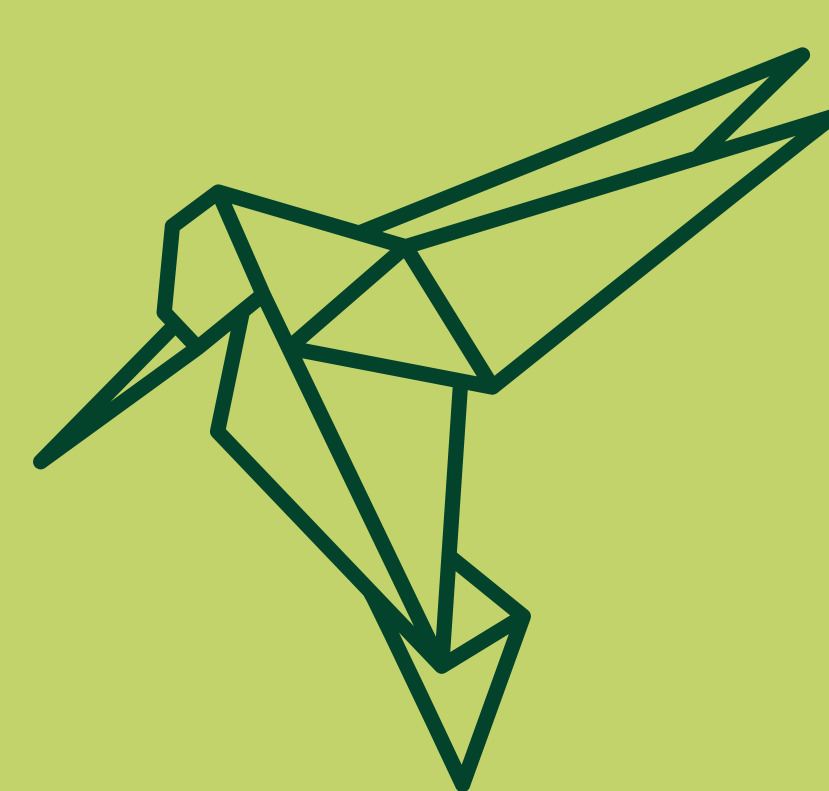
Yakã – água nascente

Yjypy – início/começo

Yvy – terra

Yvy rupa – leito da terra, território

Yxyry – água corrente



7



BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS ANTIGAS DOS GUARANI DE LINHA LIMEIRA, TI XAPECÓ/SC

por Silvones Karai Martins



PORAVO [RESUMO EM GUARANI]

Ková'ê tembiapore ma axaukata mba'exapa kyryngue'i onhevanga yma á'ê gui ay pave. Ay ma eta nhevanga kyryngue'i no nhevangavei. Eta mba'ê mo ka'aguyre oi vá'ê re, tae ma kyrynguei o japo o mba'ê avykyrã. Peixagua ojavovyma kyryngue'i arandu porã oguereko aguã ekore tujs peve. Oreramoi kuery ma amombe'ú mba'exapo á'ê kuery onhevanga yma. Tuja'i kuery ma arerekoapygua omembe'ú mba'ê xapa á'ê kuery onhevanga yma. Á'ê kuyry ma ijayva avei mba'exapa ore kyryngue'i kuyry rombo'ê vá'ê ro japo aguã. Mba'exapa rombopara aguã kyryngue'i kuery tekore o gueraa aguã tuja'i peve.

Ayvu: Nhevanga, Kyryngue, Teko, Nhembo'eaty.

RESUMO EM PORTUGUÊS

O objetivo do presente trabalho é apresentar as brincadeiras Guarani de antigamente e suas variações do modo de brincar com o passar do tempo. Com esse trabalho pretendo mostrar maneiras simples de fazer com que crianças se divirtam com poucos materiais, pois a natureza se encarrega de dar essa diversão. Os brinquedos são importantes para o desenvolvimento das crianças e essas formas de grande valor cultural estão se perdendo. O texto mostra que muitos brinquedos são simples de fazer, mas que muitos pais não ensinam mais seus filhos. Nossos avós nos contam de como eles faziam para brincar com seus amigos e das mudanças nas formas de brincar, apesar de algumas crianças fazerem o uso dos brinquedos tradicionais da etnia Guarani.

Em entrevistas, pessoas mais velhas da comunidade contam como eram essas brincadeiras, fazendo com que elas voltem no tempo e lembrem como eram os brinquedos e como se brincava. Os mais velhos demonstram que os brinquedos não são apenas o objeto em si, mas a forma de brincar. Tem-se ainda o objetivo de mostrar para profissionais da Educação Física – principalmente das escolas indígenas – como mudar os seus planejamentos, buscando formas culturais de brincadeiras de acordo com sua etnia. Isso faz com que as crianças tenham uma coordenação motora boa e melhor desempenho em toda a sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeiras, cultura, escola.

INTRODUÇÃO

Meu nome é Silvones Karai Martins, nasci no dia 24 de agosto de 1987, moro na Terra Indígena Xapecó, na aldeia Linha Limeira, município de Entre Rios – SC. Sou do povo Guarani. Meus pais são Marisete F. dos Santos e José Martins. Atualmente moro com minha mãe, pois meus pais são separados e tenho um irmão, Josiel Poty Martins – que recentemente foi aprovado no vestibular da UFSC em Análise de Sistemas. Tenho dois filhos: Francieli A. Martins e Weslei Wera N. Martins.

Não tive a oportunidade de sempre estudar em escola indígena, pois na época, por volta de 1999, não havia o ensino básico de educação nas aldeias Guarani. Perdi muito conhecimento da minha cultura, mas estou me esforçando para reverter isso. Nas escolas não indígenas tem uma educação muito diferente da nossa, apenas se estuda o que é de sua realidade. Não perdi totalmente o conhecimento da minha cultura, porque minha mãe sempre a valorizou. Ela que é falante da língua materna Guarani e sempre dava conselhos para que eu não escondesse a minha identidade.

Cursei a minha primeira faculdade na Universidade do Oeste de Santa Catarina/UNOESC – em Xanxerê. Passei no vestibular para Pedagogia, estudei no primeiro semestre e depois mudei para Educação Física. Frequentei até o 8º período, mas não concluí, pois fui aprovado no vestibular da UFSC

no curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Sou professor na Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro há mais de sete anos. Entrei na área da Educação após me formar no Ensino Médio.

Minhas expectativas neste curso são, uma vez sendo intercultural, poder adquirir mais conhecimento da minha cultura e assim, poder levar esse conhecimento à minha comunidade e ajudá-la. Sendo professor, posso levar formas diferentes de ensinar as crianças, que elas possam valorizar mais sua Cultura.

O tema do Trabalho de Conclusão de Curso é: “Brinquedos e Brincadeiras Antigas dos Guarani de Linha Limeira, TI Xapecó/SC”. Tem como objetivo geral conhecer o valor cultural das brincadeiras Guarani de antigamente, produzindo brinquedos e realizando práticas, especialmente nas aulas de estágio na comunidade e na escola.

Ainda se pretende alcançar os seguintes objetivos específicos: identificar os processos de fabricação dos brinquedos antigos (peteca, arco e flecha, armadilhas, bonecas confeccionadas com abóboras e milho) e outras brincadeiras na mata; elaborar material didático a partir dos dados obtidos; entrevistar os mais velhos e os jovens; identificar quais brinquedos as crianças usavam antigamente e hoje.

A Educação Física nas aldeias na atualidade não inclui atividades físicas com conhecimento indígena. Devido a existência de grande quantidade de brinquedos industrializados, as crianças não conhecem os brinquedos e brincadeiras antigos e as histórias que elas carregam. Com isso pretendo buscar essas formas de brincar, saber como nossos avôs brincavam e o que faziam para se divertir quando eles eram crianças.

O que me motivou para fazer essa pesquisa foi meu entendimento de que a Educação Física se apresenta sem conteúdo nas escolas indígenas. Assim, pretendo elaborar materiais didáticos e pedagógicos para ajudar os profissionais da área.

Trata-se de um tema muito importante para mim por vários motivos e acentuo dois: o de aprimorar o meu conhecimento pela minha cultura Guarani e ajudar a minha comunidade – principalmente as crianças, pois o ganho cultural será muito importante para elas.

O RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas¹ foca numa educação diferenciada, desde sua criação no ano de 1998. No entanto, hoje em dia, a disciplina

¹ *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

de Educação Física no ensino escolar não inclui os conhecimentos culturais Guarani, na hora de desenvolver o desempenho físico e motor nas crianças.

Nesse sentido, a presente pesquisa visa contribuir a partir dos conhecimentos dos mais velhos, tendo como finalidade ajudar vários profissionais da área. Tanto para as escolas indígenas Guarani, como nas demais escolas indígenas, que possam elaborar suas atividades e contribuir para que essa riqueza cultural não se perca, sendo sempre lembrada.

Vou apresentar alguns brinquedos que são muito importantes para nossa cultura Guarani, como o *Mangá* (peteca). Alguns mais velhos contam que até *Nhanderu* (Nosso Pai, divindade) brincava com a peteca, que promove o desempenho, a habilidade e a atenção das crianças e jovens, fazendo que cresçam saudáveis.

O *Mangá* (peteca) é feito com palha de milho e os mais antigos faziam apenas na sua colheita. Como o tempo de colheita é festa, todos participavam dessas brincadeiras. Agora é difícil ver as crianças brincando com esse tipo de brinquedos e brincadeiras de antigamente.

A peteca tem a mesma finalidade antes e agora, mas muitos não sabem o valor cultural dela. Como o arco e flecha, as armadilhas – que antigamente só os guerreiros usavam para se proteger de inimigos – passam com o tempo a ser

um tipo de brincadeira para as crianças. Assim, desde pequenas elas adquirem essas habilidades, tornando-se “bons guerreiros”.

Essas experiências serão pesquisadas entre os mais velhos da minha comunidade Guarani, pois são muito importantes para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Como são poucos os trabalhos realizados sobre este tema, pretendo levar esse conhecimento para todos os povos, possibilitando a atuação na área de Artes e Linguagens, terminalidade do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica no qual proponho esta pesquisa. Porém, é um tema que pode ser adaptado a outras terminalidades.

O trabalho de campo se realizou na aldeia Linha Limeira durante os meses de junho, julho e agosto de 2014, registrando as memórias das pessoas mais velhas da Comunidade. Essas memórias serão expressas em forma de entrevistas com registro de áudio e de imagem, quando possível. Ainda serão consideradas conversas na casa de reza, nas rodas de chimarrão e relatos orais de pessoas que conhecem as brincadeiras antigas Guarani.

Pretende-se gravar e transcrever as histórias dos brinquedos e suas formas de brincar entre os antigos, assim como desenhar as etapas da elaboração dos brinquedos antigos.

Este TCC será um ganho muito importante para a Escola Indígena de Ensino Fundamental Mbya Limeira da nossa comunidade, porque além de ajudar os professores a ter um material sobre as brincadeiras, terá conteúdos sobre a história da comunidade.

Espera-se que este trabalho não fique só na escola, mas que toda a comunidade tenha acesso a essas brincadeiras e brinquedos, que não se perca essa importante pesquisa do povo Guarani.

Aqui irei usar também as pesquisas que fiz nas aulas durante o estágio, quando pude aprimorar minha pesquisa com as experiências ali vivenciadas.

O presente trabalho está dividido e apresentado em três capítulos, conforme o que segue. No primeiro capítulo desenvolvo o histórico da aldeia de Linha Limeira, a organização e vida da comunidade, e como foi a experiência de estágio para a realização do trabalho. Adianto que todo o trabalho foi grande motivador e pude aprender muito nas entrevistas e com as crianças.

No segundo capítulo abordo como as brincadeiras são feitas pelas crianças de acordo com nossa cultura, as formas de brincar e como são ensinadas para as crianças.

No terceiro e último capítulo as brincadeiras da etnia Guarani estão descritas, assim como o tipo de brincadeiras que as crianças gostam e como aprenderam, visto que antigamente não se tinha acesso aos brinquedos industrializados.

1. OS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DA COMUNIDADE GUARANI DE LINHA LIMEIRA

Histórico e contexto da Comunidade

A aldeia Linha Limeira está localizada na Terra Indígena Xaçecó, no município de Entre Rios – Santa Catarina. É uma pequena porção de terra que há muito tempo os Guarani utilizam dentro da Terra Indígena que é de predomínio Kaingang².

2 A Terra Indígena Xaçecó tem uma extensão de 15.623 hectares abrangendo os municípios de Ipuacu e Entre Rios. Trata-se de uma área homologada em 1991 e registrada na Secretaria de Patrimônio da União. As glebas A e B foram declaradas posteriormente (Portaria MJ 792/2007), somando uma dimensão adicional de 660 hectares. BRIGHENTI, Clovis A. "Terras Indígenas em Santa Catarina". In: NÖTZOLD, Ana Lúcia, ROSA, Helena Alpini e BRINGMANN, Sandor Fernando (Orgs). *Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre: Pallotti, 2012. P. 255-277.

São aproximadamente 50 casas com duas igrejas evangélicas e uma casa de reza, *Opy* (construída recentemente). Funciona desde 2006 um Posto de Saúde, que dispõe de atendimento diário para a população, e uma Escola de Ensino Fundamental denominada Mbya Limeira. Essa escola funciona desde o final da década de 1970 e dispõe de três professores e uma funcionária, atendendo 28 estudantes, na sua maioria Guarani.

Vivem na comunidade 53 famílias, sendo 23 Kaingang e 30 Guarani, num total de 197 pessoas, entre adultos homens e mulheres, crianças e jovens. O total de pessoas Guarani soma 123, destes 41 são mulheres e 40 são crianças – sendo 22 meninas e 18 meninos. O número que resta diz respeito aos homens³, pois após a puberdade tanto a menina, quanto o menino são considerados adultos e prontos para o namoro e casamento.

A aldeia tem esse nome, pois quando os Guaranis foram morar nessa Terra foram encontrados muitos pés de laranja lima (fruta) e, assim, com o passar dos tempos, ficou conhecida como Aldeia Limeira.

São diversos os relatos de pessoas que em algum momento viveram ou ainda vivem na comunidade de Linha Limeira.

3 Dados coletados no Posto de Saúde da Comunidade de Linha Limeira em 2014.

Essas famílias se estabeleceram em um espaço extremo da Terra Indígena Xapecó, pertencente ao povo Kaingang, hoje chamado Paiol de Barro – mas que à época era chamado de Aldeia Guarani. Esse local marcava a diferença em relação ao povo Kaingang da TI Xapecó. Era a forma encontrada para identificar a comunidade como não pertencente ao grupo maior localizado naquela região.

Com o decorrer do tempo e devido às diferenças existentes entre os dois povos, as famílias Guarani passaram a formar a comunidade que hoje é a Linha Limeira.

Na aldeia não tinha uma *Opy* (casa de reza) e com apoio da Organização Não Governamental (ONG) chamada *Outro Olhar*, elaboraram um projeto para a construção. Essa ONG atua até hoje na aldeia com projetos de sustentabilidade para a comunidade⁴. Neste sentido, essa construção foi um ganho muito importante para a nossa cultura. Em nossa

⁴ O Projeto de reflorestamento "*Tekoa Sustentável*" está sendo desenvolvido desde janeiro de 2013 e tem como característica a sustentabilidade. As comunidades de Linha Limeira/SC, Tapixi e Okoy/PR realizaram parceria com a Associação de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento Humano – Outro Olhar, juntamente com a Shishu e a Província Independente de Trento/Itália que formam a rede de solidariedade Popygua. O projeto visa trabalhar a sustentabilidade ambiental a partir de uma visão duradoura, sensibilizadora e formadora, permitindo a continuidade das ações iniciadas. Conforme Blog: <http://aoutroolhar.blogspot.com.br>. Acesso em 04.11.2014.

aldeia está também acontecendo um projeto de reflorestamento para a preservação das nascentes das águas. Foram plantadas árvores nativas e frutíferas junto às nascentes e ao redor das casas.

Ainda tem uma grande quantidade de mata na aldeia. Essa área onde se situa a aldeia Guarani é uma Terra Indígena Kaingang, como mencionado, e foi feita uma divisão, a partir dela os Guaranis moram de um lado e os Kaingang do outro.

As primeiras famílias chegaram ao local na década de 1920 oriundas de vários lugares distintos, de acordo com o jeito de ser Guarani, pela constante caminhada em múltiplas direções por um território conhecido.

Hoje já não há mais pés de laranja lima, pois as formigas acabaram com eles. Há sim muitos pés de bergamota, mas para as famílias da comunidade isso já não importa mais. Através do projeto de reflorestamento *“Tekoa Sustentável”* já foi realizado o plantio de mudas de árvores frutíferas, entre as quais mudas de limeiras.

Há na aldeia duas áreas contendo pomares, resultado do plantio dessas mudas. Em toda a extensão da comunidade pode-se perceber – próximo às casas de moradia – plantas frutíferas como bananeiras, bergamoteiras, laranjeiras. Há também pequenas roças de milho “cateto” (milho tradicional Guarani, também chamado de milho nativo), mandioca,

batata-doce, amendoim, cana-de-açúcar e feijão, além de lavouras com produção mais extensa de milho, trigo e/ou soja. Há também uma grande área de mata nativa preservada, na qual ainda se pratica a caça de aves e animais silvestres, apenas para consumo alimentar das famílias.

A mata também serve para coleta de matéria-prima para a fabricação de artesanatos e fornece algumas ervas medicinais e alimentos. A aldeia toda é rica em fontes de água, inclusive cortada pelo rio que também leva o nome da comunidade.

O projeto de reflorestamento envolve toda a comunidade para a auto-sustentabilidade. A partir desse projeto são recuperadas nascentes da aldeia Linha Limeira, com o plantio de árvores nativas e frutíferas, para que os jovens de hoje se conscientizem, não cortem as árvores e plantem mais.

Estágio: motivador do tema brinquedos e brincadeiras

Sempre há algo mais forte que leva a gente a fazer a pesquisa sobre determinado tema. O que me motivou a escolher esse tema sobre os brinquedos e brincadeiras tradicionais Guarani foi a observação das crianças de meu povo, como elas brincavam e com o que brincavam.

Quando comecei a fazer a faculdade de Educação Física, esse tema não saía da minha cabeça. Minha curiosidade era como funcionava o desempenho motor dessas crianças Guarani nas aulas de Educação Física. Percebia-se que elas estavam perdendo vários tipos de brincadeiras tradicionais, praticavam apenas futebol e mais nada.

Sabe-se que muitos dos professores sempre fazem a mesma coisa, não trabalham nada de diferente e muitas das crianças estão perdendo as formas de brincadeiras e brinquedos tradicionais. Por isso, quando comecei o curso na UFSC, de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, e desde que começaram as aulas do estágio, eu tive o propósito de buscar e levar essa pesquisa adiante.

O estágio foi um grande motivador, pois com as aulas que ministrava, vi o interesse das crianças com as brincadeiras e brinquedos tradicionais. Pude observar também que muitas crianças fazem as brincadeiras tradicionais por não terem o acesso a outros tipos de brinquedos e brincadeiras.

Com o estágio percebi que o tema seria mesmo importante e, com isso, já realizei várias pesquisas com os mais velhos, o que foi muito motivador. Nas aulas de estágio dava para ver que as crianças estavam se divertindo muito, que algumas já faziam isso, mas não estavam mais praticando, sendo alguns dos motivos a televisão e os joguinhos no celular e vídeo game.

Figura 1: *Mondepi* com o aluno Guarani Cosmo da Silva. Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 12/08/2012 (acervo pessoal).



A Figura 1 exemplifica um pouco do que estou afirmando. Nela podemos perceber um dos alunos preparando o *Mondepi* (armadilha usada para pegar passarinhos).

Realizei o estágio no “contra turno” com o tema “Brinquedos e brincadeiras Guarani de antigamente”. Fiz um projeto para realizar com alunos do Ensino Fundamental (séries iniciais e finais) e Ensino Médio. O Estágio I e II foi realizado na Escola Indígena de Ensino Fundamental Mbya Limeira, com

alunos de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Já o Estágio III e IV realizei com alunos Guarani do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental e da 1ª série do Ensino Médio que frequentam a Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro⁵. Ambas as escolas são pertencentes ao município de Entre Rios/SC.

As entrevistas me motivaram muito. Além do estágio ser um grande ponto para a pesquisa, pude usar ricas fontes no trabalho. Com isso observei que em todas as aulas as crianças e os jovens obtiveram um ganho muito importante de poder conversar com os mais velhos e brincar com essas brincadeiras e brinquedos tradicionais da cultura Guarani.

Elas souberam aproveitar tudo que passei e com isso poderão ajudar futuramente para que não se perca esse valor cultural.

O Estágio I e II foi desenvolvido com oito crianças, meninos e meninas, que tinham entre 07 e 11 anos de idade, no pátio da escola e na aldeia, pois foi necessária a coleta de matéria prima na mata. Foram desenvolvidos brinquedos e brincadeiras junto com os alunos.

5 A EIEF Paiol de Barro é uma escola indígena que atende alunos Kaingang. Os Guarani, após os anos iniciais do Ensino Fundamental, frequentam esta escola, pois ainda não teve a ampliação para o Ensino Fundamental de nove anos na EIEF Mbya Limeira.

Figura 2: Brinquedos – carrinho de varaneira e “revolvinho” de taquara. *Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 13/08/2012 (acervo pessoal).*



Os mais velhos nos contaram, como mostra a Figura 2, alguns dos brinquedos feitos pelas crianças.

Já o Estágio III e IV foi desenvolvido com dez adolescentes entre 12 e 15 anos e as atividades foram realizadas no pátio da escola e demais espaços da aldeia, quando entrevistamos as pessoas mais velhas da comunidade. Elas nos contaram com o que se divertiam quando tinham a idade dos alunos.

Fizemos alguns brinquedos e a maioria das brincadeiras foi feita na mata, pois era assim que os mais velhos brincavam no seu tempo de crianças e adolescentes – sempre junto à natureza e com o que ela proporcionava. Brincar

Figura 3: Alunos brincando no cipó. Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 16/09/2014 (acervo pessoal).



de se balançar e se jogar de um cipó, por exemplo, era muito comum. Até hoje as crianças e adolescentes Guarani e até mesmo de outros povos que dispõem nas suas terras de matas, brincam com cipós.

A Figura 3 mostra um pouco de como é essa brincadeira, aqui desenvolvida pelo grupo com o qual realizei o estágio.

2. BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA VIDA COTIDIANA

Características e necessidades das crianças

Os brinquedos e brincadeiras fazem parte do mundo e da vida de qualquer criança. Através dos brinquedos e brincadeiras a criança vai estabelecendo contato com o mundo e com a realidade dos adultos, especialmente na relação com os outros, seus familiares, seus parentes e com o meio em que vive. É por meio da brincadeira que a criança se expressa, interage, investiga e aprende sobre o mundo e as pessoas, constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. As brincadeiras são fundamentais para a formação da identidade individual e coletiva da criança, e brincar constitui um direito de toda criança.

Para a criança brincar é uma necessidade. Assim como precisa de amor, atenção, alimento, sono, ela também precisa brincar. O brincar é uma ação livre, que dá prazer e surge a qualquer hora. Pode ser uma atividade individual ou coletiva. Brincar dá poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e ao mundo. A

brincadeira é uma ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

Isso se aplica para toda e qualquer criança. Com as crianças Guarani não é diferente. Os meninos e meninas Guarani são ágeis nas brincadeiras e na comunicação, acessam a internet e redes sociais, e não apresentam temor ou medo frente aos perigos que porventura possam aparecer nas andanças pela aldeia e arredores. Elas têm um comportamento independente que é descrito por Egon Schaden: “A criança Guarani se caracteriza por notável espírito de independência. Na medida em que lhe permite o desenvolvimento físico e a experiência mental, participa da vida, das atividades e dos problemas dos adultos” (SCHADEN, 1962, p.67).

A maioria das crianças Guarani da Linha Limeira e de outras aldeias também não têm acesso aos brinquedos industrializados, pois não têm como comprar. De certa maneira isto é bom, porque assim os brinquedos e as brincadeiras tradicionais não serão esquecidos.

Muitas das crianças da aldeia sempre buscam recursos para brincar na aldeia. Alguns brinquedos industrializados não duram muito tempo, assim elas buscam maneiras de fazer seus próprios brinquedos e com eles realizam diferentes brincadeiras. Um brinquedo feito de madeira era e será mais resistente e durará mais do que um industrializado.

Como seus pais trabalham, eles não têm tempo para ensinar seus filhos a fazerem esses brinquedos. Muitos não sabem se divertir na mata ou até mesmo fazer um brinquedo com uma simples folha. O que se constata com isso é que as crianças estão perdendo muito e será que é culpa dos pais?

São muitos os fatores que contribuem para que essa perda aconteça. O mundo está sempre mudando, assim como a cultura também se modifica, e muitas dessas brincadeiras estão sendo extintas. No entanto, na memória dos mais velhos elas ainda existem e, por isso, temos que aprender com eles e levar isso a gerações futuras para que essa riqueza não se perca.

Formas e tipos de brincadeiras em geral

As brincadeiras tradicionais são aquelas que passam de geração para geração. Muitas delas existem há muito tempo, desde o tempo dos *Xeramois* (nossos avós). Algumas passaram por modificações de acordo com a região e a época, devido às mudanças e ausência da matéria prima, porém, a essência das brincadeiras continua a mesma da origem.

Grande parte das brincadeiras tradicionais envolve disputas individuais ou em grupos. Possibilitam também a integração, o desenvolvimento social e motor das crianças, e são importantes para entender o mundo e a cultura que vivenciam.

A preservação destas brincadeiras é muito importante para a manutenção da cultura. Muitas das brincadeiras que conhecemos hoje são oriundas da cultura indígena, por exemplo, a peteca. Muitos dos *juruakuery* (não indígenas) fabricam e vendem esse brinquedo, também o arco e flecha, a lança – que para os não indígenas são esportes de “alto nível”, como o dardo.

Os indígenas não estavam preocupados em competir, valendo alguma coisa, mas sim em diversão. As regras eram inventadas para que nessas brincadeiras ninguém pudesse enganar o outro.

Muitos falam de brincadeiras, muitos livros exibem variedades de brincadeiras que podemos fazer, mostrando cada etapa de como fazer tal brinquedo ou brincadeira. Nas brincadeiras indígenas, as crianças não têm passo a passo, elas inventam, criam a brincadeira. Muitos dos mais velhos contam que eles não tinham noção de como brincar, então eles inventavam as maneiras e formas de brincar.

3. BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS TRADICIONAIS GUARANI

Como eram as brincadeiras Guarani

As crianças Guarani (*kyringue*), assim que levantam ficam alegres, brincam, cantam, tomam banho, conversam, estudam, comem, andam, gritam, pulam, passeiam. Nas aldeias em que há casa de reza, dançam e cantam o *Xondaro*.

Um dos brinquedos mais antigos dos Guarani é o andador que, além da finalidade de ajudar a criança a andar, também é lúdico. O andador de criança são pauzinhos fincados no chão, usados pela criança até andar direito. O andador é muito bom, pois auxilia a criança a ficar forte e andar mais rápido (Barros e Castro (orgs.), 2005, p.51 e 52).

Antigamente os Guarani viviam em liberdade, inventando maneiras de se divertir, já que não havia brinquedos industrializados. Os mais velhos contam que quando eram crianças eles procuravam maneiras de se divertir no espaço da aldeia ou fora dela, faziam várias brincadeiras e brinquedos com madeiras, milhos e na mata. Dizem que essas maneiras de brincar eram feitas há muito tempo pelos pais das crianças que ensinavam através da oralidade. Os pais faziam e

mostravam várias formas de brincar na mata. Eram brincadeiras sempre relacionadas ao dia a dia da comunidade.

Existiam várias formas de brincar e também havia as matérias primas necessárias para a fabricação dos brinquedos. As armadilhas eram uma forma muito interessante de brincadeiras e também as crianças inventavam. Os mais velhos contaram que era uma forma muito boa de brincar.

Seus pais faziam os brinquedos e eles aprendiam, se tornando um brinquedo frequente depois de feito. Inventavam várias formas de brincar com a armadilha, além de fazer uso para a caça – que para eles era uma diversão sem tamanho.

Muitos montavam grupos e entravam mata adentro. Enquanto esperavam que algum passarinho caísse nas armadilhas, eles subiam em árvores e pulavam de galho em galho, se balançavam em cipós e assim eles inventavam as regras das brincadeiras.

Já as meninas brincavam com abóboras e espigas de milho, e com um pano faziam bonecas. Além disso, todos gostavam de brincar na chuva, no barro, nadar nos córregos e no rio, brincavam de pega-pega, pulavam de cima das árvores na água. Eram brincadeiras que hoje são classificadas, na linguagem da Educação Física, como “brincadeiras de atividades naturais”: correr, saltar, subir em árvores, nadar.

A seguir temos um trecho da entrevista de Ari Mariano que relata como se brincava no tempo de nossos pais.

Quando eu era pequeno brincava de várias formas. A gente pegava os sabuguinhos de milho, colocava uma madeirinha no meio, pegava uma taquara e brincava de carrinho. A nossa brincadeira que nós gostava mais era brincar de macaco nas árvores, pulando de galho em galho, e não podia cair. Nós procurava as árvores mais fortes, que não quebrassem, como a rabo de bugio e açoita, pulando de galho em galho, e também nós brincava de fazer armadilhas no mato brincando e aprendendo. Tinha um joguinho, quem pegava mais passarinho que o outro, e para contar quem pegava mais durante a semana, a gente guardava os pezinho dos passarinhos, fazia uma aposta quem pegava mais e pesca também, quem pescava mais. Nadar no rio... quando nós tinha 10 a 14 anos nós nadava muito. Como nós não tinha como comprar, nossos brinquedos eram naturais. Brincar no rio, subir em árvores, brincar na chuva. Como nós não tinha nada dessas tecnologias, celular, internet, nossas brincadeiras eram naturais, agora não sei o que as crianças gostam de brincar, mas a gente gostava dessas brincadeiras. Na escola nós gostava de jogar *buti* (jogo com pedrinhas). Hoje muitos não dão importância a essas brincadeiras, as crianças não se importam e não pedem a seus pais. Só querem saber de joguinhos de celular. Levar essas brincadeiras pra escola, montar pesquisas com os mais velhos pra que não se percam essas brincadeiras tradicionais⁶.

6 MARIANO, Ari. **Entrevista concedida a Silvones Martins**. Linha Limeira, Entre Rios, 14/10/2014.

Figura 4: Senhor Ari Mariano (ao centro). *Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 15/09/2014 (acervo pessoal).*



A entrevista foi realizada embaixo das árvores, próximo à casa do senhor Ari Mariano, como mostra a Figura 4.

A fala de Ari Mariano demonstra que no tempo dele já havia modificações e adaptações, em um processo de troca intercultural com o meio em que os Guarani costumam viver. A queixa pelo uso de brinquedos eletrônicos nos celulares e outros aparelhos não chega a ser uma grande preocupação, pois ainda praticam muitas atividades naturais, mesclando as brincadeiras tradicionais e recentes.

É importante relatar aqui um pouco sobre as entrevistas que realizei nesta pesquisa. Assim como o Senhor Ari, as demais

peças que colaboraram para que este trabalho ficasse pronto, são moradores mais antigos da comunidade e são *Xeramois* (avôs, mais velhos) que conhecem bem a cultura Guarani e conhecem a história da comunidade. Todos eles vivenciaram as formas e tipos de brinquedos e brincadeiras aqui relatadas. Comparam com facilidade o modo de vida de antigamente e como se vive hoje em todos os aspectos, não somente a respeito dos brinquedos e brincadeiras.

Brinquedos e brincadeiras de hoje

Nas brincadeiras e brinquedos de hoje (como vi no Estágio II, III e IV) muitas crianças não sabem ou nunca viram as brincadeiras de antigamente. Foi um ganho muito importante o resgate de maneiras diferentes de que elas estavam acostumadas a se divertir. Muitas delas ficam em casa apenas assistindo ou jogando videogame e não saíam para se aventurar fora de casa ou mesmo na mata.

Com o estágio elas estavam tão felizes, que mesmo depois do horário que estava programado nós ficávamos até mais tarde. Elas não viam a hora de chegar o outro dia, para novamente brincar. É que muitos dos brinquedos e das brincadeiras das crianças estão restritos. Os próprios pais não deixam seus filhos saírem para se divertir com

Figura 5: Aluna se balançando no cipó. *Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 16/09/2014 (acervo pessoal).*



outras coisas, e isso faz com que muitas das brincadeiras e brinquedos estejam se perdendo. Muitos jovens não sabem nadar, não sabem inventar uma brincadeira.

Quando fiz o estágio com os jovens, eles falavam como é divertido brincar na mata, subindo em árvores, se balançando nos cipós. “E nós” – diziam eles – “só ficamos em casa nos fins de semana, estamos perdendo muita diversão.”

Nas brincadeiras na mata, com as atividades naturais, os jovens demonstram muito mais alegria e entusiasmo de viver.

Figura 6: Aluno Wagner na árvore. *Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 17/09/2014 (acervo pessoal).*



Tipos de brinquedos e brincadeiras tradicionais Guarani

Monde

O *Monde* é uma armadilha muito antiga dos Guarani, usada para caçar. É feita de madeira e cipó, utilizada para pegar tatu e outros animais que caírem na armadilha montada.

O *monde* é feito da seguinte maneira: é cortado um tronco de árvore, quanto mais pesado melhor, e são preparadas

várias varinhas de madeira, ou de taquara, cercando apenas as laterais. As duas pontas do tronco são erguidas ou apenas uma ponta. O *Monde* é montado no caminho da caça, dos bichos, para que quando a madeira cair, a caça não fuja.

Os mais velhos contam que era uma das maneiras de brincar quando iam à mata. Essa armadilha é feita por jovens que são mais fortes. As crianças iam ajudar apenas no rodear a armadilha e era quando eles brincavam com seus irmãos ou amigos para ver quem enfileirava (nas laterais) mais rápido. Contam que era muito divertido.

A Figura 7 mostra de como é essa armadilha. Essa foi montada com os alunos do estágio, realizamos todo o processo,

Figura 7: Armadilha *Monde*. Fotografia de Silvones K. Martins.
 Linha Limeira, Entre Rios/SC, 16/09/2014 (acervo pessoal).



para que os alunos experimentassem não apenas a brincadeira, mas a montagem do brinquedo.

O brinquedo também tem utilidade prática – além de ser uma diversão. A montagem e a espera de um bicho desavisado cair na armadilha serve também como caça, fazendo parte da alimentação da família ou do grupo que fez o *Monde*.

Mondepi

O *Mondepi* é uma armadilha pequena, o diminutivo de *monde*, feito pelas crianças para pegar passarinhos. Antigamente eles usavam para a diversão e para conseguir alimento para a comunidade.

Os mais velhos contam que quando seus pais iam para a mata eles iam junto. Enquanto seus pais faziam o *monde*, eles faziam o *mondepi* como forma de se divertir, mas também para capturar alimento.

O *mondepi* é feito com madeira ou taquara cortadas em pequenas varas ou taquaras para rodear, deixando uma abertura para que o passarinho entre. É usado um tronco mais fino e outra haste menor que fica acima, apoiada por uma forquilha para segurar a grade. Quando o passarinho entra, é desarmada, pois ele pisa em uma varinha bem fina.

A Figura 8 demonstra o que estou afirmando. Esse *Mondepi* também foi confeccionado junto com os alunos no estágio. Das brincadeiras na mata, essa era uma das brincadeiras que os mais velhos contam que era a mais divertida.

Como eles iam à mata fazer as armadilhas, eles aproveitavam o tempo até cair algum passarinho na armadilha. Subiam nas árvores passando de um galho para outro (como na [Figura 6](#), do aluno Wagner Mariano), gostavam de se balançar nos cipós, e quando iam para o rio nadar, corriam e subiam nas árvores menores. Subiam e arcavam na árvore até ela ficar perto do chão, e no rio subiam nas árvores e pulavam na água.

Figura 8: Armadilha Mondepi. *Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 12/08/2012 (acervo pessoal).*



Brinquedos de madeira

Brinquedos feitos de madeira são brinquedos que duravam mais e um exemplo é o carrinho de madeira, feito a partir de um tronco de árvore. É fabricado da seguinte maneira: é cortada uma madeira de uns 20cm até se formar um eixo para que a taquara possa ficar em cima. A Figura 9 demonstra como funciona o carrinho feito de madeira, com a aluna

Figura 9: Aluna com carrinho de madeira. *Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 13/08/2012 (acervo pessoal).*



Tainara Aquiles. Esse carrinho também era feito de sabugo de milho e de varaneira – uma planta que é encontrada em nossa aldeia.

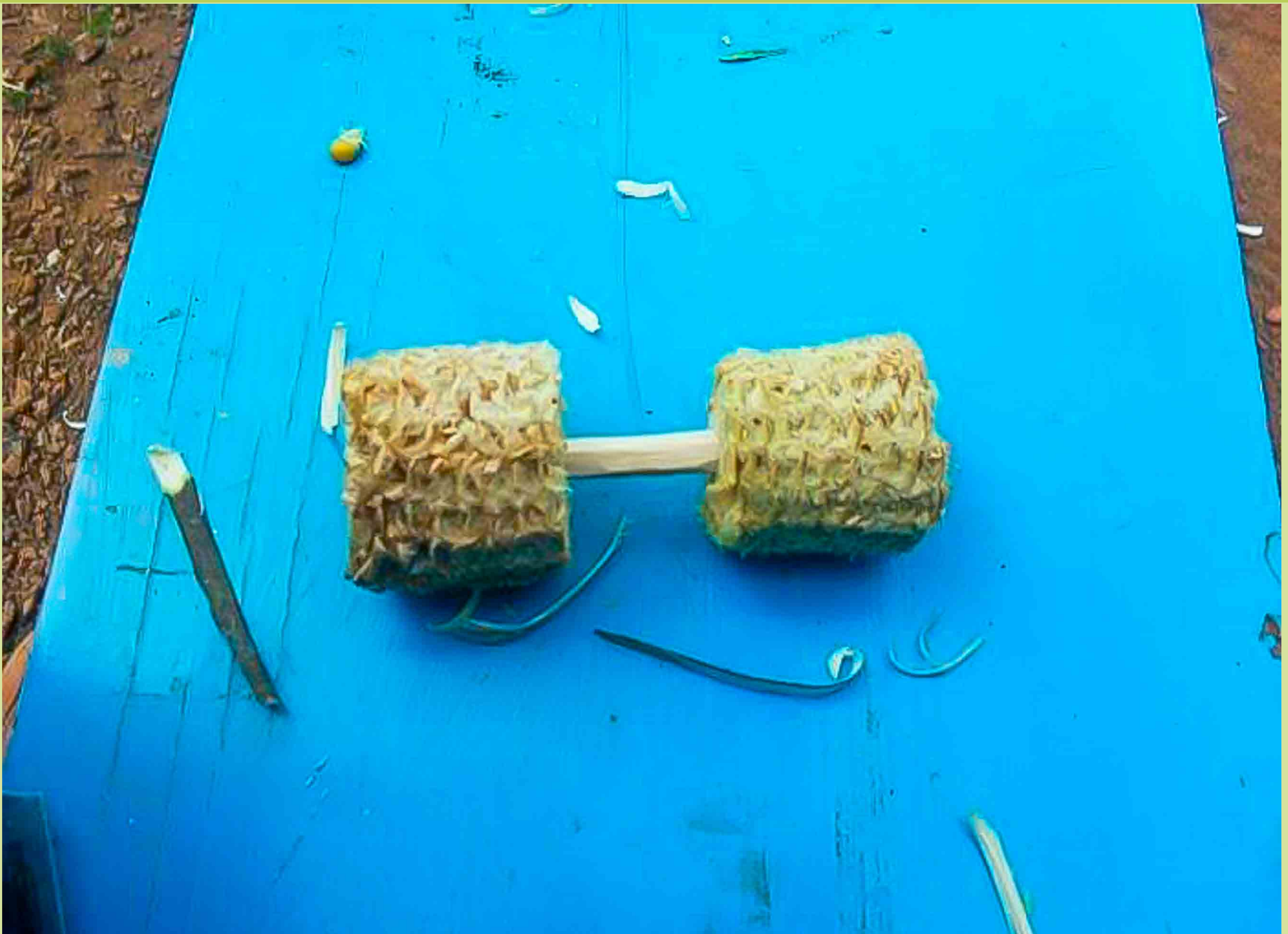
A varaneira, planta possível de extrair do tronco as rodas para os carrinhos de madeira, ilustrada na Figura 10 ainda é muito comum na Aldeia Limeira, na Terra Indígena Xapecó.

Os carrinhos de sabugo de milho são variações do carrinho feito de madeira ou varaneira. São cortadas duas rodas do sabugo e cortada uma varinha para fazer o eixo, uma taquara

Figura 10: Varaneira. *Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 12/08/2012 (acervo pessoal).*



Figura 11: Carrinho de sabugo de milho. *Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 11/08/2012 (acervo pessoal).*



é usada para empurrar o carrinho. A Figura 11 ilustra o brinquedo referido.

O carrinho feito também da varaneira funciona da mesma forma do sabugo de milho. Esses carrinhos são feitos de várias formas, o de sabugo de milho era feito na colheita do milho e quando não se tinha o milho eram feitos de madeira. Sempre dá para fazer de varaneira também. No entanto, para

Figura 12: Carrinho de varaneira. *Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC 11/08/2012 (acervo pessoal).*



não cortar muito a varaneira foi inventado o de milho. A Figura 12 demonstra o carrinho de varaneira.

Bonecas de abóbora e de milho

As bonecas de abóbora e de milho aparecem nas entrevistas realizadas com as mulheres mais velhas da comunidade. Muitas contam que como elas não tinham bonecas industrializadas, então elas faziam suas próprias bonecas com abóboras e com espigas de milho, e, às vezes, de pano.

Na entrevista que fiz com minha mãe ela me contou como brincava:

Eu brincava de boneca de abóbora e de pano, nós pegava a abóbora e fazia o olho, a boca, o nariz e enrolava panos na abóbora; era o nosso brinquedo, ou com pano, enrolava o pano com cores diferente e fazia a boneca e brincava, nós brincava muito na mata. Era a maior diversão, se balançando nos cipós e nadava muito nos rios, nos açudes e lajeados. Como nós não tinha brinquedos já prontos, nós que fazia os nossos, mas era muito mais divertido antigamente, muito melhor que hoje, as crianças de agora não querem brinquedos feitos pelos seus pais só querem brinquedos comprados, assim não inventam nenhum tipo de brincadeiras e brinquedos⁷.

Outras mulheres também relataram que brincavam de “casi-nha” e com bonecas de pano, abóbora ou com espigas de milho.

Mangá/Peteca

O *Mangá* ou Peteca é uma das brincadeiras mais antigas que os mais velhos falaram nas entrevistas. É uma das brincadeiras que não tinha idade para se divertir. Ela é feita a

⁷ SANTOS FERREIRA, Marisete dos. Entrevista concedida a Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios, 07/04/2013.

Figura 13: *Mangá. Fotografia de Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios/SC, 14/10/2014 (acervo pessoal).*



partir da palha do milho, feita apenas na colheita do milho e era motivo de festa. Quando era tempo de colheita, as crianças iam junto com seus pais para a roça e seus pais faziam o *mangá* para eles brincarem enquanto esperavam os seus pais colherem o milho.

O *mangá* é feito da seguinte maneira: é tirada a palha do milho e transpassada uma palha na outra. A Figura 13 demonstra como fica o *mangá* ou peteca.

Na entrevista que fiz com o senhor Júlio Benites ele me falou das brincadeiras que faziam com o *mangá*.

Quando eu era pequeno eu gostava muito de brincar com o *Mangá*. A gente competia com outras crianças pra ver quem ficava mais tempo batendo ela pra cima ou quem ia mais longe. Nós fazia time pra jogar contra outros, fazia um risco no chão e não podia deixar cair no lado da gente. Era uma brincadeira muito boa, como nós não tinha bola comprada, nós gostava de bater com o *mangá*. Meu pai falou pra mim que o *mangá* até *Nhanderu* gostava de jogar⁸.

O *Mangá* ou Peteca ainda leva também penas extraídas dos rabos e asas de pássaros, ou mesmo aves criadas nos terrenos das casas na aldeia. Ainda hoje, a peteca é um dos brinquedos populares e muito comum nas escolas, mesmo que seja confeccionada com outros materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio foi uma ação muito importante para perceber a carência existente das brincadeiras e brinquedos existentes nas escolas e na vida cotidiana das crianças Guarani. Foi possível desenvolver com os alunos as brincadeiras e principalmente confeccionar os brinquedos para realizar as atividades de Educação Física de maneira diferenciada e respeitando a cultura Guarani.

⁸ BENITES, Júlio. Entrevista concedida a Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios, 14/09/2012.

Os alunos se envolveram o tempo todo nas atividades e participaram de todas as etapas do processo de confecção e experimentação dos brinquedos tradicionais Guarani.

No entanto, sabemos que aqui foram escolhidos apenas alguns brinquedos e o que pode ser feito no âmbito da EIEF Mbya Limeira, na comunidade. Há ainda muitas outras brincadeiras e brinquedos tradicionais possíveis de serem pesquisados e trabalhados com os alunos nas escolas.

Para as crianças e os adolescentes a brincadeira e o brinquedo fazem parte do dia a dia, especialmente para os Guarani – que tem um espírito livre e muito ligado à natureza. Pode-se dizer que as brincadeiras fazem parte da natureza de toda criança, principalmente da criança Guarani.

Nesse sentido, com a presente pesquisa pretendemos ajudar as crianças na aldeia a ter mais opções de brincadeiras e estimular os pais que sabem fazer estes brinquedos a ajudarem seus filhos a confeccioná-los. Também esperamos que as crianças de hoje se motivem mais com essas brincadeiras e que não se perca esse valor cultural que as mesmas podem proporcionar.

Pretendo me aprofundar mais nessa pesquisa e mostrar outros tipos de brincadeiras que não foram citadas neste trabalho. Encontrei um pouco de dificuldade pela falta de

tempo. Quanto às entrevistas, foram fáceis de conseguir, difícil apenas para escrever. Como algumas eram na Língua Guarani, a tradução para o português não foi fácil.

Assim, esperamos que este Trabalho de Conclusão de Curso sirva de material de pesquisa para professores da Disciplina de Educação Física nas escolas Guarani e para várias outras etnias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIGHENTI, Clovis A. Terras indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD, Ana Lúcia, ROSA, Helena Alpini e BRINGMANN, Sandor Fernando (orgs.). *Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre: Pallotti, 2012, p. 255-78.

BRASIL. Ministério da Educação. *Referenciais para a formação de professores indígenas*. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.

MEC/SEF. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

BARROS, Armando Martins; CASTRO, Renata Pinheiro (orgs.). *Ara Reko – Memória e temporalidade Guarani. Tradução para o português de Ruth Monserrat e Algemiro Silva Karai Miri*. 2ª ed. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

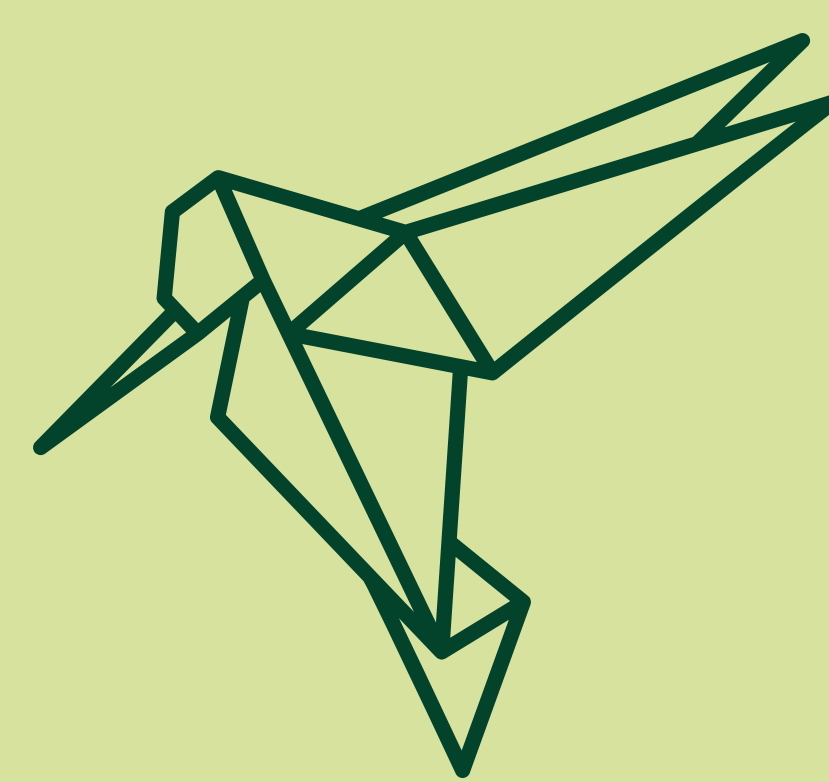
REFERÊNCIAS ORAIS/ENTREVISTAS

MARIANO, Ari. Entrevista concedida a Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios, SC 14/10/2014.

BENITES, Júlio. Entrevista concedida a Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios, SC. 14/09/2012.

SANTOS FERREIRA, Marisete dos. Entrevista concedida a Silvones K. Martins. Linha Limeira, Entre Rios, SC. 07/04/2013.

Site consultado: aoutroolhar.blogspot.com.br



SOBRE AS EDIÇÕES DO BOSQUE



<http://nuppe.ufsc.br/> ■ nuppe@contato.ufsc.br

Edições do Bosque tem como foco a publicação de obras originais e inéditas que tenham impacto no mundo acadêmico e interlocução com a sociedade. Compõe-se de Séries Especiais e títulos independentes disponibilizados no repositório institucional da Universidade Federal de Santa Catarina. A tônica da Editoria é aproximar os autores do público leitor, oferecendo publicação com agilidade e acesso universal e gratuito através dos meios digitais disponíveis. A Editora conta com a estrutura profissional e corpo científico vinculado ao Núcleo de Publicações (NUPPE)/CFH/UFSC.

Endereço: Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Campus Universitário. Trindade. CEP 88040-970 Florianópolis – SC, Brasil

**Centro de Filosofia
e Ciências Humanas**
Gestão 2017-2020

Direção
Prof^a. Miriam Furtado Hartung

Vice-Direção
Prof. Rogério Luiz de Souza

Edições do Bosque Gestão 2017-2020
Paulo Pinheiro Machado e Ana Lídia
Campos Brizola

SOBRE AS EDIÇÕES DO BOSQUE

CONSELHO EDITORIAL

Arno Wehling

Universidade do Estado
do Rio de Janeiro e
UNIRIO

Edgardo Castro

Universidad Nacional
de San Martín, Argentina

**Fernando dos
Santos Sampaio**

Universidade Estadual
do Oeste do Paraná

José Luis Alonso Santos

Universidad de
Salamanca

Jose Murilo de Carvalho

Universidade Federal
do Rio de Janeiro

Leonor Maria

Cantera Espinosa

Universidad Autonoma
de Barcelona

Marc Bessin

École des Hautes Études
en Sciences Sociales,
Paris

**Marco Aurélio Máximo
Prado**

Universidade Federal
de Minas Gerais

Ações e Saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em foco é uma coletânea dos trabalhos de conclusão de curso fruto de pesquisas realizadas pela primeira turma do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (LII) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Neste volume, pesquisadores Guarani apresentam suas pesquisas ancoradas em seus saberes e, sobretudo, nos dos anciões e anciãs de suas comunidades. São trabalhos que refletem as potências desses saberes em diálogo com temáticas acadêmicas de pesquisas, a participação e escuta efetiva das comunidades, assim como com os desafios e potencialidades das escolas indígenas, reforçando a importância do professor-pesquisador indígena.

Para a liderança Davi Timóteo Martins, Guarani, egresso da LII, Diretor da Escola Taguató – Terra Indígena Itanhaén, em SC, e Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UFSC, “antes da LII se via muito pouco estudante indígena na UFSC, muitos nem se identificavam, por medo, vergonha. Nós, Guarani, ainda fumamos *petyngua* e a fumaça vai junto. Os outros cursos começaram a chegar também. A universidade vê que agora tem mais indígena dentro, cara pintada, mais fumaça. Estamos ali.”

